



LEANDRO,
O PEQUENO CASAL
NO MEIO DOS BOSQUES,
MANUSCRITO ACHADO
NAS MARGENS DO IZERO,
E PUBLICADO
POR M. DUCRAI-DUMINIL.
TRADUZIDO EM PORTUGUEZ.

PARTE I.

LISBOA:
NA TYP. DE R. J. DE CARVALHO
Livreiro aos Paulistas N.º 55.

ANNO DE 1823.

DO TRADUCTOR.

Multiplicando os seus prazeres, o homem multiplicou as suas necessidades, e o filho ingrato que se affasta da natureza acha ainda mesmo nesta vida o castigo do seu crime. Tanto mais foge da primeira simplicidade, tanto mais se enreda, tanto he maior a sua escravidão, e a tristeza que o persegue. A fortuna he cega, caprichosa, gosta de elevar o que não tem merecimento; a fortuna não dá o que promette: porque o homem grande quasi nunca he Senhor de

si, e de qualquer modo que obre sempre tem inimigos. Não que a sociedade seja contraria á nossa felicidade: a solidão he hum estado de perigo, e de guerra, e se o homem he fôrte, se he grande, se dá leis ao Universo he porque as soube dar primeiramente a si mesmo: o estado de puxa natureza, he hum estado ideal, imaginario, he huma quimera: mas qual he o bem de que este filho ingrato não tenha abuzado contra si mesmo, é contra as intenções da natureza? o que póde voltar contra si a espada da liberdade, que o podia defender; he o mesmo que soube tirar a sua inquietação, e a sua infelicidade donde podia tirar o seu descanso, e a sua felicidade. A virtude não se quer com tanta pompa, e o que se entrega aos dezejões insensatos da ambição, e dos prazeres prohibidos, tem perdido a estrada; he dependente no seio da abundancia, pobre no

meio da riqueza, desgraçado, ainda que esteja figurando, em hum palavra he o doente (como diz Seneca) ou esteja em hum leito de páo, ou em hum leito de ouro, para qualquer parte que o virem, leva consigo a doença. Como pôde gostar da sociedade em que vive, se elle está violento; se tem declarado guerra contra os seus semelhantes? Taes são os principios que respirão de toda esta novella. São dois desgraçados, que decidem contra o genero humano, porque dois outros homens lhe fizerão mal, porque os tem desamparado: entre tanto elles mesmos estão dando armas contra si pelo seu procedimentó. Que fundo de innocencia se descobre desde logo no coração de Leandro? que ternura de sentimentos? como he delicado o seu amor? como reverbera por entre as suas queixas, e palavras esta candura, esta franqueza natural que he o vivo es-

malte de huma alma pura, que ainda não tem conhecido o crime. As paixões são retratadas com estas cores, que não só as deixão conhecer, e avaliar, mas que as fazem odiosas: o Author além de ter huma fertil imaginação; tem huma eloquencia natural; imagem do mesmo que descreve; o Author soube unir o exemplo, e a doutrina: teve a seu lado a virtude, a natureza, o conhecimento do mundo: e em quanto a maior parte de Obras semelhantes não fazem apparecer mais do que o amor desfigurado: aqui figurão todas as paixões sem que a experiencia, ou a natureza as possa desmentir? Ainda ha homens de probidade que se alegrem de ver o seu retrato: e para os homens de probidade he que eu tenho feito a minha Tradução: quanto ao mizantropo, ao libertino, ao vicioso que emma-deção, que não fallem de virtu-

de em quanto, ou julgão mal de tudo, ou não podem ver os homens.

LEANDRO,
O U
O PEQUENO CAZAL
NO MEIO DOS BOSQUES.

SUMMARIO DA PRIMEIRA PARTE.

Leandro he bem recebido no pequeno
Cazal: Sua descripção: Character dos
Donos: Leandro conta a sua vida.

~~~~~

CAPITULO I.

AO SOL POSTO.

Que he o que faz a felicidade, ou a infelicidade da nossa vida? he o nosso character, o

modo de vermos as cousas, a maneira de as julgar, e de as desejar. Para ser feliz não basta ter tudo; he necessario confessar que o somos; he necessario comparar a sorte dos outros homens com a nossa. A educação faz ver o character, e as paixões o decidem: ellas he que lhe dão esta força, esta violencia, que o fogo da mocidade augmenta, e que huma idade madura difficilmente corrige.

As paixões são communs a todos os homens, e nas grandes Cidades, he que ellas fazem maiores estragos. As contrariedades, os desejos, as necessidades facticias, tudo as irrita, tudo as faz nascer. Semelhantes ao bitume encerrado no bronze, ellas correm com impetuosidade, apenas tem quebrado os laços da infancia.

Vêde este moço, que ainda ha pouco, temia a palmatoria de seu mestre; a morte vem roubar-

lhe seus Pais; elle fica livre, elle he Senhor de si: que felicidade! De que modo gozará elle? os prazeres se lhe offerecem em multidão á sua imaginação: e quaes preferirá elle? sem dúvida os de maior vulto: aquelles se lhe apresentam com tantas graças!..... muito estrondo, muito estrondo! assembléas, bailes, cavalhadas! De dia, grandes projectos para a noite, de noite grandes projectos para o dia! e sem fazer nada está sempre occupado: o prazer que desfruta não he nada relativamente ao que deverá gozar no dia de á manhã; o prazer do dia de hontem já lhe não lembra. O seu divertimento que tormentos lhe não custa! O jogo, o espectaculo, e o amor!..... O amor! Que digo? Devo eu profanar este nome? posso eu chamar amor a esta voz desenfreada dos sentidos, que grita sem cessar ao seu cora-

ção; este desejo insaciavel que elle satisfaz brutalmente, e sem escolha; este inconstante frenezi que o faz voar de hum mulher infame para outra? este movimento convulsivo que o agita continuamente; estes assombramentos em fim, estes terrores, as mais das vezes bem fundados, que o gelão depois de gozar? Não: elle sacrifica tudo, goza no tempo em que não pensa, e pensa na idade em que deve gozar. Infeliz! he pezado á sociedade, a si mesmo . . . . . Aos trinta annos tem assás vivido.

Eis-aqui o effeito das paixões nas grandes Cidades: vejamos agora quaes são as das Aldêas; examinemos o Aldeão; não o Aldeão dos arredores de París; desgraçadamente o contagio passou aos arrabaldes; mas o da Beauce, ou do Bearn. Olhemos para Jacques trabalhando á vista de seu Pai; elle tem dezoito an-

nos, e mostra que tem vinte; seus membros nervosos conduzem a relha da charrua; suas calosas mãos affundão a enchada, e arrastão a grade da lavoura; ou armadas de hum mangoal, batem o trigo com pancadas duplicadas, que o seu peito acompanha sempre de hum vigoroso han. De dia, elle faz huma simples provisão para de noite; de noite nada lhe faz lembrar a sua existencia, nem mesmo hum ligeiro sonho; e se sonha, são doces illusões que lhe retraça os trabalhos do seguinte dia. Elle igualmente pensa nos seus prazeres. (He este hum dos grandes negocios do homem.) Mas como são innocentes seus prazeres! hum jogo de bolla, huma dança fóra da Aldêa, e isto sempre depois do Officio Divino. Elles empregão a maior parte dos seus Domingos neste Officio. Não vão alli obrigados, ou

por politica, mas por costume, e por dever. Na Igreja os vereis sempre com os braços pendentes, as mãos juntas, a boca perpendicularmente aberta, e os olhos fitos sobre o seu pastor, o qual n'humas tribuna fragil, e grosseira; ou, quando a não ha, n'humas simples cadeira de braços em cima dos degrãos do Altar, lhe préga as maximas que elle não orna de humas rethorica capciosa; mas que são verdadeiras, que elle escuta com toda a attenção; e que, toda a semana, fazem o assumpto das suas reflexões.

Neste quadro, que talvez parecerá excessivo, eu pinto o Aldeão em geral. Eu sei que ha Entes viciosos, tanto nos Campos, como na Cidade; porém quanto elles alli são raros! elles possuem dois grandes remedios para lançar fóra o dissabor, e a doença; são o trabalho, e o

somno. Entre vós, o enfado produz os vícios, e os vícios as enfermidades. Entre elles, o trabalho chama pelo somno e o somno pela saúde.

He logo a educação, que, junta ao estado que abração, forma o seu character, as suas affeições, e as paixões. A educação que recebemos nos Collegios nos conduz muitas vezes á ambição, e ao ciume; aquella que a natureza nos ensina nos campos, nos encaminha á temperança, á virtude, e á Religião.

Oh! quem não experimentou este socego d'alma, e esta admiração de hum ser soberano, passeando só nas rusticas vareltas?..... Qual he o que não tem parado, estupefacto, á vista de hum Orizonte cuberto de vinhas, de bosques, de prados, de Aldêas, e de chóças?.. Neste momento de extase, os olhos se fitão sobre as maravi-

lhas da natureza, a boca se abre para as cantar, as mãos se levantão para o seu sublime creador, o coração bate, o espirito contempla, o alma ri-se.

Como he feliz este Filosofo assentado na margem de huma pequena ribeira cuberta de sombra de antigos salgueiros! a sua vista abraça a extensão d'essa rua de aguas, bordada por hum arvoredo cerrado, cujos cimas cópados fórmão huma ramada natural, parecendo que se abraça: huma cascata que se lhe figura ao longe o faz sahir de si, e o transporta; o zunir compassado de hum moinho visinho serve de alimento á sua melancolia; hum silencio religioso reina ao redor delle; o Sol se vai escondendo em quanto elle vê passar lavradores trazendo ás costas a ferramenta do seu officio; mulheres, crianças, trazendo á cabeça compridos feixes de ramage.

Ouve ao longe a bozina do pastor, que chama os seus rebanhos para o curral, sons vagarosos, e confusos ferem o seu ouvido, humma pequena flauta aguda, e desentuada lá sôa do tempos a tempos: divisa-se pelas trévas a chamma que faisca de hum forno de gesso, o homem fita os olhos nella sem a ver, pensa sem reflectir, a sua alma fica preza, e o que elle sente he muito forte para poder explicar as suas sensações, até que sahe do seu arrebatamento, tudo o está convidando para a sua tôscabitação, até que alli entra alegre tornando a ver a sua casa, o seu pequeno jardim; dá humma volta por elle, tornando a lembrar-se com delicias dos prazeres que tem sentido em todo o dia. Ah! e como se poderia elle esquecer do seu passeio se elle vio a natureza, se meditou, se gozou... Que admiravel contraste entre o silencio do campo, e a desinquietação da Ci-

dade ; se por huma só vez sahistes do recinto de Paris ainda que tenha sido em distancia de meia legua , se passeando por hum sitio elevado espraiaesses os olhos sobre essa estrondosa Capital que tendes visto , hum nuvoeiro espesso , e pardo envolvendo essa massa impositora de Edificios ; hum Horizonte capaz de impestar , que parece muito pezado para se exa-aiar ; o estampido confuso das carroças , dos cães , e dos cavallos ; o sussurro que fórma vozes agudas de tanta gente , que anda pelos differentes bairros apre-goando diversas mercadorias. Que he o que tendes sentido : Hum suspiro escapou do vosso peito , reflexões filosoficas se vicraõ offerrecer ao vosso espirito humas sobre as outras : vossos olhos se voltaraõ para as casas de campo que vos cercavaõ com huma especie de sentimento , este sentimento vos obrigou a fazer o passeio mais

comprido até que tornastes a entrar outra vez em Paris, com hum fundo de tristeza que não sabeis exprimir, e que só se vejo a dissipar com a lembrança de tornareis outra vez a ver o mesmo. Tais são as idéas que occupava Leandro na flor dos seus annos ao sahir das portas de Valença sózinbo, levando tudo quanto tinha debaixo do braço, e voltando de quando em quando para observar as paredes, e edificios d'essa linda Capital, onde elle acabava de perder o amigo mais querido, e talvez o mais perfido que pôde haver. Caminhava sempre, e não percebia já outra coisa mais do que o cumme do Castello, e as torres da Abbadia sem saber onde haja de firmar a sua habitação, elle tem chegado ao lugar em que o rio Izer, que vem do monte Izarno na Saboia lança no Rodano as aguas que o tem engrossado

passando pelo Delfinado. Dalli elle volta hum pouco sobre a esquerda, de repente vai sahir a huma vasta planicie, onde a sua mesma fadiga o obriga a descansar. Deixando-se então cahir ao pé de huma faia, elle pergunta ainda entre suspiros pelo motivo que pôde obrigar seu Pai a desamparallo.

O dia ainda não era acabado, o Occidente lançava huma luz frôxa, cortinas de purpura parecia roubar a paz do dia aos olhos dos homens, não concedia já seus raios senão ao cume das serras, tudo annunciava á noite, tudo convidava ao somno.

Leandro desfalecido encostado sobre suas mãos, deixava ondear á descripção dos ventos seus longos cabellos, seus olhos azues cubertos de lagrimas estavam pregados no Ceo; sua boca articulava gemidos; elle fazia orações ao Ser Supremo. . . . Leandro ain-

da não tinha vinte annos, Leandro era infeliz.

O meu Pai, meu Pai, dizia elle em voz alta, que te fiz eu? que tens contra mim? para que me lanças do teu seio? — quaes são os meus crimes? O meu Pai. . . . eu ignoro estes crimes, se existem elles não são voluntarios, serão obra do destino! eu causa das tuas infelicidades! Ai! se tu conhecesses o coração de teu filho! . . . . Sim, o pobre Leandro daria a sua vida por conservar a tua. Quizera. . . . mas tu amavas, tu o amavas com ternura, quantas vezes não o apertaste contra o teu seio paternal! quantas o orvalhaste de lagrimas sem elle saber o motivo, lagrimas que hião cahir sobre o seu coração. . . . nesses momentos deliciosos tu lhe chamavas seu filho, o teu Leandrosinho, . . . . Querido filho, me dizias, tu, não, tu não me deixarás, tu co-

nhecerás teu Pai, tu saberás dos seus infortúnios, tu lhe servirás de alívio; entre tanto eu sou espancado, tu me lanças maldições..... Ceos! que tenho eu feito!... já te não verei mais, ... mais teus braços não se hão de abrir já para me tornarem a receber, nem hum sorriso da tua boca, nem os teus olhos sobre os meus... Sou amaldiçoado de meu Pai, sósinho entregue a mim no meio da natureza..... e tu, Dermont, tu meu digno, meu respeitavel amigo, tu tambem me queixas, tambem és traidor.... Tu me enganaste..... Ah! tu bem me dizias que já não ha amizade, nem probidade sobre a terra: todos os homens são falsos, perversos, injustos, o mais forte, opprime o mais fraco, e o mais fraco não pode contar com cousa nenhuma.... Basta, eu fujo dos homens, eu os detesto, eu os aborreço: oh! o

Céo não me fará descobrir humma floresta, onde eu possa acabar a minha triste vida?..... Os animaes ferozes que as habitações são menos perigosas que as perfidas serpentes que se encontram na sociedade..... Sim, eu aborreço os homens, isto só me ha de agradar para sempre..... esta Cidade que a natureza ergueo em amphitheatro tambem encerra homens, alli tambem habitão as paixões, os cuidados, a ambição devorante, todos esses flagellos, esta he a hora em que livre das occupações do dia o rico se fecha no seu gabinete, alli o vem visitar a cobice, abre as burras, offerece a seus olhos os thesouros que ella o tem feito amontoar, e lhe aponta novos meios de os podre augmentar; deixando o desta sorte esta esperta inimiga passa por diante da casa do pobre, brilha hum instante diante de seus olhos, e

vôa rindo-se da sêde insaciavel de hum, e dos vãos desejos do outro.

Sôlto de hum mal semelhante, o homem nem por isso he feliz, o delicto perfido, o sombrio ciu-me, vem acordar, e perturbar o seu descanso; o dia o torna a chamar ao seu trabalho, até que vem a noite que o entrega da mesma sorte aos seus inimigos; de modo que no estreito circulo de vinte e quatro horas, o homem ja pôde saber o que lhe ha de acontecer em toda a vida!

Que triste mundo! como elle he vão, como me parece futil, e ridiculo! e hei de eu viver aqui... não, eu quero passar meus dias n'hum retiro, desconhecido a toda a terra, alli poderei chorar a minha infelicidade, alli invocarei o Ser Supremo, quem me diz que a oração não venha restabelecer a quietação da minha alma, pelo menos esta quietação não se-

rá perturbada senão quando me lembrar da maldição de meu Pai, e da traição do meu amigo.

Assim fallava Leandro. De dezasete annos entregue a si mesmo, educado por hum homem que elle pintava na sua imaginação com as cores mais negras, espancado, e amaldiçoado de hum Pai, apenas conhecido, de que elle mesmo não sabia o nome, suas idéas se tinham escurecido, a cabeça lhe andava á roda; a sua alma esmagada debaixo do pezo da tristeza não se podia levantar, não tendo dos homens o conhecimento necessario, elle fugia delles, elle olhava para todos os seus semelhantes como monstros.. Ah! a sua alma não tinha nascido para se dar a huma tão negra mizantropia, que não era mais do que o fruto da educação, e do infortunio. Bem depressa nós o veremos com idéas mais sans, e mais dignas de hum ver-

dadeiro Filósofo. Vello-hemos infeliz, mas o será por sua culpa, por hum excesso de sensibilidade, elle se conhecerá por fim obrigado a viver com os seus semelhantes, elle deve supportar os seus defeitos, assim como elle os obriga a supportar os seus. Leandro acabava apenas suas exclamações excessivas, quando hum ligeiro som que elle ouviu por detraz de si o obrigou a voltar a cabeça, que he o que elle vê? ah! sem dúvida era o Ceo, que penetrado de suas queixas dolorosas lhe enviava esta consolação nos seus males.

## CAPITULO II.

VAMOS CHEGANDO AO PEQUENO  
CAZAL.

Huma rapariga de huma figura interessante estava em pé com as mãos, e a cabeça encostada sobre a arvore, ao pé da qual Leandro estava descançando: mais ao longe o seu cavallo sem freio pizava a erva, e buscava o seu pasto; hum velho estava ao pé seguindo com os olhos tudo o que elle fazia.

Leandro admirado de ver o interesse que hum rapaz desconhecido parecia tomar na sua sorte, estava para lhe perguntar o motivo de huma curiosidade que

o offendia, quando o rapaz lhe fallou assim.

Tu és infeliz? — He verdade . . . . . Meu Deos — pois que te succede? — que vos importa? — Oh! não te offendas, se tu me conhecesses . . . — Quem sois vós? — Que tal! quer saber o meu segredo, e não me diz o seu. — Mas primeiro. — Que tal me achas? — Essa pergunta. — He natural porque a dizer-te a verdade eu acho-te bem amavel. — Amavel! — Encantador. — Ora isso . . . . . mas quem sois vós? — Aposto que o não sabes. — Não. — Oh! o meu vestido he que me faz desconhecido, olha bem para mim, eu sou Claretta, moro com meu Pai n'huma floresta que está daqui duas leguas — N'huma floresta? — Sim, e nós alli somos bem felices ( aqui deo hum suspiro ) — Eu o creio. — Aquelle velho que tu alli vês he Germano, o nosso bom criado.

( aqui olha Leandro para ella. )  
— Mas bella Claretta, que motivo obrigou teu Pai a vir-se metter n'hum degredo. — He cousa que não sei, elle he que o sabe, elle to dirá se quizer. — A mim? — E porque não vens tu morar tambem para alli. — Para que me perguntas isso. — Sim, que eu não tenbo ouvido tudo que tens dito: oh! o Ceo não me fará descobrir humma floresta, onde eu possa acabar a minha triste vida, isto he claro. — Bem está *sim, sim* he certo que a habitação da Cidade he bem triste para mim. — Tu tens razão, meu Pai mo diz todos os dias. — Que encontro tão singular! vosso Pai... — Sim elle tambem já foi infeliz, mas veio habitar para o seu pequeno Cazal, tu o poderás consolar, elle, e eu.... eu te consolarei. — Claretta quasi que principia a fazer-me esquecer as mi-

nhas penas, o som d'essa voz he tão insinuante... — Sim, he como a tua, e ella he bem suave. — Tambem fosteis educada nos bosques? — Sim, ha seis annos que meu Pai alli habita. — E vós tendes... — Bem depressa farei quinze. — Como he bella, como he interessante. — Sim meu Pai, e Germano muitas vezes me dizem o mesmo que eu sou bonita; muito gosto de que tu penses como elles. — Que innocencia, que simplicidade. — Oh! ninguem me tem ensinado a esconder o meu modo de pensar. — He possivel que eu tenha encontrado hum alma franca, honesta.... mas he porque foi educada em hum floresta.... — Está bom, tu fallas como meu Pai: oh! meu Deos, como elle não ficará contente, vamos, dá cá essa mão, levanta-te, vamos já. — Mas quem vos diz que vosso Pai me queira receber? — Oh!

por isso fico eu, ficará muito contente de te ver, eu o conheço, elle gosta dos infelizes, não vez que o foi — isso não basta, mas como essas palavras me penetrão. — Olha só por huma cousa não gosto de ti. — Que he, que he! — Ha huma hora que me estás fallando por vós! isso he soberba; não gosto, quero que me falles por tu. — Tens razão, esta he a primeira lei da natureza, não admite essa linguagem, perdoa como te não conhecia... — Eu já me faço conhecer.... A estas palavras abaixa alguma cousa a cabeça; mas vamos, vem.

Leandro á primeira vista tinha ficado suspenso, vendo hum rapaz que não conhecia, e por consequencia natural da sua desconfiança, não podia dar credito ás primeiras palavras de Claretta; mas ella era tão insinuante, a candura da innocencia, o

surrizo da verdade, tudo annunciava a franqueza da sua alma, e as suas feições como erão bellas.... seus cabellos de hum louro escuro estavam atados ao negligé; hum pequeno chapeo redondo, ornado de huma fita á roda da copa, descobria apenas dois olhos formosos, azues, cujo desfalecimento chegava ao coração! a sua boca sorrindo-se formava nos dois cantos estas bonitas covinhas, que o amor, como dizem, inventou para amolgar os corações os mais insensíveis: as suas faces coradas pela sabedoria, e pela saude, não tinham ainda recebido outros beijos senão os de seu Pai: hum lenço ligeiramente atado á roda do pescoço, vindo-lhe a cahir sobre o seio, deixava advinhar as rosas que occultava, e cujos botões desejavão abrir-se: sua estatura coberta por hum modesto vestido de panno de linho azul parecia suspirar o

apertassem mais por huma larga cintura, que vinha cabir para os lados em dois laços. Claretta a tantos encantos ajuntava de mais a mais a idade do amor; o seu coração levado pela natureza se tinha lançado contra sua vontade, para chegar a este mancebo, que ella achára gemendo ao pé d' huma arvore afogado em lagrimas.

Leandro a examina, e ferido de tanta belleza, seus olhos curiosos não descansão; parece que querem ficar pregados em cada huma das feições que examina. A sua boca se abre para exprimir o seu espanto, mas a sua lingua he de gêlo, não pôde articular mais que exclamações vagas.... As suas mãos se estendem para o objecto que admira, seu rosto se corá de repente, hum fogo abrazador circula pelas suas veias, não pôde fallar, seu coração palpita

vôa para os seus beijos, anima seus olhos, unicos intrepreses que lhe restão para explicar a sua desordem.

Tornando a si admira-se vendo huma perturbação que sente pela primeira vez. Bem depressa a sua timidez faz voltar os olhos, balbucia certas palavras, abaixa a cabeça cheia de vergonha, e confusão, como se tivesse commettido huma falta . . . . . Oh! como são puros os primeiros movimentos de hum amor honesto, e que modestia no coração que os experimenta!

Claretta tinha perdido o seu descanso, educada nos bosques, costumada a não ver mais que seu Pai, e Germano, a vista de hum mancebo interessante tinha feito sobre seus sentidos huma viva impressão, a que se entregava inteiramente sem se matar por saber o motivo. Tambem olhava para Leandro, e dizia consigo,

como está bem! como seus bellos cabellos negros são compridos, e bem anelados; com que olhos suaves, insinuantes me está examinando, sem dúvida elle me acha bonita, que prazer não sinto eu; pois a sua boca..... ella se abre para me fallar.... que me querera elle dizer.... elle está mudo, que quer dizer isto? mas seu coração.... Oh! o seu coração como lhe bate, parece que quer escapar de seu peito para vir ter com o meu..... Onde estou eu! apenas respiro.... meu Pai.... Oh! meu Pai, porque não estás tu aqui para me explicares o que eu experimento....

Olhando assim hum para o outro por algum tempo, por fim Claretta convidando Leandro para ir com ella com os olhos, e hum pequeno movimento de cabeça, passando hum braço dos seus á roda do pescoço de Leandro, assim vão caminhando sem

proferir palavra para o lugar onde Germano esperava por elles: esperava por elles, que digo eu, elle já sabia que sua ama lhe vinha apresentar hum estrangeiro. Como o receberia elle, era toda a dúvida de Claretta, dezejosa de ter sempre Leandro no seu pequeno casal, sem reflectir nas difficuldades que podia ter o seu projecto, não dá parte a seu Pai, ella estava certa do agazaiho que faria a hum infeliz, mas Germano era desconfiado, aspero, insensível, e infelizmente tinha toda a confiança de seu amo. Hum moço desterrado, amaldiçoado de seu Pai, sem amigos, sem asylo, tudo isto era suspeito; a pobre Claretta via tudo isto n'huma especie de confusão, e temia que o criado velho tratasse com aspereza o seu amante, e o despedisse.

Suas inquietações augmentavam á medida que elles hião chegan-

do ao terrivel Mentor. Em fim ella chega, he preciso fallar-lhe primeiro prevenillo, que embaraco! Germano, lhe diz ella, tu amas meu Pai, tu sabes quanto elle foi infeliz, tu o tens consolado, tu tens abrandado a sua melancolia, façamos o mesmo a este infeliz.... elle he virtuoso, e innocente como meu Pai, e o destino o persegue, ai, da mesma sorte que perseguiu a meu Pai... Pois donde o conheces Claretta? .... — Estava chorando, gemia lá em baixo ao pé daquella arvore; eu cheguei para o ver, elle me contou suas penas, e eu desejo enxugar o seu pranto. — Quem sois vós mancebo? — Bom velho, eu não sou cousa nenhuma, á excepção da razão de homem em que ambos convivimos. — De que terra sois. — He o que eu não sei. — Como se chama vosso Pa.? — Não sei. — Que Officio tem? — Ah! tambem o

ignoro. — Pois que! ignorais o nome, e o Officio de vosso Pai! — O que sei he que me amaldiçoou, que me lançou de casa, que me não disse o meu crime. (Em quanto assim respondia, Claretta puchava por elle, e lhe dizia em voz baixa, nada, não digas isso, mas Leandro hia continuando.) Elle me tinha mettido no Collegio de París, elle era n'outro tempo meu amigo. — Não posso perceber essas respostas; e vós Claretta para que me trazeis este Estrangeiro, que destino he o vosso? — Cala-te não o afflijas. — Mas que quereis vós? que quer elle?

Leandro percebendo por esta resposta de Germano, que elle o rejeitava, não pôde resistir á sua ira. — Eu não quero já . . . . nada, lhe respondeo elle com soberba, e de repente lançando sobre Claretta os olhos cheios de tristeza, cuja eloquencia só el

la percebeo, voltava as costas. — Olha, dizia então ella para o velho, olha, elle vai-se embora, o pobre moço, e tu não chamas por elle. Leandro, Leandro.

Leandro já não ouvia, e correndo como hum homem, que acaba de fazer huma acção má, reputava a scena que se acabava de passar, como huma affronta de que devia ter vergonha em quanto vivesse. Quem, eu! dizia elle soluçando, julgava achar hum alma generosa, cheguei a pedir hum asylo, e não mo querem dar, era o que devia esperar, o homem feliz, vê suspirar o desgraçado, como o que tem jantado bem vê hum pobre morto á fome. Quem desce até ao coração do infeliz? sempre lhe achão crimes, sempre lhos achão para lhes não valer..... Basta, sigamos o destino, fique no esquecimento este fatal acontecimento; mas

Claretta, eu não te hei de ver mais! a tua alma tinha julgado a minha, a tua compaixão era de tão boa fé; he possível que haja hum unico ente, que se condoe dos meus males, e que eu não possa viver com elle! Oh meu Deos, meu Deos!

Não pôde continuar, o coração se lhe apertou, lagrimas escaparão de seus olhos, e a sua desesperação o consumia. Apesar disto sempre hia caminhando, ou para melhor dizer, sempre hia voando da mesma sorte que a tímida lebre foge diante do caçador, não se atreve a parar, e ao mais ligeiro bulir das folhas julga ouvir o zunido de hum chumbo matador, assim Leandro tendo medo que Germano o encontrasse, corria sem voltar a cabeça, com receio de o achar atrás de si, e lhe parecia que ouvia a todo o instante o galopar do seu cavallo.

Havia duas horas, que caminhava deste modo sem saber aonde hião dar os seus passos, quando a prespectiva de hum pequeno bosque fere seus olhos, e o determinou a passar alli a noite.

Era no mez de Junho, era lua cheia, hum ligeiro sopro movia o ar: vinte montinhos de relva offerecia hum leito cómodo ao viajante que perdêra a estrada, Leandro não hesita, feita a sua oração do costume ao Ser Supremo alli se deita á entrada do pequeno bosque.

Ei-lo alli pois estendido sobre as ervas que molha com as suas lagrimas, esse mancebo interessante, que na vespóra estava ainda com o seu amigo Dumont, e que recebia delle sinaes sensiveis da mais viva amizade, e se engolfava na esperança de abraçar seu Pai, logo que amanhecesse. Elle viu com effeito esse Pai cruel,

e longe de receber seus affagos, não recebeo mais que hum olhar formidavel, e a sua maldição: agora como está mudado o seu destino! alli está só, entregue a si mesmo, sem Pais, sem amigos, sem fortuna, a vida lhe he importuna, odiosa, elle a entrega ás feras, aos salteadores, elle abençôa já a mão cruel, que lha póde tirar.

Acabando de reflectir sobre a sua triste situação, o saudavel balsamo do somno começava a adormecer os seus sentidos, e até fazer perder a lembrança de seus males, quando gritos agoureiros vierão accommetter-lhe os seus ouvidos, e arrancallo do descanso, que começava a gozar. O' Ceo! exclamou elle, se me quereis matar! . . . . . tende compaixão dos meus annos, &c. Leandro se levanta, a voz o fere, quasi que a conhece, de repente levado da sua generosidade, elle se encami-

nha para onde os gritos são. Que terrível espectáculo fere os seus olhos, pedelle-ha supportar o seu coração!

## CAPITULO III.

## O PEQUENO CAZAL.

Huma rapariga cuberta de sangue, e arrastada pelos cabellos por hum barbaro salteador, grita por quem lhe venha acudir. — He Claretta! exclama Leandro, e lançando-se logo, elle a tira das mãos do salteador, que escumando de raiva, tira huma pistola, e faz pontaria á cabeça de Leandro; mas elle tirando-lha das mãos, nem tempo lhe deo; e voltando-a contra o seu inimigo, alli o deixa estendido por terra.

Claretta desmaiada, ainda bem não tinha aberto os olhos, quando reconhece o seu libertador...

— E's tu! que! He a ti que eu devo..... o favor! oh felicidade não esperada!... Claretta, onde está Germano? — Vinte passos daqui, e perigosamente ferido. — Oh meu Deos! voemos...

Leandro toma Claretta, pelo braço; e promptos vão ao lugar onde o velho jazia estendido, e banhado em sangue. — E's tu, diz elle, és tu, minha Claretta! O bom Deos ouviu as minhas supplicas? — Elle aqui está Germano; reconhece o meu defensor; este he Leandro! — Que! este mancebo?... — Elle mesmo. — Oh generoso Estrangeiro! quanto vos devo! vós, fazeis que eu restitua huma filha a seu Pai! fazeis que eu morra sem remorsos! — Estais para morrer! lhe diz Leandro; ah! vivei; não perca eu o fruto do serviço que tive a felicidade de vos fazer! — Dai-me a vossa mão, e acabai de coroar a vossa obra, reconduzindo-nos ao

virtuoso Candor, de quem nós somos igualmente amados.

Leandro, e Claretta levantão o velho, e estancão-lhe o sangue com os seus lenços. A sua ferida não era perigosa: elle tinha huma pequena contusão sobre o hombro, e a quantidade de sangue que perdêra, he que o tinha enfraquecido. Os dois mancebos conseguem, com bastante trabalho, o póllo a cavallo. Claretta montou á garupa atrás del-le para o ir segurando, e marcharão deste modo, seguidos de Leandro, até huma Aldêa que ficava dalli perto, onde chegarão ao amanhecer.

Claretta contou no caminho ao seu libertador, que ella, e Germano, tendo-se desviado da estrada, e conhecêdo que tinham andado mais caminho do que ha de Romans ao Pequeno Casal, encontrárão vinte passos, além do pequeno bosque, hum malfetor,

que lhe pedira a bolça, ou a vida; que este miseravel tinha desfechado hum tiro de pistola a Germano; e que, dizendo-lhe ella que era humia mulher, elle a arrastára pelos cabellos até ao lugar em que elle recebêra o justo castigo dos seus crimes. Disse mais, que se alguma cousa os podia consolar na sua desgraça era a felicidade de ter encontrado hum amigo que ella estimava tanto, e que dalli em diante o seria igualmente de seu Pai, e do seu antigo criado.

Leandro lhe agradeceo o muito que ella o estimava, e os nossos tres viajantes chegarão em fim a S. Marcellino, Cidade bonita, e pequena, a qual Germano conheceo muito bem por ter alli vindo muitas vezes. Elles antes terião querido ir a Perriere, que he humia Aldeã que ficava mais perto; mas elles ignoravão totalmente o caminho, e se tinham de

tal sorte apartado da estrada real, que ganhando a margem direita do Izere, se virão obrigados a andar duas grandes leguas para chegar a S. Marcellino.

Alli, Germano curou a sua ferida, e sentindo-se com bastante força para supportar o andar a cavallo, persuadio aos mancebos seus companheiros, que sem demora fossem com elle para casa de Candor, que se podia assustar com a sua ausencia. Claretta desejava isto muito; Leandro o temia; dominado por hum temor invencivel, não lhe podendo esquecer o recebimento frio com que Germano o tratára no Valle de Romans, temia ser recebido da mesma sorte do Pai de Claretta, desta sorte receava muito o apresentar-se diante d'elle; mas a filha de Candor o animou; e todos tres pondo-se a caminho, chegarão a huma floresta sombria, situada entre Santo Etienne, e Ro-

mans, a qual tinha mais de dez leguas de extensão. Esta vasta floresta, tão célebre pelos ladrões, e precipícios que nella se encontram, parecia ser o objecto da raiva do Ceo. Suas arvores altas, e copadas erão a todo o momento feridas do raio, ouvião-se sem cessar os sons agudos dos ventos desencadeados. Tudo neste lugar era funesto, inspirava horror, e espanto.

Era com tudo no meio deste retiro lúgubre, que Candor, sua filha, e Germano tinham fixado a sua habitação; alli tinham edificado o seu Pequeno Cazal, e o tinha fortificado de modo que não podia ser surpreendido: mas não nos anticipemos a descrevello, o que devemos fazer n'outro lugar. Por agora sigamos os nossos tres viajantes, que bem depressa tornarão a ver seus lares, e serão abraçados de hum Pai, que o he tambem do meu heróe.

Claretta sempre de garupa atrás do velho, pegava na mão de Leandro, que como seu fiel escudeiro caminhava a pé ao lado della. Tinhão já andado quatro leguas pelas florestas, através dos abrolhos, e mattas de espinhos, que o cavallo com difficuldade podia romper, quando percebêrão n'hum pequeno valle hum especie de fortaleza, que Leandro olhou para ella, cheio de admiração. Então Claretta sorrindo-se, e apertando-lhe a mão, lhe diz com hum modo alegre, que o fez tirar do extase em que estava. — Olha, alli tens o Pequeno Cazal? he onde vivemos, e vê se queres passar alli os teus dias comigo. — Ah! Claretta, que deliciosa habitação!... Que! he alli... Oh! quanto o meu destino seria suave se teu Pai, se Germano... — Não duvideis disso, meu amavel libertador, respondeo Germano, não o duvideis; mas

antes de vos determinares a isso, reflecti bem no que fazeis: vê que he necessario deixar o mundo; e na vossa idade!.. he a idade em que devemos fugir delle: se o tivesse já feito teria soffrido menos. — Mas os homens já vos derão motivo para esse aborrecimento? — Aquelles a quem eu amava me atraçoarão; que devo esperar daquelles que me não conhecem? — Vós os vêdes já com prevenção! — E não tenho eu já bastante experiencia! — Mas se aborreceis os homens, vós comprehendeis tambem na vossa aversão esta amavel metade da sociedade que adoça os nossos trabalhos, e que sabe, pelo amor, consolar-nos das afflicções que nos causa a amizade? — As mulheres? — Fugir-lhes aos dezesete annos! — Ah! Eu vejo a todas, vendo Claretta! — Elle diz muito bem, diz Claretta: eu, eu vejo igualmente a todos os

homens, vendo a meu Pai, o meu bom amigo.... — Mancebos! mancebos! prosegue Germano, acautelai-vos!... Velai sobre os vossos corações! O amor no fundo das florestas... — Que queres tu dizer nisso? interrompe Claretta: eu, que lhe tenho amor!... Não, eu interesse-me na sua sorte, porque he desgraçado, e devo-lhe ser agradecida porque he o meu libertador! — E eu, tornou, Leandro, seria hum ingrato, senão fosse sensível aos seus offerecimentos generosos, e a maneira com que ella me tem consolado nas minhas penas!... — isso assim he, isso assim he, prosegue o velho maneando a cabeça; deveis-lhe amizade, reconhecimento! todos estes pretextos são bons!... vamos, vamos..... não paremos.

Conversando desta sorte, elles se achárão diante do Pequeno

no Casal. Hum fosso cheio d'agua o cercava até ao pé de huma alta, e forte muralha que fechava hum largo, no meio do qual estava construido o pequeno edificio: huma ponte levadiça, que se descia sobre o fosso defendia a entrada aos ladrões que habitavam nesta floresta.

Candor, que se começava a inquietar pela ausencia dos seus dois habitantes, desde o amanhecer estava *em cima da muralha*, e exprimia seus magoados olhos, pela vasta extensão da floresta, temendo que nella lhe tivesse succedido algum incidente. O Pai de Claretta, era velho, e doente; custava-lhe já a andar; mas logo que percebeo ao longe aquelles que elle amava tanto, desceo ajudado do seu bordão, e transportado de alegria, fez baixar a ponte levadiça, cujas alavancas erão alliviadas com ajuda de contrapezos. Com tudo elle os espera-

va sós, e viu que vinhão tres : quem he este mancebo estrangeiro, que pega na mão de Claretta, e a quem o mesmo Germano falla com tanto affecto? elles não conhecião ninguém; elle mesmo no seu retiro, onde vivia occulto, tinha-se esquecido dos outros homens, e elles se tinhamo esquecido d'elle! Quem será pois este mancebo que vinha com elles? O seu bello ar, a sua figura modesta o prevenia em seu favor; mas a respeito d'elle não tinha idéa.

O bom Candor estava entregue a estas reflexões, quando os nossos dois Cavalleiros se apeáram. — O' meu Pai, lhe diz Claretta lançando-se aos seus braços, nós julgamos não vos tornar a ver! Como assim, minha querida filha? — Hum malvado que ferio a Germano, metteria tirado a vida, senão fosse este animoso viajante, que me arrancou das suas mãos, e

que a elle mesmo privou do dia, que elle manchava. — O meu filho! he a sim, Germano?.... He assim na verdade, respondo este; nós estavamos perdidos, senão fosse o valor deste mancebo; elle he bem desgraçado, meu querido amo, este pobre Leandro! permiti que vos conte o modo porque o encontramos; vós então conhecereis a sua virtude, e toda a sua delicadeza....

Então Germano contou tudo fielmente a Candor: elle principiou a sua narração depois da conversação de Leandro com Claretta no Valle de Romans, até ao momento que elles se apiarão diante da ponte levadiça do Pequeno Cazal. Fez-lhe huma pintura mais carregada do modo grosseiro com que Leandro, persuadido que elle recusava levall-o consigo, o tinha deixado na vespera; o que provava, dizia

elle, sua sensibilidade, e a nobreza dos seus sentimentos.

O nosso Mancebo estava hum tanto embaraçado, em quanto assim fallavão: tinha abaixado a cabeça, seus olhos estavam fixos sobre a terra; elle não se atrevia a levantállos para o velho, cuja fisionomia respeitavel o intimidava; seu coração estava oprimido, seus braços cahião quasi sem elle o querer; em fim, parecia que estava para perder os sentidos. Por outro lado, Claretta excitada, e trémula, apoiava tudo que dizia Germano, augmentava os elogios que fazia do seu amante, e consultava os olhos de seu Pai, para ver como tomava a narração que lhe fazião d'elle. Quando o velho criado acabou de fallar, Candor ficou por hum momento pensando comsigo mesmo; depois, encaminhando-se a Leandro, que então ainda mais se assustou. —

Mancebo, lhe diz elle, que idade tendes? — Bem depressa farei dezoito. — Tanta virtude, tão desgraçado, e tão valeroso?.... Desejais viver connosco? — Ah! he o.... Vós sois bem timido! fallai, eu amo os infelizes; elles tem grandes direitos no meu coração! — Homem generoso!..... — Como he interessante!... quereis deixar a sociedade, fugir do Commercio dos homens? — Ah! não são elles todos falsos, máos, e enganadores? — Como elle os conhece bem!.. Com tudo, meu amigo, eu não possó receber-vos em minha casa, sem que me façais huma narração sincera das vossas desgraças, e da vossa situação; eu quero tambem saber de vós, se as razões que dizeis que tendes para renunciar o mundo são sólidas, e constantes. — Por minha vida que sim! — Muito bem! Que na vossa idade se pen-

se assim, e tambem na minha, he ter prudencia: mas eu não quero dar entrada na minha casa a hum homem, que me póde deixar no primeiro momento. — Nunca o farei! meu Pai! ah! nunca! — Seu Pai! quanto elle me enternece! ah! meu filho teria a sua idade, a sua candidez! mas meus olhos o virão expirar!.... Desgraçado!....

Aquí Candor enxugou algumas lagrimas que cahirão de seus olhos! depois tornando a recuperar-se, continuou. — Vem, Leandro, vem, recebe o asylo, que te offerece a amizade, e a sensibilidade!... mas penso, olha para esta porta, que se vai fechar, para nunca mais se tornar a abrir.

Leandro beijou com todo o respeito a mão de Candor, saltou ao pescoço de Germano, apertou a mão á Claretta, que, da sua parte, não sabia o que

fazia, e todos quatro passarão por hum ponte levadiça, fechando-se logo que elles passarão; o nosso heróe percebeo então distinctamente o Pequeno Cazal, que os altos muros, que lhe servião de fortificação lhe não deixarão ver.

Era hum edificio quadrado, todo elle de pedra, só de hum primeiro andar, não tinha ornato algum, não se via alli especie alguma de Architectura; ao mesmo passo que encerrava todas as commodidades da vida: em baixo estava a cozinha, hum forno para cozer o pão, &c. No primeiro andar havia dois quartos bastantemente cómodos, hum de Candor, e o outro de Claretta; nos lados ficavão duas pequenas camaras occupadas por Germano, e o resto servia de seleiro para recolher os grãos que alli se mettião a secar no estio, para se

nutrirem pelo inverno; em todos os quartos se não vião outros móveis mais do que huma cama, huma meza, algumas cadeiras, no de Claretta havia hum cravo muito bom, em que ella tinha aprendido a tocar como nós veremos depois, e que servia para a divertir, e desentristecer a seu Pai.

No pateo entrando á esquerda se via huma cavalharia para metter o cavallo, e hum grande quarto que encerrava todos os instrumentos necessarios para hum jardim: á direita havia hum tanque de agua de chuva, que vinha por canaes, e dava de beber aos nossos solitarios, depois de elles a terem apurado.

Por detrás do Pequeno Cazal, sempre encostado ás paredes, havia hum pequeno jardim cultivado por Germano, e Claretta, onde além de trigo

que hião comprar a S. Marcellino, mettião toda a sorte de legumes como ervilhas, favas, batatas, &c., o que lhe servia de alimento para todo o anno, porque não comião outra carne senão a das aves que se multiplicavão em o pateo situado ao lado esquerdo do pequeno edificio, por tudo isto que tenho dito bem se deixa ver que lhe não faltava o necessario: nós veremos quando contarmos as infellicidades de Candor, a razão porque tinhão tudo isto. Voltemos por agora ao nosso Leandro.

Quando Claretta, e Candor acabarão de lhe mostrar o seu Pequeno Casal, Candor o fez entrar em huma salla, e lhe pediu antes que lhe assignasse o lugar em que devia morar, lhe contasse a historia da sua infancia. Não sejais mentiroso, lhe disse elle, meu filho, não me

disfarceis cousa alguma, descubreme os teus defeitos, he provavel que os tenhas commettido, especialmente n'humidade semelhante: tu não serias homem, eu te saberei desculpar se elles não nascerem do teu coração falla, e sê franco.

Leandro lhe prometteo, e Germano, que em quanto elles andavão passeando tinha tirado a cella ao cavallo, viera ter com elles; o nosso heróe começou assim a historia de seus infortunios, que servirão de provar, principalmente aos Pais de familias, quanto devem ser attentos sobre a escolha que fazem de Mestres para seus filhos.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO IV.

DUMONT.

Não vos direi o lugar onde nasci, nem o nome de meu Pai, he cousa que nunca soube, quanto posso dizer he que eu me achei na infancia entre as mãos de huma boa velha, a quem chamava Mai, a qual me disse depois que me não era cousa nenhuma, sem me descobrir por isso meus verdadeiros Pais: esta boa mulher tomou cuidado da minha educação, até a idade de déz annos, e recebeo exactamente todos os mezes de huma mão desconhecida huma somma assaz consideravel para me sustentar. Eu aprendi pelos seus cuidados a lêr, a escrever, e contar, os

primeiros elementos da dança, e da musica, que continuei a aprender no Collegio para onde me disse tinha ordem de me levar. Nós moravamos em Paris na rua de la Chese n'huma casa de segundo andar.

Madame de Liz era o nome da nossa Mestra, vivia com decencia, viuva havia dezeseis annos de hum Official de Cavallaria, que lhe tinha deixado perto de dois mil cruzados de renda, queria acabar a sua vida neste quarto izolado de toda a sociedade, que lhe era insupportavel, pois que a morte lhe tinha roubado hum filho em Bezançon, tendo elle hum doêlo com hum dos seus amigos, esta infelicidade era de tão pouco tempo; que esta Mai infeliz se lamentava todos os dias não recebia nenhuma especie de visita, nem passava o tempo se não em fallar das virtudes do seu pobre Delvi, da traição do seu ami-

go, e da falsidade dos homens : comigo que era incapaz de a ouvir, e de a consolar . . . . mas ella chorava , eu chorava como ella sem saber por que , e nós confundiamos as nossas lagrimas. Desta sorte já vêdes que os nossos primeiros annos passados na tristeza não tem podido contribuir pouco para me dar hum character triste , e sensivel.

Eu lhe fallei muitas vezes de meus Pais, e lhe lancei em rosto a sua teima em mos occultar, ao que ella respondia que os não conhecia, que me educava para obrigar o irmão de seu marido que o sabia, mas que guardava segredo. Era já huma infelicidade o ter nascido, e que a historia do meu nascimento se eu à chegasse a descobrir me fazia estremecer de horror, e infeliz para sempre. Tudo isto erão cousas bem alegres, além disto Madama de Liz punha tanto fo-

go nas palavras que dizia que me fazia suspeitar muitas vezes, que eu podia ser seu parente . . .

Nunca sahio senão para ir ao Officio a huma tribuna de grades da Capella de . . . ou n'outra tribuna a S. Sulpicio, nunca hia-se não em sege, e Madama de Liz tinha todo o cuidado em correr as cortinas; em fim eu vivia tão escondido que podia dizer que me tinham fechado n'huma boceta, para que me não vissem: tudo isto me era suspeito; segundo o fraco discurso de huma criança, tudo quanto via neste procedimento era bem triste.

Hum dia Madama de Liz me chamou ao seu quarto, e me disse com as lagrimas nos olhos: meu amiguinho, vós nos deixais, he preciso separar-nos, meu querido filho: separar-nos minha Mãe! — Vós chorais? custa-vos muito deixar-nos, tambem a mim,

mas assim he preciso; além disto eu não posso acabar a vossa educação; vós nascestes, (se o Ceo algum dia applacar a sua cólera) para encher hum lugar importante na sociedade, assim me tem dito, he preciso ceder ao destino; hides entrar em hum Collegio, onde fareis todos os vossos estudos, depois veremos o que a sorte decide. Vamos, meu amavel menino, sujeitai-vos, e nessa nova casa em que hides morar, lembrai-vos sempre dos sentimentos de virtude, que eu tenho trabalhado sempre por vos inspirar, nada de fazer sociedade particular com algum dos vossos companheiros, e desconfiai das suas caricias, como do seu odio: ai, o que me roubou o meu pobre Delis era hum companheiro do Collegio... Adeos, ahí vos vem buscar. O Senhor Dumont, Ecclesiastico respeitavel, de que vossos Pais provavel-

mente tem feito escolha, vos tomará a seu cuidado, assistirá convosco, em huma palavra não olheis para elle na qualidade de Mestre, mas de hum fiel amigo, fazei delle vosso confidente, eu o julgo digno.

Eu tinha ficado immovel, durante o discurso de Madama Delis. Quando ella acabou de fallar, eu dei huma livre carreira ás minhas lagrimas, e lançando-me a seus pés, eu hia pedir-lhe por favor que me potegesse, quando Mr. Dumont entrou, e a sua vista me gelou de medo.

Era hum Abbadé de idade de quarenta annos alto, secco, e magro; mas pela sua fisionomia mostrava hum character de probidade, e de franqueza, que diminuo o grande medo que me tinha inspirado a primeira vista, e me fez arrepender da idéa que tinha feito delle.

Eis-aqui Mr., lhe diz Madama Delis, este pobre rapaz; bem vêdes quanto chora por mim? — Elle assim o deve fazer, Madama, lhe respondeo honestamente Mr. Dumont; mas em fim, vós podereis vê-lo algumas vezes; não he assim? — Oh! muitas vezes! — Ah! muito bem; hum, e outro vos deveis conformar. Vamos, meu amigo, vinde comigo! vós tendes medo de mim; não he assim? aposto que convindes comigo; mas estai certo que não tenho de triste mais do que o meu vestido. Vós me inspirais hum grande interesse, para que eu vos não ame! Eu serei vosso amigo, e acreditai que, se a desgraça vos aparta vosso Pai, vós o achareis em mim.

Este discurso me animou hum pouco; eu lhe dei alguns agradecimentos balbuciando; e, depois de me lançar ainda huma vez aos

braços de Madama Delis, segui a Mr. Dumont, que pegando-me na mão, ma apertou com amizade, e entrámos ambos na carruagem. Eu achei á portinhola hum criado desconhecido, que tinha arranjado a minha mala atrás da carruagem, e que, segundo o que me disse o meu Mestre, vinha para o Collegio para nos servir.

O cocheiro atravessou com muita pressa a rua de la Chaise, tomou para a montanha de Santa Genovefa, onde parámos ao pé de huma grande porta, que me parece ser a abobeda do Grand Chatelet. Mr. Dumont disse-me que este era o Collegio de Navarra, e nos apeámos. Hum porteiro abriu huma grade, e a tornou a fechar apenas entrámos. Foi então que o meu coração palpitou: meus joelhos se dobrarão por si mesmos, e eu cahi n'hum desmaio. Mr.

Dumont, e o criado me levárão ao quarto do Principal, onde tornei a mim, para me ver cercado de pedantes de vestidos negros, com semblantes austeros, dizendo de hum tom armonioso. — Eis-aqui como são todos os meninos! a perguiza, a ociosidade, tudo os mortifica, e depois perdem-se inteiramente em casa dos Pais! mas aqui he preciso mudar de tom, quando não o homem das disciplinas vo-lo dirá! . . . . Pois bem, meu menino, não he isto assim? Isto não he nada, isto não he nada! — Por hoje damos-lhe licença, e não fará nada, isto he muito bom! mas á manhã, elle trabalhará, será muito docil, muito estudioso! não he isto assim, meu menino.

Eu não respondia nada: estas gentes vestidas de preto, me gelavão de espanto, e a não ser Mr. Dumont, que tinha hum

ar alguma cousa melhor que os outros, certamente teria fugido. Eu tinha vindo alli, como hum cordeiro, sem saber o que querião fazer de mim; eu os deixava fallar, e me preparava a fazer tudo.

Meu mestre passou para outro quarto, onde esteve com o Principal hum momento, e eu fiquei só tremendo diante de tres Abba-des, que me fizeram muitas perguntas, a que eu não respondia. Bem depressa se levantárão, e fallando entre si, lhes ouvi dizer: — Como he falto de intelligencia, esta criança! — Não, he hum ar acanhado! — acanhado! oh! he bestialidade! nós teremos trabalho com elle! — Ah! mas conseguiremos, &c.

Logo que Mr. Dumont entrou, o superior nos conduzio a hum quarto bastantemente cómodo, e nos deo a posse delle; e depois se retirou, dando-me hu-

na pequena pancada sobre a face, e recommendando-me que tivesse juizo.

Eu desejava que elle se fosse embora, para me entregar á minha dor. Mr. Dumont me consolou: derão-nos de jantar; eu não pude comer nada, e fiquei triste todo o dia.

No dia seguinte pela manhã, Mr. Dumont me pôz nas mãos humá rudimenta, para que a aprendesse, e declarou-me que eu entrava em Septimo. Não entendia o que elle me dizia; mas eu fiz o que elle me ordenou. A' huma hora Madama Delis me veio ver, e me exortou a ter a paciencia que me era necessaria para a nova vida que eu hia ter. A sua vista abriu de novo as minhas feridas; mas em fim ella se retirou, e eu tomei o meu partido.

Eu começava a acostumar-me a Mr. Dumont: além disto elle

era sombrio, sério, e o seu character concordava perfeitamente com o meu. Hum dia lhe perguntei se conhecia meu Pai, e se era elle que o tinha posto ao pé de mim. Elle respondeo-me com tal franqueza, que eu mesmo conheci dali em diante, que elle ignorava absolutamente quem fosse meu Pai; que hum homem pouco mais, ou menos de trinta e cinco annos, que elle via muitas vezes em casa de hum Senhora do seu conhecimento, e que lhe parecia interressar-se vivamente na minha sorte, lhe tinha perguntado se elle queria educar hum dos seus amigos, e que, dizendo lhe elle que sim, lhe tinha assignado o Collegio de Navarra, e dado humma porção de vinte e cinco Luizos, protestando-lhe que elle teria cuidado de pagar a minha pensão. Mas accrescentou Mr. Dumont, eu quasi que posso Julgar que este homem he vosso

Pai, vós vos pareceis muito com elle.

Eu pedi-lhe que soubesse desta Senhora, a primeira vez que ella alli fosse do nome, e qualidade deste homem que elle suspeitava ser meu Pai. Elle mo prometteo; mas a desgraça quiz que esta Senhora, que unicamente podia illustrar-nos a este respeito, partio neste mesmo dia a fazer huma viagem dilatada, da qual julgo que ainda não voltou, pois desde esse tempo não tivemos mais noticias della.

Em pouco tempo, fiz progressos admiraveis com este digno Mestre, que soube ganhar a minha confiança; mas o que mais me agradava nelle, erão as conversações que tínhamos muitas vezes ambos, e que rolavão quasi sempre sobre moral. A elle he que eu devo a faculdade de pensar, de discorrer, e de reflectir. Quanto as suas lições me erão

preciosas, eu me lembrarei dellas toda a minha vida!

Elle tinha sido de tal sorte enganado pelos homens, que não se fiava nelles, e me dava a esse respeito conselhos excellentes, que muitas vezes me servirão para pôr em prática: eis-aqui como elle filosofava: segui-o, e convireis comigo sem dúvida, que elle tinha razão.

Não ha meio termo, dizia elle; na sociedade he necessario enganar, ser enganado, e andar de rastos. Lisonjear a mania de hum homem, he enganallo; se quereis ter o valimento de huma grande personagem he necessario tomar os seus defeitos, e arremedallo. Se he libertino, he necessario sello igualmente; se joga he necessario jogar, se bebe he necessario beber; d'outra sorte sois hum homem insupportavel, a pesar de graves sentimentos; tendes prejuizo, não sois affavel, sociavel, &c.

He necessario ser enganado, ouvindo os discursos bem affiados destas gentes que tem feito tudo, visto tudo, e que são capazes de tudo. Vós olhais para a superficie, sem examinar, se a raiz da arvore está podre; fiaí-vos nelles, vós lhe patenteais o vosso coração; e elles abusão da vossa confiança para vos deitar a perder, e para vos fazer cahir em laços, donde não sahis muitas vezes senão á custa da vossa honra, da vossa bolça, e da vossa saude.

Somos obrigados a andar de rastos, quando não sendo o engano da louca vaidade de huns, e dos defeitos dos outros, se hímos com elles até hum certo ponto na sua maneira de viver. Então o nosso systema he sómente para nós; teremos hum comportamento regulado, costumes affaveis, e honestos; mas nós não seremos hum destes homens em quem os

outros se possam confiar. Olhar-vos-hão: será pelo vosso espirito vossos talentos, ou pela vossa fortuna, e dirão: certo sujeito he estimavel certamente, assim não fosse tão fraco de cabeça; falta-lhe energia, não tem paixões; felizmente fazem o que querem d'elle! porque, senão fosse isto, seria insupportavel com toda a sua probidade.

Os homens não vos cultivão senão por necessidade, orgulho, e ociosidade se sois superior a elles, lisonjeão-vos; se sois inferior, protegem-vos. Vós não tendes que esperar delles senão baixezas, e humiliações. Eu não fallarei das falsidades, das suas malidicencias, das calumnias, das traições, das intrigas, em huma palavra, que destroem a sociedade: he necessario esperar tudo isto, logo que alli se entra; assim que interesse podeis vós desejar? Nenhum? He necessario fugir-

he; a consequencia he toda natural.

Era deste modo que fallava Mr. Dumont, e seus principics se gravavão na minha alma em caracteres indeleveis. Como elle procurava a solidão, e não tinha nenhum conhecimento, quasi sempre ficavamos na nossa clausura. Com tudo; nós sahiamos nos dias de licença; hiamos passear ao campo; porque elle não gostava destes passeios faustosos, onde o luxo patenteia seus frivolos gastos, e goza da vã admiração de huns, e da louca intelligencia dos outros. Nós levavamos sempre hum livro; mas hum livro de moral, sério, e muito triste. Estes erão as noites d'Young, as meditações d'Hervey, e outras Obras do mesmo genero, que nós aprendiamos de cór. Algumas vezes ficavamos horas inteiras a meditar sobre huma frase, e a commentalla.

Quão agradaveis me erão es-

tes passeios campestres! Feliz tempo! parece-me que ainda me estou vendo sobre o cabeço de Belle-ville, onde, correndo pequenos atalhos, de que Mr. Dumont gostava muito, e que elle chamava seus pequenos caminhos, muitas vezes sentado sobre o cumme de hum oiteiro, nós viamos pôr-se o Sol, e feridos da grandeza deste espectáculo, nós diziamos: Quem he este Ente todo poderoso, que corre suas cortinas de purpura sobre o astro do dia? Como elle deve ser grande, magnanimo! Depois voltando nossos olhos sobre Paris, que apparecia ao longe, no meio de huma atmosphera mefitica, nós penetramos o clarão dos reverberos que se accendião, e pensavamos na multidão de desordens que alli se commettião, depois do Sol posto até ao amanhecer, pelos ociosos, libertinos, jogadores, e velhacos. Nós

suspiravamos, e cada vez estávamos mais encantados do socego delicioso que nos procurava a simplicidade, e a innocencia de nossos prazeres.

## CAPITULO V.

## O HOMEM MASCARADO.

Havia já tres mezes que estavamos no Collegio de Navarra, e ainda não tínhamos recebido nenhuma visita á excepção de Madama Delis, que vinha de quando em quando ver-nos. Ella tinha contrahido huma estreita amizade com Mr. Dumont, e emprestavamos reciprocamente livros huns aos outros, unico prazer que o nosso character era capaz de gozar. Incerto se descobriria algum dia meus Pais, eu me armei de paciencia, e estava muito contente com a minha situação, quando hum dia o meu criado Vicente, veio participar a Mr. Dumont, que hum particular que se

apeava de huma soberba carroagem, lhe queria fallar particularmente. Meu Mestre o foi receber; ambos elles entrão n'hum quarto separado, onde estão cou-  
sa de huma hora. Huma tão longa entre-vista principiava-me a inquietar, quando Mr. Dumont vem ter comigo, e me diz em voz baixa, e com dêmonstrações de huma excessiva alegria. — He a pessoa que vos entregou ao meu cuidado, e que eu persumo ser vosso Pai. Deo-me cincoenta Luizes para o vosso segundo quartel. Elle quer que vós tinhais Mestres de dança, musica, e desenho. Oh! elle quer-vos educar como hum Principe! . . . . — Ah, Senhor, interrompi eu, não o poderei eu vêr? — isso mesmo lhe perguntei eu, respondeo elle; elle custou-lhe a conceder-me este favor? ultimamente o consentio, com a condição que elle estaria com huma mascara

diante de vós: sem dúvida, he para occultar esta semelhança que ha tão grande em vós ambos, como eu vos tenho dito. — Oh! esteja como elle quizer! com tanto que eu o veja! que eu banhe seus pés com as minhas lagrimas! — Esperai pois! contrafaizei-vos, e não lhe deis a conhecer nada!

Mr, Dumont se retirou, passados alguns momentos voltou com o estrangeiro, que, effectivamente tinha coberto a cara com huma mascara, que acabava n'huma facha de tafetá preto.

Convinde, meus amaveis Senhores, que este momento era bem critico para mim! como me devia eu comportar? eu devia esperar sem dúvida que elle fosse o primeiro que me fallasse. Custou-me muito não voar logo aos seus braços! . . . . . Vós ides ouvir a narração de huma scena muito interessante para mim,

que em quanto eu viver, esta-  
gravada na minha alma.

Saudei respeitosamente o desconhecido, que me fez signal para que me sentasse. Vicente chegou cadeiras, e retirou-se. Eu percebi que o homem mascarado vacillava, e que elle estava de tal sorte perturbado, que em vão o queria dissimular. Em fim sentou-se, e começou a examinar-me. Eu reparei, pelo arquejar do seu peito, que o seu coração batia, e que elle apenas podia respirar. Todos estes indicios me consolidavão mais nas minhas dúvidas; mas mais trémulo, e mais transportado do que elle, não me atrevia nem a olhar para seu semblante, nem a fazer o mais pequeno gesto. Esta scena mudaria durado muito tempo, se Mr. Dumont, que, percebendo o mal que ella a ambos nos fazia, se apressou a interrompella, fallando comigo. — Lean-

dro, me diz elle, este Senhor he quem quer soccorrer-vos, e cuidar da vossa educação. — Ah! Senhor! . . . Que favores tão grandes! . . . — He necessario merecellos, fazer-vos dignos delles por huma docilidade, e huma extrema attenção ás lições que Mr. Dumont for da sua vontade dar-vos! . . . Sim, Senhor; nada me tem feito melhor conhecer a sabedoria, e a bondade de meus.... Pais, que a escolha que elles me fizeram de hum tão digno Mestre! — Quem vos disse que forão vossos Pais que o escolhêrão? — He que . . . eu não os tenho, Senhor? — Desgraçado menino! tu não os conhecerás nunca! — O' Ceos!... Vós os conheceis, mas vós, Senhor? . . . — Não mo pergunteis! — Ah! se vires meu Pai, dizei-lhe . . . dizei-lhe que o seu Leandro não póde viver sem o abraçar, sem morrer de alegria aos seus pés! . . . Depois do seu

nascimento, elle o procura em toda a natureza, elle o chama em alta voz, elle indaga todos os olhos, todas as fisionomias. . . . . Mas, ah! ninguem ouve seus gritos! — Insensato! que queres tu? — Vêr meu Pai, apertallo contra o meu coração! — Elle não se pôde mostrar aos teus olhos; elle não o pôde fazer! — He pois hum homem barbaro, insensivel, inexoravel! . . . Ah! a natureza não falla ao seu coração paternal! . . . — He necessario que elle abafe a sua voz. — Ah! e pôde-se isso fazer, quando se ama muito? — Tu me enterneces! — Vós derramais lagrimas! ah! que eu as vejo correr sobre o vosso respeitavel rosto! deixai, deixai essa mascara enganadora! a sensibilidade não vos deixa ir mais longe! . . . . Senhor, eu me lanço aos vossos pés, eu os abraço; por piedade, não me occulteis por mais tempo meu Pai! eu vo-lo peço. . . . pelo vos-

so, se acaso ainda o tendes . . . :  
vós vos perturbaís! ah! bem! se  
vós o amais, se lhe quereis bem,  
não podeis condemnar meus sen-  
timentos! Ah! vêde minhas lagri-  
mas; ellas cahem, ellas banhão  
vossas mãos: vós as retirais!  
Cruel! que vos tenho eu fei-  
to? . . . O' meu Deos! tudo me  
abandona! tudo . . . me abando-  
na! . . .

Eu me deixei cahir no chão,  
onde fiquei estendido, a cabe-  
ça encostada sobre as minhas  
duas mãos, e afogado em la-  
grimas. Mr. Dumont penetrado  
desta lastimosa scena, exortava,  
supplicava ao desconhecido, que  
fizesse cessar os meus tormentos;  
e este, entregue á mais viva emo-  
ção, se agitava, suspirava, olha-  
va para mim, levantava as mãos  
ao Ceo, e gritava em huma voz  
alterada: isto mesmo tinha eu  
previsto! . . . Oh! sim, eu he  
que tenho a culpa . . . eu bem

não queria . . . . . para que o vim eu ver? . . . . . desgraçado menino! . . . &c.

Apezar de tudo, elle guardava sempre silencio, e logo que eu vi que nada o podia mover, me levantei furioso: em hum momento meus olhos se seccárão; huma nobre constancia me fez superior a mim mesmo, e lhe disse de hum tom respeitoso, mas seguro: — Ah! bem, Senhor, pois que vos obstinaes a levar-me á desesperação, eu sei o partido que tenho a tomar. Eu não tenho Pais que me amem . . . eu sou o desamparo da natureza . . . . . que faço eu aqui? . . . . . Que sorte devo eu esperar? . . . . a vergonha, a desgraça, a ignominia . . . Tenho assentado; estou determinado, eu morrerei; e pela minha morte, eu desembarracarei a minha familia de hum pezo, que eu muito bem vejo, lhe he insupportavel. . . Adeos, Se-

nhor; adeos meu querido Du-  
monte. . . . eu vos deixo para sem-  
pre . . . . — Onde vais tu? exclamou o desconhecido, dando-me os braços. . . . Não sabes tu, que a tua morte faria morrer a teu Pai? — Ah! vós he que o sois, lhe disse eu, dando hum grito, e lançando-me sobre o seu peito! — Que diz elle? — Oh! sois vós! sim, vós he que o sois! a natureza se descobrio! vós sois meu Pai! meu respeitavel Pai! — Deixa-me! meu filho! Deos! que nome me escapou! Meu filho! nome encantador, que pela primeira vez feris meus ouvidos, ah! como sois suave ao meu coração.

Meu Pai no mesmo instante tira a sua mascara, e me deixa ver huma figura nobre, interessante, mas banhada em lagrimas. Elle me toma nos seus braços, chega seus beijos ardentes ao meu rosto, e deste modo fica abraçado comigo estreitamente por mais

de cinco minutos. Doces nós, que produz sempre a ternura paternal, eu nunca vos tinha experimentado! De que consolação me forão os seus abraços! eu chorava, eu ria, eu fazia mil extravagancias, e nós todos tres estavamos insensatos: eu digo todos tres, porque Mr. Dumont movido de hum espectaculo tão sensivel estava com os lhos cheios de lagrimas, tinha igual parte na nossa tristeza, e na nossa alegria: em humma palavra, nós estavamos todos electrizados ao mesmo tempo por sentimentos differentes que se succedia em nós com a maior ligeireza.

Logo que meu Pai desafogou a sua sensibilidade, elle nos mandou sentar outra vez, e nos fez este discurso. — Meu filho, eu tenho tido as mais fortes razões para vos occultar que sou vosso Pai; e ainda agora as tenho: vós acabais de saber hum segredo

que devia morrer comigo; eu não me arrependerei, se me prometterdes observar á risca as leis que vos vou impôr. Primeiramente eu vos prohibo que me façais a mais ligeira pergunta sobre o meu nome, e o meu estado. Basta-vos saber que nascestes nobre, para vos embaraçar a que deis algum paço que seja indigno do vosso nascimento; mas eu não posso dizer-vos quem sou; nisto interessa a minha vida, e a vossa! Em segundo lugar, eu vos prohibo que me sigais, ou que tenhais a menor curiosidade para me conhecer. Se eu percebo isto, vos deixo para sempre não me tornando mais a ver! estas ordens vos causão admiração! eu assim o creio; mas sou obrigado a ellas! Ah! vós fizestes desgraçada a minha vida! o vosso nascimento me fez commetter o crime o mais.... não me insteis a que o diga: vós me castigarieis da

minha imprudencia! . . . . Eu vos tornarei a ver, eu vos escreverei mesmo; mas não sabereis nunca o meu nome!

Em quanto a vós, Mr. Dumont, julgo inutil pedir-vos a mesma circunspecção no vosso comportamento. Vós sois hum homem de bem: eu conto com isso. A pessoa, em cuja casa eu vos conheci, me contou os vossos infortúnios. Elles fazem o vosso elogio . . . . . Adeos, meu filho, contai de certo que nunca vos deixarei, e que vigiarei sempre sobre vós, e sobre a vossa educação?

Nós olhávamos, Mr. Dumont, e eu, este homem extraordinario, que nos punha prohibições tão fora da ordem; e sem conhecer suas desgraças, que nos inspirava o mais vivo interesse, nós julgávamos que devião ser bem infaustas, pelo muito tempo que se tinha privado da vista de hum

filho, que elle parecia amar tanto, e que fazendo-lhe mil meiguices, elle se não atrevia a descobrir o seu nome, nem a sua familia.

Em fim elle nos deixou, depois de nos abraçar de novamente com a mais viva ternura, e tirando da sua algibeira hum soberbo relógio com hum circulo de brilhantes: pega, me diz elle, meu Leandro, eis-aqui o que te fará lembrar da nossa primeira entre-vista! . . . . O' Ceo! pensais que eu nunca me possa esquecer della! . . . — toma-o sempre! tu te lembrarás de mim, quando forem dez horas em ponto! . . . . — Que quereis vós dizer nisso? — Tremo do dia em que eu deva explicar este enigma!

A estas palavras elle partio, deixando-nos feridos de huma nova setta com que ficamos sem fallar por mais de vinte minutos,

mas o prazer que eu ainda experimentava de ter achado meu Pai, me fez esquecer tudo o mais, e não pensei se não em lhe provar a minha submissão, applicando-me com o meu querido Dumont. Felizmente Vicente não tinha assistido a esta scena: nós resolvemos occultar-lha para evitar que a curiosidade não lhe fizesse dar, para conhecer meu Pai, passos que por modo nenhum nós os queríamos arriscar, tanto nós desejavamos executar á risca as ordens que o Author dos meus dias nos tinha dado, e provar-lhe pela nossa docilidade a nossa delicadeza.

Mr. Dumont tinha tido razão de me dizer que eu me parecia singularmente com meu Pai! Com effeito, eu era todo o seu retrato, e reflectindo nisto, eu me lembrei muito bem que o tinha visto muitas vezes ao meu lado, quando eu hia á Igreja com Madama Delis. Como nós estávamos

sós na nossa tribuna des Petites-Maisons, não réparava inteiramente nelle; talvez vindo elle alli expressamente para me ver. Madama Delis não o conhecia, ou o fingia, porque eu nunca lhe vi fallar. A idéa que elle tinha de tomar huma mascara para entrar no meu quarto, não era inteiramente propria a tirar-me toda a suspeita, porque suppondo mesmo que a scena não tinha acabado da maneira que vos contei, está claro que eu lhe teria perguntado, porque razão elle punha hum véo para me fallar; eu julgo então que elle se veria bem embaraçado para me responder. Mas na perturbação póde-se pensar tudo?

## CAPITULO VI.

## O RELOGIO DE REPETIÇÃO.

A Joia preciosa do Relógio de que meu Pai me tinha feito presente, era tão bella, e tão nova para mim, que eu passei o dia a examinalllo, e a fazello dar horas. Mr. Dumont, gracejando comigo por esta puerilidade, não podia deixar de admirar o tamanho, e a formosura dos diamantes que o cercavão. Tudo isto nos confirmava de mais a mais na idéa, que meu Pai era hum grande Senhor. Abrindo a caixa para ver o movimento, ficamos admirados de achar estas palavras escritas em cima da chapa: Dado pelo amor. A. 1730. Mas o que nos augmentou ainda mais a nossa admiração, foi vêr

que estas palavras tinham sido gravadas expressamente, de sorte que era necessario muita attenção para as advinhar. Eu não comprehendí nada disto naquelle momento; mas Mr. Dumont tirou conjecturas muito presumíveis, e que se offerecerião da mesma sorte ao vosso espirito, se quizessees reflectir também hum momento.

A' noite, dando corda ao meu relógio, notei que erão dez horas. No mesmo momento me lembrárão as palavras de meu Pai, tu pensarás em mim quando forem dez horas dadas! De repente me veio hum suor frio; meu coração se sentio opprimido, eu não sei porque, e deitei-me na cama, com os olhos cheios de lagrimas. De noite, sonhei sonhos agoureiros: eu via meu Pai, cheio de estocadas; gemendo, estendendo-me os braços, &c. Todas estas fantasmas formadas pela prevenção em que estava quan-

do me deitei, que lhe poderia acontecer algum incidente, se desvanecêrão logo que acordei: eu o pinteí a Mr. Dumont, que me metteo a bulha da minha credulidade, e me curou totalmente dos meus receios. Com tudo todas as noites, quando dava corda ao meu relógio, se, desgraçadamente erão dez horas, eu experimentava sempre huma emoção involuntaria, a que eu não podia attribuir nenhum sentido. Com effeito estas expressões mysteriosas de meu Pai significavão alguma cousa. A maneira com que elle as tinha apoiado pronunciando-as, o tom com que as tinha dito, tudo mo provava; mas eu nunca pude comprehender o sentido, e o ignoro ainda. Talvez algum dia, se consigo a dar a historia das minhas aventuras, eu saberei o que isto queria dizer, e a desgraça que devia temer.

Para responder aos desejos que

tinha formado meu Pai, eu tomei no dia seguinte Mestres de desenho, de musica, e de dança, e cultivei estas artes, se o posso dizer, com alguma felicidade.

Tres mezes se passarão, no fim deste tempo meu Pai tornou a vir-me ver. Que alegria se apossou dos meus sentidos, quando Mr. Dumont mo annunciou! eu corri a encontrallo; e o apertei nos meus braços: abraçou-me estreitamente, e me chamou seu querido Leandro! depois elle me fez repetir as lições que eu tinha dado na sua ausencia, e ficou encantado do progresso que eu tinha feito. Elle exclamava a todo o momento: elle se parecerá com sua Mãe, terá todos os talentos!.... Eu respeitava muito o seu segredo, para lhe fazer perguntas que o melancolizarião, e eu via com prazer, que me julgava digno dos cuidados que tomava pela minha educação.

Elle deo cincoenta Luizes a Mr. Dumont, recommendando-lhe procurasse o divertir-me, como os espectaculos, e fazer-me ver algum mundo, e sobre tudo que nunca fallasse do segredo do meu nascimento a ninguem. Teve tambem a bondade de me fazer diferentes presentes uteis, e preciosos, pelos quaes lhe testemunhei hum sincero feconhecimento. Elle foi-se embora, e porque olhei para o meu relógio, para lhe dizer que não era tarde, e para o persuadir que ficasse ainda hum momento, me pegou na mão, e me tornou a dizer, de hum tom o mais penetrante: meu querido filho, tu nunca poderás pensar muito em mim, quando derem dez horas.

Oh! logó de repente, eu não pude resistir á minha curiosidade, e me atrevi a fazer-lhe esta pergunta: que vos succede a esta hora, meu Pai? — Eu tra-

balho por teu respeito, meu Leandro, ah! . . . . e para . . . . o que hia eu agora dizer? meu filho, eu tinha-vos pedido . . . . que seja esta, por favor, a ultima pergunta que me faças!

Eu lhe pedi mil perdões da minha imprudencia: este bom Pai me perdeu, me apertou contra o seu coração, e me prometteo de nos tornar a ver dentro de tres mezes.

Que homem tão singular! Não vos admirais, meus respeitaveis habitantes, de hum comportamento tão extraordinario. Mr. Dumont, e eu nos admiramos igualmente; mas nós eramos obrigados a calar-nos. Isto era huma grande cousa, termos a felicidade de ver meu Pai, e de receber suas ternas meiguices!

Cinco annos decorrerão, e neste tempo, eu me adiantei muito nos meus estudos, e nas outras artes liberaes a que eu me

applicava. Meu Pai vinha ao Collegio todos os tres mezes, e nos deixava sempre dinheiro, e presentes. Como era muito instruido, tinha algumas vezes a bondade de me perguntar sobre as sciencias, e as minhas respostas parecião encantallo. Elle fazia depois mil cumprimentos a Mr. Dumont, e lhe pedia que continuasse com o mesmo zelo. Com tudo sempre lhe repetio que procurasse divertir-me, e a formar-me para a sociedade; achava-me, dizia elle, o espirito triste, melancolico, hum modo pezado, e pouco uso do mundo. Meu Mestre lhe promettia tudo, e não fazia nada. Os prazeres, a sociedade, tudo isto era tão contrario ao seu caracter, que elle balanceava sempre se devia entregar a elles. Eu vos contarei bem depressa a minha entrada no mundo. Eu tenho por agora que contar-vos huma profecia singular, na qual eu não

creio, mas que me admiraria muito, se ella se verificasse.

Meu Pai me tinha dito tantas vezes que pensasse nelle, quando déssem déz horas, que me determinei hum dia a aproveitar de hum circumstancia, para ver, se fosse possivel, a palavra deste enigma.

Estava sempre á porta do Collegio, hum pobre que teria quarenta annos, todo esfarrapado; mas de hum bella fisionomia, e que passava por feiticeiro. Todos os estudantes o tinham consultado, e todos o tinham deixado maravilhados do seu talento, para advinhar o passado, e produzir o futuro. O Superior o tinha mandado tirar dalli vinte vezes, e outras tantas elle tinha voltado, engodado das dadivas que recebia de todos os curiosos. Hum dia que Mr. Dumont passeava no pateo com alguns professores, eu aproveitei este momen-

to para fazer subir o pobre ao meu quarto. A grade da porta estava aberta, o porteiro occupado, não o tinha visto entrar, tudo concorria para os meus desejos. Eu ficaria desesperado se meu Mestre tivesse visto subir este homem; e me teria reprehendido cruelmente, e eu não teria sabido nada.

Logo que estive fechado comigo, comecei a fazer-lhe perguntas. — De que Paiz es tu? — De Bourg-en-Bresse. — Que officio foi o teu? — Hum muito perigoso, e muito ingrato, o de soldado. — Tu serviste? — e com honra meu fidalgo, eu tenho no meu corpo mais de oito feridas que attestarão isto mesmo. — E tu pedes esmola? — Ah! não he aquelle que defende o Estado, que enriquece; he aquelle que o opprime! — Tu tens muita razão! Vós vêdes, que os pequenos tem sempre grandes

penas, e proveito nenhum, os grandes tem pequenas penas, e grandes lucros. — Tu tens espirito, e pensas bem! — O espirito he hum dom natural, e o discernimento he fruto da experiencia. — Tu me encantas! Ah! dize-me, como tens alcançado este talento de advinhar? — Nas guarnições, occupão-se nestas cousas, encontrão-se gentes que tem visto todos os Paizes, todos os povos do mundo, e huns instruem os outros. — Muito bem! huma pessoa que eu amo muito, me disse, dando-me hum relogio, e depois mo tem repetido muitas vezes: lembra-te de mim quando dêrem déz horas. Poder-me-has tu explicar o que ella faz a esta hora? — Sim, meu Fidalgo: mostrai-me essa joia.

Eu lha confiei promptamente elle pôz-se a pensar, a calcular, e no fim de huma hora, disse-me de hum tom profetico,

que me teria feito rir n'outra qualquer occasião. — Este relogio vos foi dado por hum homem, que o recebeu de huma mulher, e este homem está fechado todas as noites ás déz horas n'huma prisão, de que não sahe senão no dia seguinte.

A pesar de eu não dar credito a esta qualidade de advinhos, não pude deixar de estremecer a estas terriveis palavras: pouco faltou que eu não maltratasse o pobre, de tal sorte estava eu agastado com huma sentença que concordava tão mal com os meus desejos.

Com tudo eu me demorei, e lhe pedi por favor, que me descobrisse como elle tinha podido advinhar isto? este homem ativo de achar huma occasião de fazer brilhar o seu talento, me fez o discurso que eu vou repetir-vos.

Tudo he cabalistico para nós;

hum relógio, huma carteira, hum anel, tudo tem sinaes, que são sempre os mesmos, e que nos expliquemos com tudo differentemente, segundo as circumstancias. O relógio he o simbolo da vida. Huma hora he o momento do nascimento, e marca sempre cegueira, soffrimento, alegria misturada de penas, insensibilidade, inconstancia, &c.

Duas horas marcão a idade de seis annos. He intolerancia, ligeireza, capricho, desprezo dos Grandes, esquecimento das penas, e contentamento.

Tres horas referem-se á idade de nove annos. São reflexões, penas, lagrimas, desassocego, trabalho, &c.

Eu poderia explicar-vos o mesmo em todas as horas humas depois das outras, mas eu pararei no sinal das dez horas, que he a idade de sessenta e tres annos. Isto significa gravidade, gêlo, abobeda, laços.

Ora, cada hora, tem hum outra que serve de contraste: a opposta das déz horas, são as seis, que he a idade de dezoito annos, idade em que se sacode os laços da infancia, e se escapão com impetuosidade. Isto significa erupção, dilatação, felicidade passageira, prazer sensível, mas curto, e envenenada pelos remorsos, ou o temor do futuro.

Vós vêdes logo, depois desta explicação, que se soubesses o meu segredo terieis adivinhado este enigma tambem como eu. Devidi as horas em tres annos cada hum, até á meia noite, que he o termo da morte, e fazei que se refrão á ordem moral de cada época da vida, vós adivinhaeis tudo. Vosso homem está na afflicção ás déz horas da noite, quero dizer, que elle está mortificado, atado, mettido n'huma prisão, e como cada situação tem seu termo, cada hora tem seu con-

traste; assim elle sahe da prisão ás seis horas da manhã. Isto está bem claro.

Eu não pude deixar de rir do seu extravagante discurso confuso; mas o pobre vendo que eu fazia escarneo d'elle, se aborreceo disto, e quiz dar-me huma nova prova do seu talento. Elle fez certos momos, examinou as minhas mãos, meus olhos, minhas feições, em huma palavra, acabou por me dizer, que eu viria a ser algum dia muito rico, muito poderoso, muito feliz, e que me casaria com huma bella Senhora, que muito tempo antes eu a amaria; mas que tudo isto me aconteceria á custa de muitos revezes. — Muito bem, meu amigo, lhe respondi eu, acceito o bom agouro. Vai, se eu em algum tempo for feliz, tu tambem o serás. — Vós estais gracejando? proseguio o advinho, mas conta de certo, que se algum dia sou-

Ver que a minha profecia está realizada, vós me vereis á vossa porta!

Eu o mandei embora, rindo-me, e censurando-me a mim mesmo da minha louca curiosidade.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO VII.

## PASSEIOS SENTIMENTAES.

Entretanto eu hía crescendo, e todos os dias augmentavão os meus talentos; mas de que me servião elles?.... O da musica, para que eu tinha hum grande genio, longe de ter para mim os encantos que tem para todo o mundo, me aborrecia, e me era insipido: eu não tinha nenhuma occasião de fazer uso d'elle; não tinha concertos onde fosse, nem espectaculos, e estava reduzido a solfejar, e a cantar só algumas pequenas árias, que Mr. Dumont escolhia, e comprava para mim.

Elle me pinta a sociedade debaixo de golpes de maledicencia

odiosos; o que fazia com que eu lhe não pedisse que me introduzisse na companhia: o nosso unico prazer era, do modo que vos tenho dito, passearmos pelo campo. Nós tiravamos sempre algum fruto destes passeios; porque examinavamos tudo; nada nos era indifferente, e o acontecimento mais ordinario era commentado pelo espaço de mais de meia hora.

Hum dia, voltavamos dos pequenos caminhos de Belle-ville, e atravessavamos o campo, para ganhar a rua de la Roquette, no suburbio de Santo Antonio; (porque nós tomavamos muitas vezes o caminho mais comprido, para fazer maior o nosso passeio) era sol posto, e o circo da lua começava a disputar-lhe o momento de allumiar o mundo. Atrás de huma moita de arbustos silvestres, apartada do nosso atalho, hum mancebo se offereceo aos nossos

olhos. Elle dava grandes suspiros, e exclamava de sorte que nós o ouviamos; mas percebiamos distinctamente nas suas mãos huma pistola que carregava a toda a pressa, e que apontava muitas vezes a boca. Nós ficamos cheios de medo: mas notando logo que o desconhecido occupado do seu projecto, nos não tinha visto, que além disto elle estava muito accado, e parecia agitado da mais violenta desesperação, cessou o nosso terror, e nos compadecemos d'elle. Nós nos aproximamos muito de vagar da moita, e ouvimos distinctamente estas palavras, que elle proferia de hum tom de voz abafado, e cortado de suspiros. „Vamos!... que este momento acabe meus males!... Eu perdi tudo!... A morte não he mais que hum sonho!.... he melhor dormir, que soffrer!...„

Estas expressões indignarão Mr. Dumont: elle vio claramente que

desconhecido era materialista, e elle detestava esta seita impia. Com tudo a piedade, e o desejo de o reconduzir a idéas mais sãs, fazendo mais força no seu coração generoso, se determinou a fallar-lhe, a tirallo do erro, e a salvar-lhe a vida. — Ah! Senhor, que ides fazer? lhe exclamou elle, mostrando-se-lhe? Tão má opinião fazeis de vós mesmo, e do Ente que vos creou?

O Estrangeiro, admirado da appareição repentina de hum Ecclesiastico, e de hum mancebo, ficou sem fallar, depois, tornando a si, respondeo assim a Mr. Dumont. — Que vos importa o meu modo de pensar, Senhor? respondeis vós por mim?... De mais disso, eu não tenho tempo de disputar comvosco, he necessario que arranque a vida a mim mesmo, assim he necessario! — Quem vos obriga a is-

so? — Tudo; a desgraça, e a falta de meios. — Na vossa idade!... Vós desesperais da providencia! — Grande palavra. — Muito efficaz. Mas que vos conduz a esta acção tão indigna de hum homem valeroso?... Não he certamente a necessidade; o vosso extrior annuncia.... — pois essa he que obriga, eu vo-lo juro! — O' Ceo! se he verdade, eu poderia.... Mancebo, soccegai-vos! abri-me vosso coração; o meu estado vos affiança da minha probidade, e da minha discripção! Sentai-vos, fallai-me, confiai-me vossas desgraças! — ah! de que servirá! — Talvez que vos possa ser útil! escutai-me: vós sois infeliz, eu o tenho sido: este rapaz que vêdes, e que he meu discipulo, tambem o he, e talvez mais do que vós. Vamos, meu querido, dai-me esta pistola, pegai na minha mão, vinde sentar-vos com

de vossos dois amigos, sobre este pequeno montesinho. Vós me interessais; e eu sinto as minhas lagrimas quasi a sahirem. O' meu Deos! que feliz seria, se podesse!... Bem! ei-la aqui está a arma mortifera, ei-la aqui vai para longe de nós, instrumento que o Ceo nos deu quando está contra nós! — Pobre mancebo!... Vós vivereis!... eu não tenho alegria!...

Mr. Dumont lançou por terra esta pistola, que o desconhecido lhe tinha entregue, e dando as mãos, se foram assentar á borda do caminho sobre hum pequeno citeiro de relva; eu os segui tremendo; e accusava em voz baixa o meu Mestre de imprudente, elle me admirava nesta occasião, depois do conhecimento que eu tinha de sua desconfiança, é sómente a sua humanidade fazia com que eu o desculpasse.

O desconhecido nos conta então huma multidão de desgraças, que vo-las não contarei, e cujo resultado era, que, sendo Secretario de hum Conde d'Ezevil-le, o expulsára ignominiosamente pela traição de hum amigo; de maneira que se achava desacommodado, sem abrigo, e sem recurso.

Mr. Dumont, enternecido desta narração, o consola, o lastima, offerece-se para tudo em que o possa servir, tira a sua bolça, e lhe dá hum Luiz. (1) O Estrangeiro lhe agradece com huma viva, e sincera demonstração de amizade, o seu reconhecimento me faz impressão, e me resolvo a dar-lhe outro tanto... Mas, é surpresa!... o traidor á vista do ouro que lhe mostramos aos seus olhos, fica pálido, olha para nós fito, nos diz com hum tom o mais duro, e o mais absolu-

---

(1) Moeda do paiz.

— Vós limitai-vos a esta *fraca* *dadiva*? — Pois que quereis? — *vós tendes ainda dinheiro?* — Que *linguagem!* — Eu necessito de *todo!* — O' Ceo! . . . . Desgraçado! . . . — Sim, eu o sou, e *capaz* . . . Dai-me *promptamente* *tudo* quanto tendes, eu *vos!* *matarei!* . . . O sobresalto, e *espanto*, a indignação nos *gelão os sentidos* . . . Nós nos *levantámos*, olhando por *todos os lados*, a ver se haveria *alguem* que nos viesse *soccorrer*, mas a *noite* *hia* *escurecendo*, o *sítio* era *deserto*, não *tinhamos* *armas*, e o *malvado* *mostrava* aos *nossos olhos* *outra pistolla*, que *elle* *tinha* *trazido* *sem dúvida*, no *caso* de *lhe* *faltar* a *primeira*. Que *tal* era a *nossa situação!* Depois de o *injuirmos* *muito*, nos *determinamos* *em fim* a *dar-lhe* *todo o* *dinheiro* que *possuíamos*. Mas o *desgraçado*, vendo *brilhar* as *ca-dêas* dos *nossos* *relogios*, *exige*

que nos despojemos das nossas joias. Eu amava muito o meu, para que lho desse; o furor se apoderou dos meus sentidos; tirei a minha faca, e apartando-me d'elle, traidor, gritei eu, tu não o serás, senão tirando-me a vida!.... Mr. Dumont animado do meu exemplo, salta sobre os braços do perfido, e conseguiu tirar-lhe das mãos a pistolla com que elle nos queria partir a cabeça.

Eu não sei como esta scena teria acabado, a não ser hum soccorro inesperado que o Ceo nos enviou neste ultimo lance. O acontêce de hum carreteiro, e o movimento de huma carroagem ao longe ferirão os nossos ouvidos. No mesmo momento em que a esperança reanima os nossos corações, o terror, e a fraqueza se apoderarão do nosso inimigo. Nós o vimos fugir pelo meio do campo, e ficamos livres do grande

perigo em que tínhamos estado.

Ficamos muito tempo a olharmos hum para o outro fitamente, sem poder proferir huma palavra. Ainda não tínhamos mudado de situação, quando o carreteiro, que tínhamos ouvido, passou por pé de nós. Este homem nos examina, e cheio de medo com a vista da pistolla, que Mr. Dumont tinha ainda na mão, parou, e nos pergunta tremendo o que faziamos alli. — Ah! meu amigo, exclama o meu Mestre, a vós vos devemos a vida!.... Hum malvado ha pouco nos atacou; eu tive valor para lhe arrancar a sua pistolla, e elle fugio logo que vos sentio vir. — E essa he a verdade? — O' Ceo! podereis vós suspeitar-me.... — Dai-me essa pistolla! — Ah! de muito boa vontade.

O Carreteiro quer disparar a pistolla para o ar; mas fica tão

admirado como nós, vendo que não está carregada. Nós lhe contamos no mesmo instante a nossa fatal aventura, e lhe pedimos nos deixasse ir na sua companhia até á porta de Santo Antonio. Elle o consentio de muito boa vontade, e nós caminhamos com elle, não sem algum desasossegado; porque estavamos tão excitados da traição do desconhecido, que a todo o momento voltavamos a cabeça, e julgavamos vê-lo em nosso seguimento.

Chegados á porta de Santo Antonio, não podémos recompensar o nosso guia como teriamos desejado, porque não tínhamos a mais pequena moeda de prata na nossa bolça. Mr. Dumont lhe disse onde moravamos; e lhe disse mais que nos fosse ver no outro dia pela manhã, mas ou fosse vergonha, ou desinteresse, elle não foi ao nosso convite, e não tivemos mais noticias delle.

Muito bem! me diz Dumont, logo que entramos, que lição! que triste lição, meu querido discípulo!..... Eis-aqui os homens; eis-aqui estes perfidos, estes ingratos que vos insopão o punhal no coração, no momento em que lhe dais a mão! sede-lhe util, obrigai-os pois!..... sede humano, sensível, generoso! vêde o modo porque elles reconhecem os vossos beneficios! — Mas, meu querido Mestre, são elles todos assim? Quasi todos, meu querido amigo; elles não vos põe á cara descuberta, a pistolla sobre a garganta, como este miseravel nos fez; mas elles vos insultão, vos calumniam, vos diffamão pela sordina, e não se lembrão dos beneficios que lhe tendes feito, para vos obrigar a multiplicallos. Ha tantas maneiras de ser ingrato, meu querido Leandro! hum vos degola sem piedade, outro

vos assassina moralmente. Este não tem character, energia, nem por consequencia reconhecimento: aquelle he todo fogo, todo zelo, todo coração; mas elle tem necessariamente paixões, e são estas paixões que cortão o fio que o ligava convosco.

Ha ainda quem vos ame sinceramente, e quem defenda os vossos interesses; mas elles serão a vosso favor com os vossos amigos, e contra com os vossos inimigos. Achando-se com estes ultimos, tomarão o vosso partido; o seu zelo os levará á defeza, mas elles cederão pouco a pouco, e acabaráo concordando com elles.

Eis-aqui o que devemos esperar quando os obrigão. Com tudo o homem generoso não se deve desanimar por encontrar ingratos, eu sou desse parecer; mas elle he muitas vezes enganado, he necessario ter hum

grande virtude, para persistir, e conservar-se em cautela. Por exemplo, eu devia ser desconfiado do perfido, que tão cruelmente nos enganou. As primeiras palavras que lhe ouvi pronunciar são impias. Eu devia logo duvidar, huma vez que elle não tinha religião, e que era incapaz de algum sentimento virtuoso. Com tudo, a pistolla com que nos ameaçava não estava carregada; elle certamente o sabia. He necessario crer que foi a vista do nosso dinheiro que o fez perder todo o seu comedimento.

Effeito tambem funesto das paixões vis, e sordidas, que nascem no coração abjecto, e pouco delicado! — Mas, Senhor, o excesso da necessidade não pôde algumas vezes . . . . — O excesso da necessidade! . . . . Não, meu querido amigo nunca! . . . . Hum homem de bem soffre, geme, e se contenta com o que lhe tem

feito a humanidade, e a generosidade. He necessario dar á sociedade mais este defeito. Se fores rico, espalhai vossas liberalidades sobre os indigentes, que vos rodeião, e nunca os vereis contentes. Seria necessario despojar-vos de tudo a seu favor, igualallos convosco. A cubiça, a ambição, a avareza os roem, e elles não se podem fartar se não á força de novos beneficios ruinosos, e prodigalisados de huma maneira ainda bem desinteressada, porque apenas podeis contar com hum pequeno reconhecimento da sua parte. (1)

---

(1) Eu poderia supprimir toda esta moral triste, e tão prejudicial que Dumont ensina a Leandro no manuscrito, que dou á luz; porém reflectindo no corpo da obra, pareceo-me necessaria para motivar o excesso de desconfiança, e susceptibilidade do meu heroe: alem disso he o fim moral desta historia, e ver-se-ha pela con-

Todos os conselhos de Mr. Dument erão sabios, e pensados sériamente como estes. Elles fortificavão no meu espirito, e me determinavão cada vez mais a fugir dos homens, que eu olhava como outros tantos inimigos, de quem devia esperar com justiça, maldade atrocidade, e traição.

Aqui Leandro interrompeo a sua narração para comer alguma cousa, de que tinham bastante necessidade os nossos tres viajantes. Claretta trouxe legumes cozidos, algumas frutas, hum pouco de leite, e todos quatro se pozerão a esta meza frugal, que o appetite fazia deliciosa.

Acabada a comida, Candor pediu ao seu hospede, continuasse a sua historia, que o tinha viva-

---

tinuação, que Leandro muitas vezes lhe aconteeo envergonhar-se, e corrigir-se dos erros causados pelas lições de hum Mestre sombrio, e misantropo.

mente interessado. Cada hum tomou o seu lugar, e Leandro, depois de lhes ter dito que estava chegado ao fim das suas aventuras, tornou ao fio da sua historia com huma graça, e huma expressão tão insinuante, que acabáron de lhe ganhar os corações daquelles que tão generosamente lhe tinham dado hospitalidade.



## CAPITULO VIII.

COMO PRINCIPIEI A VER O MUNDO.

Mr. Dumont projectava hum designio que me communicou. Elle tinha curiosidade de conhecer mais a fundo a personagem que nos tinha causado hum medo tão grande nas planices de Belle-ville; e o seu fim, dizia elle, era fazer-me mais sensiveis, por exemplos, as lições de moral que me dava.

O desconhecido tinha-nos declarado, contando-nos as suas desgraças, que elle tinha sido antes Secretario de hum Conde d'Ezeville. — Este Conde tinha juntamente seu filho no Collegio de Navarra, e de todos os estudantes da minha classe, o mancebo d'Ezeville era

o unico com quem eu tinha amizade. Eu não conhecia nelle qualidades essenciaes; mas parecia-me ter menos defeitos que os outros. Como eu era musico, tinha-me convidado muitas vezes para ir a casa do seu Pai, para ouvir sua irmã que tocava, dizia elle, superiormente bem o cravo. Mr. Dumont que não queria que eu frequentasse nenhuma sociedade, tinha-se recusado sempre ao convite do meu amigo; mas, curioso, de profundar a aventura de Belle-ville, se determinou a ceder ás instancias d'Ezeville, e ~~he~~ demos a nossa palavra para o primeiro dia de soêto, que fôï logo no dia seguinte. Eu metti debaixo do braço alguns papeis de musica, e partimos do Collegio, Mr. Dumont, o meu amigo, e eu.

Erão pouco mais, ou menos quatro horas, qando chegamos a casa do Conde d'Ezeville, que

morava na rua de S. Luiz ac Marais. Hum criado nos annunciou, e nos fez entrar para huma soberba sala, onde, entre cinco, ou seis Senhoras, e oito, ou déz Cavalheiros, havia trabalho para conhecer os donos da casa. Com tudo o mancebo Cavalheiro nos apresentou a seu Pai, a sua Mai, e nós lhe ficamos muito obrigados, pela maneira civil com que nos recebêrão. Como o meu amigo me tivesse annuciado como hum musico, todos estavam desejosos de me ouvirem. Eu por algum tempo me escusei, e pedi a Mademoiselle d'Ezeville fosse a primeira a deixar ver a sua grande habilidade; mas, como ella se recusasse, fui obrigado a ceder ás grandes instancias de toda a companhia, puz-me ao cravo, e cantando, acompanhado-me este romance relativo á minha situação, do qual eu tinha feito a musica, e as palavras:

Quand la nuit sombre  
Amene l'ombre ,  
Je parcours les vastes forets ,  
Dans les tenebres  
Mes cris funebres.  
Font fatiguer l'écho de mes tristes  
regrets  
Oh ! venez , venez , cœurs sensi-  
bles ,  
Venez écouter mes malheurs !  
Quittez, quittez vos retraites paissi-  
bles :  
Mesmauxont besoin de vos pleurs!  
Triste ignorance ,  
De ma naissance ,  
Ferez-vous toujours mon tourment,  
Vertueux pere ,  
Touchante mere ,  
Ah ! fuirez-vous toujours un ma-  
heureux enfant !  
Quand tous les vœux de ma jeu-  
N'etendent qu' à votre bonheur ,  
Si je ne puis poindre ma tendresse ,  
Pourquoi m' avez vous fait un  
cœur ?

Douleur trop vaine! . . .

Tu vois ma peine ,

Echo qui trouble mes sens ;

Jusqu' á mon pere ,

Jusqu' a ma mere ,

Va porter, s'il se peut, mes douloureux accents !

Si jamais, dans ce lieu sauvage,

Tu les entends sur moi gemir ,

Ah ! dis-leur , bien, qu' á la fleur de mon age ,

Loin d'eux il m' a fallu mourir !

Quando acabei de cantar , todo o mundo me fez mil comprimentos , que sem dúvida eu não merecia. Pedirão-me a minha musica ; eu a prometti , e Mademoiselle d'Ezeville se pôz ao cravo ; onde tocou com o ar o mais desengaçado , e desenxavido , huma Sonata de meu Mestre , e que me custou para a conhecer.

A pezar disto , toda a companhia lhe deo applausos , se extasiou , e se demorou em elogios

excessivos. Ella os recebeo com huma satisfação que procede da vaidade, e da alta idéa que concebe do seu merecimento.

Bem depressa deixarão o instrumento, e fazendo todos huma roda, a conversação se fez geral. — Ha muito tempo, perguntou a Mademoiselle d'Ezeville certo official com a cara chata, e arrogante, *ha muito que não tens visto o Cavalheiro d'A\*\*?* ha muito tempo, responde ella, não sei o que he feito d'elle. Elle vai deixando todos os amigos; he ser cruel! — He o amor que o rouba á amizade, diz huma especie de Presidente, que parecia querer passar por bello espirito. — Bom! interrompeo hum Abba-de muito gordo, pois elle já deixou a rapariga que tinha na Opera? — Ah! não, diz huma Baroneza já velha, coberta de diamantes, elles são inseparaveis! Com effeito o seu gosto he bem de-

pravado! se ao menos vivesse  
 apaixonado por huma Fidalga!  
 Aqui para nós, replica o Abbe-  
 de: pois elle he capaz de frequen-  
 tar a boa companhia? — Sabe-se  
 muito bem o que elle he, diz o  
 Official! — Que quereis dizer  
 nisso? pergunta Madama d'Ezevi-  
 le. — Que! vós não o sabeis  
 lhe respondeo o Abbade? — Não,  
 certamente! O que he elle? —  
 he hum bastardo! — O' Ceo! —  
 Ah! sim. He o filho do Con-  
 de d'A \*\*, e de ~~uma~~ <sup>uma</sup> mulher...  
 de huma mulher... da qual nun-  
 ca soube o nome. — Como? Ab-  
 bade! sabeis isso com toda a cer-  
 teza? — Com toda a certeza!  
 elle mesmo mo contou. — Ah!  
 meu Deos! isto he abominavel!  
 e donde lhe vem este titulo de  
 Cavalheiro? — Ah! por vida mi-  
 nha! He hum titulo tão facil de  
 alcançar. — Mais devagar, Abba-  
 de, tornou a Dama dos diamantes;  
 seu Pai legitimou-o. — Elle

he que o disse. — Oh! isto he verdade: eu conheci . . . . particularmente, no espaço de seis mezes, o Cavalheiro d'A\*\*, e vi os seus titulos mais de huma vez. — Ao presente cada hum tem os titulos, que quer! A mim não me póde esquecer, prosegue Madama d'Ezeville! O Cavalheiro, hum bastardo! Mas não se póde admittir na sociedade hum homem como este! Elle he cõm tudo bem recebido das Senhoras, tornou a viuva. — Sim, responde maliciosamente Madama d'Ezeville, dessas mulheres, como ha tantas! — Ao menos elle escolhe; isto he, ter merecimento! — elle nunca escolhe as mais amaveis; porque jámais lhe conheci nenhuma. — Oh! interrompeo o Presidente, com hum sorriso de ironia, elle tem sempre cuidado em que Pluto o indemnize dos defeitos naturaes.

A esta graça de tão pouca

graça, todo o mundo desatou a rir, só a Baroneza se mostrou furiosa; levantou-se, fez mesura á companhia, abraçou Madama d'Ezeville com hum ar de affecto particular, e sabio. Apenas sabio, a Mai do meu amigo, disse ao Abbade: sabe o Senhor Abbade o que lhe digo, que não he muito homem, ou pelo menos indiscreto; não sabe que a Baroneza teve muita inclinação ao Cavalheiro? bem o sabia, respondeu o Abbade, e tudo quanto fiz foi de proposito para a enraivecer. E foi huma obra de caridade, interrompeo o Official, porque ella merece isto mesmo.

Então começou cada hum a criticar de novamente a pobre Baroneza, e tendo-se despedido o Abbade, começarão de novo a dizer mal delle, a qual a melhor. — Por certo este Abbade he hum homem bem temivel. — Temivel, replicou Madama d'Ezevil-

le, he huma peste da sociedade, falso, traidor, calumniador, &c.

A estas palavras se despedio o Presidente, que teve a mesma sorte dos outros, atacárão-no pelo rediculo. — He hum galante menino, disse a dona da casa, tem a habiliidade de me fazer cahir com riso por humas tantas frases, de que se serve. — Quem, disse o Official, pelo espirito não he, que anda sempre aos tombos, a sua linguagem he das mais ordinarias que eu conheço, e toda a sua pessoa, em huma palavra, o que me parece he huma figura de Rethorica, &c.

Desta sorte cada hum se foi retirando successivamente, e o ultimo que deixou o campo foi o Official. Mr. d'Ezeville, depois que elles se forão, disse a sua mulher. — Minha querida, já lhe tenho pedido tantas vezes, que me não admitta nesta casa este marotete

do Official, que não tem outra habilidade mais que fazer-se aborrecido. — Que quer que lhe eu faça, Senhor Conde! he preciso ter alguem na companhia, quer que eu me vá enterrar. — Eu não gosto nada deste homem. — Não tem razão, elle he amavel. — Amavel, he hum jogador. — Tanto melhor, serve para a partida. — Hum tólo, que não sabe mais que fallar de raparigas. Ora deixe-se disso, ha muito tempo que me não falla em tal, depois que lho prohibi. — Em huma palavra, Senhora, quero-lhe dever o favor de o despedir, está tudo acabado. — Mas Senhor, se eu quero ter companhia? — Ah! na verdade.... Pois que, quer-me apertear?.... Admira-me, Senhora, não me dizia que o não podia soffrer, antes que eu despedisse o meu Secretario? — Isso he huma injúria de mais da sua parte, e huma injúria terri-

vel, despedir hum pobre moço, que tinha sido educado nesta casa como seu filho. — Pois desempenhou bem a sua o brigação? — Eu nunca tive a menor queixa contra elle. — Não o duvido, Senhora. — Que quer dizer isso — Basta, bem me está precebendo. — Oh! pois não, he tão intelligivel, e tão delicado a seu respeito! . . . . Eu lho provarei, Senhora, hum velhaco, que me roubava. — Elle rouballo! disso não era elle capaz. — Hum homem sem sentimento, sem Religião. — Carregue bem nessa palavra! — O homem, que não tem principios he capaz de tudo. — Torne a culpa a si mesmo, veja quem o educou. — Sim, mas quem o acabou de formar, Senhora! — Ande lá, Senher, que muito bem o ensinou a ser intriguista! — Eu! — Nada, fui eu? Cuida que me não disse tudo a respeito da sua paixão com

Rosalina. — Senhora Condeça! —  
Senhor Conde....

O marido, e a mulher hião, como creio, entrar em nova discordia, ainda com mais acrimonia, se nós, e os dois filhos nos não unissemos para apaziguar esta desordem, que podia dar de si. Depois que alguma coisa se aquietarão, ficarão hum pouco vergonhosos, porque se não lembrarão que estavam na presença de duas pessoas de fóra; mas tornando a si, os obrigarão a dar-lhe palavra de virmos mais vezes augmentar o que elles chamavão o divertimento da sua companhia, assim lho prometemos, e nos retiramos, mas sem nenhuma tenção de cumprir a promessa.

Nós levavamos materia vasta para as nossas reflexões, e nos entregamos a ellas, logo que entramos no Collegio, e nos vimos sós no nosso quarto.

Meu querido discípulo, me diz Mr. Dumont, acabais de ver a sociedade? Que juizo fazeis della? — Tão odiosa, que a minha tenção he não a tornar a ver! — Eu não vos darei esse conselho. Os exemplos que o acaso nos fez ver, devem assaz fallar ao vosso espirito. Eu tornarei alli sómente pelo mancebo que nos enganou cruelmente no caminho de Belleville: que juizo fazeis vós delle? — Meu digno Mestre, este mancebo me parece mais digno de compaixão, que de vituperio. Como quereis vós que se seja virtuoso, quando se frequenta huma assembléa tão corrupta, como a que acabamos de ver, quando depois de ter servido a todas as intrigas do amo, serve igualmente ás da sua ama? Neste caso póde haver o mais leve sentimento de honra, e de Religião? — Vós tendes razão: com tudo este mancebo não tinha nas-

cido para ser virtuoso. Huma alma honesta conserva-se sempre intacta, e pura no meio da seducção e da corrupção a mais depravada; a que, de sua natureza he viciosa, o he ainda mais no meio desta abominavel casa, por isso o que elle nos fez não me admira. O meu projecto, quando fui a casa de Mr. d'Ezeville, não era contar-lhe o crime do seu Secretario. O Ceo me he testemunha, que hum tal pensamento nunca entrou no meu coração, mas eu queria levar a conversação em particular, sobre este desgraçado, e saber o que o tinha podido fazer levar a este cume de perversidade. Felizmente se fallou a esse respeito naturalmente, e com tudo ainda não podemos fazer hum juizo certo. Esqueçamo-nos desde já desta aventura! lastimai sómente o vosso amigo, e sua irmã de ter diante dos olhos exemplos tão perniciosos! — Meu

amigo! que dizeis vós? elle não o será daqui em diante. Seu coração, formado nesta indigna escola, póde elle ser justo, e honesto? Tenho determinado, não lhe tornarei a fallar. — Vamos mais de vagar! Vós ainda não tendes razão de vos queixardes delle!, fugi-lhe, convenho nisso; deixai a sua amizade pouco a pouco, e acreditai-me meu discipulo, deixai inteiramente o Commercio dos homens, se vos não quereis nunca encontrar na sociedade com os mãos.



## CAPITULO IX.

## LUXEMBOURGO, E A ENXOVIA.

As sábias lições de meu Mestre fructificavão no meu coração, e eu contrahia, sem dúvida por minha felicidade, hum character sombrio, taciturno, e mizantropo que o encantava. Este homem respeitavel se tinha de tal sorte unido a mim, ao ponto de prometter passar seus dias com o seu querido Leandro, e de o não deixar jámais, todas as vezes que o destino não se oppozesse a este projecto que me lisonjeava igualmente a mim e a elle.

Meu Pai regularmente nos via todos os tres mezes, e nos dava tudo o que nos era necessario. Em quanto Madama Delyr, ella ti-

nha morrido havia já alguns annos. Eu chorei muito a sua morte; mas em fim, eu não a chorava como hum amiga estimavel, mas como a que tinha feito as vezes de Mãe na minha infancia.

Estava o mais feliz que podia ser, e julgava gozar por muito tempo da mesma felicidade, quando a sorte, que sem dúbida cansada dos dias felizes que me fiava, começou a carreira dos meus infortunios; por hum acontecimento, que ao principio não me pareceo tão terrivel, como na verdade o era.

Eu tinha então quinze annos, e esperava continuar os meus estudos, fazendo o meu curso de Filosofia, quando hum dia Mr. Dumont reccebo hum bilhete que elle me lêo, e que me fez tremer.

SENHOR.

” Esta noite vos espero no  
” Luxembourg, passeio dos Car-  
” melitas; tenho hum negocio da  
” ultima consequencia que com-  
” municar-vos.

Hoje Quarta feira 12 de Se-  
tembro de 1746.

” Hide só, pesso-vos isso: ás  
” oito horas. ”

Julgai como ficaríamos admi-  
rados! Que quererá a Mr. Du-  
mont? Elle não conhece ninguém.  
Quem será o que lhe escreveo!  
Que terão que lhe dizer da ulti-  
ma consequencia?... Terá aca-  
so meu Pai, que.... mas então  
viria elle mesmo. Que désassocce-  
go! que cruel desassocego!

Nós esperámos que anoitecesse  
com a maior impaciencia; e a pe-

zar que o desconhecido pedisse a Mr. Dumont que fosse só, eu lhe roguei que me dêsse licença para o acompanhar, prometendo-lhe que passaria sobre o terrasso, todo o tempo que durasse a sua conversação; mas elle era tão delicado e tão escrupuloso, que de nenhuma sorte quiz consentir nisto. Em consequencia, eu o deixei ir, e esperei que elle voltasse n'huma agitação em que não podia ser senhor de mim, e como hum homem que espera a sua sentença.

Erão nove horas quando voltou, e a mudança que conheci na sua cara, me fez dar hum grito funesto. Com effeito, as lagrimas que elle se esforçava por occultar, corrião de seus olhos, e estes mostravão já ter chorado muito; a sua vóz estava alterada, elle fitava em mim seus olhos com ternura; queria fallar-me, e não podia mais que aper-

tar-me nos seus braços. — Pois bem, Senhor, lhe digo eu, que quereis dizer-me? — Nada; que vos afflija, me respondeo elle, esforçando-se para occultar a sua dôr: nada que vcs afflija. Socegai-vos, se eu choro he unicamente pela ausencia de vosso Pai, que não teremos o gosto de o vêr por algum tempo. — Que!... meu Pai... Era elle; eu lhe falei!..., Mr. Dumont, me disse elle, sou obrigado a fazer huma grande viagem: cuidai de meu filho, do meu pobre Leandro! eu vo-lo entrego: restituir-mo-heis quando voltar: que o encontre moderado, modesto, espi-rituoso, reconhecido! Em fim parto, eu vo-lo digo, a fazer huma viagem que durará talvez..... não posso dizer o tempo perfixo..... lembrar-me-hei sempre de vós; e dello: mas eu exijo que elle deixe os seus estudos, e que saia do Collegio de Navar-

ra, que ambos vivaes occultos n'algun arrabalde de Paris, até pue eu volte, e que.... Vosso Pai não pôde continuar; e me deo huma grande somma de dinheiro, e se despedio de mim recommendando-me o deposito precioso que elle me confiava.

Assim fallou Mr. Dumont, e eu não encontrei no seu discurso este ar de segurança que lhe conhecia, e que he o da mesma verdade. — Vós me enganaes, lhe digo eu, ó meu querido Mestre! occultais-me os trabalhos!... meu Pai me deixa, e me lança fóra do seu seio! e não me quer mais vêr! e me deixa para sempre! — Eis-ahi o que he, me respondo elle com algum desagrado; sempre estremoso, e nunca confiado!... Porque razão quereis que elle vos deixe? tendes vós merecido?... — Ah!... — Pois bem, meu amado Leandro, acreditai o vosso amigo, que vos fal-

la, que vos ama, e que nunca consentirá apartar-se de vós . . . . não . . . nunca! . . .

Disse-me estas ultimas palavras de hum tom tão sensivel, e de tanta expressão, que me lancei nos seus braços, e o inundei com as minhas lagrimas. Com tudo conhecia que elle me occultava alguma cousa, mas eu não o quiz instar, persuadido que todas as suas vistas olhavão para a minha felicidade, e que era necessario que elle tivesse poderosas razões para me occultar a verdade.

Logo no dia seguinte sahimos do Collegio de Navarra, que deixei com bastante pezar, e fomos morar para hum quarto de hum casa nova, que fazia frente para a rua de Seine, e de S. Victor, perto do jardim das plantas. Esta casa não era nem boa, nem commoda; mas Mr. Dumont disse-me, que devíamos poupar, humavez que estavamos distantes

de meu Pai, e que não teria talvez todas as commodidades possíveis de nos mandar dinheiro. Eu lhe perguntei, se elle tinha promettido escrever-nos? — Não se duvida disso, me diz elle: hum Pai pôde-se privar dessa consolação!..

Mr. Dumont parecia sempre dissimular, e por essa razão os meus desasossegos aumentavão. Apesar de tudo calei-me, e prometti ceder ao meu destino.

Desde este momento, mudámos inteiramente o nosso modo de viver: despedimos a Vicente, e tomámos por criada huma mulher, que cuidava de nós, e nos fazia a cozinha. Eu deixei também os meus mestres; em huma palavra, conheci em tudo huma grande differença, e por ella vi que meu Pai me tinha abandonado inteiramente. Dizia-o muitas vezes a Mr. Dumont, que se enfadava comigo, e me mostrava algumas porções de dinheiro, que,

dizia elle, hum desconhecido lhe vinha trazer.

Hum anno se passou deste modo, no qual continuei os meus estudos com Mr. Dumont, que era muito instruido. Começava já a gozar de alguma consolação: tinha as mesmas occupações, os mesmos prazeres: quero dizer, que hiamos muitas vezes passear para o campo, e quasi todos os dias para o jardim das plantas, do qual eramos visinhos, e o achavamos muito agradável. O pequeno bosque que fica no centro, e os pantanos que cercão seus muros, e que vão até á ribeira, lhe dão hum aspecto tão agreste, e isolado que este jardim he, a meu ver, o mais agradável de Paris.

O segundo anno que passamos na rua de S. Victor, Mr. Dumont principia a inquietar-me furiosamente! Elle sahia todo o dia, vinha só a horas de jantar, e á noite, tempo que reservava

para me instruir. Sempre tratando-me com muita amizade, e meiguice, mas com menos confiança, e assiduidade: além disso, eu ignorava onde elle hia, e o mysterio que elle nisso mostrava, fazia que me não arriscasse a perguntar-lho.

Conhecia que elle andava muito mortificado, e que a economia augmentava em nossa casa, e que a nossa despesa diminuia de dia em dia. Eu estava muito bem vestido, e elle pelo contrario, e recusava as cousas mais necessarias. Eu não recebia noticias de meu Pai. Tudo isto me lançou n'huma consummiação, que me occasionou huma doença grave, de que estive para morrer.

Foi nesta occasião que conheci todo o amor, e todo o zelo do meu querido Dumont: elle não me deixava hum só minuto, e me zelava exactamente

dia, e noite por tres semanas, que durou a minha doenca.

Quantas vezes o não instei para que se explicasse comigo! . . . Elle me respondeo que eu mesmo me mortificava em forjar desgraças chimericas, que tudo hia o melhor que podia ser, e que em fim eu devia receber todos os dias huma carta do Author dos meus dias.

Seus sábios conselhos, e suas consolacões se derramarão nos meus sentidos, como hum balsamo delicioso, e a minha saude se restabeleceo.

Apenas estive fóra de perigo, que tornou ao seu modo de vida antigo. Elle cada vez tinha huma vida menos sedentaria, e por fim passavão-se dias que o não via. Para acabar de me aterrar, a criada julgou fazer-me a Certe, advertindo-me, que meu Mestre sahia regularmente todas as noites, que, logo que eu pegava no som-

no, se levantava, sahia; e não entrava senão pelas cinco horas da manhã, e se mettia na cama.

Foi então, que não pude resistir á minha inquietação, e me determinei hum dia a perguntar-lhe a causa de hum comportamento tão fóra do natural, e irregular. O dia em que tinha determinado ter com elle esta abertura, o estava esperando, quando a mesma criada, toda espantada, vem ter comigo, e me diz estas formidaveis palavras. — Ah! Senhor!... vosso Mestre!... correi!... prendêrão-no agora! levárão-no para a cadeia!... O' Ceo! e que he o que elle fez?... — Eu não sei: dizem que he por dividas. — Por dividas! ah! meu Deos!

Eu corri promptamente a casa do Juiz do Crime do Bairro, e elle me disse, que o infeliz Dumont ficava n'hum horrivel ca-

labouço, por hum bilhete de cento e vinte libras, que não tinha podido pagar do resto da sua conta.

Vêde qual seria a minha afflicção com esta noticia! fui logo ter com elle á prisão, e fiz com que abrissem o calabouço, onde estava prezo o meu amigo por meu respeito sem dúvida.

Como fiquei eu, quando o vi! pálido, perturbado, deitada em cima de huma esteira, n'huma casinha escura, entrando-lhe a luz por huma pequena fresta!..... Deos! eu não posso retratar este quadro sem horror!..... Precipitei-me sobre o seu peito, e misturamos as nossas lagrimas... Sim, lhe digo eu soluçando, vós sois hum cruel, está tirada a mascara a este fatal segredo!.. Nós perdemos todo o nosso abrigo, o nosso protector, e vós per minha causa vos tendes arruinado!..

Ah! meu digno discípulo, ex-

lamou elle, apertando-me nos seus braços!.,, eu vo-lo queria ainda occultar por muito tempo, mas o destino, que me persegue, se oppoz a isso! sabei tudo, contar-vos-hei tudo, e chorai mais a vossa sorte do que a minha.

„ O dia em que me escrevê-  
rão esse bilhete anonimo que sou-  
besteis; fui a Luxembourg ao  
passeio dos Carmelitas, como me  
tinhão prescrito. Apenas tinha alli  
chegado, quando hum homem  
que caminhava com passos apres-  
sados se chegou a mim. Eu o  
conheci: era vosso Pai. Mr. Du-  
mont, me diz elle de hum tom  
de voz soffocada, isto está acaba-  
do! sou obrigado.... he ne-  
cessario que eu o abandone!....  
— Que, Senhor! este menino,  
vosso filho? — Elle não he meu  
filho!.... este não he o meu fi-  
lho!... He a causa das nos-  
sas desgraças, das minhas, e tam-  
bem das da mais amavel pessoa,

• mais perfida!... Em fim não  
 o quero tornar a ver, não o  
 devo, nem o posso fazer!.....  
 Meu querido Dumont! conhe-  
 ço a vossa amizade por elle,  
 resolvi-o a tomar algum desti-  
 no, a expatriar-se; em fim, a  
 ver o modo de poder subsistir,  
 que he para mim o maior de to-  
 dos os trabalhos!... Adeos, vós  
 não me tornareis mais a ver! não  
 falleis nunca de mim! que el-  
 le não diga nada a respeito do  
 seu nascimento, porque huma só  
 palavra lhe pode custar a vida!..  
 — Pois que, meu querido Se-  
 nhor! exclamei eu, lançando-me  
 aos seus pés... tendes vós cora-  
 ção para isto.... Este mancebo  
 desgraçado!... quereis matallo?  
 elle sem dúvida morrerá, elle  
 morrerá! Sede seu Pai, pois que  
 a sua gloria he ser vosso filho!..  
 soccorrei-o! portegei-o!.. Ah!..  
 Senhor! eu abraço os vossos joe-  
 lhos, eu os banho com as minhas

lgrimas: escutai a piedade, a amizade, e não soffoqueis no vosso coração o grito da natureza!... — Dumont, vós me enterneceis; mas eu não posso.... elle não he meu filho!... se soubesseis!... Oh! que digno sou de que me lastimem! Adeos! elle que cuide nos seus dias, e vós nos vossos: porque o meu destino he tão cruel, que sou o algoz de todos aquelles que se chegam para mim!

Estas palavras me fizeram estremecer: hia, para lhe responder; mas no mesmo momento elle me metteo huma bolça na mão, e se apartou de mim como hum relampago..

„ Julgai da minha admiração, e da minha dor! reflecti por muito tempo no partido que devia tomar, e decidi que vos devia occultar este cruel acontecimento, e viver o mais tempo que nos fosse possível com as nos-

nas economias, com os benefícios de vosso Pai, e o meu trabalho.

„ Cincoenta Luizes, que eu achei na bolça, e quasi outro tanto que nós tínhamos poupado, me ajudarão a pagar o vosso quartel no Collegio, a allugar hum quarto, e amobilalo modestamente, mas com todo o asseio. Despedi Vicente, tomei huma criada, e vos persuadi a pagar, e despedir vossos mestres. Ah! apesar de toda a minha economia, vi que não tinha mais que doze luizes.

„ Prevendo que bem cedo nos veríamos na necessidade, tomei o partido de dar pela Cidade lições de escrita, e de latim: mas que pouco eu ganhava nisto: os meus Discipulos são poucos, e não me pagavão! Aqui tinheis vós chegado á borda do abysmo, eu condoia-me de vos lançar nelle! Vós cahisteis doente: obrigado a assistir-vos, vi-me impossibilitado de trabalhar, perdi todos os meus

Discipulos, e me vi obrigado a pedir huma somma de cento e vinte libras, que me quizerão emprestar sobre o meu escrito de obrigação; depois fiz tudo quanto me foi possível para resgatar este bilhete; mas era necessario viver, e não o pôde tirar. Eu trabalhava com tudo mais do que antes; porque me occupava noite, e dia n'huma imprença, onde ganhava tão pouco, pelo meu pouco talento, que apenas tinha de que subsistir, e fazer que não conhecesseis a nossa miseria.

„ Agora, meu querido Discipulo, agora que não sei o tempo que estarei nesta prisão, que será de vós? quem vos cuidará: quem vos dará de comer?... Ah! meu querido Discipulo! Não tendes Pai, não tendes hum amigo no mundo! Que farei agora?....

---

## CAPITULO X.

### A ESTALAGEM DE VALENÇA

Oh digno modelo dos amigos, exclamei eu! O' o mais estimavel de todos os homens! pensais que eu vos deixe arrastar as cadeias, de que eu mesmo vos carreguei! . . . Não! . . . Não julgueis que eu vá recorrer á vã commiserção dos homens! sua generosidade me enviliceria: seus beneficios, comprados a preço de baixezas, como tantas vezes me tendes dito, me envergonharião! . . . Hum só recurso me resta; hum recurso amado, precioso, que agora o estimo ainda mais, porque sabera reparar o tormento de que tenho sido a causa! . . . . . O' meu querido Mestre! . . . eu vos

deixo, para vir arrancar-vos desses lugares que me fazem estremecer!...

M. Dumont que entendia muito bem que eu fallava de meu relógio de repetição, e cravejado de diamantes que me tinha dado meu Pai, intentou dissuadir-me a que o não vendesse. Fui logo a casa de hum relojoeiro, que, depois de muitas razões, me contou vinte e cinco Luizes, sem dúvida metade do seu valor, e fui pagar a divida do meu amigo, e quebrar os seus ferros! Julgai da minha alegria, e dos meus transportes, quando tornámos a entrar na nossa casa! Não cabia em mim de satisfação; eu o tomava nos meus braços, fazia mil loucuras, e abençoava o Ceo que me tinha dado hum tal recurso nesta occasião.

Com tudo, á alegria succedeo a inquietação. Tinhão-nos ficado sómente quinze Luizes. Que podíamos nós fazer com esta modi-

ca somma? com que havíamos subsistir?... M. Dumont não se atrevia a persuadir-me a trabalhar; elle estava prompto a fazello; mas temia offender a minha delicadeza, propondo-me occupaões para as quaes me não tinha educado: eu conhecia muito bem a politica que elle guardava comigo, para me sobmetter á luz que o meu cruel destino me impunha. Eu lhe disse hum dia que o meu projecto era de dar lições de Muzica. Elle o approvou: — A Muzica, me diz elle, he huma Arte que se póde ensinar sem que diminua a nobreza: mas meu querido discipulo, a que desprazeres vos ides expôr... He necessario dispor-vos a supportar os caprixos, as altivezas os máos modos de mil pessoas, que, não tendo a mais leve propensão, accusão sempre o Mestre dos progressos que elles não podem conseguir: huma vez que paguem, julgão que a scien-

ciã, e a habilidade lhe deve vir sem custo, e sem trabalho. Dir-vos-hão muitas vezes: — Mas Senhor, há já tantos mezes que eu aprendo, e não sei nada, ao mesmo tempo que Fulana já está humna perfeita Musica! Em vão lhe objectareis que Fulana se tem cansado muito, e que ella decorou a Arte que estudava, e que, dócil ás lições de seu Mestre, ella fez da sua parte tudo que lhe foi possível para lhe dar honra, e se aperfeiçoar. Ah! meu amavel Leandro! que paciencia! que honestidade! que docilidade he necessario ter para ensinar alguma cousa aos homens! eu vos lastimo que sejais obrigado a empregar este recurso, mas elle he decente, e digno da vossa educação; he necessario aproveitar-vos d'elle.

Eu lhe prometti pôr em prática as suas lições, e nós procuramos por toda a parte Discipulos, mas debalde; nós ambos não co-

nhecíamos ninguém; tínhamos sempre fugido da sociedade, era no meio della que nós poderíamos encontrar o que desejávamos com tanto excesso. (1)

Depois de termos gasto os nossos quinze Luizes, nós nós vimos reduzidos á mais cruel miséria!... Foi então que as reflexões as mais tristes, e as mais negras tomáram posse do nosso espirito! só a morte nos parecia ser o unico remédio dos nossos trabalhos; nós achávamos em altas vezes, e á teríamos encontrado, se não fosse hum acontecimento cruel, que nos veio tirar deste estado de desesperação, para nos lançar n'outra mil vezes mais deploravel!...

Huma manhã que passeávamos no jardim das plantas, hum velho veneravel passou por pé de nós, acompanhado de hum ho-

---

(1) Ainda sustentará a sua mortal misantropa.

mem que teria trinta annos, e de hum ar sombrio, e feroz. Elle olha para mim, examina-me, e grita com hum modo, como quem não era senhor de si; — He elle, meu Pai! Eilo aqui.... Oh! He elle! estas são as feições do Marquez!... — Julgas que he, lhe pergunta o velho?... Eu o apostaria, respondeo elle! Depois elle accrescenta abaixando a voz: eis aqui este infeliz que nós procuramos há tanto tempo!.... Elle morrerá....

Os dois Estrangeiros retirão-se depois disto, e nos deixão, M. Dumont, e eu, petrificados de hum encontro, e de huma ameaça tão extraordinaria!... Ah! meu querido Dumont, exclamei eu derramando infinitas lagrimas, estou perdido!... Eis-aqui a minha sorte verificada!... — Pouco apouco, Leandro! não vos desesperéis meu querido discipulo! por mais extraordinaria que seja esta aventura, he necessario nao perder o

valor! . . . Não se matão desta sorte as gentes! Não recieis nada, não vos hão de degolar na vossa casa! . . . Mas, Senhor, que tenho eu feito, meu Deos! que fiz a estes barbaros? . . . O' Ceo! quaes serão os meus crimes? . . .

M. Dumont estava tão fóra de si como eu. Estes Estrangeiros são os inimigos occultes que fulminavam a minha perda! era delles que eu me devia occultar! . . . Mas porque razão? . . . que cruel enigma! . . .

Nós entrámos promptamente em nossa casa; e M. Dumont determinou que era necessario sahir sem perda de tempo de hum bairro no qual seríamos logo descobertos; mas huma difficuldade nos prendia: não tínhamos dinheiro para pagarmos aluguel, e não tínhamos nenhum meio de o procurarmos! Julgai da nossa situação!

Passámos o dia n'hum desasosiego mortal; formámos vinte pro-

jectos que se destruíam huns aos outros, chegou a noite sem que tivéssemos tomado nenhum.

A' meia noite batêrão com toda a força á porta da rua... Como o nosso coração nos batia então! Eu caí sem sentimentos sobre M. Dumont, que, da sua parte, não tinha mais valor do que eu!... Hum vizinho a abriu, e nos gritarão diante da nossa porta, que nos procuravão a nós....

Abrilla-hemos?... o melhor será não responder?... que faremos?... Por ultimo M. Dumont reveste-se de huma nobre corage, e resolutio a morrer ao meu lado, antes do que soffrer que se me fizesse alguma violencia, elle se detremina a receber o Estrangeiro; era hum criado, que com hum tom de voz doce, e respeitosa, se apressa a tranquillizar-nos, dizendo-nos em voz baixa: Depreça, Senhores, lêde esta Carta, e vinde comigo...

O' felicidade! ó favor não esperado!... He de meu Pai! eu conheço a sua letra...

„ Imprudente Leandro! teu  
 „ Pai quer ainda huma vez salvar  
 „ os teus dias, quando tu talvez  
 „ acabes de lhe entregar os seus!  
 „ Segue esse criado de confiden-  
 „ cia; vem ter comigo a Valen-  
 „ ça, e vós M. Dumont não dei-  
 „ xeis o vosso Discipulo: eu te-  
 „ nho grande necessidade da vossa  
 „ pessoa!...

„ Determinai-vos logo: parti  
 „ instantaneamente, quando não  
 „ ficareis perdidos!... „

Isto não era laço que nos armavão: nós conhecíamos perfeitamente a letra de meu Pai! Onde vamos nós, perguntei eu ao criado — vós hides sabello; segui-me, sómente!...

Este homem tendo-nos dado huma bolça de ouro bastante consideravel, pagámos ao dono da casa, e partimos sem nos demorar.

Ao baluarte novo, achámos huma sege de posta que nos esperava; subimos para ella, e tomando promptamente o caminho de Montargis, chegámos a Nemours ao amanhecer.

Pencai que reflexões nos fariam! Meu Pai nos esperava em Valença! hiamos vello outra vez! a sua carta não respirava cólera, nem raiva!... a mais feliz sorte se offerecia aos nossos olhos! Que mudança! que felicidade!... Mas que entendia elle neste epiteto de imprudente que elle me dava?... Que eu acabava de sacrificar os seus dias, dizia elle?... Ah! se isto fosse assim, podia-me elle accusar?

Toda a jornada fomos entregues a estes pensamentos: fluctuavamos sem cessar entre o receio, e a esperanza. O criado que nos guiava, não dizia nada: elle tinha ordem para assim o fazer; nós não pudemos tirar d'elle algu-

ma idéa do que desejavamos saber.

Em fim, depois de algumas demoras que tivemos no caminho chegámos a Valencia, no decimo dia, ás oito horas da noite. O nosso guia nos fez entrar n'hum bella casa de pasto, onde se informou, se hum Cavalheiro de quem elle deo os sinaes, tinha ja chegado. Hum postilhão, que estava presente á pergunta, lhe diz que não, mas que, segundo lhe parecia, este Cavalheiro que elle tinha encontrado em Leão, estava na porta immediata, e que elle chegára nessa mesma noite, ou no outro dia.

Então nós tomámos o partido de cear, e de nos deitarmos, esperando a Aurora que devia trazer a meu Pai e preencher todos os meus votos. Eu não sei que sentimento feliz nos agitava. M. Dumont abraçava-me, me apertava nos seus braços, e me dizia a todo

o momento : Animai-vos , meu Leandro ! Nós o veremos outra vez ? ... Pois que elle sahio de Pariz , ao mesmo tempo que nós sahimos , he sem duvida para nos ver em toda a liberdade , e não se separar de nós ! . . Que quadro tão brilhante se offerece aos meus olhos ! nós formaremos daqui em diante hum só familia ! nós vamos passar os nossos dias com hum Pai respeitavel ! O' meu Leandro ! recebei o juramento que faço de nunca vos deixár ! . . quero que sejais sempre meu amigo , e seja tambem feliz para merecer a daquelle homem respeitavel que vos deu o ser ! . . .

A resposta que lhe dei foi apertado contra o meu coração , e nos entretivemos deste modo com ideias lisongeiras até ás quatro horas da manhã , que o motim de humasege de posta que parou á porta da casa de pasto , nós tirou destes doces sonhos.

Hè elle, exclamei eu! . . . . e nós decemos promptamente, ou para melhor dizer voámos ao seu encontro; mas, ó surpresa! . . . ao tempo que hia lançar-me nos seus braços, meu Pai . . . . O' Céo . . . meu Pai, olha para mim de hum modo terrivel, me repulsa, me manda subir para hum quarto apartado do seu, e me faz este terrivel discurso, que ficará sempre gravado na minha memoria em quanto eu supportar o pezo da minha existencia.

„ Vós não sois meu filho, Senhor, eu já vo-lo disse! . . . Eu  
 „ n'outro tempo persuadi-me deste erro que tanto estimava, mas  
 „ rasgou-se o véo! . . . nasceste  
 „ para me fazeres desgraçado: assim o tendes conseguido! . . eu  
 „ vos lanço fóra de meu peito,  
 „ eu vos renuncio! . . . vos abandono,  
 „ e vos amaldiço-o para sempre! . . . . , ,

Eu estremecei a estas palavras

ameaçadoras, e as minhas forças desamparando-me cahi desmaiado no chão... Longe de me soccorrer, os barbaros!... Como poderei acabar esta funesta narração? O' meus amaveis patronos! vós vos ides admirar como fiquei neste cruel momento! permitti que enxugue as minhas lagrimas; os meus soluços impedem não o continuar...

Fiquei quazi huma hora sem sentidos: julgai como eu ficaria, quando tornei a mim!... Lanço os meus olhos por toda a casa..., meu Pai, e Dumont me tinham deixado!... eu não os via... onde estão elles?...

Huma unica mulher, a quem devia a desgraça de tornar a ver a luz, estava ao meu lado; ella faz o possivel para me consolar? — Ah! meu querido, elles partirão haverá já tres quartos d'hora — Elles partirão... Grande Deos! . E Dumont? — Dumont tambem..

Eu não pertenderei pintar-vos a minha situação: vós mesmo deveis fazer huma idéa della, se os vossos corações são sensiveis, e humanos!... Dumont! elle!... o partido!... elle me deixa!...

Eu corro, eu encho a casa com os meus gritos, e os chamo a altas vozes.... em fim toda a gente me segura o mesmo: não padecia dúvida, Dumont, e meu Pai tinham partido na mesma sege de posta que tinha conduzido este ultimo!... Que golpe! que terrivel golpe!...

Bem depressa a minha dor deo lugar a huma desesperação triste, e reconcentrada; accessos de raiva lhe succedem, e apesar das vivas instancias de todos aquelles que me rodeião, eu caio no chão, arrasto-me de huma parte para a outra, mordo a poeira, dou gritos de dor, e desesperação, que teria enternecido o coração mais barbaro....

Fiquei até ás tres horas da tarde neste cruel estado: insensível a tudo, apenas via o que se passava ao pé de mim!... Pobre rapaz! dizião elles... Vêde era seu Pai, seu Mestre! elles o abandonarão! Oh! se tivéssemos sabido isto, nós os teríamos!.... Mas não: elles quando se forão, disserão-nos!.... tomai cuidado nelle, que nós já voltamos!.... Os crueis! he bem desgraçado! nesta idade!... &c. &c.

Todos parecião sentir a minha situação, e cada hum me offerecia soccorros que eu estava bem longe de lhe querer acceitar. O dono da casa de pasto, me propoz que ficasse com elle: eu vos darei que fazer, meu bom amigo, vós tereis aqui o necessario. Na verdade! não será como em casa de vosso Pai! vós não tereis aqui as mesmas commodidades! Não ha nada que se compare com a casa paternal, mas em fim, &c.

Cada palavra que me dizia me penetrava a alma! Resolvi livrar-me das suas importunações, e pondo ás costas a minha pequena bagagem, me despedi de toda a gente.

Voltando hum a rua, me achei defronte da Abbadia dos Conegos de Santo Agostinho, minha alma abatida com o pezo da dor, tinha necessidade de oração, entrei dentro, e encostando-me contra hum pilar, comecei a chorar amargamente. A crueldade de meu Pai era de algum modo menos sensivel, que a traição de Dumont. Este perfido mestre me provava bem cruelmente a verdade dos seus principios. Resolvi-me a fugir do mundo, de me desterrar, de ir viver n'algum lugar inhabitado, e eu encaminhei ao Ente Supremo hum a oração fervorosa, que elle ouviu sem dúvida do alto do seu Throno; porque elle enviou o socego, e a

consolação, que vierão aquietar o meu coração, e que corrêrão todos os meus sentidos com hum suave, e delicioso balsamo.

Sahi de Valença, sempre occupado das minhas tristes reflexões, mas menos funestas, e cheguei defronte de Romam ao Sol posto.

Era alli que hum Anjo da Paz me esperava; foi alli onde encontrei esta amavel creatura, virtuoso Candor, e eu devo esquecer para sempre minhas desgraças, pois que neste socegado retiro vos dignais conceder hospitalidade ao desgraçado Leandro, que quer merecer os vossos beneficios pela sua submissão, seu respeito, e sua ternura . . . .

Leandro acabou deste modo a historia dos seus infortunios, e Candor, Germano, e Claretta o abraçárão dando-lhe todas as demonstrações da mais terna sensibilidade.

Seguiu-se huma comida frugal, e o resto do dia foi empregado em visitar o pequeno Casal, e seus pertences.

Faremos hum detalhe mais circumstanciado no Capitulo seguinte. Acabemos aqui a primeira narração desta historia, que devia necessariamente fazer conhecer o nosso heróe, pelas circumstancias da sua educação, e que o deixã agora n'hum habitação agradavel, e tranquillã, onde com tudo por agora não encontrará a felicidade.

Bem depreça nós o veremos sahir, viajar, levar de Cidade em Cidade o seu character desconfiado, e susceptível: por toda a parte se fará desgraçado; por toda a parte receberá lições, que o obrigaráõ a sahir dos seus erros; sentirá em fim, que para ser amado, he necessario ser amavel, e que se ha homens falsos, máos, e enganadores, tamhem se achão entre elles corações verdadeiros, sensiveis, e generosos.

---

## C A P I T U L O   X I .

### SCENA NOCTURNA NO PEQUENO CAZAL.

A Narração das desgraças do nosso heróe moveo singularmente Candor, Germano, e Claretta! Candor principalmente não se cansava de o olhar em todo o tempo da meza: elle o tinha assentado junto a si, e exclamava de quando em quando: Que! meu filho!... tão rapaz, tu tens já humma tal experiencia dos homens!.. como tu os conheces bem!.... a tua Filosofia, o teu valor, tudo em ti me interessa no ultimo ponto... O' meu Leandro! Eu fundo sobre a tua firmeza esperanças bem consoladoras!.. tu as conhecerás algum dia, tu me ajudarás... Mas esperemos! eu quero

ainda experimentar-te ; quero , pelo tempo de hum anno . . . . Sê meu filho ; tu não tens Pai , eu quero fazer o seu lugar. Leandro , promette-me que me terás tanta submissão e docilidade como se eu fosse o author de teus dias . . . — Meu Pai , ah ! . . . sim , eu vos prometto tudo . — Dás a tua palavra d'honra ? — Eu o attesto pelo Ente Supremo . — Abraça-me , e lembra-te algum dia do juramento sagrado , que fazes perante mim . — Os vossos beneficios me lembrarão eternamente . — Eu fui feliz , poderoso no mundo ; os meus mais queridos amigos me mergulhárão n'hum abysmo de trabalhos : delles só me resta Germano ; Germano , meu bom , meu sensivel amigo , amai-o tanto como eu o amo ; não ha hum thesouro tão precioso como hum criado fiel . . . Tu vês Claretta ; he minha filha unica , he o meu unico bem . . . serve-lhe de

Mestre, ensina-lhe todas as sciencias, todos os talentos que possues; que as tuas lições lhe aproveitem, e que sobre tudo aprenda, nos teus sábios conselhos, esta prudencia, e esta desconfiança dos homens, que tu possues no ultimo ponto, e que são tão necessarios a qualquer que se destina a viver algum dia na sociedade; porque eu já sou velho, meus bons filhos; eu não vos poderei viver sempre, e talvez, depois de mim, terás o maior desejo de viver nas Cidades, e de vos lançares no meio da confusão!... — Ah! nunca, nunca! respondem juntos Leandro, e Claretta. — Eu assim o desejo...

Leandro tinha chegado ao cume da sua alegria: Claretta lhe apertava a mão, abraçava seu Pai, e Germano, e transportada no feliz futuro, que brilhava a seus olhos, nem mesmo buscava a sua satisfação.

Bem depreça deixarão a sua meza rustica, e Candor quiz que Leandro visitasse com maior exacção a pequena casa onde havia morar, e da qual assentava que nunca já mais sahiria. Immediatamente Claretta pega no braço de Leandro; Candor se encosta ao hombro de Germano, ei-los aqui todos quatro examinando a sua habitação, que era mais comoda que brilhante. Acompanhem-os nesta vista, e tomemos conhecimento desta moradia, que nós vamos por algum tempo repartir com elle.

Aqui estamos pois em hum pátio de noventa pés quadrados, no meio do qual está levantado o pequeno Casal, que tem trinta pés de largo, e cincoenta de comprimento. Subimos quatro degrãos, entrámos por huma especie de entrada muito acanhada onde percebemos ao pé da escada duas portas, huma á direita; outra á

esquerda: a primeira vai sahir á cozinha, e a segunda n'hum sala de vinte e sete pés, está ornada de hum chaminé, de hum meza, e de algumas cadeiras, e de hum livraria consideravel.

Sahimos desta sala, e subimos hum escada de pedra feita em caracol; no primeiro andar onde achamos de hum lado a camara onde dorme Candor, hum leito, hum grande armario, dois retratos, meia duzia de espingardas, e algumas cadeiras, são os unicos moveis de que se compõe.

A camara de Claretta pouco differe desta, á excepção de hum cravo muito bello, que occupa a maior parte do quarto.

No segundo entramos em duas pequenas camaras sem chaminé, mas muito commodas, e muito alegres.

Acima está hum celleiro, que serve de guardar feno, palha, e grãos.

Todos os fundos são de pedra, e abobeda: as janellas dos quartos são de grades, e não tem mais que dois pés de largura, e cinco de altura. Debaixo da escada está hum porta, que vai dar a hum adegua, mas onde ninguem desce se não Candor, e Germano. Nesta adegua não ha nem vinho, nem licôr: os nossos solitarios não usão delles: o que encerrão he... Devagar... He hum mysterio que a seu tempo talvez descobriremos, mas que presentemente não devemos descobrir. Contentemo-nos por ora em passear pelo jardim do Casal. He hum recinto pouco mais, ou menos de geira e meia; a maior parte está plantada de ervilhas, de favas, de batatas, de avêa, &c. e o resto he hum prado, que produz feno para o cavallo. Vê-se tambem algumas arvores frutíferas, e no fim do jardim hum chôpo muito elevado, que parece

ter sido conservado no seu lugar desde o tempo em que se alqueivou a terra para se edificar o Casal com os seus pertences. Ao pé do chôpo corre sobre seixinhos hum limpido regato, que toma o seu principio ao longe da floresta, e que se vai perder n'hum precipicio espantoso situado duas leguas dalli.

Este regato cruzando o nosso pequeno jardim he demorado na sua carreira por hum Dique de conxinhas sobre o qual vai correndo, e dõnde torna a cahir em cascata n'huma bacia cavada n'huma rocha, e levada ao pé do prado pelas mãos da natureza.

Huma pequena ponte que vai dar a hum bosque, obra de Candor, convida o Filosofo a descansar á noite das fadigas do dia, tudo neste sitio agreste, e socegado inspira o socego, a meditação, e o recolhimento.

Leandro admirando todas estas

maravilhas da arte, e da natureza levantava as mãos ao Ceo para agradecer ao sublime author de o ter encaminhado a este sitio delicioso, onde hia por fim gozar do descanso, nos braços dos unicos seres, que tinha achado generosos, sensiveis, e virtuosos.

Claretta, que o hia conduzindo diante de seu Pai, lhe hia mostrando todas as bellezas do seu jardim, e não cessava de ir engrandecendo tudo: Olha, dizia ella, vês-tu este campo, eu o cultivava só, daqui por diante tu me judarás, e meu trabalho será para mim o meu prazer. Alli tens aonde havemos de descansar depois que estivermos cansados; naquelle regato mataremos a sede, tu me offerecerás aquella agoa pura, eu a receberei das tuas mãos; aqui verei o sorriso da tua boca, alli buscaremos o abrigo contra o calor do dia. Eu apanharei huma destas frutas, e o seu nectar re-

frescará o teu sangue! Oh! quantas vezes iremos ao declinar do dia tomar o fresco naquelle bosque; he alli que escondidos de todo o mundo, livres da perturbação, e do motim das Cidades; abençoaremos o Ser Supremo, e teremos amor á nossa existencia. O Sol se abate, a Lua pelo meio das folhas espalha aqui, e alli algum raio da sua luz; a terra se abre, e exala mil perfumes, nós estamos assentados hum ao pé do outro, o ligeiro murmurio deste regato, que corre a nossos pés, nos lança em hum doce transporte. O' Leandro, Leandro acredita-me, só entre nós he que tu acharás a felicidade. Leandro queria em vão responder, elle experimentava muito para poder exprimir os seus pensamentos.

Principiava a noite a envolver em seu somnolento manto toda a natureza; as aves empoleiradas nos ramos da floresta, espe-

ravão em silencio o pôr do Sol para deixarem seus gorgeios, e adormecerem sobre a ramagem; o rouxinol só fazia ouvir seu saudoso canto, e as aves nocturnas, respeitando a sua alegria, não se atrevião a interrompello para começar seus lúgubres concertos: tudo convidava os nossos solitarios a entrar no pequeno Casal, para alli gozar de hum descanso de que todos tinham necessidade pelas fadigas da noite antecedente.

Elles não tinham a commodidade do poder suppir a falta do dia por luzes artificiaes: o Sol fechava seus olhos, e a Aurora os tornava a abrir; era necessario que cada hum delles entrasse no seu quarto, para no outro dia se tornarem a ajuntar.

Leandro, depois de o abraçarem ternamente os seus tres amigos, se retirou para hum quarto do segundo andar, determinado a não dormir, para reflectir li-

vremeute na sua situação actual, e sobre a conducta que devia ter com os seus novos amigos, para lhes provar o seu reconhecimento, e a sua amizade.

Elle tinha-se já esquecido da sua misantropia, e da sua desconfiança, quando hum incidente singular o faz voltar para hum, e para outro, e perturbar os seus sentidos.

Apenas se tinha entregue a estas reflexões, quando ouvio hum motim na sua porta: elle escuta, tirão chaves; metem huma na fechadura... Elle pergunta, quem está ahí?... Não lhe respondem nada; mas em hum instante a sua porta he fechada a duas chaves, e o carcereiro desapareceo.... para que será esta cautella inesperada? Porque razão o fechão? Que querem d'elle!... Oh Ceo! haverá nisto traição? Esta casa, onde foi recebido com os braços abertos, será ella huma caverna

de malvados? Que! Candor Germano, Claretta.... Claretta... isto não póde ser; a perfida não se póde occultar inteiramente, nem cubrir-se com a mascara da virtude; hum olhar, hum gesto, o menor movimento a descobre... isto não são traidores; mas porque razão o fechão? porque o não prevenirão desta prisão, ou porque não lhe responderão quando elle preguntou ao seu carcereiro... Ah! sem dúvida o querem deitar a perder, elle não fez bem em mostrar tania confiança, foi mesmo imprudente; elle não devia expôr-se... n'hum flores-ta conhecida pelos ladrões, e malfeitores... Tudo aqui he suspeito. — Elle traz á memoria a conversação que tiverão de dia; hum expressão de Candor o faz gelar de medo: O' meu Leandro! eu fundo sobre a tua firmeza esperanças bem consoladoras!... tu as conhecerás hum dia... tu me

ajudarás . . Grandes Deoses ! . querião forçar a sua mocidade , e a sua virtude a exercer o cruel officio de ladrão ? Em fim que quererá elle dizer naquillo ? — Esta cava , que lhe tinham occultado , não será ella talvez o receptaculo de mortos , e de roubos ? . . . Sem dúvida estes discursos , e este retiro mysterioso occultão algum crime . . . Leandro não duvida disto , sua cabeça se exalta , sua imaginação trabalha , mil espectros crueis se lhe representam diante d'elle , fantasmas espantosas andão á roda do seu quarto , seus cabellos se eriçam , sua lingua se condensa . . . . fica immovel , e determina tomar huma resolução violenta . . .

A janella cahia sobre o jardim ; elle quer lançar-se della abaixo , salvar-se , fugir desta casa funesta , onde os mais negros presagios perturbão a sua razão . Mas hum obstaculo imprevisto o

prende, e torna suas suspeitas em certeza. Grades de ferro muito grossas se oppõe aos seus disignios. Está muito bom, elle está preso atreçoado, elle está perdido!...

Bem como a tímida ave, que depois de cahir na rede do caçador, e que este a mete n'huma gaiola, bate as azas, anda sem descansar á roda da prisão, passa o bico a travez dos arames, e suspirá pela arvore que vê, e sobre a qual estava empoleirada pouco antes: desta sorte o nosso heróe fica com a boca grudada, para assim dizer, contra a grade fatal, a travez da qual descobre o jardim, e a vasta extensão da floresta, cujo sombrio circuito lhe pareceo preferivel á prisão odiosa onde elle presume que vai passar os seus dias.

Com tudo sua alma muito sensivel devia ainda experimentar hum choque mais violento. Oh Deos!

terá elle bastante força para supportar o espectáculo espantoso, que se vai offerecer aos seus olhos?

Neste tempo a porta da cava, objecto dos seus terrores, se fecha com estrondo. Logo Candor, e Germano, trazendo huma tocha acesa sahem dalli. Huma especie de tumba coberta de hum panno negro he levada sobre seus hombros, elles atravessão o jardim em silencio, chegam ao pé do choço que está sobre a margem de hum claro regato. Alli elles depositão a dita tumba, e a distancia faz que Leandro não destinga, nem o que elles dizem, nem o que fazem.

Com tudo, Candor parece descobrir o féretro; elle se curva em cima delle, e se levanta; acende-se hum fogo, a luz brilha, faz hum clarão, e se apaga no mesmo instante; a arvore pareceo tocada ligeiramente, as folhas gemerão, as aves que alli estavam

empoleiradas voayão com gritos fúnebres . . . . as tochas se apagarão, tudo desapareceo . . .

He illusão o que vejo ? São fantasmas ? . . A Lua obscurecida pela luz destes palidos archotes, espalha só a sua luz : as aves tornão á sua arvore amada ; Candor , e Germano tornão a apparecer ; atravessão o jardim , vem outra vez depositar a tumba na casa , cuja porta se fecha , e faz ouvir hum som agudo de ferro-lho , e de chaves.

Que o Leitor tome agora o lugar do meu Leandro . . . Elle he medroso , duvidoso , e desconfiado . . . . Qual seria o seu embarço , as suas apprehensões , e o seu medo . . . . Em que agitação não estaria mergulhado ! Este esquife, esta luz . . . . que cerimonia seria esta , que elle não póde entender ? Será talvez o corpo de algum desgraçado viajante , que queimão depois de o ter roubado ? . . Elle

não póde duvidar disto... A'manhã igual sorte o espera.... mas elle, elle não tem nada; porque razão o matão? O seu despojo não he de tentar.... Não importa, elle deve temer tudo. Talvez Candor, enganado pelos homens, e por satisfazer sua vingança, talvez jurasse sacrificar todos aquelles que lhe cahissem nas mãos. Leandro deve augmentar o número das victimas... tudo o confirma nesta idéa... Ah! que fez elle ao destino para o guiar a este covil abominavel?... Não he a vida que elle chora; ella lhe he odiosa... mas succumbir a uma traição tão indigna! ter acreditado a boa fé, a humanidade de hum algoz! — Esta he a razão que o desespera, isto he que o agita, e lhe faz desejar o dia, para ouvir o acontecimento, e tomar hum partido... porque elle não se deixará degollar tranquillamente, elle não offerecerá a

cabeça aos seus assassinos.... Tremão elles! elle lhe fará pagar com o seu sangue, e não morrerá senão depois de ter vigorosamente defendido seus dias contra Candor, Germano, e... Claretta.

Claretta?... mas ella será também culpada?...

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

# I N D I C E

## Dos Capitulos da Primeira Parte.

|           |                                     |         |
|-----------|-------------------------------------|---------|
| CAPIT. I. | Do Sol posto.                       | Pag. 7. |
| II.       | Vamos chegando ao<br>pequeno Cazal. | 21.     |
| III.      | O pequeno Cazal.                    | 44.     |
| IV.       | Dumont.                             | 63.     |
| V.        | O homem masca-<br>rado.             | 82.     |
| VI.       | O Relogio de repe-<br>tição.        | 97.     |
| VII.      | Passeios senti-<br>mentaes.         | 112.    |
| VIII.     | A minha entrada<br>no mundo.        | 129.    |
| IX.       | Luxemburgo, e a<br>enxovia.         | 145.    |
| X.        | A estalagem de<br>Valença.          | 163.    |
| XI.       | Scena nocturna no<br>Cazal.         | 182.    |

F I M.

LEANDRO,  
OU  
O PEQUENO CAZAL  
NO  
MEIO DOS BOSQUES,  
MANUSCRITO ACHADO  
NAS MARGENS DO IZERO,  
POR  
M. DUCRAI-DUMINIL,  
*Traduzido em Portuguez.*

~~~~~  
PARTE II.
~~~~~



LISBOA:  
NA TYPOGRAFIA LACERDINA.  
1826.

---

**Com Licença da Meza do Desembargo  
do Paço.**

# I N D I C E

## Dos Capitulos da Primeira Parte.

|           |                                     |         |
|-----------|-------------------------------------|---------|
| CAPIT. I. | Do Sol posto.                       | Pag. 7. |
| II.       | Vamos chegando ao<br>pequeno Cazal. | 21.     |
| III.      | O pequeno Cazal.                    | 44.     |
| IV.       | Dumont.                             | 63.     |
| V.        | O homem masca-<br>rado.             | 82.     |
| VI.       | O Relogio de repe-<br>tição.        | 97.     |
| VII.      | Passeios senti-<br>mentaes.         | 112.    |
| VIII.     | A minha entrada<br>no mundo.        | 129.    |
| IX.       | Luxemburgo, e a<br>enxovia.         | 145.    |
| X.        | A estalagem de<br>Valença.          | 163.    |
| XI.       | Scena nocturna no<br>Cazal.         | 182.    |

F I M.

LEANDRO,  
OU  
O PEQUENO CAZAL  
NO  
MEIO DOS BOSQUES,  
MANUSCRITO ACHADO  
NAS MARGENS DO IZERO,  
POR  
M. DUCRAI-DUMINIL,  
*Traduzido em Portuguez.*

~~~~~  
PARTE II.
~~~~~



LISBOA:  
NA TYPOGRAFIA LACERDINA.  
1 8 2 6.

---

**Com Licença da Meza do Desembargo  
do Paço.**

LEANDRO

Pag. 3

CAZAL

NO MEIO DOS BOSQUES

SUMARIO DA SEGUNDA PARTE

Leandro passa hum anno no Casal. Vê-se obri-

gado a sair d'elle.

CAZAL

NO MEIO DOS BOSQUES

SUMARIO DA SEGUNDA PARTE

CAZAL

NO MEIO DOS BOSQUES

SUMARIO DA SEGUNDA PARTE

CAZAL

NO MEIO DOS BOSQUES

SUMARIO DA SEGUNDA PARTE

CAZAL

NO MEIO DOS BOSQUES

LEANDRO,

OU

O PEQUENO CAZAL

NO MEIO DOS BOSQUES.

SUMARIO DA SEGUNDA PARTE.

Leandro passa hum anno no Casal. Vê-se obri-  
gado a sair d'elle.

CAPITULO I

*A lição de Musica.*

Já a luz da Aurora tinha suc-  
cedido á escuridade da noite, e o  
Sol começava a dourar os cimas  
das arvores: o Ceo arroxado, e

A 2

sem nuvens annunciava hum dia claro; humaa doce fresquidão, que o Zéfiro devia ás gotas abrilhantadas do orvalho, hia dalli a pouco cedêr aos calorosos ardores do meio dia; toda a natureza estava bella, e tranquillã, só o coração de Leandro triste, e alienado.

Trémulo, e pálido esperava a sentença de morte, e já se tinha encommendado ao Ente Creador de tudo o que respira: a oração tinha restabelecido de alguma sorte a quietação dos seus sentidos; elle a acabava quando humaa doce voz de fóra assim lhe falla: — Leandro, estás acordado? — Sim, exclama elle, estou acordado, e prompto para tudo. — He Candor, lhe diz, que te vem abrir a porta, e abraçar-te.

Abraçar-te!... Leandro fica espantado: será hum novo laço? julgaria elle mal!... Entrega-se a mil reflexões, durante as quaes entra Candor, e fica estupefacto,

vendo o abatimento do seu novo amigo, pega-lhe na mão, e diz-lhe com hum ar tão obrigativo, e verdadeiro, que Leandro não pôde deixar de attender, e córar de seus erros. — Que tens, meu filho! que perturbação he a tua?... Será por te ter tido esta noite em huma especie de cativeiro?... Meu amigo, farias-me por ventura a injúria de desconfiars de mim?.... Eu não o creio; envergonhar-me-hia se tal pensasse... socega, ouve teu Pai, e vence essa timidez infantil, que me afflige. Eu fechei-te hontem, e todas as noites terei esta precaução, que he para mim mais essencial do que cuidas... Ella não te pôde inquietar, pois que em todo o dia quero dar-te mil provas da minha amizade; porém peço-te que não intentes penetrar este segredo funesto: he o meu unico bem, não mo tires! Leandro, se soubesses... Merece a minha confiança, meu filho, sê

sempre submisso, terno, e respeitoso, e eu te descobrirei o meu nome, o meu estado, e as minhas desgraças : faz-te digno desta confiança . . . que eu não te occultarei . . . sim, espero de ti o serviço o mais assinalado . . . hum serviço fundado na justiça, no reconhecimento, e que, se me amas, não fere a tua delicadeza : eu sou velho, fui cruelmente atraído ; privarão-me do que mais estimava no mundo . . . tu has de ser o meu vingador . . . tu merecerás o premio que te destino ; premio precioso, e caro para o teu coração. . . Não me instes a que diga mais . . . eu to peço ; deixa-me ser senhor ainda mais tempo do meu segredo . . . hum dia me conhecerás ; mas em quanto não chega, devo enfrear a tua curiosidade ; não te crimino della, porque he propria da tua idade. Consente que todas as noites te feche ; eu to peço como huma

graça . . . com esta condição fica connosco, socêga as tuas desconfianças, e fica persuadido que a tua innocência não periga neste retiro solitário, onde todos amamos a Religião, a honra, e a virtude.

Esta fallã, e o ar venerando do velho de todo aquietarão Leandro. Entornou-se na sua alma o balsamo da consolação; tornou a serenidade a vestir seu rosto; como o seu coração era franco, e sincero contou a Candor o seu louco receio, surrio-se, e abraçou-o. Ficou Candor hum pouco enleado, sabendo que Leandro tinha visto a sua cerimonia nocturna; porém disfarçando lhe pegou no braço, e ambos forão ter com Claretta, que acabava de se levantar, e que tinha dormido tão pouco como o hospede; porém por causa inteiramente opposta: o amor que começava a fallar ao seu coração, a felicidade de que

hia gozar, as imagens risonhas que lhe pintava a fantasia, tudo isto a fez velar toda a noite ; porém por isto ainda estava mais bella, seus olhos algum tanto abatidos lhe davão hum doce requebro ; seu Pai a metteo a bulha, do que ella còrou com tantas graças, que Leandro queria mal a si mesmo por ter podido suspeitar hum minuto a sinceridade desta amavel menina.

Ajuntou-se logo Germano, e todos tres lhe pedirão huma amostra dos seus talentos musicos. Leandro não se fez rogado, cantou hum Romance, a que os Auditores não pudérão suster as lagrimas. Tocou depois Claretta, e ainda que inferior a Leandro, com tudo este ficou encantado do seu estillo, e sobre tudo das letras que cantou ; ella as tinha feito durante a noite, e a musica era tão doce, e melodiosa, que Candor custou-lhe a capacitar que fosse obra de sua filha.

Passou-se assim o dia em agradáveis divertimentos, á noite foi Leandro fechado, porém como isto já lhe não dava cuidado dormio tranquillo. Ficou decidido que no outro dia principiaria Leandro a dar as suas lições a Claretta; em consequencia disto logo pela manhã foi para o seu quarto: Candor, e Germano forão cuidar em differentes obras necessarias á casa, e o Mestre ficou só com a discipula. Poder-se-ha julgar pela pintura que vou fazer desta lição, de todas as que a filha de Candor recebeu depois. Entremos na sala da musica, e ouçamo-los sem os interromper.

*Leandro.*

Claretta, como era interessante  
o teu Romance de hontem!....  
Acaso o farias para mim?

*Claretta.*

Pois para quem? . . . por ventura ha dois Leandros no mundo?

*Leandro.*

Estás como eu ; tenho visto muitas mulheres ; porém só encontrei huma Claretta.

*Claretta.*

Tu escarneces de mim ? eu não tenho esses encantos , esse ornato. . . .

*Leandro.*

O ornato he fructo da arte , mas os encantos são dons da natureza ; tu os possues , e tens de mais a mais huma alma , e hum coração. . . .

*Clarettá.*

Se tenho hum coração... sei-o  
há dois dias . . . quando te vi. . .

*Leandro.*

Pois até então não tinha palpi-  
tado por teu Pai?

*Clarettá.*

Sim... mas he outra... sensa-  
ção . . . oh! eu lhe pedirei que me  
explique estes dois sentimentos. . .

*Leandro.*

A teu Pai?

*Clarettá.*

Sim, a elle; e porque lhe hei  
de occultar o que sinto? Não que-  
ro ter outro confidente senão a

elle. . . Olha , Leandro , quando formos passear , quando descarmos no bosqueinho , quando dissermos cem vezes por dia que nos amamos , todas as noites lhe darei parte da nossa conversação.

*Leandro.*

Oh Ceos ! não faças tal . . .

*Claretta.*

E porque ? Meu Pai estima ver-me feliz ; e se o sou contigo , porque o não quererá elle ?

*Leandro.*

Elle nunca te fallou em amor ?

*Claretta.*

Sim , e muitas vezes ? muitas vezes me tem dito que o amor he huma paixão funesta , que alucina

os sentidos, a razão, que produz ciúme, inquietação, furor.... E bem me tem prohibido entregar-me a este sentimento.

*Leandro.*

E parece-te que elle approvará o nosso?

*Claretta.*

O nosso!... tu enganas-te; isto que eu sinto por ti não he amor: nada do que meu Pai me tem dito eu experimento: e que pena seria a minha?

*Leandro.*

Que innocencia!... oh minha Claretta! guarda esse sentimento tão puro, e teme cahires no outro; com tudo o meu parecer, he que não contes nada a Candor...

*Claretta.*

Olha, Leandro, que te não hei de amar, se me impedires o ter confiança em hum Pai tão respeitavel.... Não só quero que elle *saiba todos* os pensamentos mais secretos do meu coração, *mas* tambem Germano, seu antigo amigo.

*Leandro.*

Então dize-o a toda a terra... Claretta, que males nos preparas, se...

*Claretta.*

Vê! elle teme-se de tudo.... não fallemos nisso, vamos á lição....

*Leandro.*

Tu não me entendes... se conhecesses os homens...

*Claretta.*

Os homens? . . . meu Pai não he  
os homens. . .

*Leandro.*

He verdade que elle he bom,  
e generoso? . . . porém, dize-me,  
sabes as suas desgraças?

*Claretta.*

Não, só Germano as sabe.

*Leandro.*

Conheceste tua Mãe?

*Claretta.*

Sim! oh como ella me amava!  
e como eu a amava!

*Leandro.*

E que he feito della?

*Claretta.*

Não sei ; eu fui educada em hum Convento até á idade de oito annos , onde minha Mãe me hia ver muitas vezes . . . com tudo já por fim não ouvia fallar nella , e meu virtuoso Pai me trouxe para aqui , onde me diz cem vezes , que sua esposa , e seu filho ( meu irmão que nunca conheci ) estavam perto de nós , que elle os via todos os dias , e que eu mesmo daqui a alguns annos terei a felicidade de os abraçar : elles são sem dúvida tão desgraçados como elle , porque Candor , e Germano nunca fallão nellés sem derramar lagrimas.

*Leandro.*

Nunca fizeste perguntas mais...

*Claretta.*

Era o segredo de meu Pai, que muito respeitava para lho querer roubar.... Sei por exemplo que elle desce todas as noites a huma casa que fica por cima do nosso casal, onde se demoram perto de huma hora, depois do que sobe cada hum ao seu quarto: todos os annos tem hum dia marcado em que vão fazer não sei que cerimonia ao pé do álamo grande, eu nunca os pude acompanhar, porque todas as noites, como tu, aco fechada.

*Leandro.*

Eis-aqui o que na outra noite tanto me assustou... Claretta, eu

adivinbo huma parte dos seus infortunios... ah! seu filho, sua esposa, victimas da traição.

*Claretta.*

Tu os julgas mortos?

*Leandro.*

E ainda o duvidas?

*Claretta.*

Mas, eu devo tornallos a ver ainda algum dia... eu tal não comprehendo.

*Leandro.*

Elle precisa de hum vingador, eu o serei... eu despozarei a sua causa, elle conhecerá o seu Leandro.

*Claretta.*

Ah! meu Leandro! quanto elle a ama! . . .

*Leandro.*

Digno Paí!

*Claretta.*

Elle já me fallou em ti. — Minha filha, me disse elle, se o teu coração ha de ser sensivel, se has de amar, emprega toda a tua afeição em Leandro; eu o julgo digno de ti; mas he preciso que elle te mereça, e que tu sejas o prêmio que reservo para o serviço assignalado que espero delle: se elle te ama, satisfará meus votos.

*Leandro.*

Oh Ceo, ter-te-ha dito. . .

*Claretta.*

São as suas proprias palavras;  
vé por isto que feia acção seria,  
se atraçoassemos a sua confiança.

*Leandro.*

Oh! que homem! . . . Amemo-  
nos, oh doce amada, amemo-  
nos, e possa hum Pai formar com  
humã santa benção vinculos tão  
sagrados para com Deos, como  
aquelles que se tramão aos pés dos  
Altars, e que o vosso retiro nos  
prohibe! . . .

O tempo da lição passava-se qua-  
si sempre em palavras amorosas,  
com tudo Leandro que queria ver  
os progressos da sua discipula, ap-  
plicou-se com mais seriedade da-

qui em diante, e Claretta em pouco tempo se adiantou na musica, no desenho, e até nas sciencias abstractas, taes como as Mathematicas, a Fysica, e Astronomia.

## CAPÍTULO II.

*A voz da floresta.*

**L**eandro feliz , amado das pessoas com quem vivia , tinha esquecido os seus infortúnios. A musica , a agricultura , e ás vezes a caça na entrada do bosque , todas estas occupações lhe levávão os momentos , sem lhe deixar tempo para se enfastiar.

Como erão doces , e puros os prazeres dos nossos quatro solitários ! Elles tinham tudo na sua casa , não desejavão nada , e até toda a natureza parecia respeitar o seu asylo , e coóperar para a sua felicidade. O raio que a cada passo batia nas elevadas copas das arvores da floresta nunca tinha cahido no affortunado recinto ; os

ladrões que diariamente se ouvião gritar , e disparar tiros em roda das muralhas, nunca tinham formado o projecto , talvez impraticavel , de as escalar. Germano não sahia senão humas vezes cada anno para ir a S. Marcellino comprar trigo , e nunca tinha sido atacado , sem dúvida por humas protecção visivel do Ceo. Candor que expressamente tinha prohibido a Claretta o dizer a Leandro donde vinha no dia em que o encontrára no Valle de Romans ; esperava elle mesmo fazer-lhe todas estas narrações , e reclamar o seu braço para humas vingança cruel que meditava , e queria tirar de seus inimigos antes de morrer. Em consequencia disto estudava de dia o character de Leandro ; e esperançado em o achar sempre constante , e animoso abençoava o Ceo por lhe ter enviado ao seu retiro o unico ente capaz de o servir nos seus projectos. Elle via

com prazer o amor dos dois amantes, protegia-o, até o fortificava com a esperança de lhe vir a ser útil. Como sua filha lhe confiava tudo, calculava os progressos desta paixão, e esperava que chegasse ao seu auge, para dizer os seus segredos a Leandro. Com tudo prohibio sempre a Claretta que deixasse tomar ao seu amante a mais pequena liberdade: elle os vigiava por toda a parte, e temendo os perigos a que se poderia expôr a sua innocencia estando ambos sós, hia ter com elles, trazia-os consigo para casa, e pouco seguro com a sua vigilancia, encommendava a Germano que os vigiasse tambem.

Todas estas cautélas erão desnecessarias: Leandro era sobejamente virtuoso para violar as leis da hospitalidade, e Claretta tinha sobejo siso, e respeito para desobedecer a seu Pai; e commetter hum erro, que depois lhe não po-

deria confessar. Além disso seu Pai protegia o seu amor, e promettia-lhe unillos, podião amar-se, e confessallo diante de seu Pai; a liberdade tirava-lhe a mesma idéa do crime, e se o amor se affoitava ás vezes a cubrir-lhe os olhos com a sua venda, a razão agitava logo seu facho, e mostrando-lhe o precipicio em que se hião abysmar, fazia-lhe ver a vergonha, e os remorsos anciosos de os affligir.

Estes dois amantes he verdade que se amavão; porém o seu amor era puro, honesto, fundado na virtude, na estimação, e no consentimento de seu Pai. Doce afeição da alma, que não he prostituida pelo vil impulso dos sentidos, que o socego, o sentimento, e a meditação contentão, que não conhece nem o remorso despedaçador, nem o mysterio perfido, nem a desconfiança criminosa, e que a sanccção paterna au-

tho-

thorisa. . . Que poucos são os corações capazes de vos experimentar!

Percebia com tudo Leandro, que Candor, e Germano espiavam todas as suas acções, e a sua virtude se assustava. Bastava a idéa de que o suspeitavam traidor, para envenenar a felicidade de que gozava. Muitas vezes na volta de hum passeio campestre, onde Candor tinha interrompido huma conversação deliciosa, elle entrava no seu quarto, e esquecido das caricias que recebêra do sábio velho, derramava huma torrente de lagrimas. — Que! eu, exclamou elle, serei capaz . . . e podem-no pensar, e seguem-me, espião-me, como temendo que me esqueça de mim mesmo ao ponto de atraiçoar a confiança com que me tratão, e seduza a innocencia! . . . Oh Ceo! que fiz eu, para merecer huma semelhante affronta? Não conhecem o meu coração. . . Não,

e não conhecerão jámais este coração sensível, este coração feito para o reconhecimento, para a delicadeza, e que humas suspeitas tão ultrajante despedaça... Os homens não saberão nunca avaliar-me?... Oh Candor, Candor! que tormento me causas....

Apanhava-o muitas vezes Candor engolfado nestas tristes reflexões, perguntavão-lhe o motivo das suas penas, mas Leandro nada respondia. A lembrança dos seus infortúnios servia-lhe de desculpa, e o velho que o conhecia franco, e sincero acreditava-o, consolava-o, bria com elle dar hum gyro no jardim, e com suas caricias, e razões conseguia dissipar a sua melancolia.

He assim que Candor, Claretta, Leandro, e Germano passavam a sua vida no Casal. Todos os dias se terminavam as suas occupaões por hum passeio campestre; todos quatro se hião sentar no

bosquesinho ao pé do limpido regato, depois voltavão, vinhão comer hum *cêa frugal*, e depois se entregavão ás doçuras de hum somno tranquillo, que só era interrompido pelo nascer da Aurora, e pelo canto das aves.

Já se tinha passado hum anno, e os nossos amantes não se amavão simplesmente, adoravão-se, era hum *paixão violenta*, que já não tinha outro freio senão a *esperança* de hum proxima união: elles estavam determinados a fallar a Candor, e pedir-lhe de joelhos se dignasse dar-lhes a *benção paternal*, laço tão sagrado aos seus olhos, como o Augusto Sacramento do Matrimonio, que elles não podião receber; porém o velho tão manhoso como vingativo, esperava este momento para descobrir seus projectos. Elle mesmo tinha alimentado no coração de Leandro todo o fogo do amor, e levando a sua paixão ao ultimo auge,

para segurar a sua felicidade ; com tudo não conhecia ainda assás a firmeza , e a coragem deste mancebo ; queria experimentar se lhe era inviolavelmente afeiçoado , e por isso se propunha a differir ainda por algum tempo a confissão que lhe tinha a fazer dos seus infortúnios.

Leandro da sua parte sempre desconfiado , sempre susceptivel , receava-se da demora do Pai de Claretta. Muitas vezes o tinha instado para que o unisse ao objecto da sua ternura, e o velho sempre lhe respondia : Meu filho , não me basta que ameis minha filha , que te proponhas a fazer a sua felicidade , he necessario que a amizade para com o Pai iguale o amor para com a filha , e tu não possuirás Claretta senão quando eu tiver as provas mais convincentes da tua afeição. Perguntava-lhe então Leandro com as lagrimas nos olhos , que provas

queria delle ? Não lhe respondia Candor , e deixava-o apertando-lhe a mão , com hum suspiro doloroso.

Que triste situação para o nosso heróe ? Então recabião os seus pensamentos nas suas primeiras desgraças , e suspirava.

Hum dia em que foi cortar lenha , á entrada da floresta, ficou admiradissimo vendo hum nome gravado na cortiça de hum arvore ; chega-se , distingue outros caracteres , e lê tremendo estas poucas palavras : *Leandro , foge de Candor , foge do seu perfido Casal , onde se espera de tí o maior dos crimes.*

— Barbaro ! exclama elle cheio de indignação , quem quer que sejas ; sois hum impostor ! ... Candor he virtuoso , Candor he o mais respeitavel dos homens, aqui está o caso que faço da vossa infame accusação. Dizendo isto despedaça com o machado a inscri-

peção odiosa, á qual está bem longe de dar nenhuma fé; porém que não deixou de espalhar na sua alma hum sentimento de tristeza, que o domina, e que de balde quer dissipar.

Que mão inimiga do meu descanso (dizia elle consigo mesmo roltando para casa) que perfido me daria este aviso insidioso! Eu não conheço ninguem no Universo, e conhecem-me! e sabem que eu habito nesta floresta! Porque me quererão tirar daqui? Porque me querem envenenar a felicidade de que gozo, insinuando no meu coração suspeitas injustas? Mas que digo? eu não tenho suspeitas, não as sinto, longe de mim a criminosa desconfiança! Oh meu Pai! Tu me farias hum crime, tu o mais sabio, o mais generoso dos mortaes! . . . Que não possa eu exterminar com a minha mão o malvado calumniador, que se atreveo a ultrajar a virtude! Po-

rém quem he elle? que interesse o excita a dar-me este conselho prejudicial? que lhe importa a minha existencia? . . . Por ventura conhece-me? Será meu Pai? Será Dumont que? . . . Ceos! eu não examinei a letra; talvez descobrisse. . . Serieis vós, entes desgraçados que tanto estimei? Vi-reis acaso restituir-me a vossa ternura, receber-me em vossos braços? Sim, já conheço a mão que traçou os caracteres; quanto mais recorde. . . Insensato! porque os apaguei com tanta precipitação? Meu Pai! Dumont. . . . vós serieis. . . porém que apparencia! . . onde se vai despenhar a minha razão? . . . Parece ao meu espirito alienado, que toda a terra advinha que eu estou aqui. . . Não, rejeitemos este pensamento demasiadamente lisonjeiro: he hum desconhecido, não posso duvidar, he hum malvado que me quer apanhar em algum laço. Ah! evi-

temo-lo, não punhamos hum pé fóra deste querido Cazal. . . Amemos, respeitemos sempre os caridosos mortaes, que nos receberão no seu asylo, e olhemos como hum crime a negra calumpnia, que achei escrita na arvore. . . Envergonha-te, Leandro, tu foste culpado só em a lêres. . .

Cheio de idéas taes chegou Leandro ao Cazal, e Candor que percebeo o seu desasocego, metteo a bulha a sua melancolia: o mancebo balbuciou, escusou-se como pôde, e como a sua alma precisava de solidão foi passear ao jardim nas margens do arroio. Estava engolfado nestas reflexões, quando chégando-se ao muro que separava o recinto da floresta, julgou ouvir huma doce voz que o chamava pelo seu nome: elle olha, escuta, e logo ouve distinctamente estas palavras, que lhe dirige huma pessoa da floresta. *Leandro, os teus males estão*

*acabados : olha para o regato que corre aos teus pés, e lê. . .*

O petrificado Leandro olha com effeito, e o seu espanto ainda mais cresce vendo hum carta atada ao ramo de hum arvore. Desprende a carta, e lê ávida-mente estas palavras, que o reduzem á maior emoção.

“ Leandro, o Ceo se aplaca  
” finalmente; teu Pai reconhece-  
” te por seu filho, deixa o teu  
” Casal, e a floresta de Cham-  
” boran, vem ter com elle a San-  
” to Estevão, onde te espera com  
” o teu amigo Dumont. O seu seio  
” está aberto para te receber. . . A  
” manhã quando o Sol se escon-  
” der nas endas, vai só ao lu-  
” gar onde a floresta forma hu-  
” ma estrella plantada de cinco  
” melrosinhos, que ahi acharás  
” hum guia seguro, que te condu-  
” zirá aos braços do mais desgra-  
” çado, e do mais terno dos  
” Pais. ”

Que leitura para Leandro!... Elle quer fazer mais perguntas ao desconhecido; porém já lhe não responde, sem dúvida porque já desappareceo. . . Seu Pai o espera, seu Pai o reconhece por filho. . . Ceos! em que occasião lhe vem esta nova! Como a acharia feliz em outro tempo? . . . Agora que ha de fazer? abandonará o amor pela natureza? atraiçoará o reconhecimento pela ternura filial? Arrancar-se-ha dos braços do seu generoso amigo, para se ir lançar nos de seu Pai? que enleio, que cruel enleio! . . .

O amante de Claretta fica por algum tempo abysmado nas reflexões; o que lhe succede parece-lhe hum sonho; não póde crer na realidade do que vê, do que lê. . . Seu Pai o chama? porém como descobrio elle o seu asylo? Quem lho ensinou? . . . e já que o conhece porque o não vem buscar, ver, agradecer ao bom ve-

lho que o recebeo em sua casa? Que temerá elle para não apparecer a Candor? A justiça, o reconhecimento, tudo lhe faz disto hum dever. Porém... saberia elle os amores de Leandro com Claretta? Temeria elle os effeitos desta paixão? Pois bem! se os sabe, he mais huma razão para os prevenir com a sua presença.... Além disso, esta carta que recebeo não he da letra de seu Pai; elle bem lhe podia escrever.... este mysterio, este desconhecido, esta guia que o espera, tudo isto he suspeito... Será hum laço do calumniador, de quem já recebeo aquelle perfido aviso? Sim, sem dúvida he hum laço; elle tem inimigos secretos que o querem perder, que procurão tirallo do seu asylo para o sacrificar; todos os homens attentão contra elle? e ainda que se escondesse no ultimo canto do Universo, lá mesmo o perseguirão....

Com tudo , se he verdade . . . se  
 seu Pai , se Dumont estivessem  
 com effeito na Aldêa de *Santo Es-*  
*tevão* ! — quem sabe ! . . . elles  
 abandonárão-no em Valença ; po-  
 rém podem têllo espiado em to-  
 das as suas acções , podem têl-  
 lo seguido até o Cazal . . . tudo  
 isto he possível . . . Que fará ? que  
 partido ha de tomar ? Grita-lhe  
 de hum lado a natureza : tu pó-  
 des fugir ás caricias de teu Pai ? . . .  
 Do outro o amor , e o reconhe-  
 cimento de mãos dadas o arrastão  
 para si . . . a quem cederá ? . . . que  
 voz falla mais imperiosa ao seu  
 coração ? . . . Quem ha de ven-  
 cer ? . . . Oh Leandro , Leandro ?  
 que vais fazer ? desgraçado ? que  
 vais fazer ?

## CAPITULO III.

*O templo subterraneo.*

**A** Alva do dia já tinha trazido o Pai da luz: os passarinhos o saudavam com seus gorgeios melódiosos; toda a natureza brilhante, e dilatada parecia regosijar-se com seus benéficos raios: Leandro, que todas as manhãs costumava ir contemplar este espectáculo magestoso, não lhe dava agora a mais pequena attenção: entregue toda a noite ás reflexões as mais tristes, mal vio apparecer a Aurora pôz-se á sua janella, lançou olhos dolorosos pela vasta extensão da floresta, que se lhe offerecia á vista, o coração amargurado parecia querer soltar-se-lhe do peito, para voar ao lugar

onde sabia que seu Pai o esperava. Leandro não podia ver a Aldeia de *Santo Estevão*; porém elle adivinhava a sua situação, e dizia consigo mesmo: *Romans* fica ao meio-dia, *S. Marcellino* he deste lado, por conseguinte *Santo Estevão* he para acolá, defronte daquella montanha. Sim, *Santo Estevão* he alli; meu Pai, *Dumont*, estão perto de mim, oh meus olhos! que não possais penetrar a distancia, que nos separe! que os não possais ver, e examinar! . . . Mas que digo? a minha alma os vê, e os contempla; elles estão acolá em huma estalagem, lá estão ambos, e dizendo hum ao outro. Virá Leandro ter connosco? . . . preferirá elle o Pai á amante? Terá a natureza no seu coração mais poder que o amor? Estender-lhe-hei os meus braços debalde? . . . Ah meu filho, meu filho! vem, vem . . . surri-se a minha boca, os meus olhos esperão

o teu seio para ahí derramar hum torrente de lagrimas . . . . o meu coração está suspirando por sentir palpar o teu. . . . Virás, meu Leandro? Virás tu? . . . Sim, irei Pai; sim, abençoarei os vossos pés; a minha alma se confundirá com a vossa. . . Oh dos homens o mais ingrato! Leandro, e podes-te hesitar? folheia no teu coração, e lá acharás o teu dever, elle te dirá o que he hum amante! o que he hum bemfeitor? São mais do que hum Pai? A amizade, o reconhecimento, podem-se comparar com o amor paterno? Oh nomes sagrados de Pai, e de filho, e não sois mais Santos, que os de amante, e de amigo? . . . Estou decidido: logo que o Sol dispa as montanhas de seus resplandores, sahirei do Casal, abandonarei para sempre Candor, e Claretta. . . Para sempre! . . . grande Deós! para sempre! . . . entes tão beneficentes, e virtuosos! . . .

oh meu Pai! . . . isto he superior ás minhas forças ; sim , vejo que me he impossivel consummar! . . . Porém como sois cruel , porque me escrevesteis por hum estranho? . . . Esta carta, este desconhecido , este guia que me espera em hum lugar determiniado . . . mas . . . este guia sereis vós mesmo , meu Pai? Sim , sois vós ; vós he que me esperais na floresta , o coração mo diz , elle não me engana. . . Sol , apressa o teu gyro ; vê a felicidade que me espera no fim da tua carreira ; restitue hum filho a seu Pai , e seja para mudar o teu occaso mais brilhante do que o teu zenith.

Leandro embebido na idéa de que havia de achar seu Pai no guia da floresta , chorava de alegria : bem depressa se restabeleceo o socego na sua alma , e a serenidade tornou a aplanar seu rosto. Foi ao quarto de Claretta , deo-lhe huma lição de musica , e foi

depois ter com Candor, a quem pediu licença para caçar depois de jantar : este lha deo abraçando-o estreitamente, e chamando-lhe seu querido filho ; o que desconcertou inteiramente o nosso heróe ; a sua constancia o desamparou, acabou-se a sua resolução, alienou-se-lhe o coração, e recahiu na sua primeira irresolução.

Claretta que veio ter com elle, acabou de o confundir de todo — Leandro, lhe diz ella, alegra-te; meu Pai vai satisfazer tens votos, agora me acaba de dizer : esta noite saberás o seu segredo, e em tambem. Oh meu Deos! como eu suspiro por este feliz momento... Mas que tens tu?... Parece que isto te magôa. . . . Tu não amas meu Pai? será porque tu. . . não me amas? Pois bem vezes mo tens jurado. . . Olha, Leandro, se soubesse que tu eras hum ingrato, não te estimaria mais. . . Vejão como elle me olha! . . .

«He chora agora! . . . não he preciso agoniar-vos assim, Senhor: parece-me que o que vos disse não he para entristecer. . . .»

Leandro quiz-lhe responder; porém estava tão confundido, que mal pôde apertar-lhe a mão, e retirar-se. Claretta, que nunca o tinha visto tão abatido, vendo-o ir, arrasárão-se-lhe os olhos em lagrimas, e seguiu maquinalmente o caminho que tinha tomado o seu amante, e parando á borda do regato ficou admirada, vendo Leandro, que traçava algumas letras na cortiça do grande álamo. Escondeo-se Claretta atrás de hum salgueiro, e vigiou cuidadosa todos os movimentos do seu amante, para depois quando elle se fôsse ler o que escrevêra na arvore. Interrompia Leandro de quando em quando o seu trabalho para levantar as mãos ao Ceo, e dar sentidos gemidos; beijou os caracteres que traçára, depois do que

voltou vagorosamente para o Casal; não sem voltar a cabeça, e retroceder seus passos.

Logo que Claretta o viu assás distante para a não poder ver, sahio do escondrijo, e chegou tremendo ao grande álamo; porém como fica ella, quando lê estas palavras!

*Ternos amigos, objecto dos meus pensamentos, a quem devêra ser mais grato, não accuseis o meu coração de huma fuga forçada. . . Hum dia vos virei ver.*

Claretta quer tornar a ler estas fataes palavras, mas seus olhos já não vêm; huma nuvem espessa os cobre; a sua lingua não tem movimento, e até fica sem sentidos ao pé da arvore, sem que ninguem possa adivinhar o seu estado, sem que ninguem a venha soccorrer. Pouco a pouco vai tornando a si; a sua memoria infiel já lhe não lembra o que causou a sua pena; levanta-se, olha-se, e espanta-se

de tornar a ver o dia. Bem depressa a feliz noite que cubria a sua alma se dissipou; arrepende-se de não ter seguido o seu amante, e de repente corre ao Casal, chamando em altas vozes: Leandro! Leandro! ingrato! he esta a tua Claretta, he ella mesma; ah! responde-me, responde-me. . . Elle já a não podia ouvir, porque aproveitando-se da licença de caça que obtivera de Candor já tinha sahido do Casal: estava na floresta, olhava para a ponte levadiça que estava fechada desde que elle entrou, e não sabendo se a devia abaixar, não se sabia determinar se avançasse, ou retrocedesse. Que contingencia para o seu coração sensivel! — E que! exclamava elle, Candor, o respeitavel Candor, que não desconfia do meu projecto, acaba ainda agora de me testemunhar a amizade a mais viva, e eu hei de deixallo! . . . Oh Deos! . . . que ingratitude! . . . E

Claretta, a pobre Claretta, ~~que~~ será della? . . . Se ler as ultimas despedidas que gravei no álamo, verá que sou obrigado a abandoná-la; e verá que ainda a virei ver algum dia! . . . Sim, eu virei, generosos bemfeitores, vós me tornareis a ver. . . e porque não trarei eu aqui amanhã meu Pai, e Dumont? Elles não podem levar a mal o meu projecto; elles me acompanharão, abraçaremos Candor, e elle me perdoará! . . . Como se ensinua deliciosamente esta esperança nos meus sentidos! . . . como me reanima; vamos, continuamos o caminho; vamos ver hum Pai adorado, que me espera daqui a dois passos, e agradeçamos ao Ceo o momento o mais doce que vai dar ao meu coração. . . . E voltando-se para o Casal depois de derramar copiosas lágrimas, tomou o caminho indicado que elle conhecia, e de que estava perto. Tinha já caminhado

meia legua pela floresta, quando os Ceos que pouco se tinham obscurecido, entráram a desfazer-se em relampagos; soou o estrepito do raio, e a noite a mais espessa cubrio toda a natureza. Leandro commovido do espectaculo horroroso, sentio dobrarem-se os joelhos, apoderou-se o terror da sua alma, pareceo-lhe que o Ceo irritado da sua ingratição, o queria reduzir a pó: havia sem dúvida succumbir acabrunhado do peso da dor, quando se lhe aprésenta hum ma vasta caverna; entra dentro para se subtrahir á vingança Celeste; dá alguns passos; porém de repente se apossa d'elle hum horror involuntario; os cabellos se lhe herissão; parece-lhe ver os espectros que o perseguem, que o apanhão, e cuida ouvir Cándor, e Claretta: são elles, he a sua voz; elles lhe dizem as maiores imprecações, elles o carregão de maldições. Ceos! para onde

fugirá ? por toda a parte ouve sons lamentosos, crebros gemidos. Deixe-mo-lo por hum momento nesta situação critica, para vermos o que se passa no Casal.

Claretta depois de ter lido os versos do álamo, correu ao Casal, esperançada em encontrar ainda o seu amante; porém qual he o seu espanto. — Não está cá, lhe diz seu Pai, ha pouco sahio daqui para caçar na floresta. — Para caçar! exclamou Claretta, ah! meu Pai! elle nos foge, elle nos deixa para sempre! — Que dizes tu, minha filha? — Sim, Leandro, ingrato! não o tórnaremos a ver? — Porém como sabes isso? — Escutai, meu Pai, escutai, e conhecei toda a sua perfidia.

Conta então Claretta a Candor, e Germano o que acabára de passar no jardim; até lhe recita as palavras que Leandro tinha escrito na arvore, e pede a seu Pai,

que mande Germano em sua procura, não o para trazer, mas para lhe dar as reprehensões mais asperas. . . . Candor escuta attentamente sua filha, e mostra-lhe que o seu projecto he impraticavel. Com effeito por onde o ha de seguir? que caminho tomou elle? Ha ao menos huma hora que partio . . . . além disso o tempo medonho que está . . . he prudencia expôr-se a huma tempestade, aos raios, aos coriscos para seguir hum perfido?.. Não, minha filha, continúa elle, he inutil fazer diligencia alguma; tu verás o teu Leandro, tu o verás; porém ha de pagar caro a dor que te causa. . . . Retira-te hum momento para o teu quarto, e deixa-me conferir com Germano sobre o partido que nos resta a tomar.

Beijou Claretta a mão de seu Pai, e subio ao seu quarto, onde derramou huma torrente de lagrimas: ella passou assim a noite sem

ver nem Candor, nem Germano;  
 com tudo este veio finalmente abrir  
 a sua prisão: (porque a tinha fe-  
 chada á chave) — Claretta, he  
 diz elle, segui-me; vós o ide-  
 ver. — Quem? Leandro? — Elle  
 mesmo, que está aqui... — Oh  
 Céo! eu devo... sim... quero...  
 vamos, querido Germano; levai-  
 me aonde está este perfido... po-  
 derá elle sustentar a minha pre-  
 sença?

Germano pega-lhe pela mão,  
 e a faz descer a hum lugar que nun-  
 ca tinha conhecido, e que vai ver  
 pela primeira vez da sua vida;  
 porém não anticipemos a descri-  
 pção que vamos fazer; vejamos  
 antes como Leandro alli fôra con-  
 duzido.

Nós o deixámos em huma ca-  
 verna cercado de remorsos, e de  
 illusões fanáticas que armava a sua  
 imaginação desatrançada, com o  
 horróroso quadro da natureza des-  
 ordenada. Havia já pento de hu-

ma hora que elle alli estava, quando sentio motim no fundo do subterraneo; elle escuta, chamão-no, elle conhece esta voz: não he hum sonho, huma fraca, e distante luz brilha a seus olhos. Será hum ardil? irá elle? seguirá esta voz que o póde levar para algum abysmo? Não importa, elle sente hum coragem sobrenatural que o eleva, e que o excita. — Quem quer que sejais, brada elle ao homem que traz a luz, e que elle não pode conhecer, quem quer que sejais, estou prompto a seguir-vos; porém que quereis de mim? Não lhe respondem; elle continúa a caminhar, e a luz se desvia cada vez mais. . . Que intrepidez em hum mancebo de dez-zoito annos! . . . He verdade que humaventura tão extraordinaria merecia ser profundada. Leandro julgando ver espectros tinha tremido . . . agora seguia hum homem! e a sua firmeza estava rea-

rimada. A illusão muitas vezes assusta mais do que a realidade.

Elle encaminhava-se sempre para o seu guia , e a distancia lhe embaraçava sempre distinguir a sua figura. O caminho que andou , durou perto de huma hora. Leandro notava mil bellezas nesta gruta; hum pequeno arroio serpejando por entre pequenos seixos , finalmente esta vasta gruta parecia mais obra da arte , que da natureza.

No fim da caverna o guia abriu huma porta , e desapareceo. Leandro conduzido pela claridade que vio atravez esta porta , continuou sempre o seu caminho , e a sua admiração crescia de tal sorte , que não lhe deixava faculdade para fazer reflexão alguma. Finalmente achou-se Leandro em hum soberbo Templo , cuja porta se fechou mal elle entrou : altas columnas de marmore negro sustentavão o tecto , donde pendia hu-

ma fúnebre alampada : sobre hum eça cercada de degrãos estava hum tumulto que tinha esculpido o retrato de hum mulher com hum menino no regaço. Leandro que contemplava todas estas maravilhas, logo conheceo que estes retratos erão das pessoas que jazião no tumulto. Porém que lugar fúnebre era este? onde estava elle? quem o tinha levado a este lúgubre templo? O seu guia desapareceo; elle estava só, e fechado, não via ninguem. . . . Já principiava a arrepender-se da sua demaziada confiança, quando se abriu hum porta. . . . Aparece hum velho respeitavel. Ceos! acreditará elle seus olhos? . . . He Candor, he elle mesmo! . . . Oh terra! porque te não abres para occultar em teu seio a vergonha, e os remorsos do desgraçado Leandro!

## CAPITULO IV.

*Sem titulo.*

**I**ngrato! lhe diz o velho, ingrato! onde estão as tuas promessas? que he feito dos teus juramentos? ... Prometteste viver, e morrer connosco, e abandonas-nos, foges de nós? ... Já vejo que a experiencia era superior ás tuas forças; eu bem desconfiava da instabilidade das tuas resoluções... Tu olhas para mim, eu vejo nos teus olhos a admiração que te causa o meu discurso; cessa o teu espanto; sabe que a inscripção da floresta, o desconhecido, a carta tudo era hum jogo, hum ardil da minha parte, para me afirmar dos teus sentimentos, e saber a confiança que havia fazer de

ti. . . . Agora estou satisfeito, já te conheço, já sei a conta em que hei de ter a tua amizade: tu bem me ensinaste, perfido! . . . conheço que perdi tudo no mundo, porque não me resta nem hum amigo. . . — Ah! meu Pai! exclama Leandro deitando-se-lhe aos pés; ah! meu generoso bemfeitor! . . . Sim, tendes razão, esta experiencia era muito forte para o meu coração. . . . porém se soubesseis que combates, que tormentos soffri! Ah! perdoai-me, perdoai-me, e acreditai que só a ternura filial se podia oppor á que me tinheis inspirado. . . .

Hia Candor a responder-lhe quando se abre hum porta; he Germano, e Claretta que vem abraçar com suas reprehensões o infeliz Leandro, já alienado com as do velho. O sensível mancebo abraça seus joelhos, banha-os com suas lagrimas, detesta o seu erro, testemunha o seu arrependi-

mento de hum modo tão tocante, que Pai, e filha são obrigados a ceder á piedade, á indulgencia, e mesmo á justiça; porque em fim elles não podião dissimular, que Leandro deixando-os na esperança de ver seu Pai não fizera mais do que ceder aos movimentos de hum coração virtuoso, e reconhecido: hum excesso de virtude era a sua ingratidão, a sua desculpa era a natureza. Candor não lhe queria dar a conhecer o seu modo de pensar; porém conhecia que tinha soffrido muito, e que as suas mesmas sem razões fazião o seu elogio: elle o abraçou, prometteo-lhe que se esqueceria de tudo, e depois fazendo-o assentar, e a Claretta nos degrãos do tumulto, fez-lhe este discurso, preambulo de suas aventuras.

— Leandro, se mandei Germano procurar-te á caverna do bosque, se elle te servio de guia

até aqui, sem que tu o conheces-  
ses ; se te recebo finalmente nes-  
te lugar fúnebre, he para te abrir  
o meu coração, e communicar-te  
hum grande projecto que conce-  
bi, e exigir do teu braço huma  
vingança, que o meu já gelado  
pelos annos, não póde tirar do  
inimigo cruel que causou todas as  
minhas desgraças : tu vês finalmen-  
te esta cova mysteriosa que te  
escondi até agora, e que encerra  
o deposito o mais triste, e o mais  
caro ao meu coração. Aqui mi-  
nha esposa . . . ella era culpada ;  
porém . . . meu filho . . . deixa cor-  
rer as minhas lagrimas . . . tu vês  
a sua imagem ; eis-aqui o seu re-  
trato : ah ! como elle era interes-  
sante ! hum monstro barbaro os  
sacrificou a ambos, este monstro,  
acreditallo-has, meu filho ? está á  
tua vista ; sou eu . . . sim, eu fui  
que os assassinei. . . O' vergonha !  
oh remorsos ! oh desesperação ! . .  
he possivel que a minha velhice

seja envenenada pela lembrança deste crime atroz? . . . Não, não intenteis consolar-me, meus filhos; as minhas lágrimas não lavarão já mais o sangue em que se ensoparão as minhas mãos.

O velho chorou algum tempo, socegou depois a pouco e pouco, e começou assim a narração de seus infortúnios, que a mesma Claretta ouvia pela primeira vez.

## O MARIDO

CONFIDENTE DO SEU RIVAL.

*Novella.*

Chamo-me Dorancé; meu Pai era Presidente do Parlamento de Grenoble; corpo sagrado, corpo respeitavel; que em todos os tempos deo prova de firmeza, e justiça. Logo na minha infancia me mandou para Paris a fazer os meus estudos debaixo da direcção de hum Mestre tão honrado, como illustrado. Foi no Collegio de Beauvais, que tomei o infeliz conhecimento com o perfido Cavalleiro de Duverly, rapaz, vivo, ardente como eu; o seu caracter pareceo sympathisar tanto com o meu, que em pouco tempo a nos-

sa amizade se tornou tão estreita, que não podíamos estar hum sem o outro : seus Pais são já falecidos , apenas hum tutor cuidava na sua educação, em quanto não tinha competente idade de lhe entregar os seus bens.

Não serei extenso na narração da nossa amizade , nem nas circumstancias que estreitarão os laços, baste-vos o saber que ao sahir do Collegio , convidei-o para que viesse passar algum tempo comigo para Grenobla em casa de meu Pai , ao qual tinha escrito muitas vezes elogios do meu amigo , e que elle desejava conhecer mais particularmente. Du-verly aceitou o convite com satisfação , porque então me amava , ou pelo menos eu tinha todas as razões de o crêr ; porém as paixões devião bem depressa mudar totalmente o seu coração perfido , e ahí espalhar as raizes de todos os vícios.

Meu Pai como bom, e generoso recebeu Duverly com cordialidade, e offereceo-lhe a sua casa para todo o tempo que elle se quizesse servir della. Duverly aceitou a sua offerta com reconhecimento, e eu agradeçi sinceramente a meu Pai: este entusiasmou-se de tal maneira pelo meu amigo, que nunca cessara de o elogiar, e de mo citar como hum modelo: nós destinavamos-nos para a magistratura, e Duverly mostrava muito mais gosto, e disposições do que eu: tambem cada vez era mais sério, e sombrio: já não tinha comigo aquella confiança, aquellas effusões da amizade, que tinha na infancia, achei-o em huma palavra mais frio, e reservado. O que me assustava, e o que via nelle como huma mudança manifesta parecia a meu Pai solidez de espirito, e huma sabedoria de character que achava admiravel. —

Vê, me dizia elle muitas vezes, vê, considera o teu amigo; elle não he ligeiro, alevantado como tu; he hum rapaz grave, sensato, que reflecte, que pensa, que tem character: cuida em conservar sempre a sua amizade, e seguir os seus conselhos, porque estou certo que tos não pôde dar máos. Ouvi meu Pai, e persuadido que não me enganava no que dizia de Duverly, a minha amizade para com este crescia cada vez mais, em huma palavra fazia tudo para recobrar a sua confiança, que me parecia ter perdido por minha culpa.

Tinha meu Pai intima amizade com a Baroneza de Mirsaugé, viuva de hum Official de Cavallaria, a qual tinha vindo havia alguns annos habitar em Grenoble com huma filha unica, rapariga adoravel, encantadora, e que eu não vi sem emoção. Todas as noites meu Pai, eu, e o meu ami-

co hiamos fazer a partida a casa da Baroneza, e a amavel Adelaide fazia de dia em dia no meu coração huma impressão tão forte, que bem depressa conheci a natureza dos meus sentimentos. Abri-me com Duverly, que espantado ouviu a minha confissão com huma especie de indignação que me horrorizou. — Que! me diz elle, que! tu amas Adelaide, tu! . . . e não te lembras Dorancé! esqueces-te que he de algum modo huma aventureira de que ninguem conhece a familia, ou os bens? Ella, e sua Mãe he verdade que fazem figura nesta Cidade; porém donde procedem ellas? quem são? ha tres annos que aqui estão; porém basta este tempo para se conhecerem bem pessoas, que talvez serão bannidas, ou expatriadas? Abre os olhos . . . Dorancé . . . vê o teu desvario . . . teu Pai nunca consentirá em tal; eu bem o conhe-

ço ; elle ha de querer fazer indagações , e se o não satisfizerem as informações , bem sabes . . . Além disso elle tem muita confiança em mim , e se me pedir o meu voto , confesso-te , quer te agrade quer não , que não o aconselharei a consentir em semelhante casamento. — Oh Ceo ! . . . que ! Doverly ! . . . — Não , tu pódes contar com isso , eu sou muito teu amigo para te abysmar no precipicio aonde te queres despenhar como hum cego ; hum dia tu me culparias de ser a causa da tua desgraça. — Da minha desgraça ! — Sim ; tu ainda não conheceste bem o character daquella menina ! — Oh ! conheço-a melhor do que tu. . . . — Pois eu conheço que he doída , altiva , imperiosa , e maldizente : confesso que tem espirito , mas hum espirito falso , máo , mordaz ; examinai-a bem , e di-ze-me depois . . . oh meu Dorancé , he possivel ! ah ! que se tu

soubesses o que me custa essa tua confidencia!... custa-me por amor de ti, porque se não fosses meu amigo, que me importava que fosse ella, ou aquella. . . . .  
Vamos, promette-me que has de seguir os meus conselhos, e vencer huma paixão insensata, que nunca deveria nascer no teu coração.

O discurso de Duverly enleou-me de tal sorte, que não sabia que lhe respondesse... Fiquei immovel, afflicto; hia quasi a derramar lagrimas, quando meu Pai, que entrou, interrompeo esta conversação, e nos levou ao tribunal onde se havia decidir huma causa interessantissima: erão dois esposos, que tendo-se unido por inclinação, e contravontade de seus parentes, no fim de seis mezes odiavão-se hum ao outro, e requerião hum desquite; dizião hum ao outro tantas injúrias, quantas finezas se tinham rendido

no tempo da namoração, e citavão de parte a parte factos tão atrozes, que indignarião a alma menos delicada.

Este quadro me fez horror, e Duverly que o percebeo, empenhou-se em augmentar a minha perturbação, tocando-me no hombro a cada citação dos advogados, e aterrando-me com os perigos de hum casamento mal succedido, que ambos os Letrados pintárão com igual energia.

Logo que cheguei a minha casa entreguei-me ás reflexões as mais crueis: eu não suspeitava no meu amigo motivo algum occulto que o obrigasse a desviar-me desta paixão, além disso meu Pai estimava-o, meu Pai fazia o maior caso do seu espirito, e do seu juizo; era huma razão para eu o crer cegamente. Com tudo de todas as desconfianças que tinha semeado no meu coração, nenhuma me parecia bem fundada; erão

suspeitas vagas, sem provas, e pouco de desconfiar. Que devia eu pensar de Duverly: a confissão do meu amor tinha-o sobresaltado; seria o interesse que tomava por mim que . . . sim, sem dúvida, era o interesse, era a amizade que o fazia fallar assim; talvez fosse demasiadamente tímido, e escrupuloso; porém isto mesmo fazia o elogio do seu coração: elle me era afeiçoado, amava, e respeitava meu Pai, e temia ver hum dia desgraçada hum familia, que elle estimava.

Contentei-me com estas reflexões, e protestei estudar Mademoiselle de Mirsange, e renunciar o meu amor se descobrisse nella os defeitos, que o meu amigo dizia lhe tinha achado.

Perguntava-me muitas vezes meu Pai como achava eu a bella Adelaide; não me affoitei a descobrir-lhe os meus sentimentos,

com medo de accender a sua cólera se algum dia se explicasse mais claramente. Dorancé, me diz elle, parece-me que a filha da Baroneza não te he indifferente; responde-me, meu filho, abre-me o teu coração, que talvez não te arrependas. — Meu Pai . . . — Tu a amas; vamos, falla . . . — Pois bem, sim, meu Pai, sim, amo Adelaide, sim, adoro-a, e ainda que vós me acabrunhasseis com todo o pezo de. . . — Acabrunhar-te! . . . que dizes tu? abraça-me, meu filho, tu satisfazes os meus desejos; os meus, e de sua Mãe . . . pois sabe que ambos desejavamos ver nascer este amor no teu coração. — Como! — Adelaide he tua; Adelaide será tua esposa; porém com humna condição. . . — Ah! dizei, meu Pai, com que condição? — He preciso que vás a Paris estudar o Direito, e pôres-te em estado de exerceres o meu cargo,

que te cederei quando contratares esta união — A Paris, e eu não poderei . . . fazer o mesmo aqui? — Podias, sim, mas não ha nada como Paris para instruir a mocidade; além disso vais recommerdado a Mr. Calezieux, o meu maior amigo, que he Conselheiro do Parlamento; e que ha de tomar todo o cuidado na tua educação; he hum Senador ancião cheio de espirito, e de luzes; vai para sua casa, meu filho, vai beber nos seus conselhos a sabedoria, e a prudencia necessaria a hum homem que se destina a julgar os seus semelhantes; e pois que tu me deves succeder; dá-me a satisfação de pensar, quando descer á sepultura, que deixo aos meus Concoidadãos hum Magistrado virtuoso, e justo: tu partirás á manhã com Duvrily, que te ha de acompanhar sem dúvida (porque Mr. de Calezieux vos receberá, e ambos com

hum igual prazer , porque assim mo mandou dizer ) e volta daqui a hum anno ; sim , em hum anno possuirás Adelaide , e satisfarás as esperanças da minha velhice.

Abracei meu Pai , e retirei-me transportado de alegria ; com tudo determinei-me a não fallar a Duverly no projecto deste casamento , receando se empenhasse em dissuadir meu Pai , e dei-lhe parte da nossa viagem para Paris. Conheci que esta noticia o contrariava muito ; fez-se pálido , oppôz-se por algum tempo , e retirou-se dando-me a conhecer que elle começava a sentir o pezo das cadeias da nossa amizade. Meu Pai por naquelle dia ter muitas occupações não teve tempo para lhe fallar no projectado casamento ; pediu-lhe que acompanhasse seu filho a Paris , e lhe servisse de Mentor : vós tendes hum espirito sólido , e profundo , meu querido Duverly , lhe diz elle ;

vigiai sobre meu filho ; dai-lhe sempre a vossa amizade, e os vossos conselhos , que lhe ordeno siga, e respeite como os meus proprios.

Duverly respondeo-lhe balbuciando , e notei que ficou triste todo o dia : á noite fomos fazer as nossas despedidas á Baroneza, e a sua filha ; esta me recebeo com muita frialdade , abaixou os olhos, e pareceo-me vêr que ella tinha chorado. Eu lhe fiz hum cumprimento, ao qual ella não respondeo. A sua frialdade affectou-me ; eu descobri facilmente que ella não me amava ; hum rumor involuntario lhe cobrio o rosto. A Mãe que percebeo a minha perturbação, apressou-se em o fazer cessar, abrindo-me os braços , e chamando-me seu querido filho. Ella me permittio o abraçar sua filha ; porém vendo que ella se esquivava ordenou-lhe com authoridade : Está bem ! minha filha ,

lhe diz ella . . . pode-se permittir isso a quem nos vem fazer a sua despedida . . . consolai esse pobre viajante , vêde quanto lhe custa o deixar-nos . . . prestou-se finalmente Adelaide friamente , e eu a abracei tremendo. A respeito de Duverly a Baroneza foi muito mais circumspecta ; porém a perfida Adelaide não fez a menor difficuldade em o abraçar , de que eu me admirei : talvez a timidez a fizesse acanhada comigo , era a consolação que dava ao meu coração.

Partimos ao outro dia pela manhã cedo , e durante toda a viagem vi Duverly triste , inquieto , e até de máo humor ; algumas vezes elle suspirava , levantava os olhos ao Ceo , e exclamava : Sou bem desgraçado . . . — Que tens , lhe perguntei eu ? — Nada , respondeo elle : sinto a minha saude desfallecer de dia em dia . . . sinto afflicções , palpi-

tações de coração que não me deixão socegar nem de dia, nem de noite. — Bom! são vapores. — Vapores, Senhor! . . . vós tratais isto de vapores! . . . he ser bem deshumano, bem duro! — Meu amigo, perdoai, não me parecia. . . Vós sois bem feliz! . . . tudo vos he bem favoravel, tudo vos sahe como quereis! . . . — A mim? . . . — A vós: tendes a saude de hum Hercules? . . . gozais das caricias de hum Pai, e de hum Pai adoravel? . . . eu, já não tenho Pai, nem ninguem no mundo. — Ninguem . . . quando tens hum amigo! . . . Duverly não respondeo nada a isto; recahia na sua melancolia; e o seu estado me consternou: he verdade que a sua saude se tinha realmente enfraquecido havia algum tempo; elle não dormia, não comia, e encaminhava-se de dia em dia em hum márasmo que o podia conduzir a alguma doença perigosa.

Havia dois mezes que estávamos em casa de M. de Calezieux, a qual era verdadeiramente para nós a casa paterna, quando Duverly cahio doente. Disserão-me os Médicos consultados, que aquelle mancebo tinha hum fundo de melancolia que o devorava, e que se não remediassem a sua origem, cedo se veria ás portas da morte. Julgai como eu ficaria ouvindo semelhante noticia, eu que amava Duverly, que julgava possuir a sua confiança! ter huma tristeza que me occultava! O meu coração sensível não pôde supportar esta idéa, resolvi pôr tudo em obra para lhe arrancar esse fatal segredo, e restituir-lhe a saude mesmo á custa da minha vida. Como eu passava regularmente todas as noites á cabeceira da sua cama, aproveitei-me de hum momento de socego, e solidão para lhe dizer estas palavras: Duverly, tu queres morrer, e occultar-me a

causa da tua morte!... Ah! que ultraje fazes ao meu coração!... se tu bem o conhecesses, se soubesses!... *confia-me as tuas penas*, meu querido Duverly, *confiai-ma*... se te posso resgatar a vida, se isto está na minha mão, fica certo que farei tudo. — Sim, Dorancé, tu podias... porém... — Falla, falla, eu to rogo! — O serviço que espero de ti póde ferir a tua delicadeza; temo... — Não importa; se to posso fazer sem saltar ás leis da honra, custe-me o que me custar, eu estou prompto a tudo!... — Oh! meu amigo, se eu estivesse seguro de ti; porém... — Duverly, Duverly... tu me affliges cruelmente... — Está bem, eu te vou confessar tudo... porém como o posso eu fazer?... ah! escuta-me, e perdoa se te occulto certas particularidades que... — Não me disfarces nada.... — He preciso que te esconda alguma coisa, não

por amor de mim ; porém pela  
pessoa que amo . . . — Tu amas ;  
tu ! . . . oh Ceo ! . . . tu amas . . . —  
Sim amo , morro . . . ouve-me ,  
ouve-me.

Reflexionou Duverly alguns instantes para armar na sua cabeça a Novella , que me hia contar. Ah ! meus amigos ! se me revelasse então a verdade , tudo estava acabado ; eu lhe faria o sacrificio de Mademoiselle de Mirsange , eu teria valor . . . e não teria experimentado a cadêa de infelicidades que elle me teceo , e que só com a minha vida acabarão.

Pois sabe , me diz elle , que no primeiro dia da nossa chegada a Grenobla fui visitar huma minha parenta , chamada Madame des Roches : nunca te fallei nella , pois he quem sabe o fio da minha desgraçada aventura , e quer que . . . hesitei a communicar-te este funesto segredo : encontrei em sua casa hum velho respeitavel , que

a viera visitar com sua filha de dezeseis annos: não, meu amigo, nunca viste tantos attractivos; viva, espirituosa, engraçada, não pude vêlla sem ficar por ella perdido de amores. Quando ella sahio affoutei-me a confessar á minha parenta a impressão que esta menina fizera sobre o meu coração: Guarda-te Duverly, me diz ella, de te entregares a esta fatal impressão.

Rosina depende de hum Pai rico, e ambicioso; hum Coronel que está agora nesta Cidade, aspira á sua mão, e a palavra de casamento está dada de parte a parte. — Oh Ceo! e Rosina, ama-o? — Não, infelizmente não tem nenhuma pendencia para este casamento; porém a vontade de seu Pai. . . — E faz-se com brevidade? — Não se sabe; o Coronel espera o consentimento da sua familia, que póde chegar á manhã, ou daqui a hum anno.

Confiou-me Madame des Roches muitas outras circumstancias, das quaes a mais agradavel para mim foi saber que Rosina vinha quasi todos os dias só a sua casa, onde estava horas inteiras; o Pai, continuou ella, tem comigo toda a amizade possivel, e nunca está tão contente, como quando sabe que sua filha está na minha casa.

Pedi a Madame des Roches que me permittisse ver em sua casa a minha bella Rosina, o que me negou primeiramente; porém ea a instei tanto com minhas lagrimas, e suspiros, que ella se enterneceu, e assentio. Tive pois a felicidade de ver todos os dias a minha bella amante, declarar-lhe a minha paixão, e vê-la sensivel ao meu amor. Que differença, proseguio o perfido Duverly, da minha Rosina, á tua Adelaide. . . Ah! se eu tivesse a liberdade que tu tens para a esposar! se seus

Pais ma dessem como a Baroneza te dá sua filha! . . . porém o Pai he hum homem duro, barbaro, infatuado com o seu Coronel, e que quer sacrificar Rosina ao interesse, e á grandeza! . . Ah! . . meu amigo, vês a barbaridade da minha estrella? . . . sou obrigado a perder a mulher a mais bella, e a mais amavel? . . . Ceos! como sou desgraçado!

Na vespera da nossa partida de Grenobla, partida que cruelmente me affligio, como o podeis pensar... eu a vi. Meu querido Duverly, me diz ella debulhada em lagrimas, não ha remedio, nós somos desgraçados para sempre... meu Pai declarou-me hoje formalmente, que era preciso que dentro de hum anno me determinasse a dar a mão de esposa ao Coronel que detesto, e aborreço... — Em hum anno! — Sim, o Coronel foi para a campanha, e quando voltar hei

de casar com elle. . . — Ah, minha Rosina ! que golpe ! — He horroroso , Duverly ; porém eu dependo de meu Pai , e he preciso. — Julga , Dorancé , julga da minha dor . . . então me rogou teu Pai te acompanhasse a Paris ; não pude resistir aos seus desejos , e parti . . . porém pensa como me seria agradável ficar em Grenoble . . . o meu rival já alli não estava , eu hia passar hum anno inteiro com a minha querida Rosina , com liberdade de a ver todos os dias . . . em casa de Madame des Roches . . . Ah ! como seria doce a minha sorte . . .

Calou-se aqui Duverly , e ainda que a confidencia que acabava de fazer-me feria realmente a minha delicadeza , e eu achasse Madame des Roches vil , e desprezível , não lho dei a conhecer para não aggravar seus males. Elle continuou desta maneira :

Partindo de Grenoble promet-

teo-me Rosina que me havia de escrever, e recebi com effeito humma carta della ha quinze dias. Esta carta, meu querido Dorancé, desfechou em mim o golpe da morte: ei-la aqui, eu ta vou ler, e por ella julgarás do meu infortunio.

Eu não conhecia, meus filhos, a letra de Adelaide, e como Duverly o sabia, não arriscava nada em ma mostrar; porém não me queria deixar ler, porque tinha intenção de mudar algumas expressões, que me podião abrir os olhos. Começou pois a sua leitura, que fez com toda a pausa.

Perdoa, meu querido Duverly, se te não tenho escrito ha mais tempo: Meu Pai, vigia-me sem descanso, e depois da partida do Coronel, nem ao menos me deixar ver Madame des Roches; porém, oh nova desgraça! . . . se soubesses que sacrificio exigem da pobre Rosina! meu Pai quer absolutamente metter-me em hum Con-

vento até que volte Monsieur... Coronel... Tenho retardado quanto me tem sido possível o momento deste funesto cativeiro... porém elle insta-me, persegue-me... se por fim hei de ser obrigada a consentir. Oh! escreve-me muitas vezes, querido amante! que he a unica consolação que póde haver para a tua *Rosina*.

Esta carta (continuou Duverly) esta cruel carta, pela qual soube que a minha querida Rosina hia ser encerrada por todo hum anno em hum escondido retiro, onde vi que me seria impossivel até escrever-lhe; esta fatal carta baralhou a minha razão, a febre inflammou o meu sangue, hum transporte furioso abalou o meu cerebro, eis-aqui, Dorancé, eis-aqui a verdadeíra causa da minha doença.

Quando acabou de fallar notei em seus olhos hum tão grande fogo, que vi não era tempo de lhe

dar conselhos. Com tudo elle podia-os receber bem adequados ; porque qual podia ser o fim deste amor , de que eu não conhecia o verdadeiro objecto ; e esta Madama des Roches, que se prestava a huma intriga tão vergonhosa ? Hum caracter semelhante me indignava ? . . . Ah ! se eu soubesse que se tratava da minha Adelaide, que esta carta que me lera era sua, que este Coronel, este pretendido rival era eu mesmo, que seria de mim ? grande Deos ! . . . Porém a sua fabula era tão bem concebida , tão disfarçada ! Além disso tinha dito tanto mal de Mademoiselle de Mirsange , que parecia impossivel fosse ella : semelhante cousa nem se quer me veio á idéa , e se eu nesses termos vos não tivesse prevenido, tão pouco adivinharieis este enigma. Quanto a Madama des Roches , não era parenta de Duverly , como elle dizia, mas huma destas vis mensa-

geiras, que por gosto armão semelhantes intrigas, e que a mocidade acha em toda a parte para servir nas suas desordens. Não cuideis com tudo que a sua casa fosse hum lugar de depravação, era apenas hum lugar cómodo para se fallarem dois amantes. Madame des Roches era huma mulher de meia virtude, que de boa vontade se prestava a intrigas, cujo fim não ferisse a delicadeza senão até hum certo ponto. Meu Pai, e a Baroneza de Mirsange ignoravão absolutamente que Adelaide conhecesse esta mulher. Duverly era quem tinha procurado esta casa, onde Adelaide sabia procurar occasião de ir para se entreter algum tempo com o seu amante.

Todas estas particularidades, meus filhos, não as sube infelizmente senão muito tempo depois; porém quero-volas contar para que saibais até que ponto fui engana-

do. Prestai-me toda a vossa attenção; vós ides conhecer a trama a mais perfida, e a mais bem urdida, que jámais se imaginou, para abusar da boa fé de hum homem de bem. Meu amigo, digo eu a Duverly, a vossa situação he bem cruel... agora conheces que ninguém póde com o amor, e já não pódes deixar de me escusares se amo, se adoro a bella Adelaide, a pezar dos teus sábios conselhos, e dos defeitos que lhe achastes. — Vós ainda a amais, me diz elle com vivacidade... sim, continuou elle, socegando, sim, tendes razão... agora o conheço... e ainda que ella nunca me encantaria, conheço, como dizes, que tudo se rende a amor. . . . Meu querido amigo, bem vês que eu não posso escrever, faze-me o favor de responder a esta carta . . . eu ta vou dictar; toma papel, e pena.

Fiquei algum tempo indeciso

no partido que havia de tomar; porém elle pedia-me . . . elle estava expirante . . . que partido havia eu tomar? . . . Cheguei humameza para o pé da cama, e elle me ditiou a carta seguinte:

“ Oh ! que males me causou  
” a tua carta , minha doce ami-  
” ga . . . tu em hum Convento ! . . .  
” tu esposa daqui a hum anno do  
” meu rival . . . que rival , . . co-  
” mo he formidavel . . . Se soubes-  
” ses . . . não importa , nós nos  
” amamos , só a morte he que  
” nos póde desunir . . . Com tudo  
” os obstaculos que se nos oppõe,  
” puzerão-me no risco de acabar  
” a vida. Estive ha poucos dias  
” reduzido á ultima extremidade ,  
” porém hum amigo sincero , hum  
” amigo , cujo coração he excel-  
” lente me restituiu a vida. Eu  
” lhe confiei a vossa intelligen-  
” cia , he hum outro eu mesmo ,  
” elle participa de meus males ,  
” e dos vossos , sem vos conhe-

„ cer... elle he quem traça estes  
 „ caracteres, exercício com que não  
 „ póde a minha mão debilitada.  
 „ Sim, quando receberes esta car-  
 „ ta, oh minha amiga! pensai em  
 „ mim, nelle, e reconhecei as ex-  
 „ pressões do amor escritas pela  
 „ amizade.

„ Se o termo dos meus males  
 „ se aproxima, se o Ceo me res-  
 „ titue bem depressa a saude, eu  
 „ irei secretamente a Grenobla,  
 „ eu. . .

Aqui o interrompi para lhe per-  
 guntar o que elle entendia por  
 isto; porém elle me pediu que  
 continuasse, promettendo-me ex-  
 plicar-me depois esta frase que  
 me tinha demorado.

„ Eu hirei a casa de Madame  
 „ des Roches, onde estarei es-  
 „ condido algum tempo: ahi eu  
 „ te verei, e jurarei mil vezes o  
 „ amor o mais terno, e o mais  
 „ constante. Oh minha amiga!...  
 „ esta esperança me faz renascer...

„ os meus males se apagam... eu  
„ penso em ti , eu já não sof-  
„ fro. . . ”

Duverly com muito custo assignou seu nome , depois dobrei, e fechei a carta, e elle me dictou este subscrito :

“ A Madame des Roches ,  
„ Rua Perriere , em Grenobla. ”

Parecia que hum balsamo saudavel se tinha ensinuado nos seus sentidos , seus olhos recobrarão a serenidade , as suas faces se colorisárão , apertou-me a mão com sentimento : meu amigo , me diz elle , não he este o unico serviço que espero de ti ; pódes restituir-me a vida ; porém he preciso que me promettas debaixo de palavra de honra , fazer o que vou exigir de ti : deixa-me ir a Grenobla , eu estarei lá escondido ; verei a minha Rosina , e serei feliz ; durante este tempo , quando escreveres a teu Pai , dize-lhe que estou melhor , que trabalhamos juntos :

&c. até vos mandarei cartas para elle, que lhas enviareis juntas com as vossas: meu amigo, dá-me a vida, dá-me a vida, que tão pouco te custa? . . .

Este projecto indignou-me, e neguei-me a elle claramente: havieis de ver o perfido chorar, gemer, supplicar-me, até cabir em hum desmaio, que me fez temer pelos seus dias. Desgraçado, disse eu comigo mesmo! que paixão! que frenezim! Ah he hum insentato, que he necessario salvar de si mesmo. Porém se meu Pai souber que elle está em Grenoble, se conhecer que o enganei . . . estou exposto a toda a sua cólera. . . Não importa, deitar-me-hei aos seus pés, pintar-lhe-hei o estado em que estava o meu amigo, confessar-lhe-hei a minha fraqueza, e elle me perdoará; além disso Duverly não he meu escravo, he senhor das suas acções, com que direito o quero eu contrariar? Se

he huma imprudencia minha , he huma imprudencia , que lhe salva a vida... Sim, Duverly, farei tudo o que quizeres , exclamei eu, vive , que essa será a minha recompensa.

O moribundo ouvindo estas palavras, abraçou-me, chorou, rio, enternecio-se, e dormio; deixei-o ao amanhecer , e cuidadoso em cumprir a minha palavra fui pessoalmente deitar a carta na posta.

Não vos admirais da minha condescendencia, meus filhos? ... Pois ainda não visteis tudo , daqui a pouco ver-me-heis fazer hum papel... hum papel, de que me envergonharei toda a minha vida, e que bem prova a minha imprudencia! porém continuemos.

Achou-se o Cavalleiro Duverly restabelecido no fim de oito dias : he inutil dizer-vos quantas vezes, durante este tempo , me fallou do seu amor , e dos prazeres que hia gozar em Grenobla...

Finalmente sem esperar ao menos o termo da sua convalescença, abraçou-me, e partio, dizendo a Mr. Calezieux, que hia a Auvergue embolçar-se de huma herança, e que voltaria o mais tarde em dois mezes: he escusado, lhe disse elle, mandar dizer isto a Mr. Dorancé Pai; como elle me confiou a conducta do seu filho, talvez se escandalise de o perder de vista por algum tempo; porém elle já não he criança, e além disso em que casa mais respeitavel podia ficar do que na vossa... não vos tendes mostrado hum verdadeiro Pai para com elle? convosco póde passar bem sem Mentor.

Mr. Calezieux, cujo amor proprio se via lisonjeado, prometteo que não participaria nada a meu Pai, e Duverly partio, prometendo-me que me mandaria dizer todas as suas penas, e successos, e recommendando-me que lhe res-

pondesse com subscrito a Madame des Roches.

Estive algum tempo sem receber noticias suas, até que no fim de dois mezes recebi esta carta:

“ Acreditarás, meu amigo...  
” que eu seja o mais feliz de to-  
” dos os homens! Rosina ama-  
” me... mostrou tanta repugnan-  
” cia para o Convento, que seu  
” Pai não constrangeo a sua von-  
” tade; porém vigia-a cuidadosa-  
” mente. Ha mais outro espia,  
” amigo da casa, e Pai do Coro-  
” nel, que sempre a acompanha  
” como a sombra... a pezar dis-  
” so o amor sabe illudir os Ar-  
” gos de Minerva... Rosina vem  
” de tempos em tempos a casa de  
” Madame des Roches, onde es-  
” tou escondido depois da minha  
” chegada. Ainda ninguem me vio  
” nesta Cidade; a casa da minha  
” parenta he verdadeiramente hu-  
” ma hermitagem, onde se achão  
” todas as commodidades da vida

sem ser preciso sahir fóra : alli  
se podem gozar dos prazeres  
do passeio em hum jardim de-  
licioso , ornado de pequenos  
bosques, de gabinetes de ver-  
dura . . . gabinetes de verdura !  
não posso proferir este nome ,  
sem me lembrar da felicidade  
de que gozei hontem ! . . . atre-  
ver-me-hei a fazer esta confi-  
dencia ao meu amigo ? a sua  
delicadeza não se aggravará ? . . .  
Não ! como ama , ha de des-  
culpar os erros que o amor faz  
commetter . . . Hontem estando  
eu com Rosina em hum des-  
tes lugares tão agradaveis , co-  
mo perigosos ; o amor vendan-  
do a razão venceo a resistencia  
da minha Rosina . . . e eu . . .  
alcancei a victoria . . . mas hu-  
ma victoria cruel ! . . . pois que  
arranca agora a Rosina lagri-  
mas , e a mim pesares . . . Oh  
meu amigo ! dá-me toda a tua  
eloquencia para consolar a bel-

» leza que seduzi! Restitue-me a  
» minha innocencia para chamar  
» o pudor que affugentei , para  
» restituir a virtude que maculei  
» o seu preço , e o seu esplendor. . . Rosina , acusa-me agora  
» da sua desgraça . . . como ha de  
» agora dar a mão ao seu esposo . . . como ha de accender os  
» fachos do hymeneo , depois de  
» ter abandonado tudo ao amor! . .  
» Taes são os motivos da sua desesperação , esta he a causa do  
» meu remorso : lamenta-me , Dorançé , escreve-me , e aconselha-me.

« Não posso acabar esta carta  
» sem te fallar na tua Adelaide :  
» dizem que ella se torna cada  
» dia mais feia , e parece atormentada de huma tristeza , cuja causa he desconhecida : o seu  
» fysico está tão apertado como  
» o moral ; vai-se fazendo desenhada , desconfiada ; tão maligna ; trata a todos mal . . . ami-

» go , não te posso censurar de  
» a amares ; porém senão és cor-  
» respondido , como és infeliz.  
» Adeos. »

Ao ler esta carta córei do papel que tinha representado nesta intriga : sim , disse eu comigo mesino , eu sou o author deste crime , eu o sou . . . senão consentisse na jornada de Duverly , veria elle a sua Rosina ? seduziria a sua mocidade , e a sua virtude ? imprudente ? o que fiz ? não conhecer eu o Coronel , que ha de casar com ella ? . . . hiria confessar-lhe o meu erro , descobrir-lhe a offensa feita á sua honra , finalmente embaraçar que hum homem de bem seja enganado com tanta aleivosia : eu hei de conhecello , hei de fallar-lhe , elle ha de saber tudo : não quero ser culpado da desgraça de seus dias . . . que digo ? agente vil do Commercio mais vergonhoso devo callar-me , e sepultar esta intriga infame na

noite a mais profunda , e arre-  
pender-me toda a minha vida de  
humã conducta , que fere igual-  
mente as regras da honra, e as da  
virtude.

Respondi a Duverly , mas em  
hum tom muito sério , dando-lhe  
a conhecer os seus crimes , e a  
baixeza do papel que me fazia  
representar: roguei-lhe que procu-  
rasse outro confidente , e acabei  
pedindo-lhe, que não me tornasse  
a fallar em hum intriga , onde  
me envergonhava de me achar com-  
prehendido.

Não sei a impressão que lhe  
fez a severidade da minha carta;  
estive quatro mezes sem receber  
noticias suas , e no fim deste tem-  
po tive a dor de saber por Mada-  
me de Mirsange , que meu Pai  
acabava de morrer . . . . fui logo  
para Grenoble , onde achei o la-  
to , e a consternação na casa pa-  
terna. Como os parentes que ti-  
nha nesta Cidade erão afastadissi-

mos, determinei-me a deixalla logo que desposasse Mademoiselle de Mirsange, para o que a sua Mãe, fiel ao ajuste que fizera com meu Pai estava prompta.

Cuidava eu achar em Grenoble o meu amigo para me consolar, e tomar parte em meus males; julgue-se qual seria a minha admiração não ouvindo se quer fallar nelle; fui ao sitio onde morava Madame des Roches, em cuja casa sabia que elle estava, onde soube com extremo espanto que ella tinha sahido de Grenoble havia oito dias, e que se ignorava o lugar que havia escolhido para seu domicilio. Lembrou-me logo que Duvérly, e a sua infame complice terião roubado esta infeliz Rosina, e que o meu amigo não me teria participado este acontecimento receando ouvir da minha parte novas reprehensões; porém o que muitas vezes me confun-

dia, era ninguém da Cidade conhecer Rosina, nem seu Pai: he verdade: que como eu não sabia o nome do velho, não podia fazer sobre esta familia indagações certas.

Finalmente o meu amigo tinha desapparecido; quebrando os laços da nossa amizade; chorei-o por algum tempo, mas reflectindo na perversidade de seus costumes, esforcei-me pelo esquecer o que consegui: tanto he verdade que o vicio he tão odioso aos corações justos, e virtuosos, que perde nelles toda a consideração.

Eu via todos os dias a minha futura esposa, e achei-lhe com effeito o caracter que Duverly me pintára na sua carta, *desenxugada; desconfiada; impertinente*; finalmente tinha todos os defeitos; com tudo sua Mãe, em cuja presença ella se constrangia, exigia que casasse comigo: como

era a ultima vontade de meu Pai; determinei-me a satisfazella; porém sem amor, ou pelo menos com hum amor que afracava todos os dias; eu não fazia se não ceder á vontade de Madame de Mirsange, a hum certo interesse que me parecia anteaver, ou para melhor dizer á fatalidade da minha estrella, que me empurrava para o precipicio, e que absolutamente me queria submergir. Muitas vezes querendo sondar os seus sentimentos, conhecia que se me não tinha inclinação, tambem não tinha repugnancia alguma em casar comigo; finalmente tudo me enleou, e induzia. Chegou o dia da fatal cerimonia, conduzia-a ao altar, ~~sem~~ <sup>com</sup> alegria, nem tristeza; porém com huma inquietação de que não podia dar a razão: voltando para minha casa, minha esposa pedio-me a mim, e a sua Mãe huma conversação particular, nós lha concedemos,

e a vimos com espanto, deitar-se aos nossos pés, e fazer-nos este discurso singular: — Minha Mãi, vós me obrigasteis a casar com o Senhor . . . . sabeis os combates que tive, e quantas vezes me repelisteis do vosso seio: peço-vos pelo que ha mais sagrado, que me deis tempo para o conhecer, apreçar, e fazer-me digna da ternura, e do amor que me tem . . . peço-vos dois mezes; permittime que me retire para S. Marcellino para casa de minha tia De Reigny: alli farei todos os esforços para corresponder ao amor de hum homem, que não merecia encontrar em mim tanta ingratidão. Oh minha Mãi! . . . e vós, senhor, concedei-me esta graça; prostrada aos vossos pés vo-la imploro, ah! não ma negueis.

Madame de Mirsange vai desfazer-se em reprehensões, e ameaças contra sua filha; porém eu

estava tão commovido , a prohibidade fallava com tanta força ao meu coração , que me pareceo crueldade negar-me a huma súplica , na verdade singular , porém de que parecia depender a vida da desgraçada Adelaide : ajuntei as minhas ás suas súplicas para obter o consentimento de sua Mãe , que cedeo finalmente , porém enchendo sua filha de maldições , e jurando-lhe que nunca mais a tornaria ver. Senhor , proseguio ella , ella he vossa , eu já não tenho direito sobre ella , conduzi-a como vos parecer , da minha parte não quero já mais ouvir nem o seu nome . . . o nome de quem faz a desgraça da minha velhice !

Madame de Mirsange deixou-a logo , e nem ao menos lhe quiz dar carta para sua irmã : eu estava tão perturbado como ella : dei-lhe hum criado de conhecida fidelidade , e ella partio no mesmo

instante com huma criada para S. Marcellino. O criado voltou no outro dia , e deo-me huma carta de Adelaide , onde me agradecia a licença que lhe tinha concedido , e me affirmava que huma acção tão generosa já mais sabiria da sua lembrança , e que já começava a ganhar-me a posse do seu coração.

Eu que acabava de casar , e me via sem mulher demorei-me ainda hum mez em Grenoble , no fim do qual tive o infortunio de perder minha sogra : a conducta de sua filha , da qual não conhecia certamente toda a infamia , talvez o pezar de ter forçado a sua vontade , tudo isto lhe causou huma doença violenta , de que morreo sem querer ver minha esposa , nem perdoar-lhe nos ultimos tranques. Desde então a habitação de Grenoble se tornou para mim insipida ao ponto de me determinar a partir para Paris ; porém

quize primeiro passar por S. Marcellino ; para ver minha esposa , e fazer diligencia para ella vir comigo ; em consequencia do que lhe escrevi ; participando-lhe a morte de sua Mãe , o meu projecto , e pedindo-lhe me acompanhasse para Paris.

Mandei-lhe esta carta , arranizei alguns negocios que tinha em Grenoble , e parti para S. Marcellino. He tempo , meus filhos , de vos inteirar da conducta de minha esposa , e do perfido Duvrily.

Apenas elle soube a minha chegada a Grenoble , no tempo da morte de meu Pai , determinou-se a ausentar-se logo da Cidade , temendo as minhas suspeitas ; além disso estando eu presente não podia ver com tanta facilidade a culpavel Adelaide , e ser-lhe-hia difficulosissimo proseguir a intriga da imaginada Rossina : em consequencia disto feito

o conloyo entre Adelaide , Madame des Roches , Duverly , assentárão que ellas ambas hirião para S. Marcellino , comportando-se Adelaide da maneira que vos disse , contando-vos o meu casamento. Madame des Roches mulher insinuante , e ardilosa , assim que chegou a S. Marcellino mudou logo de nome , e fazia passar Duverly por seu filho , e ambos tinham ligado tão estreita amizade com Madame de Reigny , que passavão dias inteiros com ella , e habitavão quasi na mesma casa. Adelaide que veio augmentar esta sociedade , contou a sua tia que sua Mãe a constrangêra a casar , e que pelos nossos caracteres não poderem sympathisar , ambos lhe permittiram os ir passar algum tempo em sua casa , até que forçando a sua repugnancia , se decidisse a accommodar-se aos seus deveres. A boa tia era idosa , facil , crédula , es-

teve por tudo, e fez conhecer a sua sobrinha. Madame de Raymond, (até era nome emprestado de que usava) e seu filho, como duas pessoas que estimava infinitamente. Deste modo estas tres creaturas despreziveis se entregavam á sua intemperança, á vista de huma tia respeitavel, que longe de suspeitar este enredo, lhes dava toda a liberdade de se verem, e fallarem.

Com tudo a minha carta causou alguma desordem a este criminoso trio. Duverly ausentou-se precipitadamente, e minha esposa, cuja (terei animo de o dizer) cuja prenhez estava muito adiantada, pôz-se de cama, fingindo todos os symptomas de huma doença grave. Neste tempo cheguei eu, e achei á sua cabeceira Madama Reigny, e a perfida des Roches, que eu só conhecia de vista. Ah! exclamou esta, pobre menina! assim que soube a morte de sua

Mãi, logo se apossou della a febre, e o delirio: debalde sua tia; eu, e meu filho, nos temos esforcado pela consolar; só se alegrar á noticia da vossa vinda: tornarei a ver meu esposo, disse ella, elle me perdoará, e eu morrerei contente!

Ouvindo este discurso da perfida des Roches, cheguei-me á cama de minha esposa, e disse-lhe: minha querida Adelaide, parece-me que tens visto, que a minha vontade não he tyrannisar-te.... quizeste vir estar algum tempo com tua tia, e eu o consenti; finalmente já não tendes Mãi, e só te resta hum consorte terno, e fiel... acompanha-o a París, aonde quer fixar a sua habitação, e fica certa de que o cuidado de te fazer feliz será daqui em diante a sua mais doce occupação.

Com debil voz me respondeo Adelaide que conhecia todas as suas sem-razões para comigo, que

a sua tenção era reparallas ; porém que me supplicava lhe permittisse o entregar-se ao menos tres mezes , ao pezar de ter perdido a mais querida das Mães , e que no termo deste tempo me promettia dispôr-se a concordar com todas as minhas vontades. Já não he a indifferença , continuou ella , quem me dicta esta linguagem... não, não, meu querido Dorancé ; o vosso procedimento, e a vossa generosidade já me desengandráo dos meus erros, erros, que por tão grandes jámais atos perdôareis: parti, querido esposo, parti, e em tres mezes tornareis a ver Adelaide , não ingrata , e injusta ; porém esposa submissa, terna, e sensivel, e que toda a sua vida não será assás para expiar os seus crimes para convosco...

Parecer-vos-ha , meus filhos , que Adelaide fallava assim contra o seu modo de pensar , não, ella era sincera , a minha docu-

ra, e a minha generosidade não-lhe agradado; arrependia-se de seus crimes, e projectava viver dalli em diante nas leis as mais exactas da decencia, e da probidade; porém como se achava pejada de oito mezes, desejava ver-me partir, temendo ter-me por testemunha da sua infamia, e da minha deshonra. . . Que lagrimas ella chorou! se a visseis, meus filhos, mover-vos-hia a compaixão; eu que ignorava a sua verdadeira causa, fiquei tão enternecido, e penetrado da sua dor, que me cheguei a ella para a consolar, e abraçar. — Não, exclamou ella arremecendo-me de si, não esposo estimavel, eu não sou digna. . . a minha conducta para convosco. . . . ah! reservai estas ternas caricias para tempos mais felizes. . .

Madame des Roches immovel a esta scena, não sabia se Adelaide fallava sinceramente, ou se fazia pa-

pel de comedia ; a boa tia chorava algumas lagrimas , e dizia : pobre gente ! . . . como são interessantes ! . . . meu querido sobrinho ! . . . minha rica sobrinha ! . . . Se Raymond estivesse agora aqui ! . . com a sua maldita jornada perdeu huma bella scena , hum bom exemplo ! . . . he hum bom rapaz , elle ha de ter os mesmos sentimentos para sua mulher , e eu hei de casallo , &c. , &c. A des Roches fazia-lhe signaes , e de boa vontade a déra a todos os diabos. Ainda que eu não conhecia este Raymond , ella temia que eu o adivinhasse : os criminosos são sempre tímidos , e temem que o mais pequeno indicio os descubra , ao ponto de declararem com o seu susto , o que tanto cuidão em esconder.

Demorei-me ainda dois dias em S. Marcellino ; minha esposa que melhorava , e piorava quando lhe parecia , apressou o seu

NO LEANDRO,

restabelecimento, e vendo-a em  
em boa saúde parti para Paris;  
onde cheguei, e fui morar para  
a rua de Santo Honório; hum  
mez depois da minha chegada re-  
cebi hum carta de Duverly con-  
cebida nestes termos, que me es-  
pantou sobre maneira.

« Desculparás, meu caro Do-  
» rarcó, o meu silencio, quando  
» te disser as razões? Dias antes  
» da morte de teu Pai, o da mi-  
» nha Rosina descobrio a minha  
» intriga com sua filha. Depois  
» de lhe dar as reprehensões as  
» mais fortes, determinou-se a  
» deixar Grenoble, e tomar hu-  
» ma casa na Aldêa d'Oysans,  
» que, como sabes, he muito  
» perto da Cidade. Madame des  
» Roches deu-me esta noticia,  
» que me aterrou: o Pai ameaça-  
» va-me que me havia de tirar a  
» vida se algum dia me encon-  
» trasse. Que havia eu fazer?  
» Apoderou-se a desesperação de

21 meus sentidos, propuz á mi-  
 22 nha parenta que fôssemos via-  
 23 jar, ella condescendeo, e par-  
 24 timos. Não to participei lo-  
 25 go . . . porque estava tão per-  
 26 turbado! . . . Tinhas-me dito que  
 27 te não tornasse a fallar mais  
 28 nos meus amores; a tua seve-  
 29 ridade, hum encadeamento de  
 30 desgraças . . . em fim perdoa o  
 31 meu silencio, que interrompo  
 32 para te supplicar que recebas  
 33 em tua casa hum amigo des-  
 34 graçado; que em pouco tempo  
 35 irá a Paris morrer de triste-  
 36 za. . . A minha Rósinha vai ca-  
 37 sar com o Coronel; porém pre-  
 38 sentemente . . . estádois confes-  
 39 sallo-hei! a infeliz está peja-  
 40 da! . . . Não sei o que hei de  
 41 fazer para que seu Pai o não  
 42 saiba . . . eu perco a cabeça,  
 43 certamente a perco! Aconse-  
 44 lha-me; he a ultima graça que  
 45 te pede hum desgraçado ami-  
 46 go que reconhece os seus ex-

» ros, e que jura não os tornar  
 » a commetter, se o deixares vi-  
 » ver ao teu lado, debaixo dos  
 » teus olhos, e fortificado com  
 » o teu exemplo. . .

« Has de-me escrever com o  
 » sobscrito: a Mr. Pirlet, na Al-  
 » dea d'Oysans. »

Li muitas vezes esta carta, e a piedade entrou no meu coração: hia responder-lhe, que com boa vontade o receberia em minha casa, quando recebi huma carta de minha esposa, em que me dizia, que estava perfeitamente restabelecida, e que os tres mezes que me tinha pedido lhe parecião muito compridos longe de mim . . . que esperava verme dentro em seis semanas, e que faria todos os esforços por me agradar.

Esta carta transportou-me de alegria, e de tal sorte me arrebatei, que não me lembrou escrever a Duverly. Hum dia em

que me lembrei d'elle , e que até  
 me dispunha a responder á sua  
 carta, veio dizer-me o meu crea-  
 do , que estava alli hum campo-  
 nez , que me queria fallar logo,  
 logo : mandei-o entrar , e per-  
 guntando-lhe o que me queria ,  
 sem me responder entregou-me  
 huma Carta , que logo conheci  
 ser de Duverly.

“ Caro Dorancé , como rece-  
 „ berás a súpplca que te vou fa-  
 „ zer ? Far-me-has este serviço  
 „ assignalado ? ... Finalmente sou  
 „ Pai . . . Rosina deo á luz huma  
 „ menina. M. Pirlet, meu amigo,  
 „ trouxe o velho para o campo ,  
 „ e deixou Rosina encarregada a  
 „ Madama Pirlet . . . neste tem-  
 „ po . . . não te digo mais na-  
 „ da . . . finalmente esta menina  
 „ he preciso occultalla a seu avô,  
 „ e ao Coronel que está a che-  
 „ gar . . . Eu só tenho hum ami-  
 „ go , eu lha envio , recebe-a ,  
 „ Dorancé , recebe este penhor

» do amor o mais terno!... E se  
 » o teu coração por delicadeza  
 » se negar ao que exigo da tua  
 » humanidade, entrega-o a esses  
 » asylos, abertos para as victi-  
 » mas da sua idade, abandonados  
 » por indigencia, ou ciume! Oh  
 » Dorancé, lembra-te da intimi-  
 » dade da nossa infancia... soc-  
 » corre o teu amigo... que de-  
 » vendo-te a felicidade, dever-te-  
 » ha mais do que a vida. »

Fiquei commovido a huma pro-  
 posição tão singular... onde está  
 esse pobre innocente? — Senhor,  
 está no vosso pateo! — No meu  
 pateo, que escandalo! que inde-  
 cencia! que quer que lhe faça?...  
 imprudente!.. — Dizei-o vós: irei  
 daqui á roda dos engeitados, e já,  
 isso he hum instante. — Esperai...  
 que situação! que embaraço!...

Na incerteza do partido que  
 havia de tomar, entra huma mu-  
 lher com huma criança ao colo,  
 e deita-na nos braços:ahi o ten-

des, Senhor, tereis animo para o desamparar! — Como! se terei animo? elle não he meu! não me he nada!... Pobre innocente? chorava, olhava para mim (porque já havia de ter pelo menos quinze dias) finalmente enterneci-me, tomei conta delle, e disse á mulher, que era a ama que ficasse para o crear. — Senhor, me disse ella, esta menina ainda não está baptisada. — Está bem, lhes respondi, eu serei seu Padrinho, e vós Madrinha; porém que côr hei de dar a esta aventura?... que pensarão de mim? — Dizei que he humma creança abandonada que adoptasteis.

Seguindo o seu parecer fui ter com o Paroco da Freguezia, a quem contei o caso; tal qual me succedera: este digno Pastor recebeu a minha confissão com sensibilidade, e nesse mesmo dia foi a creança baptisada. Puz-lhe o nome de Claretta Adelaide de Duverly, de-

pois do que cuidei na criação, e o perfido amigo, que me mettee em tantos enredos esteve seis annos sem me dar novas suas.

Aqui foi a narração de Candor interrompida por Claretta, que deitando-se em seus braços debulhada em lagrimas; exclamou; ah! meu Pai! ah! . . . . Senhor! não sei que nome vos dê. . . Eu vejo. . . eu sou essa menina desgraçada! . . . como me não arremeças-tes do vosso seio? Oh Ceo! que bondade! que generosidade! . . . . Sim, Claretta, lhe torna Candor, sim, tu és o fructo da traição a mais infame! . . . Vê como he desprezível aquelle que te deo a vida; porém tu devias soffrer, e padecer o castigo do crime? Ah! e o teu crime he o teu nascimento; crime que bem tens expiado pela tua doçura, e docilidade para hum barbaro . . . que . . . não a merecia! Ouve, escuta, e treme já do que vais saber?

He necessario que primeiro vos explique o motivo que induzio Duverly, e minha esposa para me mandarem este fructo do seu criminoso amor. Adelaide tocada da generosidade de minhas acções, estava arrependida, os remorsos atormentavão o seu coração. Depois da minha partida de S. Marcellino, tratou Madame des Roches com as maneiras as mais asperas. Sim, lhe disse ella, perfida amiga, vós me precipitastes no abysmo, e quem me ha de agora salvar? quem me ha de tornar digna de hum marido generoso? desgraçada Adelaide que fizestes? Cahistes nas desordens mais infames por hum caminho na apparencia esmaltado de flores, e não podes levantar-te senão por caminhos herissados de espinhos! . . . infame Duverly! . . . que me seduziste, que enganastes hum amigo! e que amigo! oh Ceo! que não possa esconder-me de mim mesmo!

Madame des Roches admirada avisou Duverly desta mudança; este esperançava-se em recobrar o coração de Adelaide; porém a sua esperança foi vã: minha esposa inflexível ameaçou o traidor, que lhe havia de tirar a vida, se se atrevesse a tornar a apparecer á sua vista. Não exigio d'elle mais do que mandar á sua filha para Paris, para casa de seu esposo. Verei, dizia ella, verei este pehor do meu crime, e a sua presença me lembrará a cada passo os meus erros, e a conducta que devo observar, para os expiar, e fazer-me digna do homem o mais estimavel, e generoso. Condescendeo Duverly, mas nunca pôde determinar Adelaide a consentir que elle viesse habitar conosco: esta mulher, cujo amor para este malvado se converteo em odio lho prohibio expressamente, ameaçando-o que revelaria tudo a seu marido, se tivesse a audacia

de ir perturbar a harmonia da sua casa, em consequencia disto, depois de ter escolhido huma ama, e hum confidente seguro, me mandou a creança da maneira que vos contei, e bem persuadido que Adelaide executaria o projecto que formára, expatriou-se voluntariamente, e esteve perto de seis annos sem me dar noticias suas.

Huma só cousa me dava cuidado, que era não saber como havia de apresentar aquella menina a minha esposa, sem lhe dar suspeitas injuriosas para mim. Que pensaria minha esposa do cuidado que eu tinha nella? Que côr havia de dar a esta minha imprudencia?... eu estava neste enleio, e hia determinar-me a mandalla com a sua ama para hum campo visinho de Paris, quando parou huma seje á minha porta... sóbe huma mulher... he Adelaide... he ella mesma! ella se lança em meus braços, derrama huma tor-

rente de lagrimas, chama-me sett  
querido esposo . . . . seu genero-  
so marido . . . . confundimos os  
nossos suspiros . . . pede-me como  
humã graça que a receba, que me  
esqueça de seus erros . . . Elles são  
grandes exclama ella; porém eu  
não vos conhecia homem respei-  
tavel! como era injusta para com-  
vosco? Ah! essa será a minha uni-  
ca tristeza; sim, a minha conducta  
estranha, incomprehensivel, será  
o tormento de toda a minha vi-  
da. . . . — Senhora, esquecei-vos  
della; esqueçamos ambos os nos-  
sos erros passados. . . Ah! se sou-  
besseis a minha imprudencia? . . .  
Imprudencia? não, Dorancé, eu  
sei tudo . . . já sei a vossa con-  
ducta generosa para com hum amigo  
sobejamente . . . culpado . . . que se  
atreveo a mandar-vos o fructo de  
hum amor illegitimo com humã . . —  
tal Rosina . . Madame des Roches  
disse tudo. — Conheceis essa des-  
graçada mulher? — Desgraçada . .

sim, oh! sim, minha tia . . . he que a conhece, ella contou-lhe tudo, e . . . Madama Reigny pôz-me . . . na *confidencia*. — Senhora, pelo que respeita á menina . . . eu a tirarei dos vossos olhos, não he justo, nem decente. . . — Que! querido esposo! eu hei de exigir . . . não, não desmanche o amor os *beneficios* da amizade . . . vós a recebestes, obrigasteis o teu amigo, permitti que eu seja tão generosa. . . Ah! este excesso de delicadeza bastaria para destruir as suspeitas que podia causar esta menina se eu não soubesse . . . . também como vós o fundo desta intriga; finalmente conservai-a; não vos priveis por amor de mim deste *deposito sagrado* . . . confesso que he preciso todo o amor que me tendes inspirado . . . para condescender . . . mas em fim quero deixar-vos essa *consolação*, e provar-vos deste modo a minha *submissão*; conservai-a, conser-

vai-a, eu vo-lo supplico... — Porém, Senhora, he justo que gastemos os nossos disvélos com hum filho estranho, disvélos que se deverião talvez reservar . . . para . . . — Bem vos entendo . . . não importa! nós somos ricos, podemos-lo fazer, seu Pai o abandonou, eu bem o sei . . . que elle já não está em França . . . a sua Rosina casada . . . elle não a póde ver, porque expressamente lho prohibirão. . . . Se visseis o arrependimento daquella mulher . . . minha tia, e Madame des Roches mo contárão; he hum scena que ainda tenho na lembrança . . . façamos tudo a respeito de hum amigo, e de hum Mãi desgraçada, que talvez ainda a abraçe hum dia, e nos agradeça o cuidado de lha conservarmos. . . — Como podia esperar, amavel Adelaide. . . — Ah, Senhor! . . . que não possa eu dar a minha vida para vos provar o meu pezar! . . . Este pequeno sa-

crifício, se acaso he sacrificio, sêr-me-ha mil vezes mais caro se estreitar a nossa união : queirão os Ceos que esta innocente nos faça recordar pela sua ternura, e reconhecimento, de que foi o sêllo da nossa reconciliação ?

Assim fallou Adelaide, e apezar da sua emoção, mostrava tanto zelo, e desinteresse na indulgencia com que me tratava, que seduzido pela sua astuta sensibilidade, lhe respondi com os maiores afflagos ; apezar de tudo isto eu não estava em huma decidida resolução de conservar a menina ; porém ella soube-me de tal sorte persuadir, que me determinei finalmente a conservalla. Como era capciosa a sua linguagem ! Quando ella via que eu tratava sua filha com frialdade, sabia commover-me com huma pintura pathetica da infancia abandonada, e quando me via arrebatado de sensibilidade tomava hum tom mais

sério, e fazia valer astuta o grande serviço que fazia a Duverly, e a condescendencia com que se conformava á minha vontade. Depois disto disse que queria ver a pequena Claretta, e quando a teve em seus braços. — Vêde, diz ella, esta pobre innocente! . . . como se parece com sua Mãi! he todo o seu retrato! . . . Imprudente Rosina! . . . Quem adivinharia a sua paixão para hum seductor! . . . Toda Grenobla respeitava esta pariga; eu mesmo . . . minha Mãi, oh, minha Mãi ma citava muitas vezes por modelo . . . sim, estes são os seus olhos . . . a sua boca! . . . pobre innocente! não has de padecer por teus Pais! — Querida Adelaide, lhe disse, eu não conheci esta Rosina em Grenobla! — Que, Senhor! vós não sabeis o nome da sua familia? não conhecesteis seu Pai? . . . Se vos dissesse quem elle he, verieis . . . porém não, já que o Ceo não tem

pêmittido que o soubesses até agora . . . permitti-me que vos occulte o nome desta familia illustre, que huma deshonra tão grande macularia para sempre.

Confesso que me admirou este mysterio; porém attribuindo logo esta reticencia a hum excesso de delicadeza, ainda mais admirei o coração virtuoso de minha esposa. Talvez vos pareça, meus filhos, que eu era demasiadamente crédulo; porém se ignorasseis como eu o fio desta aventura, enganar-vos-hieis como eu; e além disso a desconfiança está tão longe dos corações sinceros! Finalmente eu certamente estava destinado para cahir em todos os laços que me quizessem armar, e depois disso ainda que descubrisse então a verdade, de quem me servia! O mal estava feito, já era muito tarde para abrir os olhos: ah quizesse o Céo que eu ainda hoje estivesse no erro!

Vivi assim seis annos com minha esposa na mais doce intimidade. Crescia a pequena Claretta aos nossos olhos : Adelaide amava-a muito , e permittia-lhe que lhe chamasse Mãe, e ella mesmo chamava-lhe filha : ella dava annuncios de ter espirito , e hum bom coração ; resolvemos-nos para começar a sua educação de a metter em hum Convento, e escolhemos o de Santa Anna : neste tempo deo-me a minha esposa hum filho . . . hum filho ! . . . desculpai se o meu coração suspira por este nome ! Ah ! as minhas feridas se tornão a abrir ! . . . Aqui começa a historia dos meus crimes : oh meus filhos ! como vos vou parecer detestavel !

Eu não tinha emprego , e era Pai, este titulo sagrado despertou a minha emulação ! soube de Grenoble que aquelle que comprára o cargo de meu Pai tinha morrido de pouco tempo , e que este car-

go ainda estava em venda. Desejoso de occupar hum lugar em que os meus antepassados se tinham distinguido, communiquei a minha tenção a Adelaide, ao que ella se oppôz para não ir habitar hum terra, que a fazia recordar de seus erros; porém finalmente condescendeo, partio, e fomos habitar em Grenobla, mas estava decretado, que eu não podesse alli permanecer.

Havia oito dias que tínhamos chegado, e a minha occupação era adquirir os votos dos Chéfes da Magistratura para o cargo que ambicionava; quando hum dia me entregáron huma carta; eu não sei o que senti quando a recebi; cubri-me de hum suor frio; todo o corpo tremia; parecia-me que hum funesto presentimento me dizia que não abrisse aquelle papel: julgai da minha desesperação lendo estas palavras.

*Paris, &c.*

« Senhor, (porque já não pos-  
» so dar-vos o nome de amigo.)  
» Estou chegado ao termo, em  
» que o homem vai dar contas ao  
» Author da sua existencia, de to-  
» das as acções da sua vida; ape-  
» nas me resta hum sopro de vi-  
» da, que só lhe falta para se  
» evaporar, que o meu coração  
» deposite no vosso os seus cri-  
» mes, e os seus remersos. Os  
» momentos são preciosos, ouvi-  
» me. . . . Eu te atraíçoei, enga-  
» nei, e ultrajei . . . trataveis-me  
» com sinceridade, vêde agora se  
» o merecia! esta pertendida Ro-  
» sina que me amava, que eu  
» idolatrava he a vossa Adelai-  
» de . . . sim, vossa esposa he a  
» mulher, que eu seduzi. . . Oh  
» Ceo! eu já vejo a vossa indi-  
» gnação . . . eu a mereci; sim,  
» bem a mereci. . . Essa meadina

„ de quem fosteis padrinho he fi-  
 „ lha da vossa esposa , e do vos-  
 „ so perfido amigo . . . esse mes-  
 „ mo que vos parece ser vosso fi-  
 „ lho , não o he . . . eu estava es-  
 „ condido em Paris , e fallava-  
 „ lhe todos os dias em casa . . .  
 „ Não posso dizer mais . . . o re-  
 „ morso me ataca; esta Con-  
 „ fissão longe de alliviar o meu  
 „ coração , ainda mais o acabru-  
 „ nha . . Adeos , a justiça divi-  
 „ na me está chamando . . . eu ou-  
 „ ço a voz , que me atrôa . . . que  
 „ despeço contra mim os raios da  
 „ ira . . . »

„ As Cartas de Adelaide , e a  
 „ minha , que vos envio , são bem  
 „ capazes de vos descobrir esta  
 „ intriga infame. A pessoa a quem  
 „ dicto as minhas ultimas pala-  
 „ vras as ajuntará a esta Carta ,  
 „ e quando as receberdes o per-  
 „ fido , e criminoso Dwyerly já  
 „ não existirá . »

Li ávidamente as Cartas da mi-  
 PART. II.

nha infiel esposa, de que eu reconheci logo a letra. . . Imaginai qual seria a minha raiva, a minha dor, e a minha desesperação! . . . Adelaide tinha-me enganado! . . . estes dois meninos Claretta, e Julio . . . filhos de Duverly: terem-me enganado! . . . he impossivel pintar-vos os meus transportes. . . subo precipitadamente ao quarto de minha esposa. . . oh novo horror! . . . ella já alli não estava! já desapareceo! . . . Levou consigo o filho, vejo hum papel sobre hum meza, abro, e leio.

“ Foge, desgraçada Adelaide,  
 „ teu marido sabe tudo . . . foge,  
 „ e reconhece a amizade de Mada-  
 „ me des Roches pelo serviço que  
 „ vos rende neste aviso. ”

“ Adeos, querido Dorancé,  
 „ adeos! não tornareis a ver hu-  
 „ ma criminosa esposa. ”

Saio como hum furioso . . . informo-me de todos; algumas pessoas me indicão o caminho que

a seje tomára , monto a cavallo , corro , e no fim do dia chego á entrada do bosque : hum camponez que conhece que eu procuro alguem , me grita : não procurais hum a seje de posta , Senhor ? vai por esse caminho . . . apresso ainda mais a carreira , e distingo ao longe hum a seje , que parecia estar parada ; quanto mais me aproximo , mais me certifico de que he a minha : ella encerra a minha desleal esposa , Germano a acompanha , Germano que sempre tive em conta de fiel tambem me atraiçoa , e para onde levará Adelaide ? . . . para o seu amante sem dúvida . Chego finalmente mais perto da seje , que á força de diligencia se quebrára , Adelaide que se tinha apeado , reconhece-me , deita-se-me aos pés , e apresenta-me seu filho . . . oh scena de horror ! . . . como a poderei pintar ! . . . Não , perjura , não ha perdão para hum a esposa desleal . . .

desembainho a espada, e ensopo-a muitas vezes no sangue da infeliz esposa, e do innocente filho . . . Grande Deos! . . . Quem me inspiraria esta raiva? o inferno! sim, só o inferno poderia dirigir assim o meu braço. A isto corre Germano; mas já não a tempo de prevenir o golpe. Treme tu tambem malvado, lhe digo eu abrazado em cólera! — Ah meu querido amo, ella não he culpada! — Bastante culpada sou, diz Adelaide já com voz moribunda . . . mereci a minha sorte; porém, barbaro, que te fez meu filho? . . . elle he teu filho, e tu és o seu algoz? . . . — He meu filho, ainda te atreves! . . . — Juro pelo Ceo que depois da nossa reunião em Paris nunca vi mais a Duverly! . . . — Mas elle estava em Paris? . . . — Na America desde esse tempo he que está. . . — Oh Ceo! se fosse verdade. . . — Ceos! faizei conhecer a minha innocencia, fa-

zei que elle chore hum dia algumas lagrimas sobre a sepultura da mais desgraçada de todas as Mães!

Acabando de dizer isto espirou, seu filho está morto em seus braços. . . Germano debulhado em lagrimas abraça estes dois cadaveres . . . e vendo que o meu destino era cravar no proprio peito a mesma espada que ensopára no sangue da minha triste familia, arrancando-me das mãos a fatal arma, exclama. Oh homem o mais injusto! esposo cruel! Pai deshumano! detesta a feroz barbaridade, sabe a verdade. . . Adelaide veio ter comigo esta manhã, e disse-me: Germano, salva-me a vida, salva a de teu amo . . . commetti hum negro crime antes de ser sua esposa, elle agora o acaba de saber, a conducta honesta com que vivi depois não me pode salvar do seu justo furor. . . Conduze-me para alguma parte, onde me possa en-

cerrar em hum retiro de piedade, dá-me tempo para adoçar a sua cólera : debalde lhe ponderei os perigos a que me expunha esta acção, as suas lágrimas, os seus rogos fizerão-me ceder, e sabendo que vós nos perseguieis embrenhamo-nos neste bosque para nos escondermos por algumas horas . . . porém ella foi virtuosa comvosco, eu o juro, eu o juro! . . .

Eu não podia afirmar que Germano tivesse razão; porém eu chorava, e gemia! . . . queridas victimas, exclamei então, encostando-me ao choupo ao pé do qual jazia minha esposa, e meu filho; deploraveis victimas, ah! se me possedesseis ouvir! que não possa eu dar-vos a vida, perdendo-a! Ceo! justo Ceo! e permittisteis crime tão atroz? . . . que crueldade, que horrorosa crueldade!

Principiava a noite a envolver a natureza na densidade de suas trévas, o sinistro piar das aves

nocturnas , junto com o susurro que fazião as arvores pelo embate do vento , tudo aggravava o horror de tão lúgubre lugar. Ajudado de Germano levei os dois cadáveres para huma caverna vizinha , sento-me ao pé delles , juro que morrerei ao seu lado , sem jámais os perder de vista. Debalde Germano se esforcea por me fazer voltar a Grenobla , não o escuto , grito , gemo , e a não ser o zelo destê digno criado perdêra a vida que acabava de manchar com o mais horrendo de todos os crimes. De repente revive a quietação na minha alma : Germano , lhe digo eu , os homens atraçoarão-me , quero fugir delles , quero habitar neste bosque ; alli terei minha inulher , e meu filho , alli vivirei longe de toda a communição , e chorarei em liberdade o meu crime , e a minha familia. Germano conforma-se comigo , ajustamos guardar segredo desta de-

sastrada scena, e de ir eu no outro dia a Grenobla arranjar os meus negocios, e procurar algum artista intelligente, e seguro, para edificar o pequeno Casal, de que formára o plano.

Esta esperanza ensinua-se nas minhas veias como hum balsamo saudavel; passamos a noite na floresta, e depois de alli ter deposto os preciosos restos de dois entes que me erão tão caros, voltamos para a Cidade na mesma seje, em que na vespera viera minha esposa, e meu filho. Vou ter com o Duque de . . . Governador do Delphinado, que casualmente se achava em Grenobla, digo-lhe que por certos infortunios, que lhe não podia revelar estando determinado a fugir dos homens, lhe pedia licença para fazer hum retiro na floresta de Chamboran. Este Fidalgo que me tinha visto nascer, e que me amava verdadeiramente, empenhou toda a sua eloquencia para

me dissuadir de hum projecto tão extravagante ; porém vendo que os seus conselhos erão inúteis , cedeo aos meus rogos , e deo-me o seu mesmo architecto , homem habil, e fiel, que satisfez o meu desejo sem bulha , e sem que ninguem da Cidade o soubesse. Quiz que o fatal choupo , testemunha do meu furor , ficasse encerrado no meu jardim , e vós o conheceis, meus filhos ! ainda está tinto de sangue . . . tiremos os olhos, se he possível , de tão horrendo painel ! . . . Todo o tempo que se gastou em construir o Casal , e suas dependencias, estive sepultado na caverna , onde estavam os corpos de Adelaide , e de Julio ; eu os tinha feito fechar em hum caixão bem acondicionado para o ar, e humidade. A caverna de que vos fallo , he aquella em que hoje Leandro se abrigou da tempestade , hum subterraneo he o caminho para ella , e todas as noi-

tes alli vou derramar copiosas lagrimas.

Edificado o Casal , o fiz mobilar , como vêdes , e fixei nelle a minha habitação. . . Estava so-bejamente persuadido da innocencia de Adelaide ; tinha achado nos seus papeis huma carta de Duverly , datada de algumas semanas antes do meu crime , onde lhe dizia que havia cinco annos que estava na nova Carolina , onde lhe desejava huma felicidade constante comigo , e com a sua Claretta. . . Por conseguinte Adelaide não o tinha visto depois da nossa reunião , e Julio era meu filho , e eu o tinha sacrificado sobre o seio de sua Mãe ! . . . que fonte inexaurivel de remorsos ! . . .

Com tudo era claro que o perfido Duverly tinha querido perturbar a paz da nossa amizade. E para que me mandaria as cartas de Adelaide , e com ellas a declaração de seus crimes ? . . . Para

que denegria ainda mais esta mulher desgraçada, por huma calúmnia tão odiosa ! Para que se fingiria no leito da morte, quando não fosse assim ! He verdade que a fatal carta não era da sua letra; mas elle a tinha dictado; era mais hum enredo deste traidor para attentar contra o meu socego, e contra a honra de minha mulher; era apparentemente huma vingança por ella o ter inteiramente bannido da sua presença. Que indicios podia eu tirar deste cahos de pensamentos? . . . Todo o meu furor, todo o meu resentimento recahio em Duverly... concebi o projecto o mais barbaro: elle tem huma filha, disse eu comigo mesmo, ella está em meu poder, ella cuida que eu sou seu Pai, eduquemo-la nesta persuasão . . . irei procurar Duverly por toda a terra, restituir-lhe-hei sua filha; porém traspassada de golpes á sua vista: Sim; minha es-

posa, sim, meu filho, tal he a vingança que destino aos vossos manes ensanguentados: Duverly fez-me ultrajar a natureza, quero castigallo com as mesmas armas.

Tirei Claretta do Convento, e trouxe-a a habitar comigo, e com Germano no Casal. Vós estremecesteis, meus filhos, do delirio em que se desencaminhava a minha razão: ah! eu me envergonho, e sempre me envergonharei... Sim; Claretta, conhece o teu bemfeitor, que te creava para te sacrificar; porém a tua docilidade, e o teu character amavel souberão desar-mar o meu resentimento!... ah perdoa-lhe! Teu Pai he a causa de meus males, elle só deve experimentar a minha cólera; e tu mereces toda a minha ternura...

Leandro, ouviste a narração de meus infortunios, que parece movêrão a tua sensibilidade, prova-me a tua amizade vingando-me. — De quem, meu Pai? —

Ainda mo perguntas! — Oh Ceo! de seu Pai! — Quando o mostrou? — Ceos! que exigis? — Só assim possuirás Claretta. — Que ouço! interrompe esta, que Senhor? tendes a barbaridade de prometter aquelle que assassinar meu Pai!.. — Claretta, deveria eu esperar em vós semelhantes sentimentos? Qual he vosso Pai? hum vil seductor, que deshonorou vossa Mãe, ou seu marido, que de boa fé vos recebeu no número de seus filhos, que vos creou, e a quem a vossa existencia tem causado todos os infortunios! — Onde estou eu! exclama Claretta... de que crimes estou rodeada! nasceria eu para o crime? . . . Germano, está chegada a hora de executarmos nossos projectos; derramemos estas gotas de hum sangue dedicado ao meu odio; estas gotas nascidas das veias do meu inimigo! Barbaros, atrever-vos-hieis? — Claretta, lhe torna Dorancé, Claretta sê docil, con-

descende com a minha vontade... eu não quero a tua morte... tu me és cara; porém deixa-me a minha vingança, que he o unico bem que me resta.

Claretta succumbindo ao pezo da sua dor ficou immovel, os suspiros, e os soluços lhe cerravão o coração. Durante esta scena, o velho vingativo pegava na mão do alienado Leandro: vai, meu filho, vai procurar Duverly por toda a terra: amanhã quando a alva do dia eclipsar as sombras da noite partirás, e não has de voltar sem a sua cabeça... tal he a minha vontade, tal he a ordem de hum amigo que te serve de Pai...

Leandro indignado não lhe responde, Dorancé, e Germano levantão-se, tomão o caixão nos hombros, e depois de darem a Leandro, e a Claretta tochas fúnebres, sobem tristemente os degrãos da caverna, e vão depôr a

amada carga junto ao choupo. Veremos no Capitulo seguinte, as circumstancias desta lúgubre cerimonia, e o partido que tomou o sensivel Leandro.

## CAPÍTULO V.

*Leandro sahe do Casal.*

**E**nvolveia a escura noite em seu teuebroso manto toda a natureza: os passaros que repousavão nos trencos das arvores despertando com o clarão dos archotes, desprendem o vôo, soltando sinistros gritos, que o nocturno mocho sobresaltado repete.

Chegando os nossos quatro solitarios ao pé de hum alto choupo, Dorancé exclama assim: eis-aqui o lugar funesto, onde o meu braço furioso ensopou o ferro homicida no coração de huma esposa, e de hum filho!... eis-aqui o ferro sanguinolento, ainda salpicado do sangue o mais precioso, e innocente! Oh minha esposa! a tua cabeça

se encostou alli ao tronco daquelle arvore; aqui cahiste, acolá me olhaste enternecida, e apertando-me a mão exhalaste o ultimo suspiro! . . . e podeste perdoar ao teu algoz? . . . e, tu infeliz creatura, que apenas tinhas hum sopro de vida, Julio, triste Julio, qual era o teu crime? . . . Elles alli estão Claretta; não os vês, Leandro, naquelle túmulo? não sentes os seus gemidos? não ouves a sua voz, que horrorosa pede crua vingança? . . . Cinzas sagradas descançai, que sereis satisfeitas! Hum Deos falle ao coração de Leandro; hum Deos lhe arme o braço para o despique? . . . A mesma Claretta o animará a que vingue sua Mãe, seu irmão, e o seu generoso bemfeitor! não, infeliz Adelaide, não foi o teu seductor que lhe deo a vida, foste tu, no teu seio he que ella bebeo a existencia? quero que te veja? que te ouça do fundo do teu tú-

mulo!... aplacai a vossa íra, triste familia! que me despedaçais o meu coração!...

O velho dizendo isto precipita-se sobre o túmulo, Claretta tambem se prostra por terra, e ambos exhalão crebros suspiros que serão capazes de enternecer os corações mais duros. . . Mas como ficarão Claretta, e Leandro, quando Dorancé abre o caixão, e lhe mostra dois cadaveres embalsamados, e traspassados de feridas! Claretta arqueja, e cahe desmaiada; o velho queima perfumes, torna a guardar estes funestos objectos, e pegando na mão de Leandro, assim lhe falla: Todos os annos trazemos aqui estas tristes reliquias, e gememos sobre ellas. Oh Leandro! Leandro! enganarás a esperanza da minha velhice? aqui tens esta espada, tira com ella a vida a hum barbaro! vai, meu querido filho, a aurora principia a apparecer: aqui tens este dinheiro para supprires

as tuas necessidades, e torna para o Casal . . . se já me não achares vivo, acharás Claretta, a quem ordeno te dê a mão de esposa. — Eu, exclama ella ! Tal não farei? . . . Leandro, aonde vais? . . . — Morrer longe de vós todos ! sim, eu deixo para sempre esta odiosa habitação ! . . . Dorancé, era este o laço que armavas á minha virtude? . . . — Punir o crime he cessar de ser virtuoso ? — Não gemas, minha querida Claretta, a minha mão não attentará contra os dias de teu Pai, eu to prometto. — Leandro, onde estão os juramentos que me fizeste. Não te lembras que comprometteste a tua honra ? — Désses-me inimigos mais dignos do meu valor. . . . Eu hei de ser hum vil assassino ! — Quem te obriga a assassinallo ? propõe-lhe hum desafio, e sahe victorioso. . . .

Dorancé accrescentou mil outras razões mais capciosas humas

que as outras , para determinar Leandro ao seu fim ; porém não o pôde conseguir ; o nosso heróe tinha sobejos sentimentos, e delicadeza para se fazer cúmplice de hum semelhante crime. Deo-lhe Dorancé todos os sinais de Duverly , para saber quem havia de procurar ; depois do que ajudado de Germano abaixou a ponte levadiça , e Leandro sahio a pezar dos gritos , e das lagrimas de Claretta , que os dois velhos á força levárão para o seu quarto. Leandro a ouvia sempre , e a sua alma se amargurava pelos seus queixumes : deixemo-la por hum momento , para vermos o que faz o nosso heróe sahindo do Casal.

Hum movimento de alegria o transportou logo que se vio livre ; esteve olhando por algum tempo para estas muralhas , dentro das quaes vivêra hum anno. Com cuidado na sorte de Claretta, sentou-se á borda do fosso , onde chorou

algumas lágrimas; ouvia de quando em quando os sons da sua voz... palavras mal articuladas soavam a seus ouvidos: *Cruéis! deixai-me morrer! . . . . elle o vai assassinar! . . . Leandro! o teu coração não he capaz! . . . não o tornarei a ver!*

Finalmente o alienado Leandro levantou-se de repente, huma reflexão subita se offereceo ao seu espirito: *se a porta se abrir! . . . e me obrigarem a entrar!* Emmudeceo o amor para ceder o lugar ao medo, e ao horror que o cercava; caminhou apressado até perder de vista a habitação odiosa, que deixava de tão boa vontade... Que homem cruel he este Dorancé, dizia elle consigo mesmo!... que serviço exigia de mim! Oh meu Deos! eu ainda tremo! porém Claretta, esta pobre Claretta! que está lá encerrada por toda a vida! se eu a pudesse livrar, e trazella comigo! . . . ella não he

sua filha . . . que digo ! hum homem - que quer sacrificar seu Pai perdeu todos os direitos sobre este coração virtuoso ! . . .

Assim caminhava Leandro por entre brenhas, e çarças; não sabia para onde encaminhasse seus passos, e reflectia no partido que havia de tomar, quando souo hum ruido singular debaixo do chão: as arvores tremêrão, abriu-se hum abysmo ! . . . Ceos ! que vai elle ver ! que nova aventura lhe vai succeder ! . . .

## CAPITULO VI

*Hum homem bem original vai servir de guia a Leandro.*

Oh inconstante extravagancia das cousas! Oh espantosa variedade das alternativas humanas! quem vos poderá explicar! quem poderá dizer que se atreve a evitar os vossos golpes? Não bastavão os flagellos que assolão a terra, era tambem necessario que os homens ainda os aggravassem com as suas paixões? A differença dos caracteres, tão sensivel como a das fisionomias, traz comsigo as perturbações que dividem a sociedade; os máos perdem os bons, e os arrastão comsigo ao precipicio que cavárão. O meu visinho deita fogo á sua casa, e queima-me

tambem a minha; da mesma sorte eu docil, humano, sensível, e generoso, sou obrigado a ser victima dos vícios que roem o coração dos meus amigos, dos meus parentes, ou daquelles de quem dependo. A dependencia he origem de mil desordens: aquelle que era justo, virtuoso, torna-se perverso, porque se vio obrigado, na carreira da sua vida a encensar a vaidade dos tolos, a servir as paixões dos grandes, e a bater no templo da Fortuna em todas as portas, que as circumstancias lhe apresentarão. Os homens são ligados huns aos outros com huma cadeia tão estreita, que a sorte de cada hum delles não se póde decidir sem o concurso dos outros. Quem póde dizer: *Eu destino-me para isto, o meu emprego será este?* ... Não são as circumstancias que determinão tudo isto? Basta huma palavra hum gesto, hum lançar

d'olhos da belleza , para esbaldar todos os nossos projectos , e fazer-nos tomar hum partido , muitas vezes bem opposto ao que dantes ambicionavamos. Que inconstancia ! Que subordinação ás leis dos acontecimentos !

Leandro durante a sua habitação no Casal , pensava que não sahiria dalli mais ; o seu coração amava o retiro , no qual projectava passar seus dias : detestando o tumulto das Cidades , nada o podia tentar , e por si mesmo a enredar-se de novo ; mas outro o obriga , outro homem que he cioso , violento , e vingativo , exige que elle o seja tambem , quer que o seu coração receba ametade do fel em que o seu está ensopado ; dá-lhe a espada para commetter o crime , e envolve este crime na capa da justiça , e do reconhecimento. . . Assim se servem os homens de tudo o que ha de mais sagrado pa-

ra authorizarem as suas paixões. . . Oíça-se o invejoso ; sempre tem algumas razões legítimas para querer mal ao que inveja ; grita o ambicioso que o merecimento , e a equidade o devião elevar ao auge da grandeza ; o libertino desculpa-se com a violencia dos seus sentimentos ; o lisongeiro escusa-se com a necessidade de ganhar a amizade dos homens ; finalmente todos obrão bem . . . A virtude , e a justiça estão sempre na ponta da lingua , mas muito longe do coração ! . . .

*Leandro* he obrigado a deixar tudo o que lhe he caro ; amante , asilo , tudo abandona para forçar a sua indignação , para ir correr o mundo , e as aventuras . . . Ei-lo só , desterrado em huma floresta : tornou aos seus modestos vestidos , huma valiza , munida de alguns provimentos que *Germano* lhe dera , leva ás costas ; hum bordão na mão ; hum chapeo lhe guarda

o rosto do ardor do Sol; seus cabellos castanhos, naturalmente annellados, sem alinho lhe descahem nos hombros: he verdade que possue o thesouro de Dorancé, porém que pouco caso faz de tanto ouro! Como lhe parecem melhores a simplicidade, e o descanço!.. Caminha vagaroso, olha de quando em quando para o lado do Cazal, que já não vê, e de que ainda tem saudade, a pesar de dar parabens a si mesmo de o não habitar já: seus olhos humedecidos do pranto levantão-se para o Ceo... do Ceo espera tudo dalli em diante; o Ceo he que o ha de guiar; e he quem ha de escudar a sua mocidade dos escolhos da inexperiencia! Tornemos a elle, e sigamo-lo nas suas viagens, tomando na sua sorte todo o interesse, que hum mancebô de dezoito annos, sem abrigo, sem parentes, sem amigos, deve necessariamente inspirar a toda a alma sensivel.

Estava Leandro humo legoa longe do Casal , e não sabendo o caminho que havia de tomar hia ao acaso , quando hum motim que sente debaixo do chão , desafia a sua attenção , e géla a sua alma de terror. Pára, a terra tre-me , a ramada que cubria a entrada de hum subterraneo desarranja-se , descobre-se huma caverna , e sahe hum homem pálido , e de gésto espantado ; os olhos encovados , cubertos de espesso sobrolho , parecem quasi extinctos pela languidez , e pela doença ; finalmente não he hum ente animado , he hum espectro , hum fantasma que sahe da concavidade da terra para aterrar Leandro. Leandro não sabe se fique , ou se fuja ; porém o desconhecido lançando-se a seus pés , lhe diz com hum voz , capaz de enternecer o coração mais barbaro : Ah ! *Signor* , *Signor* , valei-me. — Quem sois vós ? — Hum desgraçado ,

de quem vós não deveis temer, hum infelice Cavaliere, que de vós espera a vida, ou a morte. — Fallai, explicai-vos. — Primeiro que tudo, *Signor*, saiamos, desviemo-nos deste lugar amaldiçoado, que nos podem ouvir, e perseguir-nos. . . — Quem? — Os malvados que deixo: levai-me convosco; a minha figura metevos medo, *lo vedo*; mas quando conheceres o fundo da minha alma, quando conheceres o *povero Carlo Sciocco*, (1) tereis dó delle, e haveis de soccorrello; sim . . . haveis de ser seu amigo. . .

Não sabia Leandro se dêsse credito ao que lhe dizia o desconhecido: hum homem de hum aspecto medonho, que sahe de huma caverna no meio de huma floresta, he bem capaz de inquietar a sua natural desconfiança; e mesmo sem ser desconfiado qual

---

(1) Carlos o Simples.

he o caminhan-te tão intrepido, que se não assusta de semelhante encontro? Com tudo este homem estava só, sem armas, estava prostrado por terra, a sua voz era doce, e até affeminada, chorava, implorava a assistencia do nosso heróe, que podia temer delle? . . . Leandro era bom, sensivel, generoso levantou o desconhecido, e franqueou-lhe a sua companhia. Vinde, lhe diz elle, vinde comigo, desgraçado estrangeiro; porém antes de exigirdes que vos dê a minha confiança, dai-me a vossa, e contaime com a fidelidade a mais exacta os vossos infortunios, e o que fazeis naquella caverna. . . . O' *Santa Maria! Divino Giesu!* exclama Carlos saltando de contentamento! Que felicidade! Que feliz encontro! . . . Sim, *Signor*, eu vos direi tudo; a minha historia he curta, ouvi-a, e rematai os vossos beneficios, permitindo-me

que siga a *vostra fortuna*, e que vos prove o meu reconhecimento até o fim da minha vida. — Fallaremos nisso depois de me dizeres quem sois. — Eu sou *Italiano*, *Signor. Italiano di Napoli*. Continuemos o nosso caminho, e prestai-me toda a vossa attenção.

Carlo Sciocco contou a Leandro as suas aventuras da maneira seguinte:

— Meu Pai era hum grande Musico de Napoles. *Maestro di Capella* desde a idade de vinte e cinco annos, casou, e teve hum filho; porém alguns annos depois tendo huma disputa com hum máo *Canzoniere*, (1) seu visinho, que pertendia igualallo em merecimento, bateo-se com elle, e teve a desgraça de lhe tirar a vida. Desde então meu Pai, obrigado a sahir de Napoles, e perder o seu emprego salvou-se com

---

(1) Cantor.

a sua familia para *Santa Croce*, pequena Aldeia que ficava alli perto, onde vegetou, e teve todos os trabalhos possiveis para ganhar com que subsistir. Eu tinha cinco annos, meu Pai que me destinava para a sua profissão, e queria fazer de mim hum artista de distincto merecimento, teve a barbaridade de me tirar mais que a vida, dando á minha voz a extensão, e o timbre da das mulheres. Perdi cedo todos os meus parentes, e depois de ter viajado muito tempo por Italia, estabeleci-me finalmente em Frascati, onde adquiri muitos discipulos para a Musica, e composição. Na idade de dezeseis annos já não tinha ninguem, estava só no meio da natureza. Ha em Frascati grande número de palacios magnificos, habitados por pessoas da primeira distincção, a casa de quem hia cantar, e de quem era muito applaudido, mas a pezar

disso desagradava-me o meu estado. Nascido com hum coração sensível, e hum espirito melancolico, que só amava o estudo, e a Filosofia, enfastiava-me de ser o *boffone* de todo o mundo, e suspirava pela solidão, e pelo socego: huma condição que me podesse dar estas vantagens ainda que fosse inferior á minha, parecer-me-hia a maior felicidade. Eu a encontrei hum dia pelo maior acaso do mundo.

Hum Senhór Francez chamado o Cavalheiro de Mandeville, que viajava por Italia, passou casualmente por Frascati: tinham-lhe gabado este bello *tusculum novum*, edificado ao pé do monte sobre o mesmo terreno do *tusculum* dos antigos; e veio alli passar algum tempo. Como elle morava nas mesmas casas onde eu morava, fizemos logo conhecimento. Este mancebo, rico, e bem apessoado, amador apaixonado da musica,

gostava infinito de me ouvir canticar. Subia todas as noites ao meu quarto, e eu recitava-lhe as melhores scenas dos novos compositores, acompanhando-me ao cravo: neste tempo ensinava eu a musica á *Signora Lauretta Mazarelli*, filha do *Signor Mazarelli*, homem nobre, e opulento; hum dia que Mazarelli dava hum concerto em sua casa, levei comigo o Cavalheiro de Mandeville; porém quanto me arrependi desta condescendencia! O Cavalheiro apenas vio Lauretta, ficou namoradissimo della: communicou-me a sua paixão, e de tal modo me alucinou com súplicas, e presentes, que tive a fraqueza de me interessar na sua paixão. Lauretta que tambem ficou afeiçoada ao Cavalheiro fez-me iguaes proposições, de tal sorte que me achei involuntariamente mettido nesta intriga, sem ter animo para me retirar, nem mesmo possibilidade

para isso, porque a *Signora Lauretta* violenta, arrebatada, e vingativa ameaçou-me que me havia de encher de punhaladas, se me affoitasse a descobrir este segredo a seu Pai. Esperava Mazarelli hum nobre Veneziano, seu íntimo amigo, a quem tinha promettido sua filha em casamento, o qual chegou no meio deste enredo: a menina que detestava de todo o seu coração Alforo (este era o nome do seu futuro esposo) foi a primeira que lembrou ao Cavalheiro, que a furtasse; e fugisse com ella para França; Mandeville condescendeo logo; e como ambos necessitavão do meu auxilio, para essa empreza *riuscere*, tive a imprudencia de o prometter a ambos; agora vereis, *signor*, em que parou este negocio, e *le vicendi* que resultarão...

A *Signora Lauretta* depois da chegada do seu futuro noivo não sahia nunca; ella era guardada, e

mais que guardada ; unicamente eu he que tinha licença de entrar no seu quarto para lhe dar lição : lembrou-me para a tirar desta especie de cativeiro de hum estratagemma bem singular, e que me podia custar bem caro , senão empenhasse toda a prudencia, e subtiliza, de que eu era capaz. Por meu conselho Lauretta fingindo-se doente deixou-se estar de cama ; e chegando eu ás seis horas da tarde com a cara tapada com hum lenço , pretextando huma grande dor de dentes , subi ao seu quarto : depois, fingindo-me arrenegado do meu esquecimento de trazer hum papel de musica muito interessante tornei a entrar, e dando os meus vestidos a Lauretta, puz-me na cama em seu lugar. A *Signora* disfarçada com os meus vestidos pôz o lenço na cara, passou pelos criados que a não conhecêrão, e metteo-se em hum instante em huma seje de posta, que

a esperava com o Cavalheiro. *Bene, Signor, bene*, a *Signore* estava escapa; mas eu na *trapola*, e era preciso sahir, isto he, o que me dava que fazer. Meia hora depois entrou no quarto huma criada, chegou-se á cama, para me perguntar se precisava de alguma cousa. Eu tinha posto a touca da *Signora*, de sorte que era preciso ser cúmplice do enredo para desconfiar. Assustado desta subita irrupção, escondi mais a cara, e fingi estar dormindo neste estado não em hum *somno ronfatore*, ma *d'un somno dolce e tranquillo*: la *donna*, não querendo interromper o meu descanso, sahio, e fechou a porta.

Desejoso de sahir de hum laço, onde a minha vida estava em perigo, vesti-me com o fato que tive a prevenção de trazer, e depois engatinhando pela chaminé, trabalhei tanto com os joelhos, e os cotovellos que me achei no te-

lhado. Era já noite fechada ; e achando a porta do mirante de hum visinho aberta, entrei mesmo sem saber como havia de sahir deste lugar, onde me achei como em prisão ; achei com effeito a porta fechada ; porém como era facil abrilla de dentro, abri-a, e descí ás apalpadellas humma escada que hia dar a hum jardim.

Admirai , *Signor Cavaliere* , como todas as circumstancias me serão favoraveis. Se *vostra Signoria* se achasse no mesmo aperto, talvez que se não livrasse tambem como eu, *perché* o destino, e a predestinação. . . . — Que he isso de predestinação, interrompeo Leandro ? — *Sì Signor , sì Signor*. . . . Ouvi, ouvi, e vereis o que entendo por esta palavra : eu sou Filosofo , e muito Filosofo.

Leandro vendo claramente que o *Signor Carlo Sciocco* era hum original , não pôde suster o riso ;

porém o Italiano que não conhe-  
ceo a mófa, continuou a sua nar-  
ração com hum sério verdadeira-  
mente comico, e proseguio as-  
sim:

## CAPITULO VII.

*Il Signor Carlo Sciocco explica a  
Leandro a sua Filosofia.*

« **S**ahi no mesmo instante de Frascati, e andando *di notte* com o meu ligeiro costume, achei ao amanhecer o Cavalheiro, e a *cara Lauretta*, que me esperavão ás portas da pequena Cidade d'Agnania, no campo de Roma: continuamos logo a nossa digressão, e ás duas horas depois do meio dia achamo-nos ao pé de Veroli nas fronteiras do Reino de Napoles. Estavamos admirando esta soberba campina, e o elevado Apennino, ao pé do qual nos achavamos; já os dois amantes arrebatados da liberdade a que se achavão restituídos, davão parabens á sua fortuna, e me agradecião o feliz estratagema de que tinha usado, quando hu-

ma seje de posta mais ligeira do que a nossa nos alcança : sahe della hum homem furioso ; he Alforo ; Lauretta o conhece. . . Perfido , brada elle ao Cavalheiro ! raptador infame ! Larga a preza , ou morre. . .

Já o Cavalheiro desce da seje , e enreda-se com Alforo em sanguinolento combate . . . neste tempo quatro homens , que consigo trouxera , se apossão da desmaiada Lauretta , e querem-na á força metter na seje : eu corro a soccorre-la , ajuda-me o creado de Mandeville , e ambos contendemos tão déstros com os quatro adversarios , que lhe embargamos o fim do seu intento.

Conseguiu o Cavalheiro descarregar no enraivado Alforo mortal golpe , e em quanto este se arrasta para o pé dos quatro cumplices , o outro nos vem ajudar : alcançamos finalmente pôllos em fuga ; porém o barbaro Alforo ,

aproveitando hum resto de vigôr, crava hum buído punhal no peito da infeliz Lauretta: morre cômigo, perfida, lhe diz . . . não has de ser do meu rival. . .

O Cavalheiro, que não pôde acautelar este tragico acontecimento, correo para a sua amada; a infeliz põe-lhe os olhos, e exhala o final bocejo. . . Céos, exclamâa Mandeville! Oh Deos! assim o permittisteis! . . . Isto dizendo, furioso crava no corpo do malvado huma, e mil vezes a ensanguentada espada; mas era trabalho perdido, não fazia mais do que mutilar hum cadaver frio, e desfigurado. . . .

*O' Santa Maria!* . . . como fiquei á vista do horroroso espectáculo! . . . Divino Giesu! . . . Só a lembrança me faz tremere. . . Deitei-me ao meu amigo que á força queria morrer, e conseguindo tirar-lhe das mãos a terrivel espada, ajudado do creado o met-

ti dentro da seje, e apressadamente nos desviamos deste sitio fatal. Quando o Cavalheiro que tinha perdido os sentimentos tornou em si, queixou-se amargamente de termos abandonado o corpo da sua amante; porém ponderando-lhe os perigos a que se expunha se se demorasse no campo da batalha, com dois cadaveres, de que nos imputarião a morte, Mandeville rendeo-se hum pouco ás nossas razões; porém durante toda a viagem não fez senão chorar, e desesperar-se.

O caminho que casualmente tínhamos tomado não era o que conduzia a França; tomámos outro, e entramos finalmente na Provença, donde fomos depois para Paris: alli o Cavalheiro arranjou os seus negócios, e perseguido pela lembrança das suas desgraças, decidio-se a ir passar o resto de seus dias em Leão. Foi neste delicioso retiro que encerrados hum com

o outro estudámos a Moral , e a Filosofia , e conseguimos á força de estudos , e trabalho convencer-mo-nos destas duas maximas , que serão sempre a regra de hum homem destinado a viver na sociedade com os seus semelhantes. . . *Todos os homens.* . . . Porém, *Signor Cavaliere* , antes de fallarmos em moral , hei de vos contar as minhas ultimas aventuras , para vos tirar toda a desconfiança , que poderia produzir a maneira com que me encontrastes , e melhor *mi guadagnare* a vossa confiança.

Vossa *Signoria* saberá que o Cavalheiro de Mandeville , *mio tenere amico* , morreo alguns annos depois , consumido pela sua tristeza , e tambem por sua culpa. Primeiramente elle tinha por principio , que todos os acontecimentos da vida são predestinados , e decididos antes do nascimento pelo grande Author : sábia maxima , bem vista , bem pensada ; mas que

elle seguiu muito á risca. Hum dia que passeava só no seu jardim, reflectindo nas infelicidades que lhe tinham succedido, achou por acaso hum pistola na algibeira, porque o seu guarda-roupa por engano lha tinha mettido. . . . Que significa isto, disse elle consigo mesmo? . . . . Penso nos infortunios que me tem amofinado, e acho hum pistola na algibeira! . . . Isto certamente he hum aviso do Ceo. . . Sim, sem dúvida, o Ceo destinou que des-se a morte a mim mesmo com esta pistola; isto he evidente!

Hia o desvariado Cavalheiro já dar a morte a si mesmo; porém lembrando-se que não fizera exacta distribuição dos seus bens entra no seu gabinete, faz testamento, sahe, esconde-se entre humas arvores, e descarrega a pistola na boca. . . . Nós ouvimos o tiro; porém cuidando que Mandeville caçava não nos deo susto:

algumas horas depois vem o jardineiro todo assustado dizer-nos que seu amo estava morto no bosque: corremos todos, e ficamos petrificados, achando o Cavalheiro banhado no seu sangue.

Não posso explicar a Vossa *Signoria* como fiquei neste cruel momento . . . andei mais de hum mez como doido. . .

O Cavalheiro tinha-me deixado hum legado consideravel, tomei posse d'elle, e fui para Paris distrahir-me dos lúgubres fantasmas, que tinha a cada passo diante dos olhos. Em Paris metti-me com sociedades, e em muito pouco tempo dei conta do legado; talvez cuidareis que gastei o meu dinheiro em bailes, em festins, em prazeres? . . . Pois não. Servi amigos, que todos me forão ingratos, *perche* apparentemente assim devia ser: emprestei, dei a todos, e vi-me destituido de recursos; porém não lamentei o uso

que tinha feito dos meus bens, e disse comigo mesmo; os homens todos nascêrão com necessidades, os meus semelhantes patenteão-me as suas, eu os remedeio, elles acceptão os meus beneficios, são actos naturaes. . . Porém elles não me ficão obrigados? Eu não os soccorri com esse fim. Desgraçados dos corações interessciros, que não fazem bem senão com a esperança do reconhecimento? . . . Porém eu acho-me na indigencia, e não me soccorrem. . . Certamente pensão de outro modo; e isto deve assim ser. Finalmente obrarei com elles, como elles obrão comigo: basta que peça que me soccorrão, e acharei com facilidade corações como o meu, que me abrigão a sua bolça, e me darão. . . Oh! esses corações são bem raros? e porque são poucos? Eu nasci com estes sentimentos, e serei o unico ente da minha especie em toda a natureza? . . . Esperemos, elle se encontrará.

Deste modo raciocinava eu; porém a experiencia me prova; que não devia contar tão facilmente com a sensibilidade dos homens. Tanto peor para elles, disse comigo mesmo, não querem auxiliar seu irmão; pois privão-se de hum grande prazer; além disso posso-me queixar? O Ceo os fez assim, a mim deo-me outro character; esta era a ordem das cousas: tudo está visto, tudo arranjado, tudo he premeditado pela natureza, os acontecimentos não estão na nossa mão, he preciso tomallos como vierem. (1)

Finalmente, *Signore tropo amabile*, fiz como pude para subsistir;

---

(1) Na III. , e IV. Parte desta Novella ver-se-ha mettido a ridiculo o systema deste desvairado Italiano. Dizer que Deos já formara os homens, huns bons, outros máos, he hum absurdo: todos nascemos com liberdade de obrar o bem, ou o mal: a maldade do homem não he o abuso do seu livre arbitrio, e nunca obra de Deos.

cantei, *guadagnai* dinheiro, e resolvi-me viajar nas Cidades de França, para deste modo ajuntar com que *ritornare* á minha Patria; foi atravessando esta maldita floresta que os ladrões me apanhárão, e roubárão: como lhes disse que era musico Italiano, quizerão-se servir de mim para *buffone*, e levárão-me para a caverna para divertir as suas mulheres, ás quaes me podião confiar sem perigo. Ha oito dias que estou nesta *trapola* abominavel, oito dias que me parecerão oito annos. . . . Fiz o que pude para sahir, e hoje he que achei o modo. Os meus donos da casa espoliárão hontem hum Judeo muito rico, e para se alegrarem da boa preza, puzerão-se esta manhã a beber agua-ardente, e licores espirituosos; eu tive modo de deitar nos copos huma pitadinha de opio, que achei esta noite na algibeira do Judeo, e quando os vi todos adormecidos, levantei, co-

mo vistes o alçapão que cobre a entrada desta horrenda caverna.

Eu vos vi, *belevole Cavaliere* . . . e as vossas feições, a vossa mocidade, tudo em vós me inspirou tanta confiança, que me resolvi a implorar a vossa assistencia. *Per Dio!* Deixai-me acompanhar-vos a toda a parte, eu vos servirei de guia, de criado, de tudo o que quizeres; não me negueis essa graça, e contai *per la vita* com os sentimentos, e amizade do desgraçado Carlo Sciocco. »

A linguagem, e as aventuras do Italiano, singularmente interessarão Leandro; sobre tudo a historia deste doido Mandeville, que se mata, porque assenta que está destinado para se matar, pareceo-lhe tão extravagante, que tinha a maior curiosidade de conhecer a fundo os principiós de huma Filosofia tão contraria á sua: não comprehendia o character de Carlo Sciocco, que dá todo o seu

dinheiro a hums, e outros, que se fia deste modo em todos; e que depois só se acusa a si das desgraças que lhe succedem. A predestinação!... esta palavra que nunca tinha ouvido a Mr. Dumont, e do que apesar disso conhecia muito bem o sentido, o espantava, e lhe parecia ser erro de hum cerebro louco; e desarranjadissimo; finalmente resolveo-se a fazer-lhe perguntas, e relutar as suas opiniões, que lhe parecião muito erradas.

As vossas desgraças, lhe diz elle, e a situação critica em que agora vos achais, tudo sem dúvida me obriga a condescender com os vossos rogos, e a não vos abandonar no meio desta floresta; porém que sorte esperais com hum homem tão desgraçado como eu?... Não posso deixar de vos confessar que não tenho nem parentes, nem amigos, nem fortuna, nem asylo; em huma palavra não te-

nho nada. . . . A sorte que parece apostou perseguir-me, fez-me encontrar hum bemfeitor; . . . este bemfeitor parece-me hoje hum monstro, hum tyranno cruel: fujo d'elle, e fugirei sempre; permitta o Ceo que nunca o torne a ver, manchado do crime horrendo que me manda commeter! . . . Amava, adorava Claretta, que digo! . . . amo-a, adoro-a como a propria vida, e o destino nos separa, e não seremos jámais hum do outro! . . . Finalmente não sei a que canto da terra vá passar a debil existencia, e quereis emparelhar na minha sorte? . . . — *Santa Croce!* não vos deixarei; foi a Divina Providencia que vos depa-rou aos meus olhos: estava decretado na ordem das cousas, que a tal hora passaríeis por tal caminho da floresta, que nesse mesmo instante sahiria da *trapola*, me deitaria a vossos pés, que me escutaríeis, que vos contaria

pelo caminho as minhas aventuras, e que não nos separaríamos mais. — Que ! tudo isto estava assim arranjado ? — *Certamente*, não podia falhar hum meio minuto. — Vós brincaes, o acaso só. . . — O acaso ! — Não ha acaso no mundo, tudo succede por vontade : tal acontecimento ha de succeder a tal outro, e toda a prudencia humana não pôde nem prevenillo, nem embaraçallo. — Como ? . . . Por exemplo aqui está este terreno, se quero passear por elle, lá me esperão os ladrões para me quebrarem a cabeça, se pelo contrario continuo o caminho não me succederá nada de funesto, sou livre de seguir neste caso a minha vontade. — Não : se tendes de morrer assassinado alguma cousa vos excitará interiormente ao passeio, os vossos passos se encaminharão maquinalmente. — Que systema tão singular ! — Porém vós, *Signore*, que não crêdes, pelo que

vejo, na predestinação, haveis de me explicar o que entendeis por sorte, destino, fatalidade; grandes palavras que estão na boca de todo o mundo? . . . O destino ao meu ver, he huma lei imperiosa que regula a marcha das alternativas humanas; porém que as faz nascer das circumstancias espontaneamente, e do character, das paixões, e conducta do ente que curva ao seu sceptro de bronze. — A vossa explicação não he muito justa, *perché* o destino atormenta tanto o bom como o máo, opprime o fraco, e o forte, e faz-se senhor de tudo; por conseguinte o destino, e a fatalidade são absolutamente a mesma cousa que a predestinação. Quando hum homem diz: *buoni Dei!* para que me destinastes? qual he a crueldade da minha estrella! &c. he o mesmo que se dissesse *buoni Dei!* tinheis decidido antes do meu nascimento, que eu teria tal desgra-

gã! Debalde toda a minha prudencia quiz esquivar-se ao golpe; não posso resistir á vossa suprema vontade; devo obedecer ás vossas leis. Acreditai-me, *incredulo Cavaliere*; todos tem a minha opinião; mas ninguém a tem profundado como eu. — Sabeis que a vossa opinião he prejudicialissima? — *Perche?* — Porque? Segundo dizes o homem injusto, barbaro, que persegue os seus semelhantes não he condemnavel; obedece a hum braço invisivel que o guia, e o leva para o crime; he a vara de ferro de que o Ceo se serve para castigar os homens; e então porque os quer castigar o Ceo? quaes são os seus crimes? Que mal podem fazer, senão são livres nas suas accões?... O vosso systema destróe todas as leis moraes, e divinas. — Moderai esse fervore, *Signore*; ascoltami. A questão que me propôz *vostra Signoria* he hum ponto de Theo-

logia muito comprido para se discutir neste momento, tornaremos a elle em outra occasião : sabej sómente que lamento o máo, que o lastimo muito; além disso, todos os homens não nascem taes; Deos formou-os bons, humanos, generosos, e sensiveis, se se pervertem, he porque são arrastados insensivelmente pela violencia das suas paixões, pelo choque das contrariedades, pelas necessidades reaes, e facticias (e estas ultimas são mais imperiosas que as outras) finalmente pela elevação, e pelo poder de prejudicar. . . Vêdes que não accuso o Ceo da sua perversidade; porém todos os males da boceta de Pandora espalhárão-se pela terra, não he assim? — Contradizeis-vos singularmente, meu Carlos: o vosso systema he tão mal estabelecido, que até vos custa conciliar os fundamentos. — *Perche, Signor!* . . . Eu digo que todos os homens são bons. — Oh

Ceo! que erro! — Bons, e muito bons. — Porém se vos arruinarão? — Foi por minha culpa, para que lhe dei o meu dinheiro? atraioá-  
rão-me... — E para que vós fias-  
tes delles imprudentemente? —  
He verdade que me fizeram des-  
graçado, mas isto devia assim  
succeder. — Oh! já não posso!  
Que! o Ente que me formou quiz  
que eu fosse desgraçado! nunca  
lhe farei a injúria de crer seme-  
lhante cousa. — Se sois innocente,  
não podeis ser desgraçado; só o  
culpado o hé porque os remorsos  
o atormentão; porém interrompe-  
mos a conversação que vos con-  
traria: dai-me tempo para desen-  
volver as verdades da minha opi-  
nião, e poder desenganar-vos das  
injustas preocupações que tendes;  
sim hei de provar-vos que nos he  
impossivel subtrahir-mo-nos ás leis  
dos acontecimentos necessarios no  
equilibrio das cousas; podemos ao  
menos adoçar os nossos males pe-

la nossa confiança, submissão, e docilidade; fazemo-nos desgraçados porque queremos, procurando estes acontecimentos, dando causa para elles, e mergulhando-nos como loucos no abysmo: evitemos todas as occasiões de cahirmos; amemos os nossos semelhantes porque são mais dignos de lastima que de blasfemia, e gozaremos desta doce consolação que dá a innocencia; a innocencia que faz mais felizes os opprimidos, que os oppressores.

#### FIM DA SEGUNDA PARTE.

## I N D I C E

## Dos Capitulos da segunda Parte.

|                                                                                                        |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>C</b> apitulo I. <i>A lição de Mu-</i><br><i>sica</i> . . . . .                                     | 3   |
| II. <i>A voz da floresta</i> . . . . .                                                                 | 22  |
| III. <i>O templo subterraneo</i> . . . . .                                                             | 38  |
| IV. <i>Sem titulo</i> . . . . .                                                                        | 54  |
| V. <i>Leandro sahe do Casal</i> . . . . .                                                              | 144 |
| VI. <i>Hum homem original vai</i><br><i>servir de guia a Leandro</i> . . . . .                         | 151 |
| VII. <i>Il Signor Carlo Sciocco</i><br><i>explica a Leandro a sua Fi-</i><br><i>losophia</i> . . . . . | 168 |



LEANDRO,

OU

PEQUENO CASAL NO MEIO DOS BOSQUES

MANUSCRIPTO

ACHADO NAS MARGENS DO ISERO

PUBLICADO

POR

MR. DUCRAI — DUMINIL.

---

*P A R T E   I I I .*

---



LISEOA,

NA IMPRESSÃO DE J. B. MORANDO.

NA RUA DA ROZA, N.º 153.

1815

---

Com Licença do Desembargo do Paço.

---

*Vende-se na Loja de Luiz José  
de Carvalho, defronte do Convento  
dos Paulistas.*

---

---

# LEANDRO,

OU

PEQUENO CASAL NO MEIO DOS BOSQUES.

---

## SUMMARIO DA TERCEIRA PARTE.

AS AVENTURAS DE LEANDRO DEPOIS  
DE SAHIR DO CASAL.

---

## CAPITULO I.

*A Carcereira de S. Marcellino.*

~~~~~

CONHEÇEO claramente Leandro, por esta conversação, que a cabeça de Carlos Sciocco estava mobilada de systemas a qual mais erroneo, e que por todos os lados era hum doido rematado: o seu mesmo mo-

do de pensar não era constante, e solido; o que dizia agora contradizia-se pelo que dizia dalli a hum momento, sendo as suas opiniões tão embrulhadas, que não havia huma decidida: apezar de tudo isto o seu coração parecia ser justo, e humano: supplicava com tanto ardor a Leandro que o levasse comsigo, promettia-lhe que sempre o havia de acompanhar, que trabalharia para a sua subsistencia; finalmente forão tão ardentes seus rogos, que apezar da lembrança da perfidia de Dumont, o amante de Clareta sahio do seu systema de desconfiança, e condescendeo: então he que elle teve lugar de conhecer toda a loucura do Italiano: valha-me Deos! exclama elle, deitando-se-lhe aos pés: o Ceo me ajude! oh bom, oh generoso *Cavaliere*!... sede meu amigo, sede meu amo... e esquecer-me-hei de todas as minhas desgraças. Se hum dia vos casar-des (doçura que me rou-

roubou hum pai cruel !) se fôrdes pai , crearei vossos filhos , trata-los-hei em meus braços. *O' carissimi figlivioli* ! eu já os oiço ; elles já estendem para mim as mãosinhas ; já me chamão seu amigo ... eu o serci , eu os amarei como amo o seu *tenero padre* ; finalmente viver com elles , e convosco será toda a minha felicidade.

Esta linguagem mestiça fez rir Leandro ; e Carlos ainda esteve infinito tempo levantando as mãos ao Ceo , fazendo mil contorsões , até que avistárão muitos homens a cavallo , que se vinhão encaminhando para elles. Leandro estremeceo ; mas Sciocco , que tinha vista prespicaz , o aquietou , dizendo-lhe que crão guardas de estrada , dos quacs não havia que temer. Com tudo os guardas hião-se aproximando , e Sciocco que não tirava os olhos delles , poz-se de repente a gritar : *Ob Dio* ! quem vem no meio delles ? .. hum dos malvados ,
de

de quem ha pouco escapei ! . . elle foi prezo ha dias ; talvez venha descobrir a caverna ! escondam-nos , senhor , tenho medo que me conheça.

Leandro atenuado com este discurso , conheceo a sua imprudencia , e o grande perigo em que se mettêra : elles querem sahír da estrada ; mas os guardas , aos quaes o ladrão já tinha denunciado Carlos , correm para elles , alcanção-nos , e prendem-nos . . . Qual foi a dor de Leandro ! . . elle grita que he innocente ; mas os guardas não o escutão ; he carregado de cadeias , e mais o pobre Carlos O ladrão que os entregára , insulta a sua dor : Oh Senhor Carlos Sciocco , diz elle , gracioso da nossa bella companhia : quem lhe diria que havia de encontrar este seu companheiro , e creado ! . . he hum anjo este rapazinho , começou o officio muito cedo . . . Leandro abattido de dor , e de amargura , não
po-

podia fallar : corrião-lhe as lagrimas pela cara abaixo, crebros suspiros se lhe soltavão do magoadó peito, e os amortecidos olhos fitos no Ceo, parecião pedir a defeza da verdade, e da innocencia... Carlos blasfemava, dizia que elle, e seu amo erão innocentes, contava a sua vida aos crueis soldados, que nem se quer o ouvião, e esforçava-se em consolar o seu novo amigo, dizendo-lhe : *sugeitemonos, mio caro maestro* : o Ceo assim o quer; isto não podia deixar de ser.

Quatro soldados se destacão da companhia, que continúa o seu destino, e apossando-se dos nossos dous amigos os levão para S. Marcellino, onde chegão ainda de dia. O povo se apinha em roda delles : são ladrões, dizem huns aos outros; salteadores que se apanhárão no bosque de Lhamboran... Carlos pelo seu aspecto nojento, e horroroso podia bem passar por tal;

tal; porém Leandro, Leandro... com humas feições tão doces, com hum a mocidade tão interessante... todos o lamentão; as mulheres sobre todos o consideravão, e fazião-lhe perguntas, e repetição em voz baixa... he pena! que ladrão tão amavel! Mettem-nos logo na cadeia sem nenhuma fórmula de processo, avisando-os apenas, para no outro dia estarem promptos para o interrogatorio, e para os tormentos...

Tormentos! que odioso supplicio! terrivel mil vezes mais que a morte... He possivel que o homem se lembrasse de hum a maneira tão cruel, para fazer confessar a hum desgraçado o que fez, e ás vezes o que não fez!... O auge de... que digo? que delirio me arrasta? Posso-me esquecer de que hum Monarca tão justo como humano acaba de abolir o abuso o mais barbaro, o tormento prerogatorio? Oh meu Rei! permite que
es-

espraie o enthusiasmo que excita em mim este acto de generosidade ; talvez tão grande como aquelles , que o mundo te vê obrar todos os dias ! Que não possas conhecer o bem que produzio ! que não possas ouvir os gritos dos desgraçados , que atroão as abobedas das lugubres enxovias , abençoando o teu nome , e enviando por ti ao Céo ardentes votos ! ..

Perdoareis-me , querido Leitor , esta curta digressão , que a minha penna , guiada pelo arrebatamento do meu coração , naturalmente traçou ! Pinteí os meus sentimentos , que sem dúvida serão iguaes aos vossos. E podereis increpar-me de ser o interprete das almas gratas , e sensiveis ? .. Torne-mos ao nosso Heróe.

Aqui está Leandro só , fechado em prizão estreita , visinha , e semelhante á de Sciocco ; hum mancebo infeliz accusado dos crimes os mais baixos , confundido
com

com os mais preversos!... e que fez elle? que destino o persiguirá?... Ah! devemos temer que lhe lembre acreditar o systema de Carlos. Deitado em hum a pouca de palha, debulhado em lagrimas, recordando-se de todas as suas aventuras, accusando seu Pai, Candor, Sciocco, e o mesmo Ceo... tinha passado hum a parte da noite, quando hum a voz suave o distrahe da sua desesperação, e de alguma sorte lhe suavisa as suas penas. Estais aqui? lhe diz a voz: Leandro... he este o vosso carcere! Ah! quem quer que sejais, salvai-me, fazei conhecer a minha innocencia.... Hum a mulher que vos vio, que se condoo de tanta infelicidade em tão poucos annos, póde vos livrar se lhe prometerdes gratidão. Ah! toda a vida lhe serei grato, sempre... Pois espera, e tem animo, Callou-se a voz... Leandro sobresaltado deste acontecimento, não sabe se deve aproveitar-se da liberdade

dade que lhe offerecem. Hão de me julgar criminoso, diz elle a si mesmo, se fujo como hum cobarde, como hum culpado!... Oh meu Deos! que devo fazer?... Porém se fico nesta prizão infame, se espero justiça de homens prevenidos, surdos á voz da innocencia, implacaveis, crueis como são todos os homens, que me ha de succeder?... (*) Tremo só de pensar em tal!.. Mas que me importa a opinião! eu saio, eu saio... mas esta mulher que motivos a induzem a libertar-me sem me conhecer... o que
a

(*) O espirito desta Novella, como já disse no Prefacio da primeira parte, he mostrar que os homens não são máos por natureza, mas só por educação: os principios que Dumont ensinára a Leandro, pelos quaes elle ajuiza tão mal dos homens, como se vê neste lugar, são no decurso desta Obra destruidos pelo Author, como errados, e insociaveis: o Leitor verá na continuação desta terceira parte, e principalmente na quarta, mestre e discipulo mudarem de systema.

a póde interessar?... será mais hum laço ! e eu devo capacitar-me do que diz !... Meu Deos fosteis vós que me enviasteis este auxilio ! Será hum Anjo descido lá do vosso Throno augusto , que venha soccorrer hum infeliz , cuja alma , e sentimentos vós só conheceis ?... Sim , sois vós , Ente Supremo , sois vós que ... esta esperança espalha-se como balsamo consolador pelos meus sentidos ... Ah vinde , vinde , creatura compasiva , que o Ceo tocou em meu favor , vinde , que eu recobre pelo vosso ministerio a liberdade , unico bem que ainda posso possuir ...

Leandro mais tranquillizado esperava com paciencia o Anjo de consolação que lhe suavisára as magoas , quando sente abrir a porta. Huma mulher rapariga , formosa , bem vestida , com hum lanternna surda na mão , lhe pega pelo braço , e lhe diz : vem comigo , segue-me mancebo infeliz . . . não me posso per-

persuadir que sejas culpado, o meu coração tal não acredita... Se soubesseis a que ponto... tens penetrado... mas vem, não percamos tempo. Mulher generosa! exclama Leandro, o meu companheiro he innocente como eu... salvai-o, dever-vos-hei dobrada obrigação. Sim, eu o salvo, mas lembra-te sempre do que me deves. A sensível libertadora abre o carcere, Leandro chama Carlos. Anda cá Carlos, que nos dão a liberdade. *Santa Maria!* quem póde?... Cala-te, desgraçado, que nos perdes.

Leandro a muito custo faz calar as insensatas exclamações do Italiano, que os podia entregar, e ambos seguem a sua bemfeitora, que sobe muitas escadas, abre muitas portas, até que finalmente os faz entrar em huma casa, aonde se assentão. Leandro, lhe diz ella, eu vou salvar-te, e acompanhar-te na fuga, só te digo, que sou mulher do Carcereiro, o qual me detesta,

e

e até me maltrata. Hontem logo que te puz os olhos, compadeci-me de ti... deixa-me fugir de hum homem que aborreço, e seguir hum que... lamento... e promette-me que nunca me has de abandonar...

Leandro alienado não sabe o que lhe ha de responder; mas Carlos que não cabe em si de contente, ainda mais requinta os seus transportes. Nós abandonar-vos, *generosa dina!*... nós!... Eu, e meu *maestro*, vos juramos *per la vita* o reconhecimento mais perfeito, a mais... Basta, diz a Carcereira levantando-se, Leandro, Carlos, e eu scremos tres corpos n'hum alma.

Leandro perdeu a alegria: esta mulher que deixa seu marido para fugir com elle, he no seu conceito humma mulher infame, e se lhe não mostra toda a sua indignação, he porque a extremidade do perigo em que se vê, o embarga em humma morna apathia. A Carcereira que
to-

toma o seu silencio por timidez , satisfeita da resposta de Sciocco , levanta-se para partir : já Leandro treme , e se arrepende do que fez ; tem saudade do carcere , tem desejos de voltar para elle... Mas o primeiro passo está dado ; já está mettido no laço : segue a sua criminosa bemfeitora , embebido nas reflexões , e surdo aos discursos do louco Italiano , que lhe dizia em voz baixa : O Ceo he justo , *caro amico!*... A ordem das cousas estava perturbada , tornou aos seus eixos... que mudança... que felicidade!...

Os nossos tres fugitivos descem á pressa huma escada particular , que vai dar a huma travessa , onde os espera huma sege : caminham com tanta ligeireza , que ao amanhecer já estão á vista da Cidade de Montelimast : não descancão em quanto não chegão a Avinhão , onde repousão algumas horas. Durante a viagem a Carcereira
fez

fez a Leandro mil perguntas, a que elle respondeo com a maior sinceridade; e Carlos o dispensou de entrar em detalhes fastidiosos, por quanto não se fartava de contar á sua libertadora as suas aventuras, e o como tinha achado o nosso Heróe no bosque de Lhamboran; mas a Carcereira pouco satisfeita da sua narração pediu a Leandro, que lhe contasse as suas desventuras: elle o fez, disfarçando algumas particularidades, mas repizando a historia dos seus amores com Clareta; amores que, dizia elle, só podião acabar com a vida...

A Carcereira admirada desta confissão, o induzio como pôde a esquecer-se desta paixão, que segundo as apparencias seria sempre infructuosa; e para acabar de o dissuadir, acabou por confessar a sua... Leandro não pôde suster a sua indignação: que dizeis, Senhora? vós sois cazada, e atreveis-vos... Que queres, meu amigo;
eu

eu sempre fui huma levantada toda a minha vida : meu marido namorou-me oito dias , estava já cansada de ser solteira , cazei com elle : no fim de hum mez já o não podia ver , fugi-lhe ; dahi a tempo foi ver-me ao Convento , onde estava recolhida , tornei a vir para sua companhia : tratou-me com máos modos , dahi a quinze dias abalei com hum rapaz , que me deixou em Paris ; finalmente por não ter nada que fazer , voltei para S. Marcellino : tive tão bom coração que perdoei a meu marido , e fui viver com elle : ha seis mezes que vivemos juntos , que me parecem seis annos , tantos tem sido os tormentos que me tem feito ; isto para mim já he demais ; seis mezes com hum marido que aborreço !.. Vi-te , agradaste-me , e dei-te a liberdade.

Que aventureira ! dizia Leandro consigo mesmo : e esta mulher pertende... Não , Senhora , continúa elle em voz alta , se o meu co-

ração he a unica paga do bem que me fizesteis , não posso deixar de ser ingrato: posso tributar-vos amizade , gratidão ; mas amor , já-mais... Pérfido , lembra-te dos juramentos que fizeste ; lembra-te dos sacrificios que me custastes !... ou me has de amar , ou ... te arrancarei a vida ... Bello modo de ganhar hum coração ! diz Carlos... *Per mio honore* nunca vi huma mulher assim !

Tu não me conheces , prosegue ella , eu sou capaz de tudo ... Hei de sacrificar-te ao meu furor , não cobarde com veneno , ou com hum tiro ; mas de cara a cara combatendo-te : atreve-te a fazer frente a huma mulher ! Se me não pagas o meu amor com o teu amor , escolhe a espada , ou a arma que quizeres , que des de já te desafio... Ah Senhora , delirais ? Fraco , já tremes ! Sabe que a minha educação não foi de mulher ; sei desafiar com a espada o meu ponde-
nor

nor... mas dá-me o teu coração, Leandro, sê meu amante, não me entregues ás fúrias da desesperação.

Leandro atônito não pôde fallar: Carlos só he quem estava em estado de conversar com a intrepida Amazona, elle queria-lhe provar com raciocínios philosophicos, que ella interrompia a ordem, e desmanchava o equilibrio das cousas; que humma mulher deve conter-se nos limites que lhe prescreve o seu sexo, e que só humma perdestinação muito sobrenatural a podia inclinar a quebrar lanças em campo raso, qual soberbo atheleta.

Conversando em tacs materias chegarão os nossos tres fugitivos ao Delfinado, entrárão no Condamado de Avinhão, e forão para humma Aldêa, que ficava á entrada dos arrabaldes da Capital. A Carcereira furiosa, e transportada de amor, propõe a Leandro, ou que lhe corresponda á sua paixão, ou que aceite o desafio: Sciocco offerece-se

para ir por seu amo , mas a terrível Megera , lhe diz , não , *Signor Italiano* , eu não me batto senão com hum homem...

Esta scena , que no fundo não passava de jocosa , não o era para Leandro : que partido havia de elle tomar? devia-se batter com hum mulher? devia-lhe ceder?... O seu coração virtuoso olhava com horror para hum amor tão vergonhoso ; preferiria a morte ao amor desta mulher vil , desprezível , abominavel , que só lhe inspirava indignação. O que ha de fazer ? Demos-lhe tempo para se decidir , e saltemos por hum momento ao Casal , aonde deixámos tres personagens , e hum sobre todas interessante na nossa historia... Claretta , a infeliz Claretta , que ao mesmo tempo que perde o amante , sabe o seu nascimento , vê-se obrigada a viver com o inimigo de seu pai : entremos no seu quarto , vamos acompanhá-la na sua pena.

CA-

CAPITULO II.

A noite da floresta.

VIO CLARETA partir o seu amante: penetrada de dor, e afflicção vio abaixar-se, e levantar-se a ponte levadiça, que a separava, talvez para sempre, do seu Leandro... o seu coração arde em raiva, e desesperação. Ah! exclama ella, elle foge de mim! e foge de mim para ir ensopar hum punhal no seio daquelle que me deo o ser: barbaro!.. ou antes, cruel Candor! porque és tu que armas o braço do homem o mais docil, e o mais amavel!... que projecto horrendo!.. eu ainda tremo!.. crear-me o perfido só para me sacrificar hum dia ao seu furor, e vingar em mim as affrontas que

que lhe fez meu pai!.. Amava-te Candor, aborreço-te, deestesto-te Dorancè!.. Candor he o meu bemfeitor, Dorancè he o meu mortal inimigo... Desgraçado! que sentimentos hei de ter por hum homem generoso, que cuidou na minha infancia, que longe de me arremear do seu seio como fructo illegitimo do seu hymineo, me deo o doce nome de sua filha, apezar de meu pai o ter atraçoado, e ser o author de todas as suas desgraças!.. Oh Candor!.. eu não sei se te devo aborrecer, ou amar: a minha alma fluctuante entre mil pensamentos diversos, preza-te lembrando-se dos teus beneficios... odeia-te recordando-se das tuas crueldades... a tua crueldade he inaudita... Tu corrompeste o coração de Leandro, homem inhumano! porque lhe tiraste a sua innocencia!.. Ah! elle me abandonou... e abandonou-me para ir longe de mim rematar a minha dor... Que não possa eu suspender o seu bra-

braço ! Que não possa deixar hum asylo sinistro , onde tudo respira a morte , e o crime !... Deos ! que horroroso futuro lá apparece a meus olhos ! Candor , vendo que Leandro não volta... não saqueará em mim a sua raiva ? não me offerecerá em holocausto sobre a sepultura da sua triste familia ?.. Oh Ceo ! acautelernos esta desgraça ; vamos sahir deste Casal , que até hoje tanto me era agradável : mas como... como hei de sahir ?..

Determinada Claretta a fugir de Candor , a seguir , e procurar o seu amante por toda a terra , inventa para se salvar mil estratagemas , que todos se destroem : hum só lhe lembra , hum só... arriscado , mas praticavel. Depois de maduramente o examinar , ella começa por despregar o espelho da fechadura da porta , e espera pela noite como hora mais favoravel para executar o seu projecto : todo o dia Candor , e Germano se empenhão pela consolar

solar com a esperança da breve vinda do seu Leandro. Finge Claretta estar mais consolada com as suas razões ; á noite vem Germano na *fôrma do costume* fecha-la no seu quarto ; mas trabalho perdido , porque tendo Claretta tirado o ferro , onde prendia a *lingua da fechadura* , era inutil esta cautela. Assim que vê chegada a hora dos dous velhos estarem no templo subterraneo , desce a escada , e lembrando-se de que Leandro , de hum caver-
na que hia dar á floresta , tinha sido conduzido por Germano ao interior do templo , como o seu projecto era esconder-se alli , notou na noite antecedente a porta que conduzia a este subterraneo , e esperou neste sitio que os velhos se fossem embora , para fugir por esta porta. Desceo muito de vagar até ao templo , aonde escondida atrás de hum columna , foi testemunha de todas as extravagancias de Dorancè , e de Germano : logo
que

que acabárão de gemer , e chorar sobre as cinzas de Adelaide , e de seu filho , retirarão-se. Apenas Claretta os vio sahir , procurou precipitada a porta do subterraneo , abrio-a (que era facil estando de dentro) e caminhando ás apalpadelas , estacou logo transida de susto e de horror.

Que perigos devia temer em huma caverna desconhecida , escura , e sinuosa ! ella pára , e faltando-lhe o animo para continuar , lembra-lhe hum expediente muito simples , e que ella mesma se admira de lhe ter esquecido antes de se embrenhar nas trévas. Havia no templo huma alampada , que sempre ardia diante do tumulo : Claretta retorcede para a ir buscar ; mas de repente o lugar , o silencio , o horror dos mortos , mil espectros medonhos lhe assaltão a imaginação exaltada : ella ajoelha nos degráes do monumento , e parece-lhe ouvir huma voz sepulchral dentro
do

do marmore... Ó minha mãe, exclama ella! sois vós que me fallais?... he a vossa voz dolorosa? Oh minha infeliz mãe!... fallai, que quereis que eu faça? Os vossos manes sagrados acaso reprehendem o projecto de huma filha insensata?... de que me avisais?... que devo fazer?...

Clareta já não respira, o seu coração gelado já não palpita.... Huma espada ensanguentada, hum rolo de papel, se lhe offerece á vista... he o ferro cortador, que acabou os dias de Adelaide... e estes papeis?... *Adios meu querido Duerly, vinde á vossa Adelaide...* São as cartas de huma mãe culpada... he a prova da sua infelicidade... Ceos! que deposito tão precioso, e tão funesto!.. Candor tirando-lhe a vida foi hum barba-ro; mas o ciúme, o furor do momento.. Candor he mais digno de lastima, do que de indignação!..

Clareta faz as suas reflexões;

já

já se arrepende de sahir do Casal, de deixar o seu bemfeitor, o seu verdadeiro pai... Torna a metter a espada, e os papeis na urna, aonde estavam. Mas... ó nova descoberta!... lá vê hum tumulto vasio... tem gravadas estas palavras: *Triste familia sereis vingada; este tumulto he para a filha do meu inimigo.*

Ainda que não duvida que este cenotafio fosse construido no tempo em que reedificára o Casal, com tudo, revive o seu terror. Clareta retoma as cartas de sua mãe, pega na funebre lanterna, e caminha tremendo pelo subterraneo: auxiliada da claridade sahe em breve tempo da caverna.

Eis-aqui Clareta, qual outra Hypermnestra em procura do amante, só, perdida nas trévas: chega finalmente á floresta: já está fóra da caverna... entra a alegria na sua alma; põe a mão sobre o coração, que palpita, que se dilata
com

com a esperança, e com os encantos da liberdade. Em negro véo estava envolvida toda a natureza; reinava no bosque horroroso silencio, que só era interrompido pela viração do zefiro, que fazia nas folhas suave susurro. Sem saber para onde dirigisse os passos, Clareta tremia ao mais pequeno motim que ouvia; reflectindo finalmente nos imminentes perigos em que estava n'hum lugar infestado de ladrões, e de precipícios, lembrou-se que a sua alampada a podia denunciar a pessoas mal intencionadas, apagou-a, e determinou-se a tornar a entrar no subterraneo até que amanhecesse: hia seguir esta lembrança, quando vê hum luz ao longe, que até alli não tinha divisado... ella pára, ella esfria de susto... A luz vem vindo direita a ella... que ha de fazer? Se foge, sentem-na, se não foge está perdida... que ha de fazer?... Felizmente não perde a presença de espirito: costumada

da a todos os exercicios , sobe a hum a arvore , e senta-se no seu cume . . . Não a deixemos neste estado : ella vai ser testemunha de hum a scena singular , e que lhe ha de ser favoravel.

São dous homens , hum traz hum a lanterna na mão , outro vem carregado de hum a pequena trôxa , que parece muito pezada. Está bem *Foice da morte* , diz hum delles , já andámos bastante ! Já estamos bem perto da nossa caverna , e ainda não achámos lugar para descansar-mos com o nosso thesouro. — Pela minha vida , *Quebra-cabeças* , he tempo de descansar . . . não sabes que dous mil Lizes de ouro são pezados como o diabo. — Sentemo-nos ao pé desta arvore . . . bom . . . conta-me esta historia ; dize-me como roubaste tu só tanto dinheiro a este homem. — Pois ouve : vinha esta noite da descuberta a que me mandarão os meus companheiros , quando encontro na estrada hum
homem

homem acavallo, que galopava a toda a redea. A balisa que lhe vi na garupa tentou-me, e sentindo-me penetrado de hum valor sobrenatural, escondo-me atrás de hum arvore para o esperar: assim que elle passa para diante de mim... desfecho-lhe hum tiro, que lhe leva a cabeça do cavallo... aqui está o homem no chão, e eu sobre elle: amigo, lhe digo eu, venha depressa o dinheiro que leva. — Por caridade, senhor ladrão, não roube outro. — Como outro, lhe tornei eu? — Sim, diz elle, eu era negociante; fiz hum banca rota consideravel, e vou abalando com oitocentos mil francos em bilhetes, e perto de dous mil luizes d'ouro... Confesso que tudo isto he furtado; mas isto mesmo lhe deve mover a compaixão! Os lobos não se comem huns aos outros... tenha piedade de hum seu semelhante... Eu não pude suster o riso a huma linguagem tão extravagante: Senhor negociante,

te , lhe disse eu , dê graças a esse titulo respeitavel de ladrão , porque se fosse homem de bem havia de lhe custar caro ; mas respeito a minha dignidade na sua pessoa ... apesar de tudo isto , he justo que eu fique com alguma parte da sua fortuna : dê-me o dinheiro , e guarde os papeis ... Oh Ceo ! diz elle : e toda a somma ? ... E não fica ainda rico ! tome sentido ... Quando o homem vio a pistola ao pé da cara , foi com muita pressa desemburllhar a trôxa , e deo-me os dous mil luitzes. Satisfeito da sua submissão , dei-lhe passaporte para os outros : agradeceo-me tanto favor , e foi continuando o seu caminho a pé ... Pareceo-me que lhe não devia tirar mais , porque he preciso ter probidade. — Tens razão. Encontrei-te , meu *Quebra-cabeças* ; e confessei-te tudo , mas he preciso que o segredo fique entre nós : para que havemos repartir este dinheiro pelos camaradas ? tiverão a gloria da acção ? ...

ção?... não : vamos pôr este thesouro em algum lugar, dahi vamos para a caverna, e quando quizermos dinheiro sabemos aonde o havemos ir buscar. — Bravo, *Foice-da morte*, bravo!... vamos ver aonde o havemos esconder. — Ao pé de alguma arvore, na qual poremos hum signal... espera, ficas tu sabendo este sitio? — Sim, muito bem : este chopo fica entre quatro caminhos, ao pé de Mont-grisson; aqui está o caminho que vai ter ao Casal daquelle velho doido. Sim, sim, bem me lembro, dizem que tem hum filha bem bonita. — E não poderíamos ir lá para fazermos negocio? — Que negocio esperas fazer? aquelle homem vive como hum cremita, e depois das muralhas, e o fosso! — Então he huma fortaleza? — Em todo o sentido : mas vamos ao que importa : vamos ver aonde havemos esconder o dinheiro, que os amigos não dêem com elle, antes que se repare na nossa
de-

demora. — Confiemos o deposito áquella arvore, vamos a isso.

No mesmo instante os dous ladrões cortão hum ramo da arvore, sobre a qual estava a pobre, e assustada Clareta, este he o signal para a reconhecerem: deposto o sacco de dinheiro, retirão-se deixando bem examinado o lugar, e suas vizinhanças.

Como estava Clareta durante a conversação destes dous malvados! O artigo do Casal sobre tudo foi o que mais a assustou: temia que dessem com ella, e se a descobrissem apezar dos vestidos de homem com que estava, logo conhecerião o seu sexo: Clareta essegue com os olhos, e tanto que lhe desaparecem da vista, desce arrebatada de alegria: sentindo pela primeira vez a necessidade do ouro no estado de aventureira que hia seguir, determina-se a roubar o ladrão, que roubára outro. Será humma acção má; dizia ella? este di-

nheiro não he tanto meu , como do seu primeiro , e segundo possuidor? ... Oh fortuna ! eu te agradeço : sim eu começo a persuadir-me de que o Céo auxilia o meu destino.

Com o mesmo tronco que os ladrões cortarão para signal do thesouro , ella o desenterra ; mas embaraçada com o pezo da preciosa carga , lembra-se de o fazer mais suave , dividindo-o : mette huma porção nos çapatos , outra no seio , e assim carregada se põe a caminhar : ella já sabe o caminho porque os ladrões lho ensinarão , e transportada de huma aventura tão feliz , só lhe figura a fantazia imagens agradaveis , todas revestidas da esperanza de achar o seu Leandro.

CAPITULO III.

O Eremita Capuchinho.

JÁ a noite começava a enrolar o escuro manto, e a aurora desafferrando as portas do oriente já annunciava o deos que precedia; tudo despertava, tudo se reanimava na natureza; já o crepusculo deixava distinguir os objectos, e os passarinhos com suaves gorgeios comprimimentavão o pai da luz.

Parecendo-lhe Claretta que o seu amante teria tomado o caminho de Valença, para daqui ir a Paris ver se achava seu pai, cu o seu amigo Dumont, toma content: o caminho de S. Marcellino, que conhecia bem, para dalli entrar em Valença, e procurar pelo seu Leandro.

dro. Chega felizmente pela manhã a S. Marcellino, e vai-se alojar na primeira estalagem : toda a Cidade estava em rumor ; não se fallava senão na fugida da mulher do Carcereiro, com dous ladrões ; dão esta novidade a Clareta, que mal a ouve : o que lhe importa he saber de Leandro... Leandro, lhe respondem, Leandro ! .. sim justamente he hum dos taes ladrões : hum rapaz desta idade, desta figura, não he assim?... Oh he elle, não tem dúvida : a Carcereira namorou-se d'elle, e fugirão...

Hum raio não poderia deixar Clareta mais assombrada... ella cahe desmaiada : a estalajadeira que lhe conta esta historia, fa-la tornar em si. E conheceis Leandro, lhe diz ella ; sendo assim salvai-vos, salvai-vos... podem-vos prender, podeis ter trabalhos. Sim, senhora, eu me salvarei, ir-me-hei embora, não para me subtrahir ás perseguições da justiça, mas para não ver
este

este lugar fatal , onde me atraí-
çoo... onde cruelmente me offen-
deo.

A estalajadeira não entende esta frase ; Clareta não lhe diz mais nada , e sahe logo de S. Marcellino , penetrada , pelo que ouvira , de espanto , de horror , e de indignação . . . Ella toma no mesmo instante o caminho que vai ter a Auberive , e recorda-se de todas as circumstancias da narração que lhe tinham feito . . . Leandro prezo por ladrão !.. isto he crível !.. grande Deos !.. Sem dúvida o tomáráo por outro : mas fugir com huma mulher , ceder ao amor da Carcereira , que conhece de horas , isto he o que a espanta , isto he o que lhe atormenta o coração . . . elle fugio com ella , diz ella !.. ingrato !.. como se pôde esquecer tão depressa de Clareta !.. E eu que vou atrás deile , eu que falto aos meus deveres , que me exponho a tudo para o procurar , para lhe mostrar a minha

ter-

ternura!... perfido!... não ha remedio: he esquecer-me delle... se poder!... e procurar algum canto da terra, onde possa, longe delle, longe do Casal, passar a triste existencia.

Persuadida Claretta que Leandro lhe faltasse á fé jurada, fórma apezar disso o projecto de ir a Paris, onde certamente ha de achar o ligeiro amante com a sua nova conquista: quer ainda vê-lo para o amofinar com reprehensões, com queixumes: já estuda os epithetos infamantes que lhe ha de dar, não acha nenhum assás energico; passa successivamente do amor á desesperação, e da desesperação ao amor...

Chega perto da noite ao pé da aldêa de Auberive, aonde passa a noite, cem vezes mais cruel do que a que passára na floresta: no outro dia põe-se a caminho, e vai prenoitar a Vienna: finalmente ao amanhecer quiz pôr-se a caminho,
mas

mas achou-se tão fatigada, que parou huma legua acima de S. Limforiano d'Ozon.

Entra com a sua bagagem ás costas em huma especie de ermitage isolada, que acha á direita: he huma capella habitada por tres Capuchinhos, tão pobres que de tempos em tempos são obrigados a tocar o sino para os moradores do lugar lhe virem dar alguma cousa pelo amor de Deos.

Clareta na Igreja de Joelhos, hum padre está dizendo Missa, ella a ouve com a maior devoção, e envia ao Supremo Creador as orações mais fervorosas: mas a lembrança das suas desgraças vem perturbar este piedoso recolhimento; ella suspira, e deixa escapar algumas lagrimas.

Huma dama de huma certa idade, e muito bem vestida, chega-se a ella: ah bom Deos! vós chorais?... que tendes?... succedeo-vos alguma desgraça? fizesteis alguma

guma acção, que vos atormentem os remorsos? Sim, senhora, e bem grande! Ah na vossa idade! mas todo o peccado tem remédio; he merecer pela penitencia o perdão... e aproveitar o momento em que Deos toca a alma. Eu tenho aqui o meu Confessor, que he o Padre Estevão, homem justo, e virtuoso; abre-lhe o teu coração, confia-lhe os teus erros, porque por huma santa absolvição te reconcilie com o Ente todo-poderoso a quem offendeste. Esse he o meu desejo, senhora: onde está esse Padre Estevão? eu sinto que a minha alma precisa desabafar na sua. Ah quanto eu sou feliz!... eu o vou chamar... espera aqui hum instante... terci eu convertido hum peccador?... fiz bem de vir aqui hoje! parecia que alguma cousa mo dizia... (*) espera meu filho, espera aqui...

A

(*) Trata-a de homem porque andava disfarçada em trajes de homem.

A boa dama foi dentro , e em hum instante appareceo com hum Capuchinho , que teria trinta annos , e disse-me : animo mancebo , he preciso fé , e sinceridade... Padre Estevão haveis de ir jantar hoje comigo... levai convosco este mancebo... Clareta ficando com o padre em particular conta-lhe as suas desgraças ; elle a consola , e lhe dá saudaveis conselhos : vão jantar com a dama caritativa , que se intitulava Baroneza de Yrace , a qual lhe faz mil agasalhos , mostra-lhe a caza , os jardins , e diz-lhe no fim : Leandro (este era o nome que Clareta tinha tomado) poderás aqui passar toda a vida se quizeres , esse será o meu maior prazer.

Vai Clareta conhecer que esta piedade da Baroneza , he huma piedade hypocrita : as meiguices que lhe faz com pretexto de dó , e compaixão são os incitivos de hum amor lascivo : pobre ovelha que lobo encontraste ! vais conhecer que
os

os tartufos , e os devotos falsos , tão communs na sociedade , são de todos os entes os mais falsos , os mais enganadores , e até os mais barbaros ; arrebatados , violentos , vingativos se lanção á sua preza com mais voracidade que os outros ; as suas paixões são ainda mais vivas por estarem concentradas , e rebuçadas com o manto da hypocrisia , e da religião ! .. da religião ! . e pode-se abusar assim do mais sagrado , e ineffavel de todos os deveres ? e pode-se , conhecendo-os , transgredir estes deveres ? .. O falso devoto que está sempre lendo as maximas as mais verdadeiras , as sentenças as mais santas da sabedoria , ou não crê nellas , ou escarnece : em ambos os cazos he mais culpado do que o insensato ignorante que as não conhece : este póde hum dia illuminar-se , mas aquelle já-mais . . . Sim , de todos os vicios que roem o coração do homem , e assolão a sociedade , a hypocrisia he

he o mais odioso , o mais prejudicial , e o menos susceptivel de ser corrigido.

Conhecendo Claretta com toda a evidencia o que era no fundo a Baroneza , sahio de sua casa , sem lhe dizer nada : ella aqui fóra de huma casa , onde se podia contaminar a sua candura , e singeleza ; está livre de hum grande perigo , mas está exposta a outros de outra especie : porém o Ceo a quem ella se encomendava , vem auxiliar a sua innocencia , deparando-lhe no caminho hum consolador , em hum homem que lhe ha de ser bem caro no decurso da sua vida Mas abandonemos por hum momento o falso Leandro , e vamos ter com o verdadeiro Leandro , que deixámos em huma estalagem com o seu amigo Carlos Sciocco , e a Carcereira da cadeia de S. Marcellino , a qual lhe propõe ou huma intriga de amor illegitimo , ou hum desafio.

Os

Os dous Heróes da nossa historia crão igualmente desgraçados, ambos tinham a combater entes viciosos que attacavão a sua virtude, e a sua innocencia.

CAPITULO IV.

A banda de bordoadas.

Não sabia Leandro o modo por que havia de escapar desta megera, quando Sciocco, fertil em expedientes, lhe offerece hum meio prompto, e seguro para se ver livre della. *Signor carissimo*, lhe diz elle, só fugindo desta mulher infame nos poderemos livrar das suas importunações, e *per lo fare* lembra-me de hum manha admiravel, que he a de que me servi para sahir daquella abominavel caverna dos ladrões: eu ainda tenho hum bocado de opio, adormecemos a nossa argos, e em quanto lhe dura o somno, tomamos a porta, e fugimos para alguma parte, onde não vá

vá ter comnosco. Malyado ! o teu opio , e veneno não he o mesmo?.. *No , signor* , não he o mesmo , fica por minha conta dar-lhe huma pequena dose , mas bastante para descansar até á manhã pela manhã... e quer-se oppôr a isto ? quer antes bater-se com ella em desafio ?... mata-a , já lho digo : e não he melhor evitar esta desgraça ? não he a ordem das cousas ?.. Vamos , deixe o negocio por minha conta.

Rio-se Leandro deste extravagante expediente , e entregou-se á descripção de Carlos Sciocco ; o qual ao almoço teve occasião de dar opio á Carcereira , que sentindo-se com humas grandes dores de cabeça , deitou-se na cama , e adormeceu profundamente. Leandro , e Sciocco por não perderem tempo vão logo á posta real , onde lhe perguntão para onde querem ir. Seja para onde for , respondêrão elles para Marselha , sim para Marselha.

Preparáo-lhe huma sege, em a qual se mettem logo, e partem. Não acordemos a Carcereira, vamos com os dous viajantes. Chegáo a Marselha no outro dia pela manhã, e tomáo quarto em huma casa de pasto, que ficava logo á entrada da Cidade nova: apesar disso elles se acháo em más circumstancias; como hão de subsistir? O thesouro de Dorancè, que possuia Leandro, foi-lhe apreendido pela justiça, quando o prendêrão em S. Marcellino: não possui mais nada e o seu companheiro tem outro tanto; que hão de fazer? . . . Sciocco propõe ao seu amigo que faça valer os seus talentos musicos; este concorda, e em consequencia disto annunciáo-se como musicos, e pedem licença para fazerem hum concerto público: dão-lha, ajusta-se o dia, faz-se o concerto, e a affluencia he consideravel. Leandro toca hum concerto de piano-forte, Carlos canta hum rondó Italiano, e

am--

ambos são applaudidos, festejados, e bem pagos. Este ensaio os anima, propõe-se a segunda serenata; mas hum incidente favoravel lhe vem offerecer outro genero de ressursa.

Huma manhã estando ambos compondo musica no seu quarto, entra hum homem, que mostrava ter quarenta annos, e parecia opulento. Não vos incommodeis, diz elle, continuai, continuai; a minha visita não he para vos interromper. Senhor desejaríamos saber a cauza da honra da visita que nos fazeis para... Está bem, assentemo-nos, e conversemos; porém primeiro que tudo peço-vos segredo, porque se se soubesse o que vos vou dizer... Nós vo-lo promettemos, fallai.

» Eu sou o recebedor das rendas reaes desta Cidade, em consequencia do que posso dar officios a quem me parecer: vós ambos não me pareceis nascidos para a vida em que vos vejo: á manhã mesmo vos darei hum officio a cada hum, que

que amanhã já podeis exercer , e quanto aos ordenados ficão ao meu cuidado mas em paga deste serviço quero de vós outro Eu adoro huma menina adoravel ; quero que tenhais a condescendencia de lhe dar lições de musica , de historia , de geografia , finalmente de todas as sciencias em que fordes instruidos ; depois disto não poupareis nada para tocar o seu coração em meu favor ; porque tenho desconfianças de ter hum rival , e hum rival formidavel . . . he huma menina que tenho creado , e educado até agora , e com quem faço tenção de casar se se fizer digna de mim pela sua ternura , e pelos seus sentimentos. Bem vedes que a supplica que vos faço tem hum fim o mais legitimo , e por principio nenhum póde offender a vossa delicadeza . . . Durante hum mez que vos dou para a tocardes a meu favor , não porei o pé em sua casa : se no fim deste tempo ella quizer ser mi-

nha casarei logo com ella , se persistir teimosa entregar-lhe-heis este cofre assim fechado como está , e dir-lhe-heis que a não quero tornar a vér. Lembrei-me de vós , senhores , porque o vosso dono da casa me fez os maiores elogios do vosso espirito , e da vossa probidade... Além disso sou vosso visinho ; em razão de vizinhança ser-me-ha mais facil ver-vos todos os dias , e saber os progressos que tendes feito : condescendeis com as minhas offertas , e com as minhas proposições?

Leandro que desconfia do recebedor , não sabe o que lhe ha de responder ; mas Sciocco logo lhe responde : *Si signor* , nós condescendemos com muito gosto. Que-
rer-nos dar hum officio lucrativo , por hum serviço tão pequeno ! .. Ah ! *tropo di honore , tropo di bonore ! ..* — Está bem , senhores , lhe torna o desconhecido ; esperai aqui por mim , eu virei daqui a hum instante , e iremos todos fazer hu-
ma

ma visita á amavel Sofia , que em pouco será vossa discipula... Retira-se o recebedor ; Leandro increpa Carlos por accitar huma proposição tão extravagante. Como te decides tão promptamente, diz elle a Sciocco, sem esperares pelo meu beneplacito?... Ora dize-me conhecês este homem, ou a sua amante? acha-nos certamente huma bella serventia! — Mas o fim de tudo isto he o casamento, *mio caro!* — He verdade que elle assim o disse,... mas este cofre que nos deixou... que estará neste cofre?... será hum laço que nos armem? — Bom! hum laço! e porque nos ha de querer enganar?... este cofre... he dinheiro que está dentro; isto ha de ser para no caso que ella o despreze, não a quer vêr mais, e dá-lhe este cofre para a sua subsistencia... he isto, he isto! — Apesar de tudo isso, Sciocco, não sou de voto que accitemos esta incumbencia. — E tereis animo para deitar deste mo-

do pela porta fóra a fortuna que se vos vem metter em casa? Tudo isto devia assim acontecer: ainda que aceneis com a cabeça, *mio padro-ne*, posso-vos provar que esta era a ordem das coisas: tomarmos quarto nesta casa de pasto, havendo tantas; estava decretado que devíamos tomar conhecimento com este attencioso visinho; depois disto, vendo o tempo bom me dissesseis que fossemos passear... não, vos disse eu; fiquemos antes aqui, vamos ensaiar esta soberba sonata que compuz hontem: vós a queredes sahir, eu a dizer que não, por encurtarmos razões; ficamos em casa contra vossa vontade: parecia que eu tinha algum pressentimento da felicidade que me havia de vir: ah acreditai-me, *incredulo cavalie-re*, o destino he quem nos leva pela mão, por entre as alternativas humanas.

Não escutava Leandro as loucas razões de Sciocco, pois estava

to-

todo embebido em huma aventura, que despertava toda a sua desconfiança, e não lhe persagiava nada de agradável; talvez tivesse razão: veremos em que isto veio a parar.

Estavão ainda ambos entregues, hum ás suas reflexões, outro aos seus argumentos, quando o recebedor entrou. Vamos, senhores; lhe diz elle, partamos; vamos vér a insensível Sofia, queira o Ceo que vos deva o seu coração; nada parecerá bastante á minha gratidão para reconhecer hum serviço tão assignalado... Eu deixo na vossa mão o pequeno cofre, que lhe entregareis se presistir na sua crueldade; porém não lhe fallemos nisso antes de tempo... quero dever-lhe, ou o seu odio, ou a sua mão. — Porém, senhor, lhe diz Leandro, porque não guardais o cofre em vossa casa? basta que no-lo entregueis quando chegar a occasião. — He necessario que esteja na vossa mão; tenho huma jornada a fazer,

zer, que póde durar seis semanas, e por isso poderei não estar cá para o dar; e depois disso elle não está tão seguro na vossa casa como na minha?

Não teimou mais Leandro, e sahindo todos tres chegarão a casa de Sofia: appareceo huma governante, que introduzio os tres amigos em huma sala, onde Sofia se divertia ao cravo. Sofia, lhe diz o recebedor, sabeis que parto para Paris, onde me he preciso demorar-me alguns dias; como quero que não percas o tempo, peço-te que sejas docil ás lições, que estes dois senhores vos quizerem dar; e possa eu quando voltar conhecer que ellas tem produzido em ti alguma melhoria.

Sofia não responde nada, e o recebedor accrescenta: está bom! assim he que ouves o que te digo?.. levanta a cabeça... Jesus! que modo tão feio?.. temos agora choro? Já estou cansado das suas
ni-

nicas minha menina... e não lhe pareça que me engana... Ora vamos cante alguma coisa; vamos a vêr o que sabe: a muitos roges cantou humna modinha.

Assim que acabou de cantar entrou o recebedor a dar-lhe novas reprehensões. Que quer dizer essa cantiga? ... sempre modas tristonhas... não gosto disso; quero coisas alegres... Mas está bem, estes senhores mudarão isto... Sofia has de seguir os seus conselhos? Sofia bem sabes que te amo... paga-me de algum modo o bem que te tenho feito... Quem teria tomado conta em ti, Sofia, se eu não tomasse á minha conta reparar a injustiça da sorte, que vos fez nascêr pobre, e que vos tirou vossos pais, estando ainda no berço? ... Nunca conhecestes outro pai, nem outro amigo senão eu... Ah Sofia, porque não ajuntas a estes titulos sagrados, hum ainda mais caro, e que satisfaria todos os meus desejos...

Continua Sofia em não responder palavra ; porém assás diz pelo seu silêncio , e pelos seus gestos , quão está longe de lhe dar este titulo . . . Leandro , e Carlos olhavam como espantados , o recebedor quasi que se pôe em furor , e todos tres se retirão . . . Visteis , diz o ultimo no caminho , como me aborrece a tal menina . . . — Porém vós tambem a tratais com alguma aspereza , lhe responde Sciocco. Bom ! com aspereza ! . . he huma doida que está namorada de hum peralvilho , que tenho estado vinte vezes para lhe maçar o corpo. — Vós tendes hum rival ? — Sim , scio com toda a certeza : n'outro tempo até tinha o atrevimento de ir a casa della ; porém depois que ameacei Sofia que a havia de metter em hum convento , se o tornasse a receber em sua casa , não tornou mais : mas com tudo isso não duvido que se encontrem , ou se escrevão , apesar da vigilancia da governante ,
que

que está nos meus interesses. — Como ella tem hum amante, diz Sciocco, se eu estivesse no vosso lugar, se algum dia o achasse em sua casa havia de lhe dar hum banda de bordoadas. — Isso tambem eu fãrei; mas vamos a outra coisa. Vós me prometteis, senhores, que empenhareis todo o vosso cuidado em enternecella em meu favor? — Fa-lo-hemos com muito gosto, responde Leandro, mas parece-me difficuloso... — Mas que quereis? senão fôr possível mudalla, está bem, abandona-la-hei: o dinheiro que está neste cofre, e que vós lhe entregareis, a ajudará a tomar algum partido, e eu me esforçarei pela esquecer.

Quando Leandro, e Sciocco ficárão sós, começárão a raciocinar sobre o que vinhão de vêr. Se Sofia o não ama, diz Leandro, tambem elle se não faz muito amavel com ella. — He verdade, diz Carlos, que elle he hum pouco aspero; porém

porém se tem hum rival tem desculpa. — Não sei a razão porque nos escolheo para este fim sem nos conhecer: a hum recebedor das rendas reaes nunca faltão agentes, que os adulem, e lisongêem. . . — Talvez não goste dessa casta de gente... e n'uma palavra, que nos importa o seu motivo: elle dá-nos hum officio, que máo he isso. — Isso he verdade... mas não sei porque não gosto de me vêr mettido nesta intriga.

Passou Sciocco todo o dia em provar ao seu amigo, que isto lhe devia parecer muito feliz: Leandro não esteve por nada do que elle disse, e no outro dia o recebedor os veio buscar para lhe dar posse dos seus empregos.

No fim de alguns dias, notou Leandro que a menina o olhava com sensibilidade; aproveitou-se disto para lhe pedir a sua confiança, e fallar-lhe no recebedor. Sofia que tinha distinguido o nosso heróe do seu companheiro, apertou-lhe a
mão,

mão, dizendo-lhe em voz baixa: se o conhecesseis como eu, senhor!... he hum homem perigoso... Estas expressões gelarão de horror o pobre Leandro; e conhecendo que a discreta Sofia não se atrevia a explicar-se na presença de Sciocco, mudou de conversação.

Estas palavras não lhe esquecerão todo o dia seguinte. Sofia inspirava-lhe interesse, e o recebedor despertava a sua desconfiança: *he hum homem bem perigoso!*... Elle tem ar disso. Se armasse algum laço a Leandro! Teria elle tomado hum conhecimento... funesto... Não descansou Leandro em quanto não indagou tudo da sua discipula, e descobrio a verdade.

No outro dia, em quanto Sciocco se divertia em cantar, e tocar no piano-forte de Sofia, Leandro a chamou em particular, e disse-lhe: senhora, tem-me dado cuidado o que me dissesteis: o senhor recebedor será talvez hum homem fal-

falso, e máo ! — Máo, senhor !.. ah ! quem o sabe melhor do que eu ? Quanto abençoaria a mão caritativa, que me livrasse da sua tyrannia !.. Não sei, mas vós me inspirais mais confiança do que o vosso amigo. Vinde esta noite só ; a minha governante, com quem eu posso contar seguramente vos fará entrar : vinde... e eu vos contarei tudo ; sabereis de que he capaz o homem que vos trouxe aqui, e quando conhecerdes a sua atrocidade, e perfidia, vos arrependereis de o ter conhecido !.. sim ! haveis de arrepender-vos.

Estes discursos de Sofia erão mais que bastantes para assustar Leandro, que prometteo vir. Á noite querendo-se livrar de Sciocco, fingio estar indisposto, e precizar de somno. O Italiano deseja-lhe as boas noites, e retira-se para o seu quarto ; porém Leandro em vez de se ir deitar, cobre-se com hum capote, desce a escada, e vai a casa de

de Sofia , de quem esperava as instrucções pelas quaes havia de regular a sua conducta com o recebedor. A governante o esperava á porta , elle sobe á salla onde Sofia o estava esperando , e aqui está a perfida discipula , fazendo ao seu novo mestre mil queixas falsas do seu protector.

Para explicar este enigma he preciso dizer , que Sofia dotada do character o mais falso , e o mais ingrato , apesar de todas as obrigações que devia áquelle que lhe servia de pai , e tinha , auxiliada de criados corrompidos , a conducta a mais escandalosa , e revoltante. Ella tinha estado apaixonada por hum peralvilho , que o recebedor tinha deitado vinte vezes fóra de casa ; porém Leandro tinha feito no seu coração huma impressão muito mais forte do que o seu antigo amante. Ella esperava que fazendo-lhe huma pintura pathetica da sua situação ; e dos vicios suppestos do seu pro-

protector, enterneceria o nosso heróe, e o obrigaria a rapta-la, e fugir com ella . . . Pobre Leandro, em que precipicio te vai pôr o teu character desconfiado! . . . como has de escapar, pobre Leandro?

Em quanto o amante de Claretta fechado com Sofia em hum salla, ouvia com a mais cega credulidade as mentiras que esta lhe pregava, o recebedor que casualmente passára pela rua onde morava a sua amante, viu entrar hum homem embuçado n'hum capote: persuade-se que he o antigo namorado, e transportado de raiva, e de ciume, diz: assim me enganão, e esta perfida governante que eu me parecia que era fiel? . . He preciso que me vingue deste peralvilho, que tantas vezes me tem offendido; e Sofia, ámanhã lhe darei noticias minhas . . .

O recebedor persuadido que o seu rival vai passar a noite com Sofia, vem logo ter com Sciocco,
on-

onde está o meu amigo ? — *Tace signor* : está dormindo , está doente. — Eu queria-lhe fallar já. — Não pode ser , recolheo-se para o seu quarto , e está agora dormindo. — Está bem , meu caro Sciocco , vós me destes o conselho : he preciso que venhais comigo , e que me ajudeis a castigar o meu insolente rival , que está em casa daquella perfida Sofia. — Sim , *signor* , tenho pena que o meu *maestro* não possa fazer huma perna ; mas he escusado acorda-lo para isto , far-lhe-hemos a caridade sem elle.

Aqui está o recebedor , e Sciocco armado cada hum com o seu bastão , e vão-se pôr em embuscada defronte da porta de Sofia , resolvidos a esperar toda a noite se fôr preciso , que o pertendido rival saia , e se venha apresentar á sua vingança.

Neste tempo Sofia , depois de ter dito a Leandro o peor possivel do seu bemfeitor , lhe pedia que fugis-

gisse com ella ; que a livrasse de hum homem que aborrecia mais que a morte : debalde Leandro lhe ponderava as razões mais plausiveis , Sofia a nada cedia. Ah , meu querido mestre , lhe dizia ella , he hum homem capaz de me perder , e de vos perder a vós , se nisso tiver algum interessc ! fosteis infeliz em o conhecer , e eu ... ainda sou mais desgraçada se fôr obrigada a viver com elle ... Oh soccorei-me , generoso mancebo , levai-me daqui para fóra . . . seja para onde fôr , com tanto que esteja longe do meu tyranno . . . Leandro absorto , não sabia o partido que havia de tomar : finalmente prometteo-lhe que pensaria nisso , e que no outro dia á hora da lição lhe daria huma resposta decisiva. Sofia antes d'elle partir fez-lhe tantas meiguices que acabou de o ganhar : finalmente Leandro sahio commovido de tudo o que tinha ouvido.

Persuadido que o recebedor
he

he hum velhaco , hum homem de hum character temivel , está determinado a entregar-lhe logo no outro dia o cofre mysterioso que lhe confiára . . . quem sabe , diz elle comsigo mesmo , se este cofre tem dentro alguns papeis , ou alguma coisa que me possa perder , se mo acharem em meu poder.

• Pensando nestas coisas , desce a escada , sahe , e fecha a porta . . . mas apenas teria dado quatro passos quando lhe cahem em cima os dois companheiros da embuscada , e dão-lhe huma banda de bordoadas , antes d'elle ter tempo de os conhecer : Leandro os encara , e reconhece o recebedor , e Sciocco . . . Como fica elle com esta vista ? . . Não se atreve a abrir a boca , e recebe callado todas as pancadas que Sciocco lhe quer dar. Ficaria sem dúvida morto a não serem dois homens , que vierão em seu soccorro , e fizerão fugir os dois adversarios. Leandro moido de

pancadas agradeceo aos seus libertadores, recolhe-se para casa, e põe-se na cama. Julgue-se agora que reflexões elle faria !.. ah ! elle foi atraído por Sciocco... o recebedor he hum homem perverso... Sofia tem sobeja razão !.. elle tem provas claras... oh ! quanto elle he digno de lastima !.. quanta compaixão merece !

CAPITULO V.

A Castelleira caritativa.

ANIMADOS Sciocco , é o seu companheiro , hum pelo gosto de dar , o outro pelo ciume , não conhecêrão Leandro , e com effeito nos trajes em que tinha ido era desconhecível. Interrompidos na sua expedição por dois homens , fugirão , e encaminhando-se para casa cada hum por seu caminho , chegarão a casa , onde depois de terem rido muito do successo desta empreza , cada hum se retirou para o seu quarto.

Leandro estendido na cama , tolhido de dores , reflectia na sua triste aventura. Ser Sciocco hum dos meus assassinos ! que fiz eu a

este miseravel Italiano ! porque me quereria tirar a vida ? .. Oh ! Ceo , em quem nos havemos de fiar ? ... Este abominavel recebedor ter-me-hia visto entrar em casa da sua amante , e transportado de furor , viria procurar Sciocco , que não me encontrando no meu quarto acreditaria quanto lhe dissesse o seu infame companheiro ; .. mas elle chegar a este excesso ! elle que se mostrava tão meu amigo ! .. como se póde perceber este enigma ? .. Não ha remedio ; ir-me-hei embora salvar-me-hei das mãos destes malvados ; .. porém como ha de ser ? .. se não estou em estado de andar , de deixar estes monstros ? .. Oh Ceo ! dai-me a força necessaria , soccorrei-me , só em vós me confio ! ..

Taes erão as reflexões que fazia o pobre Leandro ; e ainda que estava em hum estado tão cruel , soffreria mais depressa a morte do que recorrer a Sciocco para lhe pro-

curar hum Cirurgião : passou toda a noite a gemer até que pela manhã Sciocco, que o julgava a dormir, entrou muito de vagar no seu quarto . . . Leandro bramando de raiva, cubrio a cara para o não vêr : o Italiano respeitando o seu descanso, sahio, e foi ter com o recebedor, a quem disse que o seu *caro maestro* lhe parecia estar muito doente. Pois vamos vê-lo, lhe responde o outro, não precisamos tempo.

Entrão ambos no quarto da sua desgraçada victima. Que tendes, lhe pergunta o recebedor? estais doente? — Sim, senhor, e bastante . . . — He preciso mandar chamar já hum Medico. Sciocco dá logo ordem ao criado para chamar hum Medico, e vem ter com o seu amigo, e para o consolar lhe diz: oh isso não ha de ser nada, *lo credo*. Leandro não lhe responde nada, mas ainda lhe cresce mais a raiva. Que desgraça! continúa o Italiano,
não

não nos acompanháes esta noite ,
mio care padrone! ajudar-nos-hieis
a ensinar aquelle peralviinho ! . . .

— Sim , interrompe o recebedor ,
vi entrar em casa de Sofia o rival ,
em que vos fallei em casa de So-
fia : apossou-se a raiva do meu co-
ração , vim procurar Sciocco , e
ambos lhe démos huma banda de
bordoadas , que lhe ha de lembrar
por algum tempo. — Oh ! como eu
estava enraivecido , interrompe o
Italiano ! . . parece-me que se não
fossem os dois homens que passá-
rão que o deixava por terra . . . Va-
mos lá , interrompe o recebedor ,
elle não ficou mal convidado , e vós
ajudasteis-me magnificamente.

A penna he insufficiente para
pintar os diversos sentimentos que
experimentava Leandro durante es-
ta conversação. Os perfidos , dizia
elle , como são manhosos ! O Me-
dico que entrou , interrompeo este
discurso : Leandro diz que lhe quer
fallar em particular , e os dois se
re-

retirão. O amante de Claretta confessa tudo ao Doutor, homem grave, e que inspirava confiança. Senhor, continúa elle, eu não posso viver com os meus algozes; tirai-me das suas mãos. — Com muito gosto, responde o Doutor; quereis vir para minha casa? — Para onde quizerdes, com tanto que torne a vêr os meus inimigos.

O Medico manda buscar a sua sege, e assim que esta chega, Leandro he mettido dentro, apezar das queixas, e das súplicas de Sciocco, que o doente não attende, e que ainda mais avivão a sua indignação. Chegando a casa do Doutor, vai occupar hum quarto, e recomenda muito que lhe tenham sempre a porta fechada. Leandro não quer tornar a vêr Sciocco, e pede a todos que o não deixem ir ter com elle.

O bom Italiano desesperado, indaga as culpas que o seu *maestro* lhe imputa. E ainda o perguntais, lhe

lhe responde o Medico, depois de o reduzirdes áquelle estado? — *Santa Clara*, exclama Sciocco, não fui eu! — Vamos, fosteis vós, fosteis vós: a noite passada era elle que sahia de casa da tal donzella. — *O' barbaro, ó tyranno, ó credule!* interrompe o pobre Carlos; arrependendo os cabellos; que fiz eu? valha-me o Ceo! que fiz?... Ainda bem não tinha dito isto, já estava em casa do recebedor contando-lhe tudo... Este fica admirado, e ao mesmo tempo enraivecido, imaginando que Leandro tinha intenção de lhe tirar a amante. E na verdade porque outra razão iria elle a casa della disfarçado daquella sorte? que tinha que lhe dizer? erão aquellas horas de lição? Leandro engana-lo, Leandro!... aquelle homem que tinha em conta de homem de probidade, aquelle a quem tinha confiado os seus segredos!... Para se tirar da dúvida vai logo a casa de Sofia, e diz-lhe: perfida, já

já sei tudo : Leandro seduzio-te !
ambos me atraçoasteis ! . . — Oh
Ceo ! exclama Sofia , quem podia
tal dizer ! . . ah ! eu imploro a vos-
sa clemencia ; elle não he culpado ,
eu só o sou . . . — Elle não he cul-
pado ; perjura ! . . não importa , que
já me vinguei delle e de ti . . . ,
vingar-me-hei renunciando a affei-
ção que até hoje te tive . . . Adeos ,
desprezo-te tanto que até não me
lembra castigar-te ; mas aconselho-
te , que saias desta Cidade . . . tira-
te da minha vista , porque póde vir
hum momento de furor , em que
saia de mim . . . adeos . . . O recebe-
dor lançando olhos aterradores pa-
ra a culpada Sofia , sahe , e chegan-
do a casa , por hum resto de com-
miseração lhe manda o cofresinho ,
dá depois a Sciocco vinte e cinco
luizes para pagar ao Medico do
seu amigo , prohibindo-lhe expres-
samente que descubra que elle he o
author deste beneficio ; depois d'isto
mette-se na sege , e parte para Pa-
ris ,

ris , onde o leitor sabe que o chammão os seus negocios.

Este homem na realidade era digno de lastima : adopta huma rapariga orfã , e pobre , educa-a com projectos de fazer della sua mulher , e esta ingrata creatura abusa das suas bondades para o atraíçoar : cuida que tem hum amigo , o qual se encarrega de lhe ganhar o coração da sua amante , e vê-o sahir de sua casa a horas improprias , e disfarçado : depois Sofia confessa-lhe tudo , que ha de elle pensar de Leandro ? . . Deo-lhe pancadas por engano , mas está bem longe de se arrepender de lhas ter dado : apezar de tudo isto a sua generosidade he mais forte , não póde deixar ao desamparo hum homem que maltratou : foge da sua amante , foge deste amigo que julga perfido ! . . . foge . . . mas leva no seu coração imagens cruéis que o atormentão durante a viagem. Ha de achar talvez depressa consolação para a sua
pe-

pena , sim ha de acha-la . . . Mas não antecipemos os factos que temos a contar , e voltemos ao nosso Leandro , que por agora he realmente infeliz por sua culpa.

Debalde Sciocco se apresenta todos os dias , e a toda a hora á porta do seu quarto ; debalde elle testemunha ao Doutor o seu arrependimento , e a sua ternura pelo seu *maestro* ; o mesmo Doutor falla ao enfermo em seu favor ; Leandro está inexhoravel : tudo o que lhe dizem ainda mais o irrita ; está intimamente persuadido que o crime de Carlos foi de cazo pensado. Se eu o conheci tão bem , respondia elle , como me não conheceo elle ! Esta razão era assás justa , mas não verdadeira.

Em pouco tempo se vio Leandro em estado de poder andar , e até de fazer huma jornada : tanto que se achou assás restabelecido para isto , mandou buscar o seu facto , e quiz pagar ao Medico. Eu
já

já estou pago , lhe diz este. — Pago!.. e quem vos . . . — Não vos posso dizer prometti segredo. Em vão Leandro cogita no seu espirito a pessoa que lhe fez aquelle serviço , e o seu pensamento fixa-se em Sciocco , mas sempre sensível á traição de que o accusava , resolveo-se a partir sem lhe fallar , e até sem o vêr. Em consequencia disto huma manhã despedio-se Leandro dos da casa onde estava , e pedindo-lhe que não avisassem o Italiano da sua partida tomou muito triste o caminho do Pin , onde tinha tenção de tomar a posta para Paris ; não a querendo tomar em Marseilha com o receio de que Sciocco descobrisse os seus passos , e o seguisse. Tinha tomado tanto a peito a conducta do Italiano , que hia com a cabeça baixa , e formando sobre a sua situação os pensamentos os mais tristes. E não sou eu bem desgraçado , dizia elle consigo mesmo ? em quem me hei de fiar ?

fiar? de quem posso esperar soccorro? encontro hum Italiano sem asylo, e desamparado, associo-o á minha sorte, e atraíço-me!... Hum homem rico vem procurar a minha amizade, e a minha confiança, e ambos ainda não contentes em me moerem de pancadas, insultão-me com ironia a mais amarga!... Ah meu Deos! e que fiz eu a toda esta gente?...

Assim fallava Leandro com o seu coração, elle o consultava, e sentindo que elle o não increpava de nada, não podia deixar de accusar os homens dos seus infortúnios. Estava embebido na mais profunda melancolia quando o distrahe della hum homem, que precipitadamente se lhe deita aos pés, para mais aggravar a sua colera, e a sua indignação!... Este homem abraça seus pés, supplica-o com lagrimas. Leandro quer continuar o seu caminho, o outro lho embaraça, dizendo-lhe no tom mais penetrante:

O lo mio caro padrone! ascoltami! ascoltami! — Que queres tu desgraçado! ainda tens cara para me appareceres . . . — Isso são as pancadas, não he assim? que . . . se soubesseis como eu fiquei desesperado!.. eu não me parecia que dava no meu rico *maestro*, no meu *tenero amico*, não, não me parecia. — Desavergonhado, ainda te atreves . . . — Posso affirmar *Giesú* o juro que vos não conheci! — Então que cuidaveis? — O recebedor he tão innocente como eu: vê entrar em casa da *signora* Sofia hum homem embuçado n'hum capote, parece-lhe que he o antigo amante *de la damizella*, e desperta-se o seu ciume; vem ter comigo, pede-me que o acompanhe, e ambos queriamos chamar-vos, mas eu que vos julgava a dormir respeito o vosso descanso, partimos, achamos o homem, e damos-lhe bordoadas.... Succede que as pancadas em vez de recahirem em hum perfido, recahem

hem no meu *dolce maestro* !.. que culpa temos nós ? como podiamos advinhar que tinheis ido dar lição áquellas horas !.. — Essa novella.. — Não he huma novella , *signor* , he a verdade Perguntai-o ao Doutor que vos curou , ou perguntai-o antes ás minhas lagrimas , aos meus pezares , que são os garantos os mais seguros da minha innocencia... — Que ! nem tu , nem o recebedor me conhecêrão ? — Não , não , não , e mil vezes não ! — Que he o que oíço ?

Derramava Sciocco as lagrimas as mais sinceras , Leandro via-o a seus pés , Leandro era bom , e sensivel ; elle começou a reflectir , e a accusar-se a si mesmo do que lhe tinha succedido Carlos , o pobre Carlos acabou de o confundir , dizendo-lhe no tom o mais ingenuo : mas dizei-me , *caro padrone* , permitti-me que vos pergunte tambem o que hieis fazer áquella hora a casa da *signora* ? que lição tinheis que lhe dar ? .. Le-

Leandro fica enleado , olha para Sciocco , dá-lhe a mão , que o Italiano beija com transportes verdadeiramente tocantes . . . Que alegria ! que transporte ! elle me perdoa , este querido Leandro , elle me perdoa ! — He justo , se o que me dizes he verdade. Ah ! bem vejo que eu sou o unico culpado desta aventura . . . — Sim , vós o sois . . . e este bom recebedor que vos julgou seu rival , e que nem por isso deixou de pagar ao Medico ! . . . — De pagar ? . . . — Sim ao Medico ! se o visseis dar-me huma bolça com vinte e cinco luizes , e dizer-me aqui tens , Sciocco , eu amo o teu amigo apezar da sua perfidia . . . porque me enganou , tudo sabe por Sofia , elles estavam para fugir ! . . . não importa quero ajuda-lo , soccorre-lo , mas quero que elle ignore sempre quem lhe fez este fraco serviço ! o prazer de fazer bem consiste no segredo que guardamos deste mesmo bem. — Que ! foi elle , foi elle . . .

Sim ,

— Sim ; elle era bem vosso amigo !..

Leandro começa a conhecer as suas culpas ; elle abraça Sciocco , reflecte sobre a sua conducta passada , e accusa-se de desconfiança , e de ingratição. Com effeito aquella Sofia... — Aquella Sofia , *meo caro* , he hum monstro , hum character diabolico ! elle a creou , amava-a ternamente , e a conducta a mais criminosa foi a paga dos seus beneficios. — Que ! Sofia enganar-me-hia , e eu acreditava-a , e suspeitava hum homem . . . — Ó homem amavel !.. generoso ! — Ah Sciocco , Sciocco , quanto eu sou culpado !..

Conta então Leandro a conversação particular que tivera com ella , Sciocco faz-lhe vêr claramente os laços que ella lhe armava , e Leandro penetrado de remorsos não pôde perdoar a si mesmo. Finalmente Carlos o consola , ambos continuão o caminho , anciosos am-

Parte III.

F

bos

bos por chegarem a Paris , onde Leandro espera ter novas de seu pai , do seu mestre Dumont , e talvez torna-los a vêr , e abraçar.

Depois da sua sahida do casal , tinha experimentado tantas afflicções , que mal tinha tido tempo para se lembrar da sua querida Clara : com tudo isso ás vezes recordando-se que estava separado deste querido objecto derramava queixosas lagrimas : elle a via saudosa , e desesperada , ouvia os seus suspiros , e este quadro tocante dilacerava o seu coração. Agora que está reconciliado com o seu bom Sciocco , só o occupa o desejo de encontrar seu pai ; elle o espera , e já se lisongea com esta imagem risonha : hum feliz persentimento , parece affiançar-lhe esta felicidade , e dizer-lhe que só em pariz gosaria desta felicidade : porém elles agora são dois , esta viagem he custosa pela posta , e elles são pouco adundantes da fortuna : propõe Sciocco a Leandro
fa-

fazerem a viagem a pé , descansarem nas grandes Cidades , darem hum concerto , e chegarem deste modo até Paris. Leandro condescende com isto , e ei-los caminhando , caminhando , até que chegam de noite a Lambesc. Partem daqui , e vão sendo sempre bem acolhidos , e festejados em todas as Cidades por onde passam. Não pararemos senão em Viena , onde lhes ha de succeder hum aventura singular , a que Leandro deo cauza pelo seu character desconfiado , e insociavel.

Começando o dia a declinar , bem que ainda podessem andar algumas leguas antes de noite , sentirão-se de tal sorte fatigados , que entrarão em huma estalagem de Viena , com tenção de alli passarem o resto da tarde , e dormirem a noite : dão-lhes hum quarto , para onde elles logo vão , sentão-se , e põem-se a conversar ; de repente se sente hum motim no mesmo quarto . . . o que he isto ? a sua porta

está fechada, elles estão sós, absolutamente sós, mas sentem respirar ao pé de si. — Aqui ha alguem, diz Sciocco. Sim, responde Leandro, aqui está gente escondida.

Dizendo isto procurão por toda a parte, e achão dentro de hum armario hum homem escondido, que tremia como varas verdes. — Que fazeis aqui? quem sois vós? lhe dizem os nossos dois viajantes pondo-se em deffenssiva. — Ah senhores não me percão, diz o desconhecido, deitando-se-lhe aos pés!.. não me percão! eu sou hum culpado a quem persegue a justa vingança de hum homem, que sacrificuei deshumanamente; eu vi-o agora entrar nesta estalagem; e assim que o vi, escondi-me logo neste quarto, cuja porta estava aberta. — Vós tendes outras tenções, miseravel! sahi daqui. — Ah por tudo o que vos he caro, salvai-me, valei-me!.. eu não sou hum assassino; se sou culpado de hum crime, foi o amor,

só

sô o amor quem mo fez commetter. Oh ! deixai-me passar a noite convosco ! vós me conhecereis , vós sabereis tudo. — Nós consentimos que hum homem que não conhecemos . . . — Se me fazeis sahir estou perdido ! consenti , generosos estrangeiros , que eu vos deva a vida : guardai-me no vosso quarto esta noite , e amanhã quando o meu rival partir , eu me irei embora , e vós não fareis serviço a hum ingrato.

Sciocco da sua parte estava prompto a fazer ao desconhecido o que elle lhe pedia ; porém Leandro ! Leandro , que de tudo desconfiava , e talvez com razão de hum homem que achava escondido n'hum armario , não consentio : debalde Sciocco lhe quer provar que isto he da ordem das coisas , e da perdestinação ; debalde o desconhecido empenna supplicas , e lagrimas , Leandro já enganado tantas vezes , teme de o ser mais huma vez , abre

a porta, e chama o estalajadeiro.

No motim que elle faz o desconhecido procura salvar-se, mas o seu adversario apparece á porta, e agarra-o, dizendo-lhe: Ah! és tu que persegue a minha cólera! e dizendo isto ensopa-lhe a espada no peito!... Como ficção Leandro, e Sciocco á vista deste horroroso espectáculo!... Elles vem cahir este desgraçado, e tem remorsos da sua morte... a casa enche-se de gente... Leandro, e Carlos temendo verem-se compromettidos neste caso funesto, sahem da estalagem, rompendo a chusma que se apinha; tomão o caminho de Leão com passos precipitados: terião feito perto de tres leguas de caminho, quando dois cavalleiros, que galopavão a toda a redea, os alcançãõ: hum delles se apêa, e chegando ao pé delles, assim lhe falla n'hum tom furioso: vós ereis cúmplices daquelle malvado, a quem tirei a

vida? — Nós! — Sim, elle estava escondido no vosso quarto. — Desgraçado! lhe brada Leandro: teme a justa perseguição da justiça, a que sem dúvida te esquivastes! e não insultes hum desgraçado homem, que toda a sua vida tem remorsos do crime que te fez commetter.

O cavalleiro, e o criado querem descarregar as pistolas sobre Leandro, e Sciocco, mas estes arrancando-lhes estas armas assassinas, começam com elles hum combate de gladeadores, em que os quatro campeões mostram tanta força como agilidade.

A noite era das mais escuras, o campo de batalha era ao pé de hum Castello, onde muitas pessoas chamadas pelo motim se tinham posto á janella, e não se atrevendo a sair, vião de lá a acção, que era vigorosissima.

Leandro, e Sciocco fazião prodigios; ora aterravão os contendores,

dores, ora deixando-os levantar os esperavão a pé firme, e recommençavão hum novo ataque: duraria muito tempo o combate a não ser interrompido por hum accidente, que livrou os dois amigos destes estrangeiros ferozes, que não conhecião. Quiz o acaso que Sciocco no calor da acção, exclamasse: firme *mio maestro*: animo bravo Leandro. — Leandro! Leandro! exclama huma senhora que estava á janella do Castello. Que! he elle! vão-no depressa soccorrer.

No mesmo instante huma multidão de criados sahe da casa, e cahindo sobre os quatro combatentes, dão em os que assaltão, e nos que são assaltados; os nossos dois heróes põem-se logo da parte deste soccorro inesperado, e carregão de tal sorte os cavalleiros, que os põem em fuga, e ficão vencedores.

Recebeo Leandro huma ferida na cara que o desfigurou: Sciocco, e os creados o amparão, a dar
ma

ma caritativa chega , pega-lhe no braço , e fa-lo entrar em casa , dizendo-lhe em voz baixa : que ! és tu , meu Leandro ! meu Deus , que accidente ! anda lá meu filho , esta vez *não me has de escapar...*

Leandro petrificado de espanto... que dama será esta que parece conhece-lo , e interessar-se pela sua sorte ?... ella sabe o seu nome , quem lho diria ?

Bem depressa o leitor renovará conhecimento com ella : deixemo-la por hum momento prodigar os seus disvellos ao nosso heróe ferido , e vamos vêr o que he feito da interessante Clareta.

CAPITULO VI.

Monsieur, e Madame de Corsange.

CLARETA se deita aos pés daquelle homem que encontrára fugindo da casa da Baroneza (*), e diz-lhe: oh homem generoso, sabeí que sou huma mulher. — Huma mulher! (**)

— Sim, e huma mulher que será sempre grata aos vossos beneficios. — Ah! minha querida senhora entrai para a minha sege, a minha idade deve tirar-vos toda a dúvida que podicis ter sobre a minha probidade, e eu vos levarei

(*) Veja-se o Cap. III.

(**) O leitor deve-se lembrar que Claretta andava vestida de homem.

rei aonde quizerdes. — Não duvidou aceitar esta offerta, senhor, a vossa generosidade, as vossas palavras, e... hum não sei que respeito, que me inspirais, tudo me annuncia a delicadeza dos vossos sentimentos, tudo me determina a acompanhar-vos...

Dizendo isto o desconhecido dá-lhe a mão, e ambos se mettem na sege, o bolieiro toca os cavallos, e Claretta prosegue o seu discurso: eu, senhor, vou para Paris, onde espero... — Vós ides para Paris?... esse tambem he o meu destino. — Que! o Ceo me faz encontrar!... — Hum companheiro de jornada, sisudo, sensivel, e que já toma pelas vossas desgraças hum vivo interesse... — dignai-vos de mas confiardes, que eu talvez não seja indigno... — Oh não senhor, o meu coração não he capaz de humma idéa tal... conhecer-me-heis... eu chamo-me Claretta... hum homem que amei, e que... ainda amo,

amo, ah! apesar da sua perfídia!
— Que! vós amais, *Mademoiselle*?
eu... também amava... — Talvez
sejais tão desgraçado como eu sou.
— Desgraçado! ah!... prosegui...
— Deixei tudo para seguir Leand-
ro, para seguir o meu amante, e
a primeira notícia que tive d'elle
foi a da sua infedilidade... — Leand-
ro! o vosso amante chama-se Le-
andro? — Sim: acaso o conhece-
reis? — Não, não pôde ser elle;
elle sabe musica? — Magnificamen-
te. — He bem apessoado? — Mui-
to bem. — Tem dezanove annos?
— Menos alguns mezes. — He do-
cil, e tímido? — He elle mesmo.
— Mas infelizmente falso, e dissi-
mulado? — Não he elle. — Elle
contou-me que tinha habitado em
hum bosque. — Ah senhor! he Le-
andro, he o meu amante... e on-
de o visteis? — Em Marselha, on-
de o seu conhecimento me foi bem
funesto. Oh Ceo... explicai-vos.
— Quanto vos lamento se ainda
amais

amais aquelle perfido ! . . . eu vou consternar a vossa alma. — Não importa, fallai. — Elle roubou-me o coração da minha amante. — Ceos ! — Sim, eu tinha nelle toda a confiança, introduzi-o em casa de Sofia, rogo-lhe que me ganhe o coração da minha amante, e o perfido, namorando-se della, ámbos me atraçoarão, e premeditação em hum conversação nocturna fugirem ámbos, abandonarem-me, despedaçarem-me o coração . . . — Ah senhor ! senhor ! . . . — Vejo entrar de noite hum homem em casa de Sofia, bem longe de suspeitar que seja o meu amigo, espero-o acompanhado com outro: elle sahe . . . nós estavamos armados de páos, cahimos sobre elle, e vingo-me do perfido; dizem-me no outro dia que a minha victima tinha sido Leandro. — Vós . . . ah ! dizei-me as suas feridas são perigosas ? — Esteve de cama cinco dias . . . mas parece que tendes dó d'elle, bella Clareta; por ven-

ventura o que vos digo não vos faz indifferente para hum perjuro, que por titulo algum merece o coração de hum pessoa tão amavel como vós?.. — Ah! deixai-me respirar, senhor, tantos golpes ao mesmo tempo!.. Leandro!.. que eu não saiba delle senão perfidias... em Valença foge com a carcereira... em Marselha quer fugir com... que inconstancia!.. acaba de humma, cahe n'outra... Ah que tanto bastava, Clareta, para contentar aquelle coração sem firmeza: a minha ausencia apagou na tua alma a minha imagem, que o amor, segundo dizias, alli tinha gravado tão profundamente... Não ha remedio, eu o renuncio, não quero torna-lo a vêr, não amarei mais... Senhor, elle está em Marselha, eu vou para Paris, sessenta leguas se metterão entre nós, e desejaria que fosse toda a terra. — Vinde, bella Clareta, vinde comigo... eu vos apresentarei a hum amigo que tenho...

nho... hum amigo que muito estimou pelas suas virtudes, e pelas suas infellicidades... conhecereis a amavel Arzelia... elles não tem filhos; quero que vos adoptem, quero que sejais sua filha, sim, se-lo-heis... a virtude acha parentes em toda a parte...

Agradeceo Claretta ao Recebedor (que está visto que he elle) com esta graça tocante filha da candura, da docilidade, e da innocencia. Ella lhe fez depois huma exacta narração das suas aventuras; fallou-lhe em Duverly, em Dorancé, fez a descripção do Casal, e conseguiu ganhar inteiramente a confiança do seu libertador, que era hum homem estimabilissimo. Conversando nestas materias chegarão a Leão, onde se demorarão alguns dias na estalagem para vêr esta Cidade: a mais consideravel depois de Paris; porém como se não passou coisa alguma notavel durante a jornada de Leão para Paris, vamos

ca-

entrar com elles nesta Capital, e apparear-nos em casa do Marquez de Corsange, amigo do Recebedor, que ha de ser huma personagem bem interessante na continuação desta historia. Era hum homem alto, bem feito, e agradável; porém tinha experimentado tantas desgraças, que o seu character tinha huma certa tinctura de melancolia, que se não podia dissipar. Arzelia, Marqueza de Corsange, podia estar entrando no septimo lustro; mostrava ter sido muito formosa, e ainda que conservava alguns restos de belleza, os seus olhos tinhão perdido tanto da sua vivacidade, e as suas faces do seu colorido; em huma palavra o pranto tinha inundado tantas vezes o seu rosto, que já não tinha aquelles encantos que agradão á primeira vista: mas como a sua alma era pura!... como o seu character era docil!... a Marqueza tinha perdido os seus attractivos exteriores, mas os do seu coração.

ração ainda estavam mais apurados : era bem como a flor que o sol murchára , a borboleta chaga-se a ella , e deixa-a logo , desafiada pelo viçoso , e fragancia de eutra ; mas a abelha prudente não se embaraça com a palidez das folhas , abre o casulo , certa em que ha de achar hum nectar mais precioso que o perfume que já exhalou , e que de nada serve.

Du Monnay (este era o nome do Recebedor) antes de apresentar Clarcta a Mr. e Madama de Corsange , tinha-lhe recommendado que lhe não contasse as suas aventuras : elles foram desgraçados , lhe disse elle , a vossa historia ainda os penalisaria mais , e além disto a historia deste Casal , do vosso Leandro que nunca conhecco a sua familia , tudo isto parece tão singular , tão fabuloso , que olhando-vos como huma heroína de romance , poderiam não vos fazer a justiça que mereceis. Desculpai a

minha franqueza, Clareta, mas como me desteis licença para vos falar como hum pai carinhoso, quero sê-lo, e já o sou, e para vos dar hum prova da amizade que me tendes inspirado, quero apresentar-vos como minha sobrinha; elles sabem que eu estava para a trazer a Paris, mas o que ignorão he que ella já não vive; tomai o seu lugar, e ficai certa que Madama de Corsange vos tratará como sua filha.

Clareta de boa vontade consentia em viver em Paris, mas tinha saudade do Casal. Muitas vezes lembrando-se de Candor se accusava de crueldade, de ingratidão, e projectava voltar para a companhia do seu bemfeitor, daquelle que lhe servio de pai; mas quando se recordava do que elle tinha exigido de Leandro, do supplicio que destinava para o infeliz Duverly, e para sua filha, a sua alma se revoltava, tremia de indignação, e
agra-

agradecia ao Ceo por se vêr distante deste tyranno cruel. Mas Leandro, dizia ella consigo mesmo, pôde voltar hum dia ao Casal, e não me achã lá... não me achando já, e he a mim que elle virá procurar?... O perfido! não contente de me ter esquecido, ajuntará talvez a barbaridade á traição... Ceos! se elle fosse levar... a cabeça de meu pai!... Ceos! e hei de ser testemunha, e hei de vêr!... Não, fiquemos em Paris. Achei hum verdadeiro pai em Du Monnay, os seus amigos aos quaes elle me vai apresentar são tão respeitaveis como elle... vivamos feliz longe dos meus parentes. Que digo eu!... donde achamos a felicidade he o seio da nossa familia.

Decidida pelas suas sabias reflexões Clara chega a Paris com o sensivel Du Monnay: o Marquez de Corsange morava na rua de Vaugirard: elles chegão, o porteiro os introduz, sobem ambos a

uma sala magnifica, onde os dois esposos estavam occupados hum a lér, e outro a tocar. Logo que avistáráo Du Monnay o vão abraçar. Bem vindo, meu querido amigo, lhe diz o Marquez, bem vindo!.. A Marqueza o recebe tambem com grande contentamento, e Du Monnay pegando na mão de Claretta, lha apresenta: aqui está, diz elle, minha sobrinha Claretta, filha de meu irmão; tendes offerecido tantas vezes para ella o doce asylo da vossa casa, que agora tomo a liberdade de accitar a vossa offerta: ella aqui, bella Arzelia, não he bem amavel?

Claretta corava, e abaixava os olhos... a Marqueza a faz assentar ao pé de si: sim minha querida menina, eu vos adopto, devemos tratar como filha a sobrinha do nosso amigo... como ella he galante!... levantai os olhos, modesta Claretta... dai-me hum abraço... Claretta a abraça, e os dois

dois consortes prodigão-lhe as caricias as mais ternas, e affectuosas... Forão jantar; Clareta venceu a sua natural timidez, cantou; a Marqueza a acompanhou, e o dia se passou em conversações, e em efusões de amizade.

Du Monnay que só tinha vindo a Paris para terminar alguns negócios, partio no fim de oito dias para Marsella, onde o chamava o seu emprego. Antes de partir recomendou a sua querida sobrinha aos seus bons amigos; porém as suas instancias erão inuteis: ella já se tinha feito tão querida pela sua doçura, e singeleza, que Mr. e Madama de Corsange a olhavam absolutamente como sua filha.

Não vio Clareta partir o seu digno amigo Du Monnay sem derramar muitas lagrimas, e ainda que devisava humna grande felicidade em casa do Marquez de Corsange, parecia-lhe que ficava desterrada sem elle. Chamando-o em

par-

particular, ella lhe disse: vós deixai-nos, meu pai? — Assim he preciso, minha querida sobrinha. — Oh meu querido tio, como poderei supportar a vossa ausencia? — Ganhando a amizade destes generosos mortaes, que farão que tu me esqueças. — Esqueccer-vos! jámais, jámais! — Adeos minha Clareta. — Meu tio! vós ides para Marseilha? — Sim (surrindo-se) queres alguma coisa para lá? — Nada... mas... — Acaba. — Se elle ainda lá estiver, peço-vos que nunca lhe falleis em mim. — A quem? — Ao pérfido Leandro: se elle soubesse aonde eu estava havia de me escrever, e eu havia de queimar as suas cartas. — Sem as ler? — ... Sem as ler! — Muito bem minha filha: está dito, nem se quer lhe direi que te conheço. — Oh vós podeis falar-lhe dos vossos beneficios; a vossa amizade faz-me muita honra para a esconder. — Então em que ficamos! tu não queres que elle saiba

ba

ba que tu existes , e... — Podcis dizer-lhe a felicidade de que gozo : dizer-lhe , dizer-lhe... que já me não lembro d'elle , e que sou feliz.. muito feliz ! — Está bom , não me hei de esquecer... Ah minha filha !... tu ainda não estás curada do teu amor ! — Affirmo-vos que estou... — Adeos , minha Claretta : escreve-me , e conta sempre com o meu coração...

Elles se separão : Claretta desfazia-se em lagrimas ; mas Madame de Corsange , que veio neste tempo , levou-a consigo , e esforçou-se por distrahi-la com diversos divertimentos , que de alguma sorte lhe suavisarão a saudade.

Em quanto Claretta goza nesta casa de huma doce , e tranquillidade , vamos vêr se Leandro , que deixámos ferido em casa de huma dama caridosa , e desconhecida , se restabeleceo já , e se ainda persiste no projecto de ir para París.

CAPITULO VII.

Aventura da Eremitage.

PRIMEIRO que tudo he preciso dizer aos meus leitores (se já não adivinhárão) quem era esta castelheira , que não tinha podido ouvir pronunciar , sem enthusiasmo , o nome de Leandro. Hão de se lembrar que Claretta , debaixo deste mesmo nome de Leandro , se tinha feito amada da Baroneza de Yrace: justamente defronte do seu Castello se accendeo o combate entre Leandro, Sciocco, e os dois desconhecidos , e era esta velha louca que ouvindo fallar no nome do nosso heróe , o tomou pelo falso Leandro que havia dias lhe tinha fugido.

Lean-

Leandro estanca com o lenço o sangue que lhe corre da ferida, e a Baroneza, que o não vê bem, persiste na sua idéa, e fa-lo deitar em huma cama magnifica. Julia, diz ella á sua aia, eu não posso vêr correr o seu sangue sem desmaiar, vai tu cura-lo: pobre mancoço! amanhã o irei vêr, e eu mesmo lhe levarei hum caldo.

Com effeito a aia, que estava de pouco tempo em casa, sóbe ao quarto de Leandro, e embrulha-lhe tantos pannos em roda da cabeça, que apenas ficou com boca, nariz, e olhos á vista.

Sciocco estava ao pé da cama do seu amigo espantado, e ainda que não comprehendia nada disto, não deixava por isso de admirar interiormente a ordem das coisas, e a predestinação. Quando todos se retirárão, elle lhe disse: então, *mio caro padrone*, ainda ha-veis de dizer que foi o acaso quem vos trouxe a este castello? — Não sei,

sei, tenho muitas outras coisas em que pensar, Sciocco. — Então em que? — Em que! desgraçado! o teu coração não te reprehende de nada? e aquelle infeliz a quem causámos a morte.... — Nós, dizei vós, *signor*, da minha parte, bem sabeis que... — Tens razão: a minha conducta desconfiada... Mas também como havia de crer na sinceridade de hum homem que achei escondido n'hum armario? — Elle tinha para isso as suas razões. — Supplicava-me com tanta energia! meu Deos! meu Deos!... eu he que o assassinei! que me custava deixa-lo passar a noite no meu quarto! Não dormíamos: fortes trabalhos... Ah isto faz-me hum pezo tão grande, meu Carlos! que remorsos eu sinto! — *Dolce, dolce signor*, não vos accuseis tanto; a sorte também tem parte neste caso. — Bom! a sorte! — Sim elle tinha de acabar assim, já estava decretado lá em cima! — Porém,

in-

insensato , se eu o deixasse dentro do armario? .. — Não o devicis fazer , senhor , não ; isto vos era prohibido ; alguma coisa demorava a generosidade da vossa alma , e vos dizia : *lascia-lo sahir , lascia-lo sahir*. — Fazes-me perder a paciencia com as tuas razões capciosas ! parece que as armas de proposito para me apontares os meus erros ! sim , quanto mais fallas , mais aggravantes me parecem ! .. por que ninguem me prendia quando mas deixemos esta conversação que me desespera : dize-me em casa de quem estamos ? — Em casa de humma pessoa muito caritativa , e que de mais a mais he vossa íntima amiga. — Minha ! — *Si , signor* : ella diz que vós sois amavel , e que já estivesteis oito dias em sua casa. — Eu ! — *Si signor*. — Pois eu não a conheço : ella certamente se engana , e me torna por outro. — Tanto melhor , *mio caro ! lascia-mo far-la !* he o Ceo que vos de-

para

para esta boa alma: se não accettassemos com o seu castello, que teriamos *fato* em hum descampado, e entáo estando vós ferido? Aproveitemo-nos de *la bona stella* que....

Sciocco hia proseguir, quando hum creado o veio avisar que a Baroneza o convidava a cear com ella: Sciocco não se fez rogado, foi ter com ella, e ceou com hum appetite devorador. Fez-lhe a Baroneza mil perguntas, a que elle não respondeo, temendo que desganaando-a, fosse despedido. — Este pobre Leandro, ha muito tempo que o conheceis, senhor? — Não, *madama per dio!* he hum cavalleiro bem amavel! — Oh sim, muito amavel! ainda não ha dez dias que elle estava aqui. — *Vuò Pridere la signora!* nós sahimos de Marselha, onde nos demorámos mais de duas semanas. — Que gosto tendes em me contrariar?... Eu conheço muito bem esse cruel!...

Porém,

Porém, dizci-me, vós seís seu amigo, e sabeis os seus segredos, que tem elle feito depois da nossa separação? — ... Depois ... da vossa ... separação? — Sim. — Não sei, senhora; mas juro-vos que disso nada sei! — Oh! eu sei-o bem: mas donde vindes agora? onde tomasteis conhecimento? qual foi o motivo desta disputa? quem são os que vos attacarão? etc.

A Baroneza não acabava com as suas perguntas; e Sciocco, que via claramente que o seu amigo era tomado por cutro, não sabia o que respondesse, tanto recçava sahir de hum casa onde se passava bem. A Baroneza da sua parte como não comprehendia a linguagem do Italiano, assentou que elle era leuco. Acabada a ceia subio Sciocco ao quarto de Leandro, contou-lhe a conversação que tivera com a Baroneza, e pediu-lhe sobre isto o seu parecer. Leandro incapaz de enganar, decidiu que

não

no outro dia pela manhã , se descubriria á Baroneza ; e se iria embora , se necessario fosse , antes do que entretê-la por mais tempo no seu engano.

Assim que amanheceo levantou-se a velha , e subio ao quarto do doente que não reconheceo por causa dos muitos emplastros que Julia lhe tinha posto , e sentando-se á cabeceira da cama , fallou-lhe assim : Finalmente, ingrato, estás outra vez no meu castello... já não devia conservar-te o mais pequeno resto de affeição , depois do modo indiguo com que te portastes comigo ; mas... a minha indulgencia... a minha fraqueza... tu conheces-me... bem sabes quanto o meu coração he sensivel. — Senhora o acolhimento generoso que me fazeis, assás o prova ; mas permitti-me que vos desengane.... eu não sou.... — Entra em ti : que queres dizer essa timidez , essa voz balbuciante ? na verdade não te reconheço. — Eu

o creio , Senhora , por que nunca tive a honra de ser conhecido de vós. — Ah ! temos fingimento ! queres dissimular comigo ! ... cruel ! tens pezar do destino te trazer ás minhas mãos ? havias de querer ... mas o arteficio he muito tosco ... eu te possuo , e jámais sabirás daqui para fóra : não tens remedio , has de passar a vida comigo. Leandro atemorizado desta ameaça , hia a responder-lhe quando vierão dizer á Baroneza que hum dos seus rendeiros que lhe vinha dar contas , o qual demorando-se todo o dia , a impedio de tornar a vêr aquelle dia o seu querido doente. Em todo este tempo Sciocco esteve empenhando a sua rhetorica em provar ao seu amigo quanto era feliz para elle este engano ; mas Leandro bem longe de estar pelas suas razões , o seu character desconfiado lhe fazia devisar nos discursos da Baroneza hum fim secreto que o assustava ,

ima-

imaginava que tinham sobre elle alguma ténção violenta. Certamente, diz elle a Carlos, nós cahimos em huma caverna de ladrões. Que me quererão? que significa a ameaça desta mulher, que não hei de saber daqui nunca? Oh! eu saberei, e ha de ser esta noite mesmo. — Fallais serio, *mio padrone*? — Se fallo serio!.. não reparas que esta Baroneza, e todos os seus creados tem hum ar selvagem... hum ar singular? — Eu, acho-lhe o ar que tem todos. — Oh todos! observas, Sciocco!.. Pela minha vida que não posso estar aqui socegado. — Ah! estais com as vossas preocupações, com os vossos receios, e com as suspeitas... — Finalmente porque me querem deter aqui contra minha vontade?... — Se he da ordem dos acontecimentos? — Sciocco, eu tenho presentimentos funestos... cuidemos em fugir daqui. — Mas as vossas feridas?... — Ellas não são mortaes...

Lean-

Leandro dizendo estas palavras atira com os emplastros, levanta-se, e pegando pela mão a Sciocco, descem ambos ao jardim, e achando a porta do jardineiro, que dava para o campo, aberta, sahem ás carreiras apesar da escuridade da noite, que principiava a cobrir toda a natureza.

Elles não conhecio o caminho que haviam de tomar, e cada vez se desencaminhavão mais em caminhos tortuosos: os Ceos que se cubrião pouco a pouco de espessas nuvens annunciavão aos nossos dois viajantes uma tempestade horriavel, que não podião evitar, pois que se achavão no meio de hum campo.

Já alguns relampagos que nascião do oriente precedião o estrondo do trovão; já algumas gotas de agua abrião caminho ás grossas torrentes que haviam de correr....

Leandro, e Sciocco caminhavão sempre; mas o silencio, a noite, e

o horror da natureza gelavão os seus corações de susto e terror. De balde querião proseguir o seu caminho, huma fraqueza extrema debilitava seus nervos, os seus joelhos arquejavão, respiravão apenas, e não se podião suster em pé. — Está bem! *imprudente Cavaliere*, dizia Sciocco, vêdes a que estamos expostos? — Que queres tu, respondia Leandro para o consolar, isto também não era da ordem das coisas? — Tendes razão, assim he, mas podíamos evita-lo ficando em huma casa, onde eramos tão bem tratados. — Ah! ahí estás do meu sentimento. — Nada, sempre estou cá pelo meu systema: Hã acontecimentos que não podemos evitar, por mais que façamos; mas ha outros também que parece que os procuramos pela nossa imprudencia; e que para succederem tinhão necessidade de estar sujeitos a certas condições: por exemplo, esta tempestade que agora vamos apanhar...

nhar.... não a podíamos ouvir na nossa cama, em casa da Baroneza?... — Sim, ralha, fazes bem; que te importa o perigo? eu também não participo delle como tu? — *Veramente*, e isso adoça o meu... Ah! *minha maestra!* que trovão!... Ah *Dio! Dio!*... quanto... nós... somos... desgraçados!...

Sciocco intimidado pela tempestade, que cada vez se augmenta mais, põe-se a chorar como hum criança... De balde Leandro se esforça pelo consolar, o Italiano não cessa de soluçar; diz que aquelle momento he o ultimo da sua vida, e que estão ambos destinados para morrerem de raio. Ah! exclama elle: como mereci eu acabar pelo fogo do Ceo?... Oh Ceos! *ascolta la mia confessione*. Eu furtei a seu pai a *Signora Mazarelli*, mas foi para a casar com hum, hum *bonesto Cavaliere*... *non ho peccato contra la legge!*... será por ter gasto o meu dinheiro em Paris com

ingratos? .. *non ho peccato contra la legge?* .. será por ter vivido com ladrões? e não se vive com elles no seio de huma grande Cidade? *non ho peccato!* será por ter maçado o corpo ao *mio caro, mio tenero, mio troppo dolce maestro?* Oh! *si! ho peccato, molto peccato contra la legge, la venerabile legge!* ..

Em quanto o Italiano em oração enviava os votos mais ardentes a todos os Santos do Paraíso, a chuva que cada vez engrossava mais, obrigando Leandro a procurar hum asylo; elle vio huma luz assás perto de si. Vem cá; Sciocco, diz elle ao *virtuoso* pegando-lhe pela mão, vem cá, dei com hum abrigo favoravel...

Dizendo isto ambos se encaminhão para a luz, dão com huma choupana, a porta estava aberta, e não apparecia ninguem... entrão os nossos dois viajantes nesta especie de eremitagem; e procurando por toda a parte alguém com quem po-

podessem fallar , determinão-se a chamar : não lhe responde ninguém... A eremitagem parece habitada : hum lanternna preza no tecto , diversos trastes que servem para o uso : Leandro devisa algumas inscripções pelas paredes , chega-se para as lêr : oh surpresa ! o seu nome , o seu nome se lhe offerece á vista : affirma-se ; sim he o seu nome , he Leandro , que está gravado em humas poucas de partes : estas palavras ainda lhe fazem mais impressão :

„ Se morreo Leandro , debalde
 „ para o esquecer invoco a razão ;
 „ quando no fundo do meu cora-
 „ ção acho a sua imagem , paredes
 „ offerecei-me cem vezes o seu no-
 „ me.

Em toda a parte estão escriptos versos que fallão no seu nome : quem habitará esta eremitagem ? .. Debalde Leandro o procura , o chama , não apparece ninguém : o raio , os relampagos , a chu-

chuva, o terror de Sciocco, tudo augmenta a sua perturbação: apenas se pôde assentar em huma pedra, e lembrando-lhe tudo o que vê os seus infortúnios, entrega-se á sua desesperação, chora, e o italiano tambem chora: eis-aqui os dois viajantes entregues á dor a mais amarga, em huma noite tenebroza, no meio de huma tempestade medonha; sem outro abrigo mais do que huma rustica cabana isolada, onde tudo abre de novo as suas feridas, onde tudo os desespera . . . Veremos no Capitulo seguinte como elles sahem da eremitagem.

CAPITULO VIII.

Sciocco quer-se fazer eremita.

PORQUE razão o Ceo dando-nos o espirito o sugitou a tantas affeições differentes?.. Huns tem espirito, e não tem juizo; outros tem demasiada prevenção, e prespicacia; aquelles não tem mais do que o espirito do momento; estes são simples, timidos, credulos, e são sublimes se lhe dão o tempo da reflexão. O espirito he modificado de tantos modos!.. As preocupações o fazem falso, e capcioso; a vaidade o faz ridiculo, a timidez abafa-o; he sujeito, em huma palavra, a todas as paixões que affectão o coração. Por exemplo, Leandro, e Sciocco não são faltos de espirito;

to; porém como he differente o seu modo de verem as coisas: hum não crê na bondade, na franqueza, e dá razões para apoiar a sua opinião; o outro confia-se com demasiada facilidade, he muito sincero, muito dominado por maximas falsas, por systemas erroneos, e os seus principios não são inteiramente mal advogados. Tudo o que succede a hum confirma-o nas suas idéas; tudo o que o outro experimenta parece legitimar o seu modo de pensar, ambos raciocinão bem, e ambos estão no erro!

Oh fraqueza humana! como és espantosa nas tuas deviações!... A logica, a moral, a philosophia, a metafisica, todas estas altas sciencias, são tantos guias perversos que só servem de afundar cada vez mais no labyrintho dos sofismas: o que melhor prova, he sempre o que vê melhor: o espirito, e a eloquencia he o unico merecimento que o faz superior aos outros: trabalhou
em

em consolidar o seu sentimento, talvez mesmo que traga outros ao seu partido; mas apesar disso quem nos diz que o seu sentimento he o mais justo? citarei sómente o exemplo daquelles dois philosophos que fallavão successivamente hum pela abstinencia, outro pelos banquetes lautos: como tinham cada hum o seu dia para ensinar a sua moral; o povo jejuava no dia em que fallava o abstinente, e entregava-se á mais viva sensualidade no dia em que ouvia o epicureo.

Cada hum tem seu genero de espirito, as suas opiniões, e o seu modo de vêr as coisas: a melhor he a que mais se aproxima á equidade, e á razão. O homem que se inflamma pela lei natural, he hum homem de espirito, que não tem o senso commum, o que segue, e respeita a lei civil he hum filosofo, dotado de hum senso justo, e de hum juízo são: apesar disso cada hum tem as suas razões; para que será esta differença! Lean-

Leandro já tinha perdido muito da sua desconfiança, ou, se me he permittido dizer-lo, da sua susceptibilidade. Obrigado a viver com os homens, e o que he ainda peor, a precisar delles, conhecia que realmente tinha procurado as desgraças que lhe tinham acontecido depois da sua sahida do casal. A aventura das bordoadas, o homem morto na estalagem, e talvez a da Baroneza que deixára com demasiada precipitação, tudo isto lhe dava experiencia, e remorsos; porque finalmente o Recebedor de Marseilha de quem elle desconfiára era o homem o mais honrado, e generoso, e disto tinha sufficientes provas. Sofia era huma perfiada, que elle tolamemente julgou virtuosa; o desconhecido da estalagem não era hum ladrão, hum assassino; elle o tinha perdido, e o tinha entregado nas mãos do seu algoz!.. Como se increpava Leandro deste crime! como estava disposto a ser util, a

acre-

acreditar a todos ! Talvez que mesmo deva haver receio que isto lhe faça demasiada impressão ! Muitas vezes hum character desconfiado , quando he corregido por exemplos demasiadamente fortes , cahc na credulidade , na imprudencia ; os extremos são mais proximos do que se cuida. Por outro lado elle vivia com Sciocco , cuja bonomia , e moral erronea o impacientava muitas vezes : obrigado a refutar as suas opiniões , perdia insensivelmente as suas , e o respeito fazia nelle o officio de hum mentor sabio , e illustrado.

Mas não alonguemos mais estas reflexões , que o leitor faria por si mesmo , se seguisse exactamente o meu heroe nas suas aventuras , e nos seus erros : se não gosta de o ver com defeitos (defeitos nascidos da maneira com que o educarão) vê-lo-ha em pouco tempo docil , amavel , affavel , e sensato ; mas para chegar a este fim ainda tem que receber algumas lições ; esperemo-las dos acontecimentos. Dei-

Deixamo-lo com o seu bom amigo Carlos em huma noite tempestuosa, abrigados ambos em huma especie de eremitagem, onde se não vê ninguém; mas onde mil inscripções gravadas nas paredes assás mostram que o solitario conhece Leandro.

Mas este solitario não apparece! abandonaria o seu asylo? morreria? estará escondido em alguma cova? Leandro, e Sciocco fazem as indagações mais exactas, estão sós, absolutamente sós: mas porque estaria a porta aberta? porque estaria a eremitagem allumiada?... O seu espirito fluctuante perde-se nas dúvidas, e nas presumpções; finalmente estão senhores desta casa rustica, podem esperar que se aplaque a borrasca, passar a noite, e estarem, em huma palavra, o tempo que lhe parecer.... Propõe Sciocco ao seu *maestro* que se deite sobre o banco, e que durma; Leandro condescende, e ambos

bos executão logo esta lembrança ; apenas pegão no somno hum trovão os accorda em sobresalto : o pobre Sciocco assenta que a casa vem a terra , Leandro o socega ; o Italiano põe-se em oração , o amante de Claretta absorto pela fadiga , e pela dor que lhe causa a ferida , adormece , e se acha bem depressa entregue ao somno o mais socegado , e mais profundo.

Mal que appareceo a aurora , acordou Leandro , e apenas abre os olhos não fica pouco admirado vendo ao pé de si humma especie de frade vestido com humma tunica , e cuberto com o seu capuz : já elle cuida que he o santo eremita , já se prepara para lhe pedir perdão , e para abraçar os seus joelhos respeitaveis : mas não pôde suster o riso dando com Sciocco. Que he isso , Carlos ? que metamorfose foi essa ? — *Oh signor diletissimo !* não brinqueis ; *vi prego* ; não escarneçais de humma santa resolução que tomei , e
que

que vós tomareis também se me acreditares. — Como he isso? — Sim, o Ceo me tocou; destinou-me para ser eremita, estou convencido. — Explica-me como he isso! — Esta noite depois daquelle trovão grande, ajoelhei defronte daquelle imagem do nosso Salvador; vós a dormires, o silencio, o lugar, tudo me infundia o recolhimento o mais pio, e religioso: de repente a minha alma se elevou, o meu coração se exaltou... Quanto he feliz, exclamei eu! *Divino Gesù!* quanto he feliz aquelle que seguindo a tua santa lei, emprega seus dias em te adorar! quanto invejo a sorte deste eremita, que te servio, e que sem dúbida chamastes para ti!... Como elle havia de viver tranquillo neste asylo ignorado do resto da terra!... Eu hia a proseguir... quando me pareceo ouvir huma voz que me dizia devagar: Porque o não habitas tu? Porque não ficas aqui?... Volto os olhos

olhos , e o que vejo naquelle canto? Olhai acolá , *mio caro* hum tunicá , hum par de sandalhas , hum cordão , hum capuz , finalmente todos os vestidos de hum eremita ! . . Julgai qual seria o meu espanto depois de ambos termos cuidadosamente procurado toda a eremitagem , e não acharmos nada disto . . . Não posso duvidar que este habito cahisse expressamente do Céu para mim . . . vesti-o , e passo toda a noite a meditar nesta aventura . . . Vós acordais , e já não achais o vosso amigo Sciocco , mas o Reverendo Padre *Santo Carlo* !

Leandro examina esta figura comica , e não pôde deixar de dar humia grande risada : o *Santo Padre Carlo* scandalisa-se hum pouco. *Non bisònia ridere* , lhe diz elle com hum ar severo . . . o que vos digo não he para motivo de riso ; he hum *miracolo* , *si* , *un miracolo evidente* ! . . desejaría bem que vos apparecesse outro habito !

he

he ô que bastava para vos fechar a boca ! — Oh ! eu o creio , meu amigo ; porém como tenho piedade de ti , quero desenganar-te : estes vestidos que te fazem andar a cabeça á roda , não cahirão do Cco como cuidas : hontem quando procuravámos , não habitos , mas sim o dono da casa , não te lembras que arrimamos todos os trastes que achamos para aquelle canto ? Eu vi o quer que era negro ; mas foi coisa que não me pareceo assás interessante para me destrahir do objecto que tinha em vista ; aconselhas-te-me depois que dormisse hum pouco , tornamos a desarrimar os bancos , e deitamo-nos em cima delles , e aqui está o modo com que se descobrio o fato , que tu attribues a hum milagre ! — Oh dizei quanto vos parecer : eu não sonhava naquella occasião. — Finalmente , vejamos que tenção he a tua ? — A minha tenção , *mio padrone* ? .. pois não a advinhais ? .. quero passar o

res-

resto de meus dias nesta santa ere-
 mitagem, quero fazer penitencia
 dos meus peccados, e morrer final-
 mente com reputação de santidade.
 — Então deixas-me, abandonas o
 teu amigo Leandro? — *Non certat-
 mente, mio diletissima*: fazei o
 mesmo que eu faço, vesti-vos tam-
 bem com hum habito? — Não te-
 nho vocação para isso; não perten-
 do... — Mas qual he a vossa for-
 tuna, n'hum palayra o vosso fim?
 Não tendes sido atraídoado por to-
 do o mundo? — He verdade. — Pois
 se os homens são, como pensais,
 todos falsos, máos, enganadores,
 he necessario fugir delles. — As
 tuas razões são boas, mas póde ser
 que dêsse causa a isso... — Em se-
 gundo lugar ides para Paris, e com
 que esperança? — Pois não o sa-
 bes? espero alli achar hum pai, que
 apesar das suas injustiças, morro
 por vêr. — Jámais vereis vosso pai.
 — Quem to disse? — O Ceo. —
 Disse-te o Ceo! — Sim; hum voz
 Parte III. 1 que

que quer que sejamos eremitas , he avisar-nos que as nossas diligencias são frustradas. — Tu deliras!.. O Ceo , ainda que regula todos os acontecimentos , sempre nos dá liberdade para obrarmos como quizermos. — Vós pensais?... — Que nós mesmos he que fazemos a nossa sorte , e que se muitas vezes somos desgraçados , he por nossa culpa. — Mas nunca fallasteis deste modo? — E ainda he a meu pezar que fallo esta linguagem ; mas tudo me obriga a isto. — Eu não vos entendo. — E esta acção que acabámos de fazer não he huma loucura ? huma verdadeira loucura?... Para que fugimos de huma casa , onde eramos tão bem tratados?... He verdade que as palavras da Baroneza erão suspeitas ... mas que nos podia succeder ? Ah ! eu sou hum louco com os meus terrores ! — Não : não louco : isto havia de succeder assim para eu vir a este santo retiro , onde Deos me chama-

ma-

mava. — Ah Sciocco acaba as tuas extrayagancias, vamos ao caso: tu queres ficar? fica; eu irei só procurar hum pai, e morrer se o não achar, sim morrer! — Mas pensai, *signor*, como seriamos aqui felizes. — Felizes! . . . longe de meu pai, longe da minha querida Clareta! . . . — Ora ahi temos outra vez Clareta. — Por ventura eu esqueci-me della hum só momento? Não sei, Sciocco, não sei se a tornarei a vêr; mas tenho essa esperança, que me inflamma, e me faria affrontar os maiores perigos: exponhamo-nos a todas as desgraças, meu querido Sciocco, para merecer essa felicidade! — Exponha-se o *signor enamorado* a tudo o que quizer; que eu que não conheço Clareta pouco me importa a sua vista, ou a sua ausencia. — Sempre me tens bem pouca afeição, Carlos. — Tenho-vos *molta*; mas a gente que não conhece! . . . — Fica tu, e deixa-me partir só; daqui em diante não conta-

rei mais com o meu amigo! Ah! Per Deos vos peço que não me abandoneis, *mio padrone!* — Deixa-me, Sciocco, deixa-me. — Aqui está *vostro povero servo*, *vostro povero Carlo*: podcis deixa-lo! podcis separar-vos delle? — Estás louco? tu he que assim o queres.... — Eu! oh não... jámais;.. eu vou já despir estes habitos que me seduzirão em hum momento: eu fugir do amigo o mais caro ao meu coração! isso he impossivel: e podesteis lembrar-vos de tal? ..

Compadeceo-se Leandro da fraqueza de Sciocco, que na verdade tinha o cerebro hum pouco tozado, mas o seu coração era excellento. A scena que acabava de representar tinha ao principio divertido Leandro, mas no fim aborrecio-lhe. Sciocco conhecia os seus erros, e despindo logo os vestidos de eremita, retomou os seus vestidos com mais alegria do que os deixára.

Cedia a aurora o lugar ao pai da luz, o ar fresco pela tempestade da noite, só era humedecido por hum doce orvalho, que a terra abrindo o seu seio, recebia, e transmettia depois aos preciosos vegetaes que a cubrião.

Já era dia claro, e o verdadeiro cremita não apparecia Leandro, e Sciocco resolvem-se a continuar o seu caminho, ainda que não sabem aonde estão . . . Elles sabem, e não ficão pouco admirados vendo diante de seus olhos huma bella, e soberba Cidade, que parece ficar em distancia de duas leguas . . . A noite, a tempestade, a chuva não lha tinhão deixado distinguir. A alegria, e a esperança renascem nos seus corações, hum caminho frequentado se lhe apresenta á vista, elles o seguem, e encontrão nos campos hum bom lavrador, que lavrava com o seu arado; elles lhe perguntão o nome desta bella Cidade, que tanto pra-

zer

zer lhes causou. — He a Cidade de Leão, lhe diz o homem. — Que! Leão! pois estamos tão perto de Leão? — Sim, por aqui ides lá ter direitos. — Sabeis, meu amigo, a quem pertence aquella eremitagem? A vós, se a quizerdes. — Como, a nós? — Sem dúvida: o eremita que a habitava foi-se hontem. — E quem era elle? — Hum doido que já estaria ha muito tempo nas palhas se não fosse a protecção do nosso Arcebispo. — E esteve alli muito tempo? — Muito tempo! ainda não ha hum anno que alli se foi estabelecer. — Hum anno!... como se chamava. — Padre... padre... Jesus! não me lembra o seu nome; mas se ides para Leão, perguntai-o na casa de pasto de.... onde elle hia muitas vezes: e podeis-me tambem fazer hum grande favor, que he entregar esta carta a meu sobrinho, que he criado dessa mesma casa de pasto. — Dai-ma cá, *vostro servo* lha entregará. — Fazeis-me muito fa-

favor; mas peço-vos que a não entreguéis senão a elle em mão propria : o seu nome he João Picot : elle vós informará do eremita. — Está bem , faremos tudo isso : adeos, adeos.

A alegria , e a franqueza do lavrador agradarão muito a Leandro : elles chegam a Leão , perguntão pela casa de pasto , e vão lá. Vamos encontrar aqui huma aventura bem singular , onde o nosso Leandro ha de achar huma pessoa bem interessante para elle , e para aquelles que ama.

CAPITULO IX.

*Os vinte cinco Luizes de João
Picot.*

A PRIMEIRA coisa que fazem assim que entrão na casa de pasto he preguntar por João Picot : este apparece ; Seliocco entrega-lhe a carta de seu tio, e Leandro sempre occupado do eremita, lhe pergunta por elle : Era hum bufão esse Padre Hilario : tenho saudades delle. — Contai-me alguns detalhes mais particulares sobre esse homem. — Elle, senhor, estabelicido ha hum anno na eremitagem que visteis, com licença do Arcebispo, não fazia, durante este tempo, senão gemer pela sorte de hum chamado Leandro, por quem se interessava muito : muitas vezes lhe ouvi fallar nel-

nelle ; Leandro, dizia elle, Leandro ! tu sem dúvida me has de accusar ! Ah ! eu sou innocente... se és desgraçado , eu tambem o sou, e talvez mais do que tu !... que pensarias do modo com que me por-tei contigo ?.. Pobre rapaz ! quanto me amava ! quanto me respeitava !.. Ah ! que o não tornarei a vêr ! morrerei longe de ti ! que tormento ! que horroroso tormento !.. Isto dizia o Padre Hilario continuamente . . . Ha algum tempo que este Leandro , que lhe era tão caro , esteve nesta casa com hum estrangeiro que parecia seu pai : ao principio como não sabia o seu nome , não fiz reparo , hia com elles mostrar-lhe as coisas notaveis de Leão ; antes de hontem na occasião da sua partida he que ouvi o nome de Leandro , dado pelo velho ao mancebo... Leandro, digo eu comigo ! Leandro ! será este o infeliz em que falla o Padre Hilario !.. corro á eremitagem , dou-lhe

lhe os signaes... elle o reconhece : he elle , exclama , he elle !... vai para Paris... eu o seguirei , eu o encontrarei !... oh felicidade !... oh meu amavel menino !... ainda nos veremos.

O eremita pede-me que lhe traga logo vestidos , eu dou-lhe os meus ; elle despe o habito , veste-se á pressa , agradece , sauda a sua eremitagem. Oh habitação preciosa , lhe diz elle ! habitação que tantas vezes borriefei com minhas lagrimas ; paredes onde soou tantas vezes o nome do meu amigo , e que o repetis a meus olhos , eu vos saudando : eu vos deixo , retiro santo , onde vivi longe das honras , longe daquelles que me fazem tanto mal !... ficai sempre aberta para o viajante perdido , ou cansado ; recebei-o ; que elle ache em vós hum abrigo contra a tempestade , ou contra o calor do dia : fallai a seus olhos , dizei-lhe que fosteis habitada por hum infeliz , e que este templo erigi-

gido á amizade desesperada , faça
 conhecer ao seu coração enterneci-
 do , quanto he doce , e ao mesmo
 tempo infeliz nascermos sensiveis.
 Disse isto , e accendendo a sua lan-
 terna pela ultima vez , deseja que
 a sua eremitagem ainda esteja allu-
 miada aquella noite. Vós védes , se-
 nhor , que o eremita tinha a cabe-
 ça hum pouco desarranjada ; mas
 era hum bello homem , hum ho-
 mem muito meu amigo. Quantas
 vezes elle me disse : João , tu con-
 solas os afflictos , has de ser feliz !..
 Finalmente para vos dizer tudo ,
 elle partio hontem ás quatro horas
 da tarde : como não tinha dinheiro
 para tomar a posta , faz a jornada
 a pé , pedindo soccorro ás almas
 caritativas , esperando chegar desta
 sorte a Paris , onde procurará por
 toda a parte este Leandro , que o
 interessa tanto... Aqui está , Se-
 nhores , tudo o que vos posso di-
 zer , porque he o quanto sei.

A narração de João Picot es-
 pan-

pantou singularmente o amante de Clareta... Que Leandro será este, dizia elle consigo mesmo, que viaja como eu, e que me prende por toda a parte por onde eu passo? Porque não posso duvidar que seja o mesmo do Castello da Baroneza; ella me tomava por elle: ha hum caso assim?... Este segundo eu, he igualmente desgraçado! será este nome o emblema da desgraça?... Padre Hilario... eu não conheço tal homem... Mas os seus discursos concordão inteiramente com a minha situação... será meu pai?... ou será talvez aquelle pobre amigo Dumont?... Dumont! he elle! oh sim, he elle! he Dumont... *Leandro, tu me accusas sem dúvida! pobre rapaz! como elle me amava!* He Dumont, só elle podia... Mas este outro Leandro, que lhe pintão, e após do qual elle corre!... Ah! o meu espirito confunde-se com todas essas probabilidades!... cruel enigma, quem mo explicará?..

Lean-

Leandro, e Sciocco sobem ao quarto que lhe estava preparado; contiguo a este quarto he o de hum velho, cuja fisionomia he respeitavel; elle passa, sauda os seus novos visinhos, e ouvindo fallar no nome de Leandro, chega-se de manso para escutar a sua conversação. Penetrado pouco a pouco de mais vivo interesse, entra, e falla assim aos nossos dois amigos: desculpai a curiosidade de hum velho, amaveis mancebos, ouvi-vos pronunciar muitas vezes o nome de Leandro... acaso conheceis este rapaz que esteve aqui ha poucos dias? — E vós conhecei-lo? — Não, e tenho bẽta pena! Escutai a minha historia: ha tres semanas que estou nesta casa de pasto, donde conto partir bem depressa: o mancebo de que se trata veio habitar este quarto com hum sujeito mais velho... Eu o vi, esse amavel Leandro, e a sua vista me penetrou de hum sentimento singular... de que eu não

não posso dar razão... As suas feições fizeram-me recordar de huma mulher que muito amei em outro tempo... os mesmos olhos, a mesma boca, o mesmo som de voz, finalmente he mesmo o seu retrato... Podeis julgar que emoção me faria huma semelhança tão completa. Diversas vezes procurei occasião de lhe fallar; mas nunca o pude conseguir, e partio sem eu ter lugar de lhe dar huma palavra.... Agora como fallasteis nelle, não pude resistir á minha curiosidade... Porém perdoai, conheço a minha indiscrição, e já me retiro... — Não, senhor, lhe responde o amante de Claretta; não, peço-vos que vos demoreis... Eu tenho huma igual curiosidade de conhecer esse rapaz; porque tem o meu nome, e porque já me tomárão muitas vezes por elle. — Parece-me, senhores, que sabeis tão pouco como eu: seja quem for he huma creatura bem interessante... Ah!...

tu, que eu adorei com tanto extremo, serias tu! Apparecerias na forma de hum anjo para encantares todos os humanos? .. Oh! que impressão me tem feito este Leandro! meu Deos, que commoção!

Seria scandalisar a sagacidade do leitor o lembrar-lhe que era Clareta, que durante a sua morada em Leão com o recebedor, e sempre com o nome de Leandro, quem tinha causado esta fermentação no espirito do velho, de João Picot, e do cremita.

Conversarão todos tres mais algum tempo até que o ultimo se retirou, e o Italiano sahindo para dar algumas ordens, ficou Leandro só. Hum instante depois, quando elle já estava embebido nas suas reflexões, parececo-lhe ouvir a voz de Sciocco, que fallava alto com João Picot em hum corredor proximo. — Que! dizia João Picot, he tão rico que não precise de vinte cinco Luizes? — Ao contrario, *signor*
ge-

generoso, vinte cinco Luizes nesta occasião vinhão do Ceo: mas amanhã temos tenção de pedirmos licença para darmos hum conserto por nossa conta, e que nos ha de dar mais de vinte cinco Luizes. — Mas se vos aponto o modo de os terdes neste instante. — Certamente, se meu amo quizesse... mas sei que por este modo ha de repugnar.

Aqui os dois interlocutores abaixarão a voz, de sorte que Leandro não pôde ouvir o fim da sua conversação; mas o pouco que percebeo, bastou para o desassocegar. Que vinte cinco Luizes são estes que offerecem a Sciocco, dizia elle consigo? De que modo os ha de elle haver, pois que eu hei de repugnar? He João Picot que... este rapaz não pôde ter humá somma destas, como a offerece? Já a sua imaginação estava em effervescencia; já formava mil suspeitas, todas sem fundamento, quando Sciocco o vem interromper. O Ita-

lia-

liano pareceo-lhe constrangido, e atarantado... elle não se atreve a olhar para seu amo, que o mede sem lhe dizer hum a palavra. O bom Sciocco quer fallar, mas não pôde... Finalmente em quanto Leandro passâ pela casa, Sciocco aproveitando-se de quando elle volta costas, tira hum a coisa da algibeira, e mette-a no sacco em que tinha a sua pouca roupa: sahe depois persuadido que o não virão; porém Leandro sabe tudo: hum espelho que lhe mostrava os objectos, apresenta-lhe Sciocco escondendo a medo, hum a trouxinha que elle não pôde distinguir... Que será isto? Leandro teme profundar o desassossegado do seu amigo, e em quanto elle está ausente vai visitar o sacco... Talvez fosse indiscrição? Mas Leandro estava desconfiado, receoso, e timido. Sciocco até alli não tinha escondido nada delle, e acabava de lhe testemunhar hum a dissimulação que o assustava... Fi-

nalmente Leandro dá a busca inconsiderada, e acha logo os vinte cinco Luizes, em que ouvira falar... Julgue-se qual seria o seu espanto...

Ainda bem elle não tinha acabado desta indagação, quando entra no seu quarto o velho seu visinho todo esbaforido. Ah senhor! ah meu visinho! — Que tendes, senhor? — Estou roubado. — Roubado! — Sim: deixei a minha porta aberta, entrarão-me em casa, e roubarão-me cincoenta Luizes.... Oh Ceo!...

Leandro cahe sem sentidos... o velho procura soccore-lo... chama quem lhe acuda, mas não apparece ninguém: finalmente á força de trabalho torna em si o desgraçado, que não podia duvidar que João Picot, e o Italiano, tivessem feito a velhacada: elle não sabe o que faça, nem o que diga nesta triste extremidade... Com tudo elle está só com o estrangeiro, es-

te tem hum fisionomia honrada, e respeitavel... o lugar... a confiança... hum movimento de effusão, tudo socego Leandro: elle se deita aos pés do estrangeiro. Senhor, ah senhor! não o deiteis a preder... he elle! Deos! acabarei eu?... Aqui estão vinte cinco Luizes... he a sua parte... não o deiteis a perder...

Não comprehende o velho o motivo da desordem em que está Leandro; com tudo algumas palavras lhe fazem comprehender.... Que! desgraçado mancebo, diz elle! he possivel que fosseis capaz?... — Eu! oh Deos! eu! he o outro; he este Italiano que... — E vós o sabeis?... — Senhor por piedade não me amargureis mais... bastão-me as minhas afflicções... Eu sou innocente, eu o juro...

O velho movido de horror, e de enternecimento tambem não sabe o que ha de fazer. Leandro o interessa: a candura, e a probidade estão pintadas em toda a sua fi-

gura: o velho olha para elle attentamente, pega nos vinte cinco Luizes, que elle lhe dá com trémula mão, e hia perguntar-lhe quem he o cumplice, que possui o resto da somma, quando Sciocco, que não desconfia de nada, entra com hum ar muito alegre, e satisfeito.... Anda cá, miserável, lhe diz Leandro em voz baixa, entra, fecha a porta, e vem confessar o mais vil, e o mais baixo de todos os crimes.... — Que crime?... — Que crime! malvado! diz o velho agarrando-o pelo pescoço: confessa-me já o teu cumplice, senão estás perdido. — *Per Dio!* não vos entendo... — Faze-te innocente, ladrão infame! — Ladrão! eu! eu não sou ladrão... — Elle ainda nega o facto... E estes vinte cinco Luizes? — São meus. — Teus! — Sem dúvida: foi João Picot que mos deo. — Bom; João Picot he que fez o furto. — Mas em que furto fallais?... João Picot tirou huma sorte

te grande , e deo-me isto que vedes ... Muito bem , prosegue o velho , tirou hum a sorte ... veremos isso ...

O velho sahe , debalde Leandro , e Sciocco o querem demorar , não o podem conseguir ... Ficando ambos sós ; Leandro entregue á dor a mais amarga , carrega de imprecações o innocente Italiano , que prostrado de joelhos lhe jura por todos os Santos do Paraíso , que não he culpado. Estavão ambos nesta cruel agitação , quando se sente grande susurro na rua , gritão : Ah que del-Rei , ladrões ! Ajunta-se a populaça ... o ladrão he apanhado , e levado á casa de pasto , e reconhecido pelo mesmo , que já alli tinha feito alguns furtos : finalmente o ladrão confessa ter furtado os cincoenta Luizes : restitue-os , entregão-nos ao velho , que admirado , e vergonhoso da affronta que fizera aos seus vizinhos , vai ter com elles , levando pela mão o bom João

João Picot ... Abração-se todos , pedem-se perdão , e pedem a João Picot , que desenvolva este inigma aos olhos de Leandro : elle o fez da maneira seguinte : A carta que recebi de meu tio por mão do senhor Sciocco me participava o premio que tinha tirado na loteria de duas mil e quatrocentas libras ; e na mesma me lembrava da promessa que fiz quando tomei o bilhete , de dar huma somma ao primeiro viajante necessitado que chegasse a esta casa : lembrando-me de vós , amaveis viajantes , chamei o senhor Sciocco em particular para lhe offerecer a parte que lhe destinava : elle fez-me primeiramente muitas difficuldades , dizendo-me que isto havia de offender a delicadeza do seu amigo ; até que cedeo ás minhas razões , e fez-me o gosto de aceitar a minha offerta. Eis-aqui a verdade exacta , senhores.

Assim fallou o honrado , e virtuoso João Picot , e o Italiano não

não comprehendia como o seu *maestro* o julgou capaz de huma tal baixeza . . . Leandro excessivamente envergonhado, não se atrevia a fallar-lhe, nem se quer a olhar para elle.

O velho da sua parte desfazia-se em desculpas, e offerecco, para reparar a sua tolice, a sua bolça ás duas pessoas que tinham insultado; elles a rejeitárão: João Picot sobre todos derramou amargas lagrimas, que movêrão o estrangeiro ao ponto de lhe dizer estas palavras no ar o mais penetrado: Amavel mancebo, quem não perdoa: dai-me tempo de te provar o meu arrependimento . . . vem comigo, sê meu amigo, meu confidente, e estejas certo que eu hei de ter cuidado da tua fortuna . . . responde-me João, queres-me servir? . . . queres ser hum segundo eu?.. Eu não te offereço ordenado, o meu coração, e a minha equidade he que hão de regular

o

o teu salario . . . Vinde vós também , interessantes viajantes . . . eu sou rico , e muito rico , não nos separemos nunca , vivamos como irmãos . . . Possa a minha velhice , com as vossas consolações , esquecer-se dos erros da minha mocidade ! . . . Nenhum delles respondia . . . até que o velho os instou com tanta candura , que se não poderão negar ao seu projecto. Vamos acompanhar estes quatro viajantes , e conhecer mais particularmente o sensível velho , que tratava os nossos dois amigos com huma amizade tão franca , e desinteressada.

— Fim da Terceira Parte.

LEANDRO,

OU

O PEQUENO CASAL NO MEIO DOS BOSQUES.

MANUSCRITO

ACHADO NAS MARGENS ISORO.

PUBLICADA

POR

MR. DUCRAI — DUMINIL.

P A R T E I V .



LISBOA,

NA IMPRESSÃO DE J. B. MORANDO.

Com Licença da Mesa do Desembargo
do Paço.

o teu salario . . . Vinde vós também , interessantes viajantes . . . eu sou rico , e muito rico , não nos separemos nunca , vivamos como irmãos . . . Possa a minha velhice , com as vossas consolações , esquecer-se dos erros da minha mocidade ! . . . Nenhum delles respondia . . . até que o velho os instou com tanta candura , que se não poderão negar ao seu projecto. Vamos acompanhar estes quatro viajantes , e conhecer mais particularmente o sensível velho , que tratava os nossos dois amigos com huma amizade tão franca , e desinteressada.

— Fim da Terceira Parte.

LEANDRO,

OU

O PEQUENO CASAL NO MEIO DOS BOSQUES.

MANUSCRITO

ACHADO NAS MARGENS ISORO.

PUBLICADA

POR

MR. DUCRAI — DUMINIL.

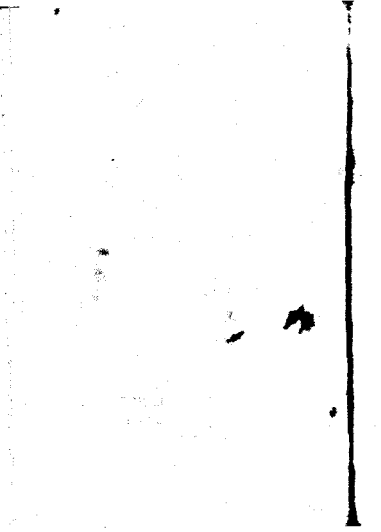
P A R T E I V .



LISBOA,

NA IMPRESSÃO DE J. B. MORANDO.

Com Licença da Mesa do Desembargo
do Paço.



LEANDRO,

OU

O PEQUENO CASAL NO MEIO DOS BOSQUES.

SUMMARIO DA IV. PARTE.

*Leandro volta para o Casal: o que
lhe succede, e como acha seu
Pai: conclusão.*

CAPITULO I.

*Encontro do Eremita: elle conta
as suas aventuras.*

Os nossos quatro amigos depois de reciprocamente jurarem a união a mais inviolavel resolverão-se a partirem para Paris logo no outro dia pela manhã. João Picot, que o procedimento do velho tinha com-

movido ao ponto de chorar, foi logo despedir-se do tio que lhe tinha escrito. O estrangeiro tornou a entrar no seu quarto para arranjar as suas malas, e o nosso Leandro ficando só com Sciocco, estava constrangidissimo com a sua presença. Felizmente, pela prudencia do velho, não se sabia nada do que se tinha passado na casa de pasto; mas nem por isto Leandro deixou de desconfiar do seu fiel Sciocco, e até o tinha accusado . . . He verdade que todas as provas fallavão contra o Italiano, e que o amante de Clara desconfiado, e receoso por caracter, não tinha sabido o partido que havia de tomar em huma circumstancia tão delicada; e se a sorte quizesse que Sciocco fosse culpado, a conducta de Leandro para com hum estrangeiro humano, e generoso, era bem capaz de o salvar; mas não succedeo isto; Sciocco era innocente; Leandro tinha sido demasiadamente arrebatado, e

desconfiado : elle o conhecia , elle se envergonhava , e nem se quer se atrevia a encarar o bom Sciocco . . .

O digno Carlos foi o primeiro que saltou aos abraços do seu *maestro* , e lhe supplicou que esquecesse para sempre hum erro ligeiro , que não estava na sua mão evitar , pois que assim tinha de succeder. Sim , *mio fidele e costante padrone* , lhe diz elle , este acontecimento devia succeder de proposito para vos provar a minha amizade , e a minha probidade. Oh ! *che ringrazio la divina providenza ? che la ringrazio !*

Bastava este dito do bom Carlos para fazer sentir a Leandro ainda mais o seu erro : quanto mais hum o attribuia á predestinação , mais o outro se accusava do que lhe succedia ; effeito da contrariedade dos principios humanos : hum defeito he sempre corrigido por hum defeito contrario ; a desconfiança , e a timidez se desvanecem em opposição com a confiança , e

com a nobre temeridade que faz emprehender tudo.

Mas não percamos tempo em reflexões. Leandro envergonhou-se, Leandro jurou ser dalli em diante mais prudente, e menos desconfiado. Vejamos agora o que lhe vai succeder de novo.

No outro dia pela manhã todos se ajuntarão no quarto do velho: o dono da casa está pago, os nossos quatro viajantes mettem-se em huma sege de posta, e partem.

O posilhão pára ao anoitecer em huma estalagem na pequena Cidade de Ruane, não que a sua tenção fosse demorarem-se alli, mas só comprarem algumas coisas necessarias. Apêa-se Leandro, e João Picot para tomarem o ar... quando ouvem hum grande susurro ao pé da porta da estalagem; a curiosidade os faz ir vêr o que he;... erão os creados da estalagem que deitavão fóra hum pobre viajante, que por unico favor lhes rogava o

deixassem passar a noite na estribaria. Não, lhe dizião os deshumanos, não queremos dar asylo a mendicantes; já estamos escaaldados, e... Leandro arrebatado por hum movimento de humanidade, lhe diz, porq̃ tratais assim hum...? Não tem tempo de acabar o que hia a dizer, o mendigo o encara, conhece-o, e deita-se em seus braços: he elle, he o meu Leandro!.. João Picot, que tambem o reconhece, diz: ah! sois vós padre Hilario? — Padre Hilario! — Não, não, não he elle: ah! meu querido Leandro reconhece o teu antigo amigo, o teu fiel Dumont! — Dumont! vós? — Eu mesmo. — Ah meu Deos! que feliz encontro!.. oh Ceo! que ouvisteis as minhas supplicas!

Dumont, e Leandro ainda estão abraçados. Leandro... que se lembra bem da traição do seu preceptor; porém que naquelle momento vê nelle o seu amigo...

O velho, e Sciocço apearão-se da sege. Picot mostra-lhe esta scena pathetica; e dalli a hum instante entrão todos cinco em hum quarto da estalagem, ceão, unicamente occupados da felicidade de se verem reunidos.

Tanto Dumont como seu discipulo tinhão summa curiosidade de saberem das aventuras hum do outro; mas o velho os obriga a cearem primeiro, e deixarem para a sobre meza as narrações, que elle igualmente desejava ouvir. Veio a cêa, todos comêrão com bom appetite; depois Dumont, que estava ançoso de destruir as suspeitas que o seu discipulo poderia ter sobre a sua fidelidade, começou assim a sua narração, que de todos foi escutada com grande attenção.

» Bem vos haveis de lembrar, meu querido Leandro, da scena cruel passada com vosso pai na estalagem de Valença? As suas ameaças, e maldições cahistes sem senti-

dos , e quando tornastes a ti não vistes ninguém : pois bem , ouve ; saberás o caso o mais inaudito , e de que não podes fazer idéa. Ouve-me , Leandro , e não me condemnes. Estavas estendido no chão , eu hia prodigar-te os meus disvellos ; quando teu pai me diz em hum ar feroz : vós reprehendeis-me , Mr. Dumont ? .. vinde comigo , e achareis na minha sege quem vos conte os males de que este desgraçado filho he causa . . . — Mas , senhor , hei de deixa-lo neste estado ? — Cá lhe acudirão , vinde comigo. E falando com o estalajadeiro , lhe recomenda que tome conta d'elle ! . . . Vinde comigo , Mr. Dumont , a sege está daqui dois passos . . . Eu não sabia se o acompanhasse , ou se ficasse comvosco ; finalmente , (quem havia advinhar a sua barbaridade ?) eu o sigo , persuadido de que voltaria com elle , ou só ; chegámos á sege , dentro da qual estava huma mulher idosa , e de

humana fisionomia desagradavel. Entrai, senhor, me diz ella, entrai, que tenho que dizer-vos. Ella accrescentou a isto muitas outras coisas que eu não ouvi, com o cuidado em ti, e desconfiado do que exigião de mim; estava já resolvendo a voltar para a estalagem, mas não pude, porque vosso pai mette-se na sege, dá-me a mão, e tres lacaios me empurrão para dentro, fechão a portinhola, e o postilhão faz correr os cavalloos.

Confesso que atordido desta violencia inesperada, não tinha sequer força para gritar: o meu primeiro sentimento foi de horror, e de indignação: olhei para vosso pai, e disse-lhe com hum sorriso amargo: homem barbaro, este he que era o projecto odioso que tinheis formado?... tirais-me a vida, tirando-me a companhia do infeliz Leandro!.. — Socegai, senhor Dumont.... ah! que se conhecesseis! — Toda a vossa ferocidade, pai

desnaturalizado ! he verdade que eu não fazia idéa. — Senhor !.. — Ah nem ao menos me consentís que desafogue a minha dor !.. que quereis de mim ? que violencia he esta com que me tratais ? que direitos tendes sobre mim ? .. ainda não está saceada a vossa raiva com o que fizestes a vosso filho ? .. — Seu filho, interrompe a Dama ! elle não he seu filho, — Oh ! que certamente não sois sua mãe ; mas sim sua mortal inimiga ... — Eu sua inimiga ! nem o conheço : se o senhor tomasse o meu conselho havia de traze-lo connosco , eu o educaria , eu ...

Olhei para a Dama com olhos furiosos , depois voltando-me para vosso pai , supliquei-o com as lagrimas nos olhos , que me deixasse voltar para vós , pinteilhe a vossa situação , a vossa dor , e consegui enternecer-lo algum tanto. Mr. Dumont , me diz elle , eu não posso fazer ... o que me pedis ... houve

quem vos visse juntos no jardim real : conhecem-vos , e procurão-vos ; finalmente a vossa vida não está segura , se estiveres com elle. — Não importa , senhor. — E a delle está menos perigosa estando só , do que convosco . . . Vós não sabeis . . . aquelle rapaz he o facho da discordia , que o Ceo na sua cólera deitou entre a sua infeliz familia ! . . Esquecei-vos delle , Mr. Dumont , e deixai-o assim como nós o deixamos correr a sua carreira , longe daquelles de quem he o flagelo : hum resto de piedade , e de afeição que lhe tenho , he que me moveo a avisar-vos para que sahisseis de París , e a não ser esta precaução estaveis perdidos ambos : elle vive , abandonemo-lo ao destino . . . — Porém , senhor , contaime . . . — Os meus segredos ? oh não , Mr. Dumont ; ninguem os ha de saber , e a sepultura bem depressa os fechará comigo . . . — Que espantoso mysterio ! . . — Impene-

travel, meu rico senhor!... Meu amigo, estimo-vos, e até vos amo; talvez me devais neste momento hum beneficio maior que a vida!... se não aproveitasse este meio para vos livrar do laço que vos armavão, a esta hora ambos terieis cahido. — E elle está em perigo, senhor?... — Não tanto: em quem tomáráo mais sentido foi em vós. — Em mim! ah meu Deos! quem são estes barbaros? — Não os posso nomear; e esse he o meu tramento!...

Não sei que vos diga, meu querido discipulo: vosso pai fez-me ainda outros discursos, a qual mais espantoso: as confidencias imperfeitas que me fazia, desafiando cada vez mais a minha curiosidade, nem ao menos reparava na ligeireza da sege, que desapparecia como hum relampago, nem na noite que se vinha aproximando... Hiamos sahindo de huma pequena Aldêa, quando huma voz, que não conhe-

ciamos , disse a hum dos creados da trazeira : Ah ! és tu Champagni. — Sim , respondeo o creado. — São elles , disse a voz aos outros que rodavão a sege : no mesmó instante apeião-se todos , e hum disse com bastante grossaria a vosso pai : está bom , Marquez , já tens o menino querido ? . . pois haveis de no-lo entregar , quando não dar-vos-hemos a morte. — Ah ! meu irmão , exclama a Dama , que fazeis ... — Vós aqui , minha irmã ! — Covarde , lhe torna teu pai furioso , espera-me , que eu desço ; tira-me a vida , ou eu ta tirarei ...

Vosso pai , eu , a Dama , os creados todos nos apeámos , e entrámos com os desconhecidos , que erão quatro ou cinco , em hum sanguinoso combate , de que não vi o fim , porque ferido na cabeça de huma estocada , cahí esvaído de sangue.

Provavelmente estive muito tempo estendido no chão sem sen-

tidos ; porque quando tornei em mim já era noite escuríssima : não achei ao pé de mim ninguém dos que hião comigo , nem tão pouco dos nossos assassinos , mas sim sete , ou oito homens , mal vestidos , que me pozerão em huma escada , e me levárão : disserão-me pelo caminho que estava meia legua longe de Leão ; que o Arcebispo daquelle Cidade , passando , tinha ouvido gemidos : hum dos seus creados que elle mandou indagar o que era vindo-lhe dizer que era hum homem ferido , e só em estado de se transportar em huma escada : o Arcebispo logo que chegou a casa mandou logo transportar-me para huma enfermaria , aonde com effeito chegámos : o zeloso Prelado veio em pessoa saber de mim o como me tinha achado no caminho em semelhante estado. Agradei-lhe a sua caridade , e procurei rodeios para lhe não revelar a verdadeira causa da minha ferida.

A irrupção subita destes desconhecidos , e o seu combate com vosso pai , não he para vós hum enigma , meu querido discipulo ? Tambem para mim o foi , e ainda o he ! Segundo as apparencias erão vossos inimigos , que vos procuravão , e esperavão achar dentro da sege , e hum delles irmão da Dama que hia connosco. Porém reflectindo nas palavras mysteriosas de vosso pai , e sobre o laço que estavam para vos armar na estalagem de Valença , e do qual me livrava , pensei que estes malvados erão com effeito aquelles , de quem tínhamos tudo a temer : além disso o que me ferio , conhecia-me , porque me lembra que quando me deo a estocada , disse-me : *Que fizeste do teu discipulo ?* .. Nisto cahi , e abandonarão-me , sem dúyda persuadidos de que ficava morto : pareceo-me vêr entre elles aquelle mancebo , que encontrámos no jardim real , e que depois de nos encarar por mul-

to tempo , disse para seu Pai :
meu Pai , ei-lo acold , be elle ,
Grã. não vos lembraís , Leandro ?

Fiscalmente fui tratado na enfermaria de Leão com todo o cuidado possível : o mesmo Prelado teve a bondade de me visitar de tempos em tempos , e de indagar com seus olhos o cuidado que tinham em mim.

Logo que estive restabelecido fui tomar o ar nos arrabaldes de Leão , que na verdade são deliciosos : encontrei hum dia huma especie de Ermita , cahida em ruína , cuja vista me fez impressão... Hum camponez , que trabalhava em hum campo visinho me contou que aquella Ermita tinha servido em outro tempo de ermitagem a hum santo homem ; e logo me veio á idéa fazer della habitação... Tinha perdido toda a esperanza de vos tornar a vêr , meu querido discipulo , porque durante a minha doença , hum dos creados que me

servia , e que era parente do estalajadeiro de Valença , aonde vos tinha deixado , tendo-lhe escrito a vosso respeito , o estalajadeiro lhe respondeo , que rìnheis dalli partido no mesmo dia , e que absolutamente ignorava o que tinha sido feito de vós.

Perdida toda a esperança de vos tornar a vêr , e tornando-se-me a vida insupportavel... Confiei ao Arcebispo huma parte das minhas desgraças , e pedi-lhe com instancia me permittisse vir habitar a ermitagem que tinha visto. Oppôz-se o Prelado ao principio ao meu projecto ; mas logo que vio que eu estava nesta constante resolução , não sómente me deo a licença que lhe pedia , mas até me prestou soccorros caritativos , que bem depressa se augmentarão pelas almas sensiveis , que a curiosidade , ou a minha conducta edificante chamarão á ermitagem: deste numero forão João Picot , e seu
amo :

amo : este digno mancebo andava todos os dias duas leguas para me trazer de comer , conversava comigo , algumas vezes fallava-lhe nas minhas penas , e elle se esforcava por me consolar... Bom , e sensivel amigo , o Ceo te dará a recompensa!...

Ha muito tempo que passastes a Leão , meu querido Leandro ; Picot vos fez vêr todas as curiosidades da Cidade , e elle foi quem me fallou em vós , tendo ouvido o vosso nome casualmente no mesmo dia da vossa partida... que noticia para mim ! Picot mo disse , Picot me deo vestidos , Picot me soccorreo com a sua bolsa : despi o habito , e parti a pé , tendo feito primeiro as minhas despedidas á ermitagem , que deixei preparada para outro que viesse. Hoje faz tres dias que estou em caminho , meu amigo , e apenas tenho andado dezeséis leguas... mas estou tão fraco ! a minha lo-

ga doença, a tristeza, e sobre tudo ser obrigado a mendigar pelo caminho.... que officio? meu pobre Leandro! que triste officio!... e era eu nascido!...

Não pôde Leandro deixar acabar Dumont, apertou o em seus braços: respeitavel Mestre, lhe diz elle, eu sou o Author da vossa desgraça, e a causa dos vossos males... Ah! meu Pai tem razão! eu nasci para fazer desgraçados todos os que me communicão...

Leandro abraça Dumont de novamente, ambos sentem os doces extasis de satisfação que os corações indifferentes já mais conhecirão... Até que Sciocco interrompe esta effusão deliciosa, para dis orrer sobre as aventuras de Dumont, que muito o tinham admirado... — Então, *meo caro maestro*, e este não será hum effeito da predestinação?... Que me diz a este encontro?... e a

aventura da ermitagem? ... Com effeito tudo isto está armado com tanta singularidade, que contado por outro qualquer pareceria huma Novella. — Então que quereis? diz o velho, aquelles para quem a felicidade he habito, que sempre na mesma Cidade, no seio da sua familia nunca virão, nem experimentarão nada podem olhar como romanescos factos que por espantosos não deixão de ser verosímeis... o que he huma Novella? hum tecido de aventuras encadeadas com arte, mas que tomadas cada huma de per si são muito criveis: não se acreditão porque dizem que he impossivel terem succedido todas á mesma pessoa: porém que importa isto? Em vez de hum heroe, se esta historia tiver duzentos os factos, por isso não são menos verdadeiros: aqui estamos cinco, por exemplo: se em lugar de escrever a vossa historia só por si, eu lhe ajuntasse

a destes tres Senhores , e a minha não he verdade que por estarem juntos não deixavão de serem verdadeiras ?

Discorrêrão os nossos cinco amigos ainda algum tempo sobre esta materia , até que Dumont pediu a Leandro , que lhe contasse o que lhe tinha acontecido depois da sua separação : como todos os da sociedade erão de confidencia , Leandro condescendeo logo.

Principiou pela sua habitação no Casal , os seus amores com Claretta , a historia de Dorancé , a perfidia de Duverly , a sua sahida do Casal , &c. , e acabou pelas imprudencias a que o tinha arrastado a sua desconfiança , e o seu caracter suspeito : accrescentou que não tinha passado a Leão , como o dizia Dumont , e que este segundo Leandro com quem se parecia nas aventuras o intrigava muito.

Todos ficarão contentissimos da

da sua narração, excepto o velho que a ouvia perturbando-se o amante de Claretta olhasse bem para elle quando fallava, vê-lo-hia successivamente fazer-se branco, corado, e cahir em hum grande desassocego, que ninguém percebeo, pela attenção com que ouvião o discipulo de Dumont.

Chegou a occasião de pedirem ao velho que contasse as suas aventuras, o qual se escusou pretextando serem só para elle interessantes; que depois de aventuras tão espantosas como as que acabava de ouvir o que tinha a dizer era bem ordinario, finalmente que hum dia as contaria; mas que antes de tudo pedia aos seus bons amigos ouvissem hum projecto que elle tinha formado, e que lhe aconselhava seguissem, se quizessem obrar ajuisados.

Ouçamos fallar o velho, querido Lector, e se já não adivinhas-

24 L E A N D R O ,

nhasteis quem elle he', tenho me-
do que elle se descubra bem de-
pressa. Vamos ouvi-lo.

CAPITULO II.

Voltão para o Casal.

Muito me interessarão as vossas aventuras, meu Leandro. Trouxesteis-me á lembrança muita gente do meu conhecimento.... — He possível? — Tende paciência, ouvi-me com attenção.

Eu vivi muito tempo em Grenoble; esse Dorancé, Duverly, Adelaide, Claretta, Germano, a todos conheço: não vos posso exprimir a minha alegria, sabendo que ainda vive Dorancé: em quanto a Duverly, esse perdido amigo

já não existe. — E vós o sabeis com certeza?... — Com toda. — Ah! Claretta já não tem Pai! — Soube que sua Mãe era morta: a infeliz Adelaide foi victima dos crimes do seu seductor, e do ciúme de seu esposo!... perdoai estas lagrimas.... a lembrança decorosa? ah! quanto ella era amavel! —

Por conseguinte, meu querido Leandro, debalde procurais esse Duverly perfido, e traidor, a quem quereis tirar a cabeça: quiz o Ceo que me encontrasseis, dei-vos noticias d'elle, a vossa missão está cumprida; mas como Dorancé talvez não acredite a morte de Duverly só por vós o dizeres, quero acompanhar-vos ao Casal, porque conhecendo-me estimará ouvir da minha boca tudo quanto deseja saber: tornarei a vêr a vossa Claretta que tanto amais, eu tambem a verei, amavel creatura, que conheci tão pequena: final-

mente ficai certo que todos estimará a resolução. — Porém, Senhor, hei de voltar para casa de hum barbaro, que teve o desabrimiento de me ordenar hum assassinado? — Bom mancebo, a vossa humanidade, a vossa virtude tudo me encanta... mas permiti-me que desculpe Dorancé: fizeram-lhe a vida tormentosa, he natural o querer-se vingar: depois disso não commettesteis o assassinado? — Não certamente. — Eu vos creio... — Dorancé está sequioso de sangue, vós não o derramasteis, e a sorte arranjou os acontecimentos de maneira, que sem commetteres crimes vos fazeis digno da mão de Claretta. — Ceos! e ha de ser levando-lhe a noticia da morte de seu Pai? — Eu me encarrego disso; eu satisfarei Dorancé nesse ponto, e o persuadirei a unir-vos com a filha de Adelaide. — Generoso Estrangeiro, que felicidade para mim

o ter-vos encontrado!... mas não poderíamos saber o nome de hum homem tão respeitavel? — Eu passo por Mr. Preville. — E he esse o vosso nome? — Tenho outros muitos; mas este he o de que gosto mais. — Está bem Mr. de Preville, seguirei o vosso conselho, voltarei para o Casal; porém Dumont, Sciocco, e João Picot querer-nos-hão acompanhar?

Outros amigos jurarão a Leandro que o acompanhariam a toda a parte; em consequencia disto a partida ficou resolvida para no outro dia pela manhã.

Bem notava Leandro na fisionomia do velho hum ar de constrangimento que o admirava; mas attribuia tudo isto á saudade que tinha excitado no seu coração com a narração das suas aventuras, onde erão comprehendidos todos os seus amigos, talvez que n'outro tempo Leandro logo desconfiasse da vacillação de Mr. Preville; po-

rém o seu character já lhe tinha suscitado tantas scenas, tinha protestado tão firmemente que havia de fechar o seu coração á desconfiança, que temia demorar-se nas idéias que a podião fazer recahir. Finalmente elle era feliz, tinha encontrado Dumont, o seu querido Dumont, e tão fiel, e afeiçãoado como algum dia: tinha de mais a mais comsigo o seu bom Sciocco que elle estimava, e dois estrangeiros virtuosos, dos quaes hum sobre tudo o tirava de huma situação bem critica, noticiando-lhe a morte de Duverly, e encarregando-se elle mesmo de a annunciar a Dorancé... Já tornas a vêr o Casal, e Claretta, a sua querida Claretta, cuja partida elle ignorava: que esperanças, que deliciosas esperanças?

Não dormio Leandro em toda a noite; no outro dia foi o primeiro que se levantou, e foi logo á porta alugar os cavallos pa-

ra S. Marcellino (porque era obrigado a não seguir o caminho de Paris de tomar outro postilhão.) Quando voltou achou todos os seus amigos promptos , e alegres , á excepção de Mr. de Preville que tinha passado a noite peor do que elle : com pouca demora chega a sege , onde se mettem os cinco amigos , e o postilhão pica os cavallos. Não direi o que fizerão durante esta viagem agradável , nem as doces conversações que entre si tiverão : o leitor poderá facilmente advinha-las pelo conhecimento que tem do caracter de todos os nossos heróes : por exemplo a predestinação , e a ordem das cousas vierão logo á balha pelo bom Sciocco , e forão refutadas por Dumont , espantado da loucura do Italiano ; Leandro , e o velho tratarão do amor , dos seus prazeres , e das suas penas ; este tinha mais seriedade , e tristeza que o outro. João Picot lêo

muitas vezes a carta de seu tio Joaquim , e contou muitas historias dos Estrangeiros , que tinham estado na estalagem em que servião.

Desta sorte chegarão os nossos viajantes a S. Marcellino , onde Sciocco , e o discipulo de Dumont não estimavão muito apparecer , temendo o serem descobertos pelo carcereiro , cuja mulher os tinha livrado da prisão. Alli souberão que esta mulher tinha voltado para a companhia de seu marido , admirando a bonhomia deste homem , que com tanto soccego a recebia todas as vezes que ella queria tornar.

Aqui despedirão a sege , e tomarão a pé o caminho aprazivel do bosque de Lhamboran , munidos todos de pistolas , e outras armas , porque assim o pedia hum sitio infestado de salteadores , como mais acima o disse.

Tinhão andado mais de duas

horas pelo bosque , que Leandro conhecia bem quando avistárão a ponte levadiça , e o telhado do Casal : aquelle era o sitio em que Claretta disse n'outro tempo a Leandro , apontando-lhe para o Casal : olha , vês , aquelle he que he o Casal ! Sentio Leandro comprimir-se o seu coração ; experimentou hum sentimento que não pôde definir , mas que lhe não foi desagradavel. Não succedeo o mesmo a Preville : logo que avistou o Casal , fez-se pálido , hum suor frio gelou todos os seus membros , e cahio desmaiado . . . Intentava Leandro faze-lo tornar a si , mas debalde ; os seus esforços , e os de todos os outros foram inuteis ; finalmente decidirão-se a leva-lo em braços . . . ah pobre Leandro ! se soubesses quemavas ! . . .

He certo que esta desordem , e este desmaio de Preville havião de admirar singularmente os seus quatro amigos : por grande que

que fosse o interesse que romava por Dorancé, por Claretta, e pelo fim trágico de Adelaide, que dizia ter conhecido em outro tempo; parecia incrível que isto fosse capaz de produzir huma revolução tão forte... Teria elle parte nas aventuras de Dorancé?... seria elle?... Não arrememos dúvidas vagas, e que não podemos aclarar neste momento: entremos com elles no Casal. Assim chegarão os nossos viajantes, levando em braços o infeliz Preville até á ponte levadiça que estava levantada: não apparecia ninguém, tratava-se de entrar, e isto era difficiloso, porque não havia porteiro, mas sim muito tempo tinham que esperar a não ser huma circumstancia que lhe for favoravel.

Candor depois da fugida da sua querida Claretta, que muito o consternára, não passava hum só dia sem subir á muralha do fosso para vêr se avistava alguém:

esperançado sempre em que a tornaria a vêr esta menina , que estimava como sua filha , passava em huma especie de terrasso dias inteiros em chorar , e em pedir ao Ente Supremo lha restituísse.

Grande Deos , dizia elle incessantemente, tu que conheces o meu coração , tu que sabes quanto eu estimava esta filha do crime , eu te tomo por testemunha da sinceridade dos meus sentimentos ! He verdade que o projecto com que me encarreguei da sua educação foi de a sacrificar hum dia á minha vingança; mas quanto tenho detestado este projecto horroroso? . . . Claretta interessante , sensivel , e docil era minha filha , eu a tinha adoptado , esquecia-me da traição de seu Pai , da perfidia de minha esposa , esquecia-me de tudo ! . . . Ella fugio , deixou hum bemfeitor generoso para seguir o seu amante ! . . . o seu amante ! . . . que cruelmente

desterreí!... com que esperança!... para o mandar procurar hum homem que lhe será impossível encontrar. Isolado no meio do Universo, como poderá Leandro descobrir o domicilio do meu inimigo, do infame Duverly?... Hum desejo vão de vingança me fez perder o meu amigo, a minha Claretta, tudo quanto tinha de caro no mundo! Oh meu Deos! tu me castigas, e eu bem o mereci!

Enviava Candor ao Ceo estas exclamações, quando lhe desafia a vista o motim que sente junto á ponte... Que vi!... Leandro... Leandro! será elle? Sim, he elle, e acompanhado de quatro desconhecidos... Candor consulta todas as fisionomias... procura sua filha... mas ella não vem alli!... Oh dor! Mas quem he aquelle homem pálido, desfigurado, abatido, que vem encostado a Leandro?... As suas fei-

ções não são estranhas a Candor... parece-lhe Duverly? ... Duverly! de intelligencia com Leandro! virão ambos a insulta-lo! E estes tres desconhecidos que vem com elles?... Qual será o fim deste ajuntamento?... Candor fica algum tempo indeciso se admittirá esta cohorte no seu Casal... elle está só com hum velho tão fraco como elle... E porque os não ha de admittir?... Se tem de morrer, não ha de perder a vida sem a vender cara aos seus algozes.... He Duverly; sim, Candor se certifica... que movimentos de rai-va se despertão no seu coração!..

Quando estava desta sorte embebido nas suas reflexões, Leandro o vê; e lhe diz com hum voz doce, e sensivel: he Leandro meu Pai!... fazei-nos entrar, nós somos todos vossos amigos.... — Todos meus amigos! ...

Candor chama Germano, e ambos abaixão a ponte levadiça...

Leandro , Sciocco , João Picot , Dumont , e Preville entram Preville que recobrára as suas forças , não pôde sustentar as lagrimas encarando o infeliz Dorancé já encanecido pelos annos , e pelos trabalhos.

Procura Leandro com os olhos a sua Claretta , e não a vendo , mortal palidez lhe cobre o rosto , vai perguntar por ella a Dorancé , mas este o previne. Que vem buscar aqui mancebos ? ... Satisfizeste a minha vingança ? Trazes-me a cabeça do meu inimigo ? — Não me atormenteis , meu Pai ! Este respeitavel velho , que teve a bondade de me acompanhar , satisfará a vossa curiosidade. Dorancé que vio realisarem-se as suas desconfianças olha attento para Preville ; este confundido não pôde pronunciar huma palavra : Leandro occupado de Claretta espraia seus olhos para todos os lados : Dumont , Sciocco ,

e Picot espirão horrorisados pelo fim de hum acontecimento que commença a comprehender : todos os nossos actores occupados de diversos sentimentos formão hum quadro pitoresco , e guardão por alguns momentos silencio profundo...

Preville he o primeiro que rompe este silencio , dizendo : Dorancé , que sentimentos te inspira a minha presença ? — Raiva , furor , desesperação : o excesso do meu odio... perfido Duverly...

Duverly , exclamão os quatro actores ? Oh Ceo ! continúa Leandro ! que ! sois vós !... Duverly , que fiz eu ? — O teu dever , lhe responde o falso Preville ; sim , tu cumpreste a tua promessa sem o saberes !... Dorancé , prosegue elle , eu venho por mim mesmo entregar-me á tua justa vingança... a minha sorte está nas tuas mãos , corta o fio de meus dias , que tudo soffrerei sem me quei-

xar : enganei-te , illudí-te², atraí-
çoei-te... e com a capa da ani-
zade ; descarreguei no teu coração
os golpes os mais duros... cau-
sei a morte de huma mulher que
nos era cara a ambos ; e ainda
agora te estou offendendo com
este discurso ? porque te demoras ?
tira-me a vida , traspassa-me o pei-
to , aqui o tens , elle espera o
golpe mortal , descarrega-o , que
nem so menos gemerei.

Leandro põe-se diante de Du-
verly , que Dorancé olhava com
a mais profunda indignação. —
Cobarde inimigo , lhe diz Doran-
cé , ainda te atreves a insultar-
me !... — Eu insultar-te !.. Oh
Dorancé ! que não possas tu pe-
netrar o fundo do meu coração !
que não possas conhecer o arre-
pendimento , os remorsos crueis
que ha tanto tempo o dilacerão !..
Ah ! pergunta a este culpado co-
ração... elle te dirá que ainda
que te illudia te estimava , te la-

mentava , e se aborrecia a si mesmo... Sim , Dorancé , eu atraícoei-te , mas quanto me custou ? Não te pareça , que o meu intento seja deste modo suspender teus golpes ; eu os receberei sem murmurar... Não me has de ouvir alegar que a minha mocidade , e humia paixão violenta me arrastará ao abysmo em que cahimos ambos : não te trarei á lembrança a nossa conversação em Grenobla , quando dissestes que amavas Mademoiselle de Mirsange , e que vossos Pais estavam de acordo de vos unirem... Havia muito tempo que eu amava Adelaide , e que o seu coração me correspondia... Que não fiz eu para te desvanecer de hum casamento , onde antevia os maiores trabalhos para dois amigos ! Jurava-me Adelaide que nunca podia ser feliz senão comigo ; obrigava a sua Mãe a ser tua esposa : tu perdido de amor por ella , e eu tambem...

Fomos para París, eu fiz todos os meus esforços para vencer huma paixão fatal, cujos excessos me enchão de horror. O constrangimento, o remorso, e a minha amizade para contigo, me reduzirão ao estado de morrer... Estou resolvido a fechar no coração o segredo fatal: lembra-te que tu vieste, que mo tiraste, que me reduziste ao ponto de declarar tudo... Só o nome do objecto do nosso delirio fica prezo aos meus lábios... Tu dás-me animo, tu fazes-me conceber esperanças, eu ouço-te... respondes por mim á Carta de Adelaide... Ah! foi este primeiro erro que me affundou nos outros. O passo estava dado, eu não te podia illuminar sem me perder; o amor, a effervescencia, huma vergonha mal entendida, tudo me arrastou para o crime. Vês, caro inimigo, que não procuro justificar-me, sou criminoso: a tua desgraça, a da

tua familia he obra minha : eu condemnei-me , encontrei este manco , contou-me as suas aventuras , os teus infortunios , e os teus desejos : eu venho satisfazer a tua vontade , cumprir a tua promessa , desfecha o golpe , descarrega a tua piedade ainda me envileceria mais... — Piedade ! havia de ter piedade para ti , barbaro !... Se a não tive para minha esposa , quando lhe cravei hum punhal no seio?... E por effeito de negras suspeitas que semeaste no meu coração... — Adesroches foi quem fez tudo , Dorancé ; foi esta mulher detestavel que incendiou o meu amor por Adelaide ; foi ella quem nos procurou os meios de nos virmos , e quem me excitou a enganar-te logo que vio o arrependimento de Adelaide , e a nossa separação , quiz-me obrigar a que correspondesse a huma paixão , que ella dizia nutria no seu seio havia muito tempo : o des-

OU O PEQUENO CASAL.

prezo , e a indignação que lhe mostrei incendiou a sua raiva : quiz perder-me , e envolver-vos , e vossa esposa na sua vingança , e tendo-me furtado Cartas ... Cartas fataes ! que mil vezes devia ter queimado , vo las remetteo durante a minha estada na nova Carolina , com as imputações as mais calumniosas ... A pobre Adelaide ; atemorizada de hum avizo secreto que lhe dá a sua inimiga recorre imprudentemente á fuga , vós a seguis , e ... tremeis ! ... Oh ! eu he que devo tremer ! A minha paixão funesta foi quem armou o vosso braço ... Quero vêr esta arvore ensanguentada , o pé da qual recebeu o golpe mortal ! Quero-a vêr ... — Não he esse o unico monumento que me lembra a tua perfidia , cruel : anda cá , vem comigo ao escuro subterraneo , onde conservo os restos preciosos da minha victima ; vem , mas só comigo ... alli he que te

quero sacrificar aos manes de minha mulher, e de meu filho... — Vamos, estou disposto...

Candor, e Duverly de mãos dadas já se encaminhão para a porta do templo subterraneo, sem se lembrarem de levantar a ponte levadiça: Leandro, e os outros querem demora-los, mas elles lhe clamão: deixai-nos... he preciso satisfazer a justiça divina. Leandro, Dumont, Picot, e o mesmo Germano se mettem entre elles, e intentão fechar-lhe a passagem; mas de repente Sciocco chamando-o a todos quatro de parte, parece que se lembrára de algum expediente interessante: acreditai-me, *buoni Cavalieri*, lhe diz elle, deixe-mo-los ir ao subterraneo; senão tiverem de morrer, não ha de succeder nada, mas se está decidido que hum dos dois.... Leandro impaciente o empurra, Leandro corre aos dois furiosos; Dumont, Picot, Germano, e o

bom Sciocco o seguem , e todos entram no templo apesar das instancias de Duverly , e de Dorancé... Não referirei os discursos que entretiverão os dois inimigos , facilmente se podem conjecturar pelas reprehensões , e ameaças que hum fez ao outro : apesar da dor , e do arrependimento de Duverly não sei como se terminaria esta scena singular , a não ser hum acontecimento bem raro que os veio distrahir do seu furor , e desatar o fio desta aventura.

Mas como pareceria incrível aos meus leitores se eu o fizesse nascer de repente , he preciso trazer a narração de mais alto , e traze-los gradualmente á convicção. Deixemos os nossos actores no templo , e vamos a Paris , onde encontraremos Claretta em casa do Marquez de Corsange.

CAPITULO III:

Não se reúnem no Casal.

Tinhão-se passado alguns dias depois da ausencia do Recebedor du Monnay, M.^s e M.^{me} de Corsange tratavão Claretta como humma filha querida, julgando-a sobrinha do Recebedor. Já disse que a casa do Marquez era proxima a Luxemburgo; todas as tardes o Marquez, a Marqueza, e Claretta hião passear a este jardim agradavel pelo local, e pelas pessoas que concorrem: não ha nada mais aprazivel do que a vista do ter-

rosso nas noites de verão ; este palacio gotico , mas soberbo que huma Rainha , cujo scetro , e caracter varonil serão sempre a admiração da posteridade ; tudo isto produz na alma hum prazer puro , e delicado , que só pôde ser apreciado pelos verdadeiros amadores do Luxemburgo.

Alli estavam todos tres hum dia sentados no terrasso , e rodeados de muitas pessoas que como elles fatigados do passeio tinham tomado cadeiras , e formavão hum cordão animado , e variado de mil côres.

Huma especie de Clerigo que estava ao pé de Claretta , tendo olhado tanto para ella ao ponto de a fazer abaixar os olhos , não pôde deixar de lhe testemunhar a sua curiosidade nestes termos. Senhora , peço vos mil perdões da minha indiscripção , parece-me que vos tenho já visto em alguma parte ? Claretta o encara , e parece.

conhece-lo... ella cora... e o Clerigo o conhece. Pelo que vejo, continúa elle, não vos sou desconhecido... não foi em Leão?... não... Pareceis-vos muito com hum certo Leandro... — Leandro, exclamão o Marquez, e a Marqueza ao mesmo tempo! — Leandro, exclama também huma mulher que estava hum pouco desviada... — Sim, vós sois aquelle Leandro que encontrei em casa da Baroneza de Yrau. — P.^o Estevão, lhe diz em voz baixa a tremula Claretta, não falleis mais. — Porque fallais de Leandro, pergunta ao P.^o a mulher desconhecida? eu encontrei em Marselha hum marcebo desse nome. — Em Marselha, lhe diz timidamente Claretta; conhecesteis Leandro em Marselha? — Ah Senhora, não me faças recordar de huma lembrança demasiadamente cara... — Minha rica sereis vós talvez a pupila de Mr. du Monnay? Quem vos dis-

se o nome do meu tyranno?..

Sim, sou eu, eu sou a infeliz Sofia, que tanto amou Leandro.

— Não nos confundamos, Senhoras, interrompe o Ex-Frade, eu fallo da amavel Claretta que aqui está, e vós, Senhora, desse tal Leandro, que corre o mundo em procura de seu Pai que jámais conheceo. — Seu Pai que jámais conheceo, diz o Marquez muito commovido. Ah! que me dizeis! que nome pronunciasteis?..

— Devagar, Marquez, lhe diz sua mulher, a nossa querida Claretta parece estar sciente deste enigma, peçamo-lhe que no-lo explique... Conheceis acaso este Leandro de quem se falla?..

— Se o conheço, Senhora!.. —

Eu e meu esposo tomamos por elle o mais vivo interesse: explicai-vos. — Senhora não he tempo nem lugar: voltemos para casa, e lá vos farei huma exacta narração do que desejais sa-

ber apesar da prohibição de hum Tio... que digo, de hum bem-feitor respeitavel.

Claretta, e os dois esposos se levantão, a filha de Duverly reconhecendo a sua rival em Sofia lhe deita huma vista de indignação, que esta intenta interpretar... chegão a casa, onde a Marqueza que até alli tinha estado constrangida dá hum livre curso ás lagrimas. Não vos admirareis da impressão que me fez a aventura do Luxemburgo quando souberes... Oh! se conheceis Leandro dai-nos noticias delle... pela maneira com que o pintarão não póde deixar de ser teu filho Marquez — Vosso filho exclama Claretta exaltada, vosso filho,... que! Senhor! Leandro será vosso filho, — Sim, responde o Marquez, e minha mulher sua Mãe. — Seu Pai! sua Mãe! Deos! grande Deos! eu os achei: oh Leandro, Leandro!

aonde estás ? que fazes ? vem ,
vem deitar-te em seus braços . . .

— Claretta vós augmentais os
nossos pezares ; fallai , fallai ,
tende piedade da dôr de hum
Pai . . .

Claretta transportada de alegria não tem força para arranjar as suas idéas ; levanta as mãos ao Ceo , dirige-lhe exclamações , rogos , depois reanimando os seus espiritos principia por se desculpar do mysterio que fez da sua historia aos seus benfeitores pela prohibição de du Monnay : todos três se assentão depois , e a filha de Duverly lhe conta as suas aventuras ; as de Leandro , a sua habitação , e a sua fugida do Casal ; e confessa-lhe depois que ignora o que he feito do seu amante. Elle estava em Marseilha , continúa ella , elle alli estava o infiel ! até foi que elle conheceo esta Sofia que acabamos de deixar ; mas huma vez

que elle a não acompanhou, não posso saber aonde está agora... Oh meu Deos ! porque o não trazeis aqui ?... ah ! quanto elle seria feliz, quanto seríamos todos venturosos...

Arzelia, e o seu esposo apenas tinham respirado durante a narração de Claretta; o Marquez principiamente que se lembrava da sua crueldade, dos seus erros para com hum filho tão amavel, e os trabalhos que lhe tinha causado pela malicia dos seus inimigos, não podia perdoar a si mesmo a sorte de seu filho... Sou eu, exclamava elle, eu sou, Pai desnaturalizado, que o mergulhei neste abysmo de desventuras!... Onde está elle ? este innocente mancebo ? que destino he o seu ?... Oh Deos ! tu me és testemunha das indagações que tenho feito ha hum anno, desde o momento favoravel que me unio com a

minha terna esposa!... Eu fiz procurar, eu mesmo procurei por toda a parte este filho que me tem custado tantas lagrimas!... Oh Claretta, se algum dia o acharmos que elle seja teu esposo! sede ambos nossos filhos! Ah que tu és bem digna do seu coração!...

Em quanto elle se demorava nestas effusões de coração, a Marqueza estava pensativa: de repente ella interrompe o seu esposo: Meu esposo, lembra-me hum a cousa... sim, esta esperança circula pelas minhas veias para consolar a minha alma:... talvez que elle tenha voltado para o Casal, talvez que lá o achemos... — Elle, Madama, responde Claretta, he verdade que elle não sabe que eu sahi de lá: póde ser — mas não, esqueceo-se de mim: em todo o meu caminho não ouvi fallar senão nas suas infidilidades... Em S. Mar-

cellino , em Marselha ... oh ! he hum perfido , hum perfido !... que se consola talvez em hum canto do mundo com alguma nova conquista ... — Minha filha , acreditai o coração de hum Mãi ; o vosso estava muito de intelligencia com o seu ... ereis nascidos hum para o outro : elle ha de voltar ao Casal , elle ha de voltar. — Ceos ! tinto no sangue de meu Pai !.. — Que suspeita odiosa ! hum rapaz tão docil , tão tímido , ha de fazer-se culpado de hum assassinado !.. Se tem o coração de seu Pai , não he capaz de tal. — E se elle tem as vossas virtudes , cara esposa , ha de ter horror ao crime ... Mr. , e Madame de Corsange enternecem-se de novo pela sorte de seu filho , e pelas suas proprias desgraças , depois de que se decidem a partir sem demora para o Casal. Se elle não está lá , disserão elles , esperaremos ...

viver em hum lugar que meu filho habitou , será pelo menos hum consolação para nós. Claretta não sabia se se devia alegrar desta jornada . . . Picada da infidelidade do seu amante , desejosa de tornar a vêr a sua ermitagem , o seu bom Germano , e o seu bemfeitor Candor , de que ella não tinha nada a temer debaixo dos auspícios dos Pais de Leandro , fluctuava o seu espirito entre mil pensamentos que a enredavão , mas de todos o mais doce era o desejo de tornar a vêr o Casal ; e o seu mesmo amante ainda que tão perfido como ella o imaginava.

Em menos de hum dia tudo está prompto para a partida : occupão-se durante o caminho das esperanças as mais lisongieras , e formão idéas agradáveis mas quimericas no fundo , porque era insensato presumir achar Leandro em hum lugar que tinha deixa-

do para sempre, ou para muito tempo ; porém as illusões da ternura paternal, e do amor são incommemoráveis... cuidavão achar com toda a certeza o objecto de todos os seus votos no Casal, e esta esperança bastava para lhe causar o mesmo delirio que a realidade.

Sigamo-les com tudo, e se os seus desejos são satisfeitos attribuamo-lo a hum decreto da suprema sabedoria, que quiz acabar os trabalhos de todos estes infelizes : acontecimentos singulares, incríveis, extraordinarios que se attribuem ao acaso, ou á ficção, quanto vos abençoarão muitas vezes se soubessem a mão divina que os produzio ! Se vissem em vós a obra da providencia do Ente eterno que póde tudo, que tudo vê, e regra!... Ah ! este he o caso de adoptar huma parte do systema do nosso amigo Sciocco : a ordem das cou-

sas, a justiça, e o equilibrio da natureza!...

Porém temendo que nos percamos na methaphysica como o nosso louco Italiano, deixemos estas reflexões para o Leitor Religioso, e Filosofo, e tornemos aos nossos viajantes, que chegados a S. Marcellino apeião-se da sege, e tomão o lindo caminho do bosque de Chamboran.

O dia era sereno, o Sol claro, os passarinhos entoavão sonoros gorgeios: parecia que toda a natureza se interessava na felicidade de que hião gozar os nossos heroes.

O Marquez, e os criados que o acompanhavão não hião sem inquietação, porque a todo o instante encontravão homens de huma fisionomia suspeita, mal intencionados sem dúvida, mas que não se affeitavão a atacar os nossos viajantes visto o seu numero. Claretta encontrou a ar-

verre favoravel sobre a qual tinha escapado no dia da sua fugida : a terra estava em roda revolvida , sem dúvida pelos dois ladrões que não tinham alli achado o seu dinheiro : ainda se divisava na cortiça os signaes que estes malvados tinham feito para a distinguir das outras arvores da floresta : finalmente depois de mais de duas horas de caminho , que fatigarão muito a Marqueza , avistarão o Casal ; mas a ponte levadiça estava cahida , a porta aberta , cousas que admirarão Claretta... Meu Deos ! Candor será morto ? esta casa he inhabitada ? seria atacada , saqueada ?... Já formava mil suspeitas quando devisa no chão pégadas de muitos homens , cujas denotavão que elles tinham hido para o Casal : concebeo Claretta alguma esperança... Ah ! diz ella , se nós vamos achar Leandro ; se estes são os signaes dos seus pés !..

Claretta examina todos estes signaes e parece-lhe reconhecer as pizadas do seu amante: reflexão pueril, illusão redicula, filha de hum cerebro preoccupado do seu objecto . . . O Leitor havia de achar certamente esta reflexão minuciosa ; mas talvez que Claretta não se enganasse ; continuemos :

A ponte levadiça, por estar abaixada, facilita a entrada no Casal . . . Elles entrão , olhão para todos os lados , e não achão ninguém : Claretta vai adiante ; como bate o coração da pobre Claretta ! . . . ella entra na casa . . . não vê ninguém ! olha para o jardim não apparece ninguém ! . . . Onde estarão Germano , e Caudor ? com tudo ouve-se as suas vozes , e elles estão fallando alto . . . Ceos ! a voz de Leandro ! . . . sim , he a sua voz. *Claretta he mais vossa filha que de Duvérly ! meu Pai , tende*

piedade , tende clemencia. He Leandro que proferio estas palavras!... oh, não tem dúvida he a sua voz , grita Claretta arrebatada. — A sua voz , a voz de nosso filho , exclamão os dois esposos!... Ei-los todos tres que não podendo adivinhar donde partem estes sons distantes , prestão attentos ouvidos , e estão na attitude de tres estatuas... Finalmente Claretta exclama : as vozes vem do templo! vinde , vinde , vamos ter com elles.

Com effeito a porta está aberta , Claretta , o Marquez , Arzelia descem apressados á pequena escada... A passagem da luz do dia para a de huma alampada amortecida os priva repentinamente do uso da vista : elles não vêm senão com confusão , mas Leandro volta a cabeça : Claretta ! exclama elle : — Leandro , aqui está teu Pai...

Agora sinto que me falta a

energia necessaria para exprimir os sentimentos de que todos os heroes se achão subitamente penetrados; a minha pena não pôde pintar a sua admiração, o seu arrebatamento, os seus transportes: o que se passa em hum segundo como pôde soffrer a narração sempre longa, e fria?... Os meus Leitores podem formar huma idéa deste painel fazendo reflexão que Candor recobrava a sua querida Claretta, Duverly sua filha, esta seu Pai, o seu bemfeitor, e o seu amante, Leandro hum Pai que tanto desejava conhecer; os dois consortes hum filho, que tantas lagrimas lhe tinha custado; finalmente Germaino, Dumont, &c. amigos que não vião havia tanto tempo.

Que effusões! que perguntas! He possível que sejais vós? Vós meu Pai? Meu querido filho! &c. fallavão todos juntos, e não davão respostas adequadas ás per-

guntas... todas as suas faculdades estavam em perturbação ; a sua alma sentia em demasio para se poder exprimir : abraçavam-se, festejavão-se, davão parabens huns aos outros , e desenfreadão a sua alegria.

Finalmente Leandro que temia que Dorancé , e Duverly tornassem ao mesmo assumpto ; obriga a todos a que saião deste lugar fúnebre : sabem com effeito Clarctta entre os dois inimigos , Leandro entre o Marquez, e sua esposa , Sciocco maravilhado , Dumont , e Picot enternecidos , vão para o jardim , onde podem huns aos outros a narração das suas aventuras. Quanto me acho feliz por vos ter trazido teu Pai ! — E eu quanto sou desgraçado por te ter trazido o teu. — E mereces por ventura que ainda tome algum interesse por ti , perfido amante ? — Ah não me atormentes , Claret-

ta ; he contra minha vontade que satisfiz o cruel Dorancé. — Que fizeste , infiel , da tua carcereira , de Sofia ? — Não te entendendo. — Sei tudo , ingrato , tudo ... e bem me arrependo de te ter amado.

Procura Leandro interpretar este discurso ; mas seu Pai o vem interromper : aqui estão , meu querido filho , e ainda amarás teu Pai depois de te abandonar com tanta crueldade na estalagem de Valença ? — Apesar de tudo isso sois meu Pai. — Agora o conheces , e depressa saberás as suas desgraças , e as de Arzelia , tua Mãe. — Ah Senhor ! que cuidado me tem dado os vossos dias ! interrompe Dumont. — Caro Dumont , destes com meu filho ? ... todos estes encontros são milagrosos. — Oh , replica Sciocco , como isto me prova a lei dos acontecimentos. — Porque , lhe torna Dumont , estes

encontros não são dignos de admiração : o que admira he quando muitas pessoas se achão justamente em hum canto do globo , onde ninguem tinha que fazer , onde ninguem era chamado ; porém quando ha hum ponto de reunião ... Nós não nos procuravamos huns aos outros ? Encaminhamo-nos justamente para o lugar onde presumiamos que nos poderíamos ajuntar. — Sim , lhe replicou Sciocco , *he vero* , mas o que me confunde he chegarmos no mesmo dia. — He o mesmo : se o acaso tinha decidido ... — A ser de outro modo estava interrompida a ordem , não podia ser.

No meio de tudo isto Dorancé deitava para Duverly olhos furiosos : este acontecimento tinha suspendido , mas não extinto a sua desesperação ... A sua alma he verdade que já não alimentava projectos crueis , e san-

sanguinolentos ; mas elle não podia supportar a presença do seu inimigo . . . Duverly tímido , alienado não tem valor para fixar os olhos em hum homem que tão cruelmente illudio ; elle cala-se , teme abraçar sua filha com medo de ferir a delicadeza de Dorancé , e só se confia na doce confiança que lhe inspira a presença de Leandro , de Dumont , do Italiano , e do bom João Picot. Chegando ao bosque que fica ao pé do grande arroio sentão-se todos , e cada hum conta as suas aventuras : as do Pai de Leandro erão sem dúvida as mais interessantes para se saberem : o Marquez sem se fazer rogado começa a sua narração que o Leitor certamente ha de desejar ouvir , huma vez que tenha tomado algum interesse pela sorte de hum mancebo , criado até á idade de 19 annos sem conhecer o mundo , nem seu Pai ,

nem o segredo do seu nascimento.

C A P I T U L O IV.

As Tulherias , e a ponte levadiça.

A Mor , interesse , ambição , eis os tres flagellos que tem feito a minha vida tormentosa!... O Amor foi o meu crime , o interesse o de hum irmão barbaro , e a ambição o motor de todos os trabalhos que meu Pai me causou ... Mas que digo ? hum Pai... elle não o era , nem merecia este nome ! Com tudo elle amava-me , eu respeitava-o , e este respeito timido he que nunca me deixou sacudir o jugo pezado.

que elle me queria impôr... Ah ! que se não fosse seu filho , se não fosse este cruel Cavallheiro d'Anfort !.. Mas estas exclamações são para vós , meus amigos , hum enigma : he preciso explica-lo , e contar a historia da minha familia , para recahir depois na dos meus trabalhos.

Chamava-se minha Mãe Aurora-Bleville , filha deste famoso Conde Bleville , que foi Embaixador em Hespanha no reinado precedente : ella podia aspirar aos casamentos mais distinctos da Corte , tanto pela sua belleza , e virtudes , como pelo grande credito de seu Pai ; porém vendo o Conde de Anfort decidir a sua escolha. O Conde tambem ficou summamente namorado de Aurora-Bleville , chegando a sua imprudencia ao ponto de a pedir para casamento. Offendido o Embaixador de huma semelhante tentativa , fez com que

e ii

o Conde se ausentasse, e metteo a filha em hum Convento, obrigando-a passados alguns mezes a casar com o Marquez de Corsange, favorito do Rei, homem amavel, dotado de todas as qualidades; mas para o qual Aurora sentia hum repugnancia invencivel: ella obedeceo com tudo a seu Pai, e testemunhou ao seu esposo, ainda que não amor, pelo menos estimação, e amizade: Eu fui o fructo deste himineo, e minha Mãi indo-me sendo afeiçoada principiava a acostumar-se aos seus laços, quando hum circumstancia cruel veio de repente reanimar o seu amor, e as suas esperanças. Estava então o Rei em guerra com a Alemanha: o Embaixador combatendo ao lado de seu genro, veio hum bala tão violenta, que os derribou a ambos por terra; minha Mãi achando-se ao mesmo tempo livre do jugo paterno, e

do de seu esposo , cuidou logo em formar os laços de hum segundo matrimonio : ella tinha então 16 annos , e o Conde 30 , ambos livres , ambos igualmente apaixonados , tornarão-se a vêr , e casarão : mas este casamento da imprudente Aurora enredou-a com toda a familia de meu Pai : ninguem a quiz vêr , ninguem me quiz socorrer , quando pelo decurso do tempo os trabalhos me obrigarão a reclamar a sua authoridade.

Madama d'Anfort principiou por exigir do seu novo esposo que eu fosse criado á sua vista , e que elle a nada se pouparia para me fazer feliz , e dar-me huma brilhante educação : D'Anfort prometteo tudo , e foi fiel á sua palavra dois annos , isto he , até ao momento em que sua esposa o fez Pai de hum filho ... o qual he , meus amigos , a causa de todos os meus trabalhos.

O amor que d'Anfort , e sua esposa forão tendo a este filho , fructo do amor mais que do himeneo , singularmente resfriou o que me tinham : eu , ainda que criança , conheci este esfriamento , e tive o valor de me queixar a minha Mãi , que me respondeu em hum tom agreste : Pois está bom , Senhor , não soffrereis essa mortificação , amanhã ireis para hum Collegio donde não sahireis senão acabados os vossos estudos... Estas palavras forão para mim hum raio destruidor ; passei todo o dia a chorar , e no outro dia parti acompanhado de hum só criado... Quando fui na despedida a abraçar minha Mãi vi que ella de proposito me voltava as costas... O meu coração consternou-se, e hia a sair do quarto quando meu padraсто , que vio a minha dôr , se chegou a mim , apertou-me em seus braços , e metteo-me na

mão humma pequena bolça , dizendo-me com ar de affeição , que se eu fosse estudioso , e bem comportado havia de vir a casa humma vez cada mez... Estas palavras socegarão-me hum pouco , metti-me na sege , e encaminhei-me com o meu criado para o Collegio de Navarra... onde depois puz o meu Leandro...

Aqui achei hum Mestre que me esperava , verdadeiro pedagogo , todo inchado de Latim , e Grego , que ainda me fez mais triste o muito tempo que passei nesta especie de prisão.

Eu tinha então doze annos , e principiava a reflectir. Desesperava-me a frialdade de minha Mãe... E de que nasceria ella?... Ter-lhe-hia eu faltado em alguma cousa ? E supposto que assim fosse não deveria desculpar em alguma cousa humma criança como eu ? Com tudo as

caricias de M. d'Anfort lhe tinham restituído toda a minha amizade!... Amava-o desde então tanto, quanto até alli o tinha aborrecido. Os corações sensíveis não tem firmeza nas suas opiniões: se huma palavra dura os scandalisa, e fere, a meiguice os leva mesmo além do ponto donde tinham partido... He tão facil alegrá-los como entristece-los. Durante o primeiro anno da minha estada em Navarra, tive a satisfação de ir de tempos em tempos a casa de d'Anfort... No segundo anno já me vierão buscar menos vezes, no terceiro ainda menos, até que finalmente fiquei reduzido a hum total esquecimento. Vivi no Collegio como deixado da natureza inteira, entregue ao cuidado de mercenários, consolado apenas com a companhia de hum amigo da minha idade que tive a felicidade de encontrar alli.

Este amigo!... perdoai se o pranto me corre lembrando-me delle... ah!... elle me era bem caro, e eu pude.... desculpai-me, meus amigos... são os effeitos dos remorsos que me devorão.

Dulys, era o seu nome, afeiçoou-se-me o mais que podia ser: o mesmo character, as mesmas afeições tudo nos unia... estávamos sempre juntos. Nos dias de passeio apartavamo-nos da chusma dos nossos camaradas, para nos entregarmos ás nossas reflexões; finalmente a doce amizade imperava com igualdade nos nossos corações... Como elle lastimava a minha situação!... como elle a sabia adoçar!... Mas eu vejo que a minha querida Arzelia participa da minha inquietação, e dos meus pezares: passemos rapidamente por esta circumstancia da minha historia, que sendo sabida de vós, me cu-

brirá de confusão , e me mostrará culpado aos vossos olhos.

Dulys já não tinha Pai , e sua Mãe que o amava ternamente morava em Dreux , e jámais vinha a París ; mas seu filho hia sempre passar com ella todo o tempo das ferias. Esperava Madama Dulys , este momento com tanta satisfação com quanta dôr eu o encarava . . . Dois mezes no anno só no Collegio , privado do amigo , dos parentes , ou estudava , ou chorava . . . Annos da minha mocidade de que amargura fosteis acompanhados ! . .

Havia já seis mezes que eu estava no Collegio de Navarra quando hum dia me vierão dizer que estava alli hum criado que me procurava : venho vêr quem he , o meu coração palpita á vista da libré de meu Padrao. — Depressa , Senhor Marquez , me diz elle muito perturbado . . . venha muito depressa

comigo... a Senhora sua Mãe está para espirar? — A minha afflicção foi indissolvel: Ceo! que accidente? — Não he hum accidente ella está doente ha mais de dois mezes. — Ha mais de dois mezes! e então não me tens dito nada... — Esta manhã he que ella se lembrou pela primeira vez do Senhor Marquez... venha depressa, se nos demormos mais tempo arriscamo-nos a acha-la já morta.

Eu experimentava tantas sensações dolorosas, causadas por subitas reflexões, que hia a cahir desmaiado: o criado que conhece o meu estado leva-me pelo braço até á sege de Mr. d'Anfort que me estava esperando á porta: metto-me dentro da sege, e chegamos á nossa casa que era na rua de Richelieu.

Conduzirão-me para o quarto onde minha Mãe deitava no leito da morte só esperava o mo-

mento de deixar a vida. Meu filho me diz ella com hum voz moribunda, eu morro, mas deixo-vos hum Pai no Senhor Conde : no meu testamento o instituo vosso tutor, e elle está prompto para reger por vós os bens do meu primeiro esposo ; o Marquez de Corsange, transmittolhe todo o poder que tinha sobre vós ; obedecelhe como a mim mesma, e lembrai-vos que me ultrajais no tumulo onde vou descansar, se algum dia faltardes ao reconhecimento que lhe deveis . . .

Peguei na mão de minha Mãi que banhei com minhas lagrimas : o Conde tambem chorava á sua cabeceira . . . seu filho o Cavalheiro d'Anfort estava a seu lado. — Aqui está vosso irmão, continúa minha Mãi, ordeno-vos que sejeis unidos, e que vos ameis até á morte : prometteis-me de assim o fazer ?

Eu balbuciei algumas palavras : o Cavalheiro d'Anfort respondeu-lhe que sim com huma voz cortada pelos soluços : minha Mãi o toma em seus braços , quer abraça-lo , cabe , e expira . . . Ainda que foi grande para mim o horror deste momento , com tudo fiquei desesperado de vêr que as ultimas vistas de minha Mãi tinham sido para o Cavalheiro d'Anfort : eu lhes invejei , e desde aquelle momento votei-lhe hum ódio , que depois jámais pude domar : esta foi sem dúvida a unica culpa que eu tive , eu a conheço , mas nunca pude remedia-la.

Dois dias depois da morte de Madama d'Anfort , o Conde que me mostrava muita amizade , abraçou-me promettendo-me huma eterna affeição , e tornou-me a enviar para o Collegio , onde entrei com o coração despedaçado pela dôr . . . Dulys apenas

me viu correio logo a meus braços ; contei-lhe tudo o que se tinha passado , e concordamos ambos , em que me devia acautelar da sorte que me esperava , visto estar na dependencia de hum homem a quem era estranho : apezar disso este homem interessava-me , eu o respeitava , e até o amava : elle tinha tomado hum tal ascendente , que me impunha , e eu não ousava fallar diante d'elle : vêr-se-ha quanto me foi funesta depois esta timidez.

Estive ainda dois annos no Collegio , durante os quaes o Conde me mandava buscar todos os quinze dias : eu o via assim , e tanto as suas bondades me afeiçoavão a elle tanto o character imperioso de meu irmão mo farião odioso. Elle tinha apenas quatorze annos , e já a altivez , e a imprudencia se manifestavão em todas as suas acções ; de tal sorte que

todos o detestavão. Todos os seus defeitos tinham uma causa : minha Mãe que o adorava sempre lhe deixou fazer todas as suas vontades : elle reinava como hum déspota sobre todos os criados, os caprichos de hum menino erão leis para os homens que o servião : se algumas vezes lhe fallava em mim , era sempre para lhe dizer : meu filho , eu te amo mais , tu me és mais caro do que elle , &c. e mil outras cousas que segundo me contavão , lisonjeavão a vaidade do menino , e inspiravão-lhe hum inteiro desprezo para mim ... Seu Pai da sua parte apesar da amizade que me tinha empregava nelle toda a sua ternura ... Este bom Pai levava o seu amor ao ponto de degenerar em fraqueza , de tal sorte que succedia faltar-lhe muitas vezes o menino ao respeito sem que o Pai o percebesse ... Finalmente a bon-

dade do Pai era tão excessiva como a arrogancia do filho. Muitas vezes tínhamos ralhos huns com outro , mas eu evitava o mais que me era possível estas contendas , porque via que isto affligia o meu tutor , e ainda mais porque no fundo do seu coração sempre dava razão ao Cavalheiro : finalmente os insultos deste menino parecião-me mais dignos de desprezo que de temor : não me parecia que a minha condescendencia me havia de vir a custar tão cara , e que meu irmão tomaria della os direitos para fazer o tormento da minha vida.

O Conde depois da morte de sua esposa tinha tomado para a sua companhia humã irmã muito rica que nunca se tinha casado , e cuja herança elle poupava para seu filho : esta irmã era louca com o sobrinho : era a sua joia , o seu bem ; ella não acha-

va termos assás fortes para exprimir o excesso da sua afeição. Apesar de tudo isto ella estimava-me, e ainda me tratava com mais carinho por vêr o com que me tratava seu irmão : eu acostumei-me ás suas maneiras, e presumia que com alguma condescendencia para a joia da casa poderia viver feliz.

Eu tinha vinte annos os meus estudos estavam mais que acabados, quando o Conde d'Anfort me mandou vir de todo para sua casa : vim com effeito, e de todos os estados que elle me propoz preferi o militar, ainda que elle penlia para o Ecclesiastico, com o projecto de eu não casar, e deixar a minha fortuna a seu filho : apesar dos seus desejos não forçou a minha inclinação, e comprou-me hum posto de Tenente no Regimento de Condé...

Eu estava muito bem em ca-

sa do meu tutor onde não tinha outra tristeza além da que eu experimentava pelos procedimentos de meu irmão ; porém eu de tudo me consolava com o meu amigo Dulys , elle tinha como eu acabado os seus estudos , e estudava direito para seguir depois a vida da magistratura : Sua Mãe o tinha posto em casa de hum parente que era nosso visinho , de sorte que nos podiamos vêr a toda a hora ; elle era muito estimado em nossa casa , e era verdadeiramente amigo commum de toda a casa excepto de meu irmão que o não podia supportar ; porém Dulys ria-se disso , e estavamos todos muito contentes.

Eu era sedentario , misanthropo , filosofo ; não tinha paixões , nem gostos dominantes ; o meu unico prazer era o estudo , e a leitura. Dulys tinha as mesmas affeições , muitas vezes passava-

mos dias inteiros a lêr , e reflectir . . . Hum dia cahio a nossa conversação sobre as mulheres ; averiguou Dulys todos os perigos a que expõem o casamento , pintou-me o amor com o aspecto o mais medonho , o himineo como hum carcere funesto onde a nossa existencia estava agrilhoadada . . . Elle discorria sem duvida como hum rapaz , mas eu ouvia-o , e o fructo das nossas reflexões foi jnrarmos mutuamente que nunca nos casariamos . . . Promessa louca , insensata , que só se póde fazer no silencio das paixões ! Edificio fragil que a mais pequena viração póde derribar ! o que bem experimentei depois ! . .

§

O Conde d'Anfort tinha espirito , e era nosso confidante : eu tive a imprudencia de lhe

communicar a firme resolução , em que eu estava. Como este projecto lisongeava os seus desejos deo-me sobre elle os maiores elogios , e não tardou em dar parte disto á Condeça d'Ezelle *minha Madrinha* mulher muito rica já idosa , que me amava muito , e que repetidas vezes me tinha promettido deixar-me por seu herdeiro universal. Ella que tinha huma affeição cega pelo Cavalheiro d'Anfort ficou contentissima vendo , que as suas intenções poderiam vir a ser uteis a esta familia , que ella amava : em consequencia disto succedendo algum tempo depois cahir perigosamente doente nos chamou á sua presença , e á nossa vista ditou os artigos do seu testamento.

§

Corsange , me diz ella , eu tive a maior amizade a teu Paí ,

fui tua madrinha sou rica , e não devo a minha fortuna a ninguém , eu ta deixo serás como herdeiro se me prometteres , que não casarás , e que os teus bens depois da tua morte , ficarão a teu irmão , ou a sua descendencia.

Alucinado pela minha philosophia prometti , e assignei tudo : a Condeça expira meu Padrasto toma a administração dos meus novos bens até ao tempo da minha maior idade ; e aqui fiquei rico com mais de trezentas mil libras de renda.

Pençai vós como eu depois disto seria festejado em casa. Todos me affagavão , e o mesmo Cavalheiro recebeu ordem de seu Pai para me tratar com mais doçura , e politica como a hum homem tão pereioso. Eu sem o saber tinha assignado a minha desgraça , e não me arrependia : Dulys tão louco como eu fir-

mava-me cada vez mais nos meus principios , e eu era feliz ? ... Vós vereis bem depressa meus amigos a que Catastrofes me conduzirão todas estas imprudencias Estas narrações vos hão de ter sido fastediosas ; porém erão necessarias para vos trazer ao ponto interessante das minhas aventuras : perparai-vos para ouvir hum tecido de horrores , e de injustiças inventadas pela maldade a mais negra , e a mais odiosa.

A irmã de meu Padrasto conhecia hum certo Barão d'Arceville este era viuvo de muito tempo , e vivia em huma das suas terras com huma filha unico fructo do seu casamento : elle escrevia muitas vezes á irmã de meu Padrasto , que tinha sido intima amiga de sua esposa. Hum dia , recebeo ella d'elle humma carta , em que lhe dizia entre outras cousas , que hum ne-

gocio indispensavel o chamava ás Ilhas para onde havia de partir dentro de hum mez, e que não se atrevendo a expôr sua filha aos perigos de huma viagem tão longa, e contando com a sua antiga amizade tomava a liberdade de lhe confiar sua filha durante o tempo da viagem, e que esperava della este serviço, e que naquella semana estarião em Paris.

Madama d'Anfort encantada da confiança que lhe mostrava o Barão, fez preparar hum quarto para a receber, e outros que ella destinava para a sua pensionaria. Verão a filha do Barão, nos dizia ella a cada passo, verão que formosura, ou mais que formosura!.. Eu não tenho filhos, ella será minha filha, que prazer eu me preparo.

Eu ouvia estes discursos com indifferença, bem longe de pensar que esta filha adoptada ia-

me fazer renunciar para sempre aos meus juramentos. No dia que o Barão tinha indicado, debalde o esperamos todo o dia, não appareceu ninguem: no outro dia succedeo o mesmo, ao terceiro dia vimos chegar hum homem só, palido, desfigurado, e que parecia entregue á dôr a mais viva. — Em que estado vindes, meu Deos!... que he de vossa filha? — Minha filha! perdi a minha pobre filha?... — Ceos! Pois morreo vossa filha! — Não o sei, — Não o sabeis! fallai, dize o que lhe succedeo.

O Barão senta-se, está algum tempo calado, até que falla da maneira seguinte:

Iamos chegando a Nevers, quando hum homem no seu cabriolé, e acompanhado de hum só criado passou por pé da minha seje, que esteve no ponto de tombar. — Senhor, lhe disse eu com muito socego, tomai

sentido no que fazeis... Elle quer-me impôr, eu replico-lhe, e o insolente atreve-se a dar-me com o chicote: apeio-me da seje com a espada desembainhada: batemo-nos, e eu tenho a infelicidade de o deitar por terra morto!... Os gritos de minha filha, o dos criados nada me importão: o desconhecido está morto, o seu criado fugio, torno-me a metter na seje, e apresso a carreira... No mesmo dia sobre a noite humma seje de posta, que corria mais que a minha; pára junto a mim apeião-se quatro homens, atacam-me, e eu defendo-me em vão: hum delles me descarrega hum golpe que logo me fez cahir sem sentidos, e não torno a mim senão para me vêr sem minha filha... Arzelia já não estava ao meu lado; os quatro malvados tinhão-ma roubado: José meu guarda-roupa occupado em me

acudir a tinha visto roubar , e metter na seje de posta sem lhe poder valer . . . Finalmente eu já não tinha a minha querida Arzelia ! . . . Não sabia para que parte a tinham levado . . . Tornei-me a metter na minha seje como me vedes desesperado , e cruelmente ultrajado ! . . . — Que funesta aventura , clama Madama d'Anfort ! E que pensais de tudo isso ? — Não posso fazer juizo sobre cousa alguma verossimil : o que me insultou era morto , como posso saber quem me roubou a minha pobre Arzelia ? . . . „

O desgraçado Barão d'Arceville de novo se entregou á sua dôr : debalde o quizemos consolar , não o podêmos tranquillisar senão promettendo-lhe que o acompanhariamos a casa do Ministro , a quem queríamos contar esta aventura , e que só he quem podia desatar o fio deste enigma.

Em consequencia disto no outro dia fomos a Versalhes o Barão, meu Padraсто, e eu. O Ministro tão perturbado como nós, nos prometteo que empenharia toda a vigilancia possivel para descobrir o roubador, e o lugar onde tinha guardado a sua preza Satisfeitos com esta resposta voltamos para Paris, e apeamo-nos nas Tulherias, onde o Conde d'Anfort nos pedio que esperassemos em quanto elle fallava em hum negocio com hum sujeito que morava mesmo no palacio.

Neste tempo passeava eu com o Barão nas differentes ruas deste soberbo jardim: o Barão fallando continuamente na sua dôr, e eu tentando em vão consolá-lo, e destrahi-lo della.

Perto da noite vendo que o Conde não voltava, o Barão já impaciente quiz saber a causa que o demorava tanto tempo:

Esperai-me na ponte levadiça , me disse elle , eu vou ao palacio . . . eu conheço quem elle foi procurar , já volto com elle . . .

O Barão encaminha-se para o palacio ; a noite principiava a ser escurissima . . . Eu vou para a ponte levadiça , demoro-me hum bocado em examinar a colonata da praça , que nunca me tinha parecido tão bella . . . No meio de tudo isto sentia-me em hum desasosiego de que não podia ser senhor . . . Muitos homens de má fisionomia parecia terem-nos seguido a mim , e ao Barão : agora estava só , e seguião-me os mesmos homens. Que terão elles comigo ? Em que lhe serei eu suspeito ? Serão guardas de policia , ou inimigos que querem attentar contra a minha vida ? . . Fazia estas reflexões , e até hia fallar com hum delles que estava muito perto de mim , quando pára huma seje : apeião-se dois

homens , que se ajuntão aos que me seguião , cercão-me , tapão-me a boca , mettem-me dentro da seje , e elles tambem , e fazem correr os cavallos

Eis-aqui o que chamo a minha aventura da ponte levadiça : segui-me que vereis incidentes tão extraordinarios , que he preciso na verdade toda a confiança que tendes em mim , e toda a veracidade de que me gabo para serem acreditados.

CAPITULO V.

Prazeres do amor , e desgostos do amor.

JUlguem qual seria o meu sobresalto , e o meu medo ! .. Faço perguntas aos meus guardas nenhum me responde ... Como eu estava desarmado não podia defender-me ... Fui obrigado a esperar calado o fim de hum caso tão singular ... Porém que tormentos eu soffria ! ... Podeis meus amigos fazer idéa da minha situação , se por hum momento vos pozerdes no meu lugar ... Deste modo andamos duas horas pelo campo , segundo me pareceo ; porque como iam os

com os pestigos da seje fechados não podia saber se hia por Cidade, ou por campos... Os meus guias offerecerão-me algum comer que tinham na seje; eu tudo rejeitei, e de novamente lhes suppliquei que me dissessem o que me querião: continua sempre da sua parte o mesmo silencio...

Finalmente paramos, a seje pareceo-me passar por baixo de huma abobeda; apeamo-nos de noite no meio de hum pateo espaçoso, ao pé de hum edificio, que mais parecia hum palacio, do que huma casa de particular.

Fizerão-me subir alguns degrãos, e entrar em hum salão muito illuminado, onde estava huma meza prompta, cheia das iguarias mais raras. Hum dos meus guias perguntou-me se eu queria comer? — Não, barbaro, o que quero he que acabes já a tua victima. — Não se trata dis-

so , Senhor , vêde se quereis tomar alguma cousa ? ..

Como estava persuadido que tudo isto era huma ironia , tudo rejeitei. Então este mesmo homem me conduzio para outra sala , onde de repente se me offereceo á vista o espectaculo o mais lugubre. Estava no meio da sala hum tumulo todo coberto de preto , bastantes luzes alumiavão este lugar funebre : hum homem idoso , palido , desfigurado , banhado em lagrimas estava encostado a este tumulo ... Oh meu filho ! exclamava elle : has de ser vingado , não pelo justo rigor das leis ; que são muito vagarosas para saciarem o meu furor ... Barbaro estrangeiro , heide-te castigar de hum modo ! ... Sim , heide ferir-te com os mesmos golpes com que feriste o meu triste coração ! ..

Commoverão-me estas palavras ao ponto de chorar .. — O

velho ouvindo motim, olha para trás, vi-me, faz hum gèsto desobresalto, e diz ao criado que hia comigo: Estás enganado... não he o Senhor. Que imprudencia... podem-se ir embora: que o levem outra vez já que ó trouxerão: A estas palavras; pôz outra vez os olhos em mim, e nos voltou as costas.

He impossivel fazer huma idéa da quietação, em que fiquei; por isso mesmo que já me julgava destinado a servir de holocausto por hum filho, que eu nunca víra, nem conhecêra... Via-me livre por hum engano dos criados... Oh que desaffogo para o meu coração!

Então a que me tinha trazido me pegou da mão, e me fez entrar de novo na grande Sala em que estava a meza posta... disse-me que podia comer alguma cousa. Não usei de co-

remónias ; a minha alma estava socegada, e havia dois dias, que nada tinha provado. Assentei-me a esta meza singular, e ceei de boa vontade.

O criado que servia parecia desesperado por se ter enganado: o meu desejo era que elle ficasse só comigo para vêr se podia perceber o mysterio.. Com effeito consegui o que pretendia: tapáráo-me os olhos: entrámos ambos em hum sege, á mesma, em que me tinham trazido, e o bolieiro seguiu a estrada de París.

Logo que me achei só com o meu companheiro de jornada, sem mais testemunhas; lhe perguntei pelo motivo de hum acontecimento, que para mim era tão novo; pedi, instei, suppliquei; offereci-lhe a minha bolça, com luizes de gratificação, e ficar na minha casa se quizesse deixar seu amo, e satisfazer á

minha curiosidade. O criado, á vista de promessas tão brilhantes deixou-se vencer, e me falou da maneira seguinte.

He preciso que saiba, Senhor, que o filho de meu amo tendo sahido de París, foi accommettido ao pé de Nevers por hum homem que trazia consigo hum rapariga, e hum criado: o dito homem mettendo mão á espada; matou o filho de meu amo; e depois de o matar, se fechou outra vez na Calessa em que hia com todo o descanso: em quanto me apreei para levantar o morto, assustado de o vér naquelle estado, não pude examinar a Calessa que se desviava de nós, e que levava o matador, e a dita rapariga.

Chcio de amargura por hum acontecimento tão funesto, nem eu sei como pude levar o defunto para casa de seu Pai, a quem referi tudo isto.

O desgraçado depois de se entregar por algum tempo á desesperação da dôr , e do sentimento , me disse por fim com hum ar ameaçador : Poderás tu reconhecer o traidor que tirou a vida a meu filho , huma vez que o vejas ! Sim , Senhor lhe disse eu ; e a mesma Calessa. Bem está : anda comigo . . .

A estas palavras , chama por quatro , ou cinco criados : entrámos todos em hum coxe ; e corremos com tanta pressa , que ao entrar da noite percebemos de longe a Calessa , que hia de vagar ; porque hum dos cavallos hia manco , o que soube-mos depois : chegámos todos a ella ; atacámos o matador ; defendeo-se ; meu amo lhe atravessou a espada ; e elle cahio , gritando por sua filha. Sua filha , exclamou meu amo . . . ella ha de morrer ! . . a estas palavras , elle a manda sahir ; e em quan-

to a tirávamos para fóra ; ouvimos motim de cavallos que se encaminhavão para o sitio ; e apenas tivemos tempo para a metter no coxe em que vinhamos , e trazella para casa. Depois disto o que eu sei , hé que a tem escondida em huma prisão : e que meu amo que leva as noites , e os dias a chorar a tem destinado para a sacrificar sobre a sepultura de seu filho ... Tendes mais que dizer ? lhe disse eu. — Oh ! o Senhor não conhece meu amo ! He hum homem cruel , violento , vingativo o mais que póde ser. Ainda antes de hontem se lembrou de nos mandar a París para vêr se podíamos descobrir o Pai da dita Senhora. Houve quem o descobrio nas Tulherias ; andámos a espreita-lo até á noite ; e , ou seja porque elle he da mesma estatura que vós sois , ou porque nos enganámos com a côr do

vestido , esta he a razão porque vos prendêrão , e vos trouxerão á sua presença — Oh desgraçado ! não tem dúvida , he Arzilia ! Oh Ceos ! acaba de fallar , dize-me o que intenta elle fazer contra o desgraçado Pai ? — Tomar-lhe satisfação pela morte do filho , matar a filha aos seus olhos , e mettêllo talvez para sempre n'hum escuro masmorra debaixo do chão , que elle tem na sua quinta. — Que monstro ! Oh meu amigo !... se podemos salvar Arzilia , eu te prometto duzentos luizes , trezentos luizes ; tudo quanto tenho... — He muito difficiloso Senhor , só se podessemos mover o Calesseiro ao nosso partido.

A estas palavras manda parar a sege ; o lugar era retirado : falla-se ao Calesseiro que he obrigado , ou a salvar Arzilia , ou a perder immediatamente a vida ... Aceita este o ajus-

te apesar da difficuldade , e tornámos a voltar para a quinta , depois de termos andado hum legoa. A noite era a nosso favor. Os dois criados entrão : hum delles tinha as chaves das portas ; e da prizão em que estava a innocente Arzelia ... chega ao pé della , pega-lhe do braço , e a vem encaminhando até onde nós estavamos esperando com a maior impaciencia ; e como todos estavam a dormir , ninguem deo fé de que ella sahia.

Que ardentes desejos tinha eu de vêr esta bella prisioneira !... eu a vejo ; tornámos para a Callessa , e fomos andando o mais depressa que podiamos.

Não direi o quanto a filha de Arcevilha se mostra agradecida : a sua dôr , a sua desgraça , a sua formosura , tudo me interessa : o mesmo foi pôr os olhos no seu rosto , que perder a liberdade , eu sinto huma es-

tranha revolução em toda a minha existência : os meus olhos , a lingua , o coração , tudo fica prezo. Espantado de me vêr assim ; eu quero achar o motivo , e o attribuo a motivos de compaixão , subterfugios enganosos , erro de hum coração que sente amor pela primeira vez. E com effeito bem depressa fiquei desenganado : a interessante Arzila sentia os mesmos effeitos : fosse reconhecimento , gratidão , sympathia ; a côr lhe subia ao rosto , tirava os olhos de mim , parece que tinha medo de me vêr ; e tudo era perguntar-me , o que era feito de seu Pai. Assim fizemos a jornada , e a nossa paixão crescendo de hum instante para outro , já era de sorte , que entrando em París , todo o mundo podia vêr que os nossos sentimentos sabião dos limites da amizade.

He preciso dizer que eu

mandei huma carta ao inimigo de Arzila sem nome por hum desconhecido, que encontrára no caminho, em que lhe dizia, que eu hia ter a felicidade de restituir huma filha a seu Pai; e que perdesse toda a lembrança de despique, porque eu levava comigo tres pessoas, dois criados que erão testemunhas do seu furor, e a innocente victima que pertendia sacrificar, e neste caso tinha tudo quanto me era preciso para o entregar ao justo rigor das leis.

O partido que eu devia tomar ao sahir da quinta, era accusa-lo, sem lhe tirar a preza; mas crão demoras, e eu tinha medo de que entre tanto elle sacrificasse a innocente; e he preciso saber, que eu pensava deste modo ainda antes de a vêr, e de saber o que perdia.

Em fim chegámos a d'Anfort, e não he possivel dizer a

consternação em que toda a casa estava... D'Arcevilha, e o tutor não me achando na ponte das Tulherias como eu tinha ajustado com elles, se tinham recolhido á espera: mas que espanto, vendo por toda a noite que eu não tornava: quatro dias se passam, e eu sem apparecer; sem haver noticias minhas!.. que me teria acontecido?... toda a diligencia era inutil... o Conde d'Anfort me julgava assassinado, vertia lagrimas sinceras: a sua mulher estava inconsolavel; d'Arcevilha privada de sua filha, sem esperanza de a tornar a vêr, tinha sahido na vespera da minha chegada.. deixando-a recommendada ao objecto dos seus cuidados no caso que tornasse a apparecer.. ficareis em lugar de sua Mãe lhe tinha elle dito, até que o Ceo me queira dar a consolação de tornar a vêr a minha Patria... espero esta

mercê ; ou para melhor dizer , eu perdi a minha Arzelia , vós a tendes perdido para sempre . . . Ah ! sem dúvida ; ella já não existe : os barbaros , que a roubááo , a terão sacrificado . . . A Deos meus amigos : vou acabar a minha carreira longe desta habitação , longe da França , que para mim hoje he hum deserto , pois que eu tenho perdido a minha pobre filha . . .

Mr. , e Madama d'Anfort apesar da sua pena , tinham esgotado todos os meios para vêr se o demoravão ; mas em vão ; porque em fim se havia retirado , deixando-os na maior aflicção.

Que magoa para Arzelia , quando apeando-se á porta do tutor lhe disserão , que seu Pai se tinha retirado ? Quanto á minha familia , o que me havia acontecido lhe pareceo tão singular que sentirão mais viva-

mente ainda a tornarem-me a vêr : só meu Irmão he que se mostrou com menos sentimento : e que disse do meu amigo Duly? ... Oh que abraços me deo ! Com que ancia me apertava ! ... O' Deos !... eu tinha perdido meu Pai , minha Mãe ... eu não conhecia os transportes da ternura paternal ; mas as da amizade não podem ser menos vivas.

Entre tanto Madama d'Anfort não perdeu tempo : sabia que d'Arcevilha se retirava para a Ilha d'Oleron ; escreveu-lhe immediatamente dizendo-lhe que sua filha tinha apparecido. O bom Pai devia achar esta carta logo que desembarcasse , e as suas penas hião acabar ... esta certeza pôz todos os corações em descanso : mas este descanso não durou muito tempo ... Meu Irmão não foi insensivel á belleza de Arzelia , veio a ser cegamente apaixonado ; e como os olhos

de amor são mais penetrantes que os da amizade, foi o primeiro, que descobrio a nossa inclinação. Com effeito Arzelia conhecia os meus sentimentos, tinha-me descoberto o seu coração, em huma palavra: gostavamos hum do outro, e ambos o sabiamos... Dulys teve parte no segredo; em vão me disse mil cousas para me affastar; a filosofia deo as mãos á força da paixão; mostrou-se condoido, prometteo ajudar-me, e se arrependeo da cruel renuncia, a que me tinha obrigado... mas já não era tempo; o Conde a tinha em seu poder; era o meu tutor, e eu não podia subtrahir-me á sua authoridade, porque eu era seu amigo, eu o respeitava, eu tremia diante de seus olhos!... que posso eu dizer, meus amigos?... O amor endoideceo-me, endoideceo Arzila até ao ponto, que sem licença de seu Pai, sem at-

tenção ao meu estado tivemos a imprudencia de casar occultamente.... Escolhemos huma casa de campo de Madama de Anfort , e depois de alli estarmos alguns dias em quanto o Conde , seu filho , e sua Irmã estavam ainda na cama , sahi eu , Arzelia , Dulys , e huma criada , e fomos á Igreja de hum Convento que ficava dalli huma legua tinhamos já fallado ao Prior , e a hum Tabellião. Dulys , e outro amigo forão testemunhas do nosso juramento que passo tão desacertado ! ah ! e quanto elle nos custou depois !

Em menos de duas horas tudo estava feito : ás oito horas chegamos a casa : tudo estava já levantado : disserão-nos suas graças pelo passeio que tinhamos dado tão demadragada ; mas não suspeitárão nada excepto o Cavalheiro d'Anfort que achou o caso algum tanto mysterioso...

desde logo nos começou a espreitar; e veio a conhecer que senão tínhamos casado occultamente, ao menos que Arzila, e eu nos tratavamos com a maior familiaridade, por mais esforços que fazíamos para disfarçar.

Que raiva? elle se tinha declarado com minha esposa, sem alcançar hum só palavra: elle me aborrecia, ambicionava os meus bens; desejava que eu desempenhasse a promessa, que tinha feito por escripto... via-me cheio de amor, bem correspondido, e disposto a hum casamento que d'Arcevilha, quando chegasse, não podia desapprovar, por isso mesmo que eu tinha salvado a sua filha.

Tudo quanto inspira a sanha, o furor, o ciúme, o frenesim da vingança lhe movia o coração, deo logo parte do que sabia a seu Pai, e a sua Thia, aconselhando que me prendes-

sem , e que mettessem Arzelia n'hum Convento. O Conde o escutou com a moderação de hum homem sério , e que tinha experiencia ; disse que não approvava violencias ; que o melhor era levar as cousas pela brandura : o filho chorou , gritou , arrepellou-se , e protestou que se matava : O velho assustado , consolou o filho , prometteo-lhe tudo ... que fraqueza ? . . em consequencia disso Madama ficou de fallar a Arzelia , e o Conde de me fallar a mim.

Tudo isto nos era occulto ; porque eu estava persuadido que ninguem se lembrava da minha inclinação ; quando de repente o meu tutor chamando-me ao seu quarto me fallou por este modo :

Eu sei tudo , Senhor ; sei que tendes paixão pela Senhora d'Arcevilhe , e que ella vos corresponde : mas que podeis tirar dessa paixão ? respondei-me ...

passar o tempo ? he o que eu não heide consentir. Casar hum com o outro ? mas como ? se estaes prohibido pelas leis ? que fim he o vosso ? — Senhor ... — Se me deveis alguma obrigação , se respeitaes a authoridade que vossa Mãi depositou nas minhas mãos ; eu mando , que daqui por diante não falleis com a Senhora d'Arcevilhe : sahi já de minha casa para Bezançon onde o vosso Regimento está de quartéis de inverno... entre tanto dissipar-se-hão essas extravagancias da idade , e eu poderei casar Arzelia com vosso Irmão para quem , a tinha destinado — Para meu Irmão Senhor ? Sim , para vosso Irmão — Será mais facil morrer eu — Que insolencia ? assim trataes vosso Irmão diante de seu Pai ! não sabeis que eu tenho meios.... — Sejam quaes forem , Senhor , eu não tenho medo : Arzelia me estima , e eu

a adoro;... e Vós podeis revocar huma promessa que eu fiz sem liberdade — a promessa está feita, e as leis decidirão? — as leis não são tyrannas — que falta de respeito: parti no mesmo instante, receai a minha colera, se não quereis a vossa perdição... — Mas Senhor... — em huma palavra, nada de réplica; fazei o que vos digo; senão quereis que me faça obedecer.

Os seus olhos ameação; e eu sahi para dizer o que se passava á minha esposa, que eu achei debulhada em lagrimas... — Ah querem-te matar.. não me digas mais nada, diz ella. Madama d'Anfort... esperemos pela vinda de meu Pai... A estas palavras, apparece Madama d'Anfort, entram ambas n'huma cege; e eu vejo partir minha esposa infeliz, sem saber para onde, nem se ainda a poderei vér outra vez.

Que arrebatamento foi o meu ! eu queria correr atrás da cege ; os criados me embaraçaram : puz-me a correr pelas casas , gritei por meu irmão , e creio que se elle tivesse apparecido naquelle instante , eu o teria feito em pedacos . . .

O Céu me livrou deste crime , e me enviou Dulys para minha consolação . . . Elle veio , e eu lhe contei tudo , e lhe pedi conselho . . . Meu amigo , me disse elle , eu não tenho que vos dizer senão que deveis fazer o que diz o vosso Padrasto : hede passar alguns dias em Bezançon : entretanto eu farei as vezes de verdadeiro amigo : verei se posso acommodar os animos : parti , meu querido Corsange , e deixai o mais ao meu cuidado : eu saberei para onde foi vossa esposa ; e lhe farei remetter as vossas cartas . . . a fatal renuncia que fizemos foi imprudente ; mas não

tem validade ; falta-lhe huma clausula : e os tyrannos não se podem servir della... eu vos explicarei tudo isto : parti, he o que vos peço : a humildade fará talvez menos que as ameaças...

O conselho me pareceo sensato : determinei-me a segui-lo ; e fiado nas suas promessas , logo depois do meio Dia me despedi de Mr. , e de Madama d'Anfort , dizendo-lhe sempre algumas palavras mais asperas porque a fallar a verdade , não esteve mais na minha mão.

Não direi as reflexões que fiz por toda a jornada : apenas cheguei a Bezançon , logo no dia seguinte recebi huma carta de Dulys em que me dizia que a minha esposa estava no Convento da Rua do Templo ; que Madama d'Anfort a tinha ameaçado com o Pai , e que por isso a tinha obrigado ; mas que ninguem lhe podia fallar : e que deixasse correr o tempo...

Estas notícias me consternarão: eu respondi como pude. Passados alguns dias recebi humã carta muito cumprida, e que pelo seu theor acabou de me pôr na maior desesperação possível: não a direi toda: eu a tenho de cór: repetirei sómente alguns pedaços.

Meu amigo Madama d'Anfort recebeuo noticias da Ilha de Oleran... Mr. d'Arcevilhe morreu: a noticia de que sua filha tinha apparecido, lhe fez tão grande abalo; que apenas pôde escrever estas palavras: *Madama d'Anfort eu morro:... tende cuidado da minha filha: não tenho parentes: fazei o lugar de sua Mãi... Eu remetterei os titulos de todos os bens, que me pertencem... governai... fazei a sua felicidade... desculpai o segredo, elle he temerario... A Deos... Se eu visse a minha filha casada como vosso sobrinho,*

morria com mais satisfação... he o que eu desejo, o que peço... as forças me faltão... não posso... Aceitar hum adeos para sempre... Chegãrão os titulos; e bens consideravcis: agora he que Arzelia está absolutamente dependente, meu querido Corsange, oh que magoa me acompanha? que magoa!...

P. S. Esquecia-me... Madame d'Anfort á vista da carta, está arranjando o casamento para o amado sobrinho: o seu querido cavalheiro vai todos os dias com sua Thia ao Convento, e... não sei se o diga, e anda muito contente... ainda não pude fallar a tua Esposa: ou ella não tem lido as nossas cartas; ou não quer responder...

Que idéas estas para o meu coração! não bastava atravessarem-se á minha inclinação; ainda faltava o ciúme... Outra carta de Dulys...

Desgraçado Corsange.

Tudo está prompto para o casamento de d'Anfort, e de Arzelia... para mim tudo são mysterios... daria ella o seu consentimento! não o posso crêr... Os teus laços são sagrados... Em fim: O silencio da sua parte continúa... sei que te faço desesperar; mas não te devo esconder cousa nenhuma. Querido amigo, he tempo de descobrir o teu matrimonio, he necessario... espero as tuas ordens para me encarregar deste officio de amizade.

Ah! meus amigos, por esta vez não fui Senhor dos meus transportes... para mim era certa a infidelidade de Arzelia; e assentei que devia partir immediatamente para Paris. Alli dizia eu, porei patente o meu casamento, e me farão justiça...

Havia oito mezes que morava em Bezançon onde tudo foram gemidos... Resolvi-me, e

obrigado a demorar-me ainda oito dias , para responder á minha honra ; destinei sahir no principio da semana immediata : quanto me aborrecêrão estes oito dias ! que sombrias idéas !... em fim chegou o Domingo : preparei-me : despedi-me depois de jantar ; e á noite hia para entrar em minha casa para vêr se descansava hum pouco ; quando me aconteeo humma cousa singular , que me livrou , inteiramente do ciúme , e que me obrigou a não fazer jornada , e a ficar em Bezançon : Escutai , meus amigos : o caso não se espera.

CAPÍTULO VI.

Alexis, e Madame Dulys.

ERão oito horas da noite: hia para entrar em minha casa triste, e pensativo, quando vejo huma mulher mal vestida, e que me pareceo na ultima pobreza... — Senhor, me disse ella, com humma voz chorosa, e compassiva... peço huma esmola.

Estava tão perturbado, que sem reflexão lhe disse que me deixasse: a mulher ateima — eu a deixo, mas o Ceo me vingará... Ceos! exclamei eu, que semelhança!... que voz!... Arzelia... — Sim, ingrato, he Ar-

zelia , queria vêr se me conhe-
cias , e... — Mas que? reduzida
a este estado ! — Sim ; a este
traje he que eu devo a felicida-
de de te vêr... eu o estimo —
oh minha amada esposa ! — Não
falles tão alto : he natural que
me sigão os passos.

A sua reflexão era justa : en-
trámos em casa : Arzelia se as-
senta , e me falla pelo modo se-
guinte ; interrompendo-a eu de
quando em quando com trans-
portes de alegria.

Obrigada pelos conselhos ,
e ameaças de Madame de An-
fort , eu fui para hum Conven-
to , onde fiquei recommendada á
Superiora para não fallar a nin-
guem. Não te direi a minha de-
sesperação : tu me deves julgar
por ti mesmo... No dia seguin-
te me veio visitar , e continuou
a vir todos os dias : não sabes
os elogios que fazia do Cava-
lheiro ; o mal que dizia de ti !

Minha querida amiga, me dizia ella, Corsange não póde casar; renunciou os seus bens, e para faltar aos seus juramentos, vai perder duzentas mil libras de renda. Vós não deveis querer que elle seja infeliz... D'Anfort pelo contrario tem dezoito annos, he engraçado bem apessoado, tem as melhores qualidades do coração, e do espirito... he o meu unico herdeiro, e isto basta.

Os seus discursos me indignavão; mas eu não me atrevia a dar-lhe huma resposta decisiva. Capacitou-se ella que eu estava inclinada para o sobrinho, e quando me leo a carta de meu Pai acabou de se persuadir que tinha conseguido o seu fim. Dahi por diante não me visitava sem que elle viesse na sua companhia de sorte que eu mal tinha tempo para lêr as tuas cartas; a que não respondi com medo de que

me não atraíçoassem. O criado de Dulys era homem, e podião compra-lo, e sendo assim estávamos perdidos. Além disto havia outro motivo... Querido esposo, bem depressa darei á luz o precioso penhor da nossa união, e por isso he que fugi, e venho ter contigo — Respeitavel esposa, como podeste escapar? — A cousa era difficil mas humma pobre mulher que vinha pedir esmola ao Convento, se affeicouo tanto ao meu agrado, que passava horas inteiras no meu quarto, em fim á vista do seu bom character, eu lhe confiei o segredo; e pondo os seus vestidos em lugar dos meus sahi sem me conhecerem. Fui logo alugar humma Calessa, mostrei dinheiro, e tudo se tem feito: aqui estou com o meu marido, e já me não lembro do passado.

Abracei a minha Arzelia, e a obriguei a comer, entre tanto

receava os tyrannos; e tinha determinado sahirmos logo no outro dia da Cidade, quando senti a voz do meu amigo Dulys: abro a porta, e elle apenas nos pôde dizer estas palavras: *salvai-vos esposos infelizes; ahi vem o Conde, e o seu filho.*

Arzelia desmaia, e com este desmaio apparece o meu filho: que embaraço para mim... Apagou-se a luz, a porta aberta, eu tomo nos braços o meu Alexis: veio dizer: *onde estão elles, onde estão elles?* Dulys sabe para entreter os tyrannos... eu quero fechar a porta... hum homem a empurra, entra dentro, tira-me o filho dos braços, e delta a fugir. Lanço mão da espada: *Traidor, d'Anfort* tu serás castigado!... corro atrás d'elle, metto-lhe a espada pelo corpo, e torno a tomar nos braços o meu filho: mas que espanto! quando ouço huma voz moribunda que

me diz: *Barbara Corsange, assim matas o teu amigo que te queria salvar!* era a voz de Dulys, he Dulys, a quem eu feri!... Oh remorsos!!!

Já a este tempo todos os criados estavam levantados: sobem acima acompanhados do Conde, e do Cavalheiro de Anfort... que tal fiquei eu, quando dei com os olhos no meu amigo Dulys, e o vi estendido por terra, e banhado em sangue! Ceos! ainda me parece que o estou vendo!... O meu tutor, e o seu filho ficão parados, levantão o infeliz, levão-no para cima de hum cama; mandão chamar hum Cirurgião, que nos dá alguma esperança, dizendo que a ferida não era mortal.

Esta scena de horror tinha passado: a minha esposa não tornava a si: o meu filho chorava: o Conde, e o Cavalheiro estavam como pasmados. Julgai co-

mo eu estaria. Mr. de Anfort foi o primeiro que rompeo o silencio: infeliz! me diz elle:... se não basta teres morto o teu amigo, mata-me tambem a mim... a tua mão que se enganou, queria privar-me do filho... ah! esgota este sangue, que corre pelas suas veias, já que tens sede de o beber!... que te fez elle!... tu és o criminoso, tu só és a causa de todas as nossas desgraças... mas eu te perdou-o tudo, se queres que me encarregue desse filho clandestino, fruto de humana união; legitima — O meu filho! barbaro! seria sacrificar sua Mãe!

O Conde mo quer arrebatár das mãos, eu ateiño: o meu furor irritado pela presença de meu Irmão tem chegado ao galérim... O meu tutor reccando as consequencias da minha colera, toma o partido de se retirar, leva o filho, e me deixa só junto

á cama da minha esposa que da-
hi a nada abre os olhos , vê-me ,
pergunta pelo seu filho , abra-
ça-o , surri-se para elle : a infeliz
ignorava o meu crime : eu tive a
cautela de lho occultar ; e ella
não o soube senão depois de dois
mezes.

O Conde , e o seu filho se
demorarão na mesma casa em
que estávamos sem nos visitar ,
o que para nós foi huma fortu-
na. Arzelia ficou dando de ma-
mar ao meu Alexis. Dulys logo
que sarou , e me perdoou o que
elle chamava hum erro , foi bus-
car huma ama , e o fez baptisar ;
porque não sabíamos se nos dei-
xariam os tyrannos , e nesse caso
não podia estar com os Pais. O
nosso casamento era illegal : o
Conde tinha o direito de o fazer
annular : mas por outro lado du-
vidava da validade do contrato
que eu tinha feito com ella ,
por ter sido feito á pressa sem

reflexão ; e por hum Tabellião ignorante, tinha consultado hum Letrado, que lhe tinha dito a verdade eu tinha então vinte annos ; e faltava a ratificação : faltava-lhe a clausula, ou de a haver ratificado, ou de ceder os legados. O Conde, que o sabia queria vêr se me obrigava pelo medo, e eu receava que me não annullasse o matrimonio : de sorte que nenhum de nós se atrevia a fallar.

Estava já determinado a sahír no dia seguinte, quando elle entrou só no meu quarto. Corsange, me diz elle, offerecendo-me a mão, eu sempre tê tive amor ; devo obrigações a tua Mãi : ella te recomtendou ao meu cuidado, disse-me que me devias obedecer, e que me devias tratar sem reserva : ingrato?... tens seguido as suas ordens respeitaveis? casas-te occultamente violando o mais sagra-

do juramento... escuta , eu vou fallar-te com franqueza : eu estou velho : na minha idade todo o homem he ambicioso eu tambem o sou... tenho amor ao meu filho , elle o merece : o seu adiantamento , a sua fortuna he o que desejo , e tu queres destruir a minha esperanza... elle he teu Irmão ; porque o não amas ? se eu vos visse em união , que prazer seria o meu?... O amor , e o interesse vos fizerão inimigos faze-me feliz , ó meu segundo filho , restitue-me a minha felicidade. — Eu a desejo ; mas que sacrificio ! — escuta : o teu casamento he illegal , tu não o podes duvidar : eu o podia annular ; mas não o quero fazer : fica com tua mulher : eu to prometto ; mas da-me o teu filho , querido Corsange : eu o educarei com a ternura de hum Pai : o que basta he que elle ignore para sempre o seu nome ,

e a familia condescendendo com isto , tu ficas com a tua esposa : eu não uso do título que tenho em meu poder : e tu bem sabes se te eu posso arruinar , se posso fazer a tua infelicidade. Tu verás o teu filho a seu tempo , deixa estar , com tanto que elle não saiba que tu és seu Pai. He só o que te peço.

O discurso do velho era capcioso ; mas não me allucinou : eu vi logo onde elle hia parar com toda a sua politica. O que elle pretendia talvez , era tirar-me o filho para me poder tirar a esposa : depois disto quem me dizia a mim que o não matassem , não digo o Conde , mas o Cavalheiro ; para mim era capaz de todos os crimes : entretanto assentei dissimular : appellei para quando chegassemos a París para onde a tinha levado o meu amigo : e de tal sorte me fingi que todos quatro fizemos jorna-

da , muito satisfeitos na apparencia. Arzelia que se não podia separar do filho , seguia o meu parecer , persuadida que em Paris acharíamos algum pretexto para livrar o nosso Alexis das mãos crueis que o querião roubar.

Mas que sentimento foi o nosso quando chegámos á Capital?... Dulys o meu querido , e desgraçado Dulys tinha morrido ... o cansaço da jornada feita com precipitação , e os seus belos sentimentos o tinham levado a huma doença irremediavel ; a ferida se assanhou , e elle acabava de exalar a vida nos braços de sua Mãe , que tinha mandado vir : e esta Mãe tambem já não estava em Paris quando chegámos ; a sua magoa a tinha desviado de huma Cidade funesta ao seu coração ; e provavelmente se tinha retirado outra vez para a Provincia. Que era

feito do meu filho ? Quem me havia dar noticias d'elle ?

Huma velha que governava a casa , e que vio a minha afflicção , e exclamações , me chamou á parte depois de muitos dias , e me disse : Não quereis saber onde está huma Criança ? — Oh Ceos , minha santa mulher ; sabeis por acaso . . . — Quem ? o sobrinho de meu amo ? ahí tendes esta carta que elle me deo antes de expirar com obrigação de a entregar na vossa propria mão . . . eu abro a carta , e eu leio as seguintes palavras escriptas pelo punho do amigo o mais generoso , do amigo que eu tinha assassinado . . . que julguem os outros do meu remorso.

Cruel , ainda que amigo o mais estimavel. Não tenhas cuidados pelo teu filho : tu o acharás em Vitris na rua larga em casa de Magdalena Voisin onde o púz a criar chama-se Alexis Corsan-

ge : o assento do Baptismo está na Freguezia de Vitris : o que te peço he que a sua educação seja ás escondidas ; dize que morreo : he o ultimo conselho que te póde dar á hora da morte o teu Dulys ... que te seria util por mais tempo ; mas a tua mão... porém não fallemos mais nisso , não te afflijas ... Vai não te esqueças de mim ; e perdoa-me a morte , assim como eu te perdoo. Hum só pezar me fica : he deixar-te neste mundo com tão pouca fortuna... ai de mim ? não tenhas pena ; eu sou mais feliz do que tu.

Beijei mil vezes esta carta do meu amigo , admirei a sua generosidade , de pensar nos meus interesses ao mesmo passo que a minha ferocidade o tinha privado da vida... que horrivel crime ? Arzelia ficou inconsolavel como eu ; e ambos sintimos a falta do homem o mais sensivel , e o mais

generoso, que talvez tenha existido sobre a terra.

O conselho que me tinha dado era custoso de guardar; mas era prudente, era necessario, e eu me resolvi a segui-lo: chorando a morte do nosso filho, e do amigo Dulys, nós o fizemos tão bem eu, e minha esposa, que os inimigos nos acreditarão, e desistirão de mais inquirições.

Tinhão passado cinco annos, que moravamos na rua de Richelieu: o Conde, e a familia se nos mostravão affeiçãoados: eu não estava no mesmo quarto de minha mulher; e com isto lhes satisfazia a vontade: contavamos com a morte de Anfort, para obtermos a confirmação do matrimonio, e com ella os bens, que erão meus, porque a idade d'elle me impunha certa authoridade, a que eu pela minha educação não podia resistir: desculpava-o pelo amor do filho; e

atribuía a sua injustiça á sua timidez.

Hia raras vezes a Vitris : a ama do meu filho entrava no segredo ; e tínhamos ajustado de lhe occultar os Pais até que a Providencia pozesse as cousas em outro estado ; assim hia vivendo contente com a esperança quando huma circumstancia me veio inquietar a prudencia, e quasi que esteve para destruir o meu plano. Andava hum certo dia passeando com o Conde , e o filho pelo pateo das casas ; quando huma mulher do campo que sahia da cozinha, pondo os olhos em mim fica parada de repente, e pregando os olhos em mim, com huma sinceridade, que não pude suspender, exclama em voz alta — Oh meu Deos ? não pôde haver huma cara mais semelhante ! — Que dizes, minha boa, lhe pergunta o Cavalheiro ? — eu, diziamos, meu Se-

nhor... desculpe... meu Deos,
 meu Deos, he o seu Pai? — O
 Pai de quem?... — he que temos
 em Vitris hum Orfãozinho, que
 he gentil, he muito bonito, que
 he todo o retrato daquelle Se-
 nhor, que alli vai — Esta mu-
 lher está tonta certamente, repli-
 quei eu! que milagre? ha muita
 gente que se parece huma com
 a outra — eu, lhe pedimos, per-
 dão meu Senhor, o menino Ale-
 xis, que he tão bonito... Oh
 meu Deos, não o podemos
 crer!...

A mulher hia proseguindo
 por diante, quando eu natural-
 mente fiz voltar o Pai, e o filho
 para o outro lado; mas não foi
 de sorte, que elles não descon-
 fiassem da minha perturbação:
 deixarão-me dahi a pouco com
 alguma frieza; talvez para con-
 sultarem no que devião fazer.
 Eu que o percebi, sem perder
 tempo, monto a cavallo, corro

a Vitris , retiro o meu filho , e trago-o ao Jardim das plantas , sem saber o que devia fazer nem aonde o havia esconder... O dia já se hia escurecendo : não querendo atravessar a Cidade com este precioso deposito , com medo de que o não vissem , entrei no jardim para meditar até que anoitecesse de todo : estava sentado no bosque sobre a relva , com o filho encostado aos joelhos , enchendo-o de lagrimas apertando-o contra o peito ; quando vejo humã Senhora que já não estava na flôr da idade , que fita os olhos em mim , fica parada , e me diz com humã voz tão meiga que sem eu querer me obriga a declarar-lhe a minha situação : — sois Pai desse filho tão galante ! — Sim , Senhora... — elle he muito agradavel ? ... mas vós chorais ! sois infeliz ! .. — se sou infeliz ! — não o podeis ser mais do que eu ... contaime as vos-

sas penas , perdoai , eu já fui Mãi , e ainda hoje o seria se a morte me não roubasse o filho o mais querido , e o mais amavel ... deixai correr estas lagrimas , e eu verei depois , eu me esforçarei por enxugar as vossas ... — Senhora , o segredo !... — oh ! podeis confiar-mo , eu não conheço ninguém nesta Cidade , apenas estou aqui ha dois mezes ; e além disso quem sabe ?... se eu vos pudesse ser util , estou só , não tenho marido , nem filhos ; estou absolutamente desamparada sem conhecimentos , e sem desejo de os ter .. fallai , ah ! fallai , meu querido Senhor não sei que interesse sinto pela vossa pessoa ... — Generosa desconhecida , que podeis fazer para minha utilidade ? — tudo quanto puder — Bem está ah ! o Ceo talvez me inspirou este passeio ... pegai nesta criança , tende a bondade de a salvar ,

de a esconder, de a subtrahir aos crueis, que a pertendem roubar a seu Pai — rouba-la!... sim; a ambição, o interesse de hum Irmão... — Já percebo!... oh meu Deos! que infelicidade! este menino he fructo do amor. — Do hymineo, Senhora; mas ah! contrariado por crueis parentes — Entendo, entendo; foi casamento occulto... — Esse he todo o crime — He crime, mas não merece a morte. Dai-mo, fiai de mim esse menino, eu serei sua Mãi, eu o educarei... pobre Innocente! quanto me lembro de meu filho; tinha a mesma idade... Nasceo em París? — Não, Senhora, em Bezançon. — Ha quanto tempo? — Haverá cinco annos — cinco annos!... Ceos! estarieis vós nessa terra, quando o meu filho... Saudade cruel!... — O vosso filho!... Elle era meigo, affavel, generoso... ai! elle foi cruelmente assassinado —

Assassinado ! — sim , e por amigo de Collegio... Ceo ! como se chamava ? — Dulys — Dulys , Grande Deos !... — conheceis meu filho ?... — Senhora ... de-vagar. — Ouvisteis fallar no caso ? — Nunca jámais me esquecerei — Ah ! conta-me isso ; conta-me todas as particularidades... — Senhora , por compaixão , dispensai-me... — O que elle me disse , quando tive a infelicidade de o vêr expirar nos meus braços ; he que achando-se em Bezançon , para onde tinha feito jornada para livrar de hum grande oppressão hum tal Marquez de Corsange em que me fallava muitas vezes nas cartas , hum rapaz estouvado , que tinha andado com elle nos estudos , tinha armado hum briga em que o atravessou com a espada... Será esta a verdade !... com pouca differença — Disse mais que a não ser o dito Cor-

sange homem meigo , e sensível , elle teria sido morto sem remedio — Ah Ceos ! que me dizeis !...

Que julgacs desta conversação , meus amigos ? Não devia ella encher-me de vergonha , e confusão ? ... Pois que ! a mulher que me queria livrar , he justamente a Mãi do amigo que eu sacrifiquei !... queixa-se a mim , a mim , o seu matador ? ... E que amigo ! que generosidade no seu procedimento ! Bem longe de me accusar á sua familia , elle he o mesmo que occulta o meu nome , e que não cita o seu assassino senão para me elogiar !... oh Deos ! eis-aqui huma destas situações que se não podem descrever : he preciso senti-las meus amigos , he preciso passar por ellas !...

A Senhora Dulys percebia a minha perturbação — Pois que , me diz ella ; vós mudais de côr?... —

Oh Senhora... se me conhecesseis!... eu sou... esse Corsange... que... — Vós o amigo de meu filho, vós que lhe valesteis? — Senhora... — Ah Ceos! Vinde, vinde a minha casa, meu querido Marquez; eu farei o que puder: eu moro na rua de Lachaize; a minha ceje está prompta, vamos: deixai-me o filho, eu terei cuidado de o educar, como se fosse meu.

O excesso do remorso me teria feito cahir em hum desatinho, se a reflexão me não levasse logo a idéas mais sãs: necessitava de Madama Dulys; resolvi deixa-la no seu erro; e de que me servia desengana-la? ficava mais criminoso, e excitava a raiva desta Mãe justamente irritada... contei-lhe pois a minha desgraça, disfarçando a funesta tragedia de Bezançon. Que me não custou esconder o meu crime! Os elogios, e affagos de

Madama Dulys erão outros tantos punhaes que me atravessavão o coração. Com tudo a necessidade não tem lei , e a minha digna protectora commovida pelos meus infortunios , prometteo educar o meu pequeno Alexis , e sobre tudo , esconder-lhe o nome de seus Pais. Nessa mesma noite eu o deixei em sua casa , e tornei para a minha , cheio da perturbação , que tinha excitado em mim toda a scena deste dia.

CAPITULO VII.

*O Pai de Alexis acaba de contar
a sua vida.*

EM casa de Mr. de Anfort tudo estava em desordem : O Cavalheiro sempre de má fé comigo acabava de chegar de Vitrís, e á força de metter medos á boa ama, tinha sabido tudo ; que eu lhe fôra tirar o meu filho ; mas ignorava o que eu lhe tinha feito : Aconselhando-se com o Pai, e a Tia todos tres decidirão, que Madama de Anfort levaria Arzelia para huma casa que ella tinha junto a S. Germano ; e que alli ficaria en-

cerrada até á entrega do filho , objecto da sua raiva , e de suas indagações. Esta determinação eu não a soube logo : mas Arzelia teve a habilidade de me fazer entregar hum carta , em que me dizia que era tempo de romper as cadeias , e quebrar semelhante jugo. A nossa timidez era excessiva : porque em tal caso não consultavamos hum letrado , com medo de que senão annullasse o matrimonio , ou com receio de hum demanda , que nos parecia de terriveis consequências.

Eis-aqui a razão porque supportamos ainda esta injustiça sem fazer estrondo : a todo o instante tinha noticias do meu filho , e muitas noites quando a familia já estava accommodada , eu montava a cavallo hia a S. Germano , entrava por huma rua de arvoredo , e não podendo fallar a minha Esposa , contentava-me

de escrever na areia esta simples palavra : *bom* como quem dizia que o pequeno Alexis hia sem novidade chegava ao amanhecer a minha casa , e me hia metter na cama para evitar toda a desconfiança. Arzelia que deo com a palavra , todos os dias sahia a passear ao arvoredo , e deixava escrita a palavra *boa* para me assegurar da sua saude ; visto que de sorte alguma me podia escrever ; porque Madama de Anfort a não largava hum só instante. Assim fomos vivendo até que meu filho esteve capaz de entrar no Collegio de Navarra , em que o entreguei ao vosso cuidado , Mr. Dumont !... eu vos vi pela primeira vez ; a vossa fisionomia me pareceo de hum homem de bem , e não me tenho enganado...

Daqui por diante vai apparecer hum nova Scena.

De Anfort que não podia

perceber: como eu podia passar sem vêr minha mulher, sem ter notícias della (porque ella, e seu Irmão não sabião das jornadas que eu fazia de noite) começou a dar-lhe mais liberdade mudou-a para outro quarto mais bem acondecionado que dava sobre o primeiro pateo, e que ficava ao pé da camera em que ella dormia: quasi todas as noites hia ter com minha Esposa, sem que ninguem o soubesse: O modo era arriscado; mas he digno de saber-se: minha mulher atirando-me com hum papel escrito por cima dos muros, me informou do que se passava, e eu me comportei da maneira seguinte.

Madama de Anfort costumava todos os dias mandar vir da Cidade huma carrossa coberta com as cousas que erão necessarias para gastos de casa; e o conductor desta carrossa era hum

homem muito simples chamado Jacques, que depois de haviar o que tinha que comprar, vinha todas as noites infallivelmente a S. Germano. Lembramo-nos de lançar mão desta occasião para nos podermos vêr, e fallar; a difficuldade era fazello de sorte que o dito moço o não suspeitasse. Eu vou dizer o que fiz.

Champanhe meu criado particular se disfarçou em homem do campo; e como o dito Jacques antes de entrar em S. Germano parava á porta de huma taverna que ficava ao pé; Champanhe vai ter com elle, trava conversação, offerece-lhe de beber, e fazera amizade. Era já quasi meia noite, quando Jacques se despedio: eu vos acompanharei lhe diz o meu criado, porque eu assisto huma legoa para lá da quinta: em quanto se entretem; eu tenho occasião de me esconder dentro da carrossa: á porta

das casas ambos elles se despedem — á manhã tornareis a passear por aqui, lbe diz Jacques? — Sim ás quatro horas — Bem está: podemos ir ambos: — Não tenho dúvida, responde Champanhe; e todos os dias poderemos repetir o mesmo.

Ei-los aqui separados: Jacques faz entrar a carrossa no pátio, tira os cavallos leva-os para a cavalherice, e se vai deitar. Apenas se retira, Arzelia vem ter comigo... que transportes!... que momentos encantadores, mas que magoas ao mesmo tempo?... que discursos sobre a nossa desgraça?... A's tres horas Arzelia sóbe para o seu quarto Jacques chega com os cavallos, mette-os na carrossa, e sahe para fóra sem suspeitar cousa nenhuma... Encontra-se com Champanhe: comprimentão-se, trata-se de beber á saúde... e em quanto se demoram

na taverna ; eu salto da carrossa , e vou esperar o meu fiel criado : montamos a cavallo , e antes das seis horas já estamos em casa.

O risco era grande, he verdade ; mas assim continuámos *dois annos a fio* sem eu ser descoberto. O bom homem Jacques tinha cobrado huma tal amizade a Champanhe , que ficaria desesperado , se se passasse huma noite sem o vêr. E aqui tens , meu Alexis , o enigma do relógio de repetição , que até agora te não podia explicar sem entrar em circumstancias que nos podião comprometter a ambos , e que nos podião arruinar.

Vamos agora á tragedia fatal que me fez , tão barbaro para contigo , meu filho , e que entretanto foi causa da nossa felicidade : prepara-te para vêr o que podem as settas da mais negra malicia sobre hum coração fraco , e propenso ao ciúme.

Antes que todos saibão o que vou contar he preciso trazer o caso de mais longe, e dizer certos acontecimentos que influirão, acontecimento que eu mesmo não vim a saber senão muito tempo depois. O Conde de Anfort não podendo dormir humna noite, levanta-se da cama, e por acaso vai passear para o lado onde estava a cavalherice; achando a porta aberta, fica espantado, entra, e fica ainda mais admirado, quando não vê nem o meu cavallo, nem o do meu criado.... Que quer dizer isto? Fugiria Corsange?... O Conde acorda toda a sua familia; ameaça os criados, e vem a saber, que eu sahia todas as noites, e que entrava ás seis horas... De Anfort que tinha juizo lembra-se logo, que eu vou a S. Germano, e que tenho achado meios de fallar a minha mulher... encolorisa-se, chama pelo filho,

montão a cavallo , e chegam á
 quinta serião sete horas , gran-
 des queixas contra Madama de
 Anfort , que não percebe o que
 lhe dizem ; até que tão irritada
 como seu irmão , dá a sua pala-
 vra de decifrar o mysterio , mys-
 terio funesto Jacques tinha
 fallado muitas vezes em casa , do
 seu bom amigo , que todas as
 noites vinha ter com elle , paga-
 va-lhe o vinho , e tornava logo
 de madrugada para lhe fazer o
mesmo. Madama de Anfort ima-
 gina que o tal amigo sou eu , ou
 algum criado : dá ordem a dois
 criados para que o sigão , e tra-
 gão prezo o tal amigo : execu-
 ta-se a ordem : Champanhe he
 prezo , e conduzido á presença da
 furia que logo o conheceo ; e
 tanto fez , tanto ameaçou , tanto
 prometteo , que veio a saber o
 segredo : e ainda mais até queria
 saber onde eu tinha o meu fi-
 lho ; mas he sobre o que Cham-

pagne não pôde informar , porque felizmente era a unica materia , que lhe eu tinha occultado.... cheia de furor ella medita huma vingança cruel , e não tem difficuldade em fazer entrar o malvado no fim dos seus desejos. O' Ceo!... he possivel , que hajão almas tão vis , que apadrinhem os grandes nos seus attentados , que os sirvão com risco de virem a ser victimas ! He o que succedeo a Champagne.

Eu que tudo isto ignorava chego a S. Germano á minha hora costumada , e fico hum pouco sobresaltado por não vêr nem Jacques , nem o meu criado... examino , e descubro que elles partirão meia hora antes de eu chegar : admirado de semelhante pressa páro á porta , e ponho-me á espera. Depois de huma hora apparece Champanhe — Ah Senhor me disse o traidor...

que triste noticia ! — Como !
 Que dizes ? — Ella me mandou
 chamar por Jacques, e me disse,
 palavras formaes : vai Champa-
 gne , vai dizer ao Senhor Mar-
 quez , que eu já estou cansada
 do cativoiro , a que me obrigão
 por sua causa , que lhe peço que
 nunca mais me queira vêr , que
 se esqueça de mim inteiramente ;
 pois que a desgraça nos obriga a
 hum separação eterna... — O'
 Ceo !... mas não he possivel !.. —
 Provera a Deos que o não fosse ;
 mas para desengano , eu vos mos-
 tro a prenda , que me deo : pega
 Champanhe , me disse ella , aqui
 tens vinte e cinco luizes pelo
 trabalho , que tens tido : conta
 sempre com a minha gratidão ;
 mas não tornes a entrar em se-
 melhante empreitada : basta ; o
 meu partido está tomado : eu
 vou fugir de Corsange para nun-
 ca mais o vêr.

Deixo á vossa reflexão as

impressões que fez sobre mim este discurso de Champanhe.... estava bem longe de o suppôr a-traído; e elle fallava por hum modo tão seguro, que me não deo lugar a duvidar:.... a dôr me arrebatava; grito, praguejo contra a perfida Arzelia; e torno para casa desesperado.

Dois dias depois recebo por hum criado de Anfort huma carta de minha esposa escrita nos seguintes termos:

Tudo está acabado, meu amigo: Segui o unico racional conselho, que vos posso dar: fugi, nada de me vér até que o Ceo determine o contrario.

Este escrito laconico me confirma na suspeita: assento que Arzelia cansada de aturar a escravidão, quer romper inteiramente comigo... Que inconstancia! que perfidia!... muitos mezes se me não tiravão da idéa estas crueis reflexões; e não

sahi de semelhante estado senão para descahir em outro peor... Champanhe (que era o unico *mensageiro dos recados*) Champanhe chegando-se finalmente a mim , me diz com hum tom de compaixão : ah Senhor que triste novidade ! — Que novidade ! — chame todo o seu valor para ouvir o que lhe vou dizer : Arzelia... — Que tem Arzelia ? — lhe era infiel — Infiel ! que dizes traidor ? — sim Senhor , o seu amigo Duflys , que Deos tem , tinha sabido ganhar a sua affeição — Desavergonhado estremece !... Não se irrite , meu Senhor... eu posso prova-lo , e prova-lo com toda a clareza... Jacques a quem fallo todos os dias , haverá dois dias que achou este retrato , e esta carta que Arzelia beijava muitas vezes , e que lhe esqueceo no jardim : ahi tem ambas as cousas , póde vêr...

Desanimei conhecendo o retrato de Dulys, por debaixo do qual estavam estas palavras escritas peia mão de minha Espo-
sa : *Eis-aqui a minha sauda-*
de... Céos ! que terrivel relam-
pago ! eu leio a carta ; ella he
de Dulys ; eu reconheço a sua
letra ; e que vejo !

Escondei o segredo, amada
a mais digna que tem o mundo :
que esse fructo do amor o mais
fiel não venha a ser entregue se-
não a mim : Corsange o não
deve saber ; a sua colera nos se-
ria terrivel... quem tem mais
direito do que eu para ser se-
nhor desse filho querido !... Vós
sabeis o que deveis fazer , mas
que ninguem sonhe a nossa ami-
zade. Mil vezes tornei a lêr esta
carta fatal : esforço-me , mas de-
balde , por dar ás palavras huma
intelligencia favoravel... a letra
era do meu amigo : immediata-
mente me vem á idéa a pressa

com que Dulys se apresentou em Bezançon ; o excessivo zelo com que me tinha arrancado dos braços , o que eu suppunha meu filho ; a cavallo para París , quasi contra minha vontade , a fazer baptisar , e pôllo a criar e não me escrever minha Esposa quando esteve no Convento , e as cartas , as mesmas cartas que o meu amigo me escrevia , e que parecião não ter por fim senão o desapegar-me de Arzelia ; que multidão de provas ! Ella nunca me tinha fallado no retrato de Dulys... todas estas reflexões me fazem hum tal abalo , que no mesmo instante me aborrece minha mulher , e meu filho. O ciúme me endoudece , e eu tenho a fraqueza de ir perguntar por isto ao meu tutor , que sempre me notava de ser tão amigo de Dulys , e de o deixar com tanta liberdade com minha esposa. O Conde tem juizo , dis-

se eu ; não he capaz de huma
 baixeza , de huma calumnia
 Hia para o procurar no seu
 quarto , quando de repente o ve-
 jo ao pé de mim . . . Que quer
 dizer , me diz elle ! huma especie
 de tumulto que a tua E sposa tem
 levantado no centro do arvoredó
 que lhe pertence ! minha Irmã
 me foi mostrar : eu acabo de o
 vêr : a tua mulher perderia o
 juizo ? — hum tumulto ! — Sim :
 he huma verdade julgará ella
 que está viuva ? todo o dia , e
 toda a noite anda a chorar , e a
 fallar em Dulys . . — Dulys ! —
 Sim , Dulys : era hum grande
 amigo ; mas acho que para sau-
 dade já bastava.

Ouvindo estas palayras , eu
 me retiro com medo de não sa-
 ber ainda mais ; corro a minha
 casa , desfaço-me em lagrimas . . .
 não posso resistir. Arzelia não
 fallava em Dulys sem se ale-
 grar . . . era o modelo dos ho-

mens , o mais amavel , o mais perfeito ... Alexis lhe era devedor da vida , &c.... tudo podia ser ...

Que vos posso eu dizer , meus amigos ? ... Tive a crueldade de mandar para longe o desgraçado Alexis , que me era odioso : nenhuma cousa me pôde mover , nem o parecer-se comigo ; eu o attribui ao acaso , nem a sua ternura , nem ás virtudes , cousa nenhuma .. Eu mandei M. Dumont a Luxembourg , e vós sabeis a ordem , que lhe dei ..

Muito tempo estive sem ver minha mulher; sem querer saber della : e os meus tyrannos regosijando-se em segredo com a minha desgraça , vendo o fructo da sua intriga , até que os vejo entrar hum dia no meu quarto espavoridos , e cheios de magoa ... Hoje o vimos , me diz o Cavalheiro , hoje vimos o filho de Dulys ... — aonde? — aonde ? no jardim das plan-

tas... já está crescendo... porém, meu irmão, se estais certo de que elle não he vosso filho, para que o deixais estar em Paris? — E que me importa com elle? — assim he, mas elle foi baptisado com o vosso nome: póde-o vir a saber, e obrigar-vos a reconhecello por filho: para que o não fazeis passar para as Ilhas? — Para as Ilhas? Isso não... — Que affeição tão cega? ou elle he vosso filho, ou não o he... — mas quem me certifica a mim de que o não he — Então para que o não tendes na vossa companhia?... — Quem sabe! quem me ha de explicar este enigma cruel?

Está claro que o meu coração, meus amigos, andava sempre fluctuando entre a dúvida, e a certeza... estremeceis?... tendes horror de mim; eu o mereço: esta circumstancia da minha vida não me faz honra: he o meu

crime, he o unico crime que tenho commettido . . . o remorso me persegue em toda a parte : feliz eu se a minha Esposa , e o meu filho , não digo já me perdoarem ; mas se não fizerem lembrar . . .

Ao sahir do Conde , e do filho , eu conheci , que elles andavão tramando algum projecto ... O amor de Alexis se despertou em mim , e como eu nunca o perdia de vista , eu mandei Champanhe , esse monstro , que me atraíçoava , eu o mandei com hum carta , e humia bolsa para lhe entregar : não sei se foi conselho , se medo , o certo he que elle foi a vossa casa : Senhor Dumont , e que fez o que lhe eu mandei ; e que partio comvosco : bem entendido , que os tyrannos já sabião que a vossa retirada era para Valença : vêde se se vio já mais humia traição tão negra ? Entre tanto o Ceo decidia da

minha sorte , e queria unir para sempre Arzelia com o seu ingrato esposo.

Havia muito tempo que M. de Anfort gostava de mim ; esta particularidade , que nunca vos disse era em parte a causa de toda a nossa infelicidade. Esta mulher furiosa , e ciosa por excesso se tinha declarado comigo , e não tinha achado mais do que indignação : a sua paixão , o desprezo da minha parte o amor de Arzelia a tinham convertido em inimiga jurada , a vêr se pela violencia conseguia o seu fim.

Nessa mesma noite da vossa retirada para Valença , ella veio ao meu quarto. Meu querido Corsange , me disse ella , com voz meiga , ficareis admirado da minha visita : quero fazer-vos hum favor ; escutai.

Eu sei tudo : o Conde , e o Cavalheiro virão Alexis no jardim das plantas : vós o mandas-

teis sahir de París no mesmo instante : elle tomou a estrada do Delfinado : eu sei tudo , em huma palavra ; mas o que vós não sabeis , he que meu irmão conseguiu hoje huma ordem de prizaõ contra elle , e contra o Mestre como dois vadios que devem passar para as Ilhas. — Ceos ! — eu posso livra-los , está na vossa mão — de que modo ? — de que modo ingrato ! ... não o sabeis ? ... corresponde á minha paixão , e eu parto já contigo para Valença , e pela authoridade que tenho sobre meu irmão , eu farei que tal ordem senão dê á execução. — Como Senhora ! ... — O Conde , e o filho acabão de sahir para Valença neste mesmo instante — Mas que barbaridade ! sem me avisarem ? ... — não percamos tempo : alli está huma cege , vamos ter com elles , por mais que fiz , não os pude convencer — que in-

teresse tendes por hum rapaz que não he meu filho? — assim he: Arzelia mesmo ácaba de mo confessar; mas a criança está innocente, he desgraçada, que culpa tem ella? — Senhora se eu parto he para salvar o Mestre, o pobre Mr. Dumont que está mettido no enredo — Pois que? não fareis caso do filho?... — vá para onde fôr mas o honrado homem?... — Vamos, meu amigo: sim, não pensemos mais... que satisfação a sua raiva sobre Alexis, e salvemos esse homem honrado, como dizeis.

Estava tão fóra de mim, a mulher fazia tantas instancias, que sem saber o que faço entro dentro da cege: Madama de Anfort assenta-se ao meu lado, o meu criado, e Champanhe vão na trazeira, e o postilhão açoitá os cavallos... no meio da jornada he que percebo que vou acompanhado; fico espantado, e

de Anfort fazendo de namorada me promete que só com a sua presença vai arrancar o innocente Dumont das mãos de meus inimigos.

Causado pela violencia dos males, aturdido fóra de mim á vista do que padecia por hum filho que não podia ver, passei a jornada em silencio, ora gemendo, ora queixando-me contra toda a natureza.

Esta desordem, esta dureza para com o infeliz Alexis tem alguma desculpa, meus amigos, se reflectireis o que elle era o principio desde que nasceo de todos os meus tormentos... além desta querida Arzelia, que eu julgava criminosa sem maior fundamento... o criminoso era eu, eu só era causa de todos os meus desastres pela minha excessiva fraqueza.

Corro o véo sobre o que eu fiz em Valença; o meu compor-

tamento me faz horror : o que digo só , he que de Anfort concorria para aggravar o meu odio , de que dei bastantes provas ao meu pobre filho.

Tornando ao que hia dizendo , eu cheguei a Valença primeiro que chegasse o Conde , e o Cavalheiro : houve algum motivo que os fez demorar no caminho : não necessito dizer , que não acháráo Alexis , eu já o tinha posto a salvo , e sahi logo : elles que o não achão , correm a seguir-me os passos , encontrão a minha cege na estrada de Leão...

Champanhe que hia na trazeira lhe fez signal , e eu me vejo de repente cercado por immensa gente , em que vinha o Conde, o seu filho , e hum Official de justiça bem acompanhado : Traidor grito eu ao Cavalheiro persuadindo-me de que elle vinha já prender o meu amigo Dumont , fraco !... que te fez elle ? ... apcia-te , que , ou tu , ou eu havemos de ficar aqui.

No mesmo instante travou-se o mais renhido combate : eu vejo cair o meu amigo Dumont . . . Champanhe que me queria desarmar , he sacrificado pela minha mão , meu Irmão , meu Irmão . . . e poderei eu dizello ... o cruel Cavalheiro de Anfort fica estendido por terra . . . ó dia de horror , e de espanto ! A justiça me prende , carrega-me de algemas , e me obriga a entrar na cege ao lado de Madama de Anfort que tinha desmaiado : o Conde desesperado gritava vingança pelo seu desgraçado filho !... Os mortos são lançados á preça em outra cege , excepto o meu querido Dumont que ficou no campo da batalha fosse inadvertencia , ou medo , ou o escuro da noite : quando se lembrarão d'elle , e voltarão atrás para o trazer , já o não acharão .

Dalli somos conduzidos a París para se tratar do meu pro-

cesso porque assim o pedia a nobreza de meu Padrasto, e a minha. Estive n'hum escuro prisão: deixo as razões que allegavão os Letrados por hum parte, e outra; basta dizer-vos, que eu ganhei a demanda.

O Conde de Anfort só, e desesperado foi degradado por toda a vida para hum das suas herdades; sua irmã por fim o foi acompanhar, e eu, e minha Esposa ficando em liberdade, andamos buscando por muito tempo o triste fructo da nossa união.

Quantas vezes amaldiçoei o meu fatal ciúme!... O Retrato de Dulys, era filho da gratidão; Arzelia o mandou tirar em razão do quanto lhe devíamos: a carta era hum effeito do seu zelo, e da sua delicadeza de pensar se Corsange, dizia Dulys, sabe que he Pai, o seu amor violento, o fará sabir dos limites da prudencia que exigem circumstancias tão

crueis : em fim tudo era para meu bem ; e tu não tinhas pejo de insultar a sua memoria , accusando-o , e a minha Esposa ... oh quanto ella me fez envergonhar por este crime ! e que agudos remorsos não sinto eu ainda hoje !

Aqui tens , meu filho , o segredo do teu nascimento , que não te convinha saber mais cedo para te não fazer commetter alguma imprudencia : mas que differença de tempos ! ... O teu Pai te aperta nos braços , a tua Mãe se ri para ti , e tu lhe pagas os seus cuidados , e os seus affagos ! ... O meus amigos ! O meu Alexis ! ... como eu sou feliz de te vêr com a tua Claretta , com a tua amavel Claretta ! ... Du Monnay , que a tempo , ignorava o nosso infortunio ... este amigo que havíamos conhecido em París , antes que o Official do Recebedor das rendas

públicas o obrigasse a ir viver em Marselha , já sabia alguma cousa do que nos tinha succedido : e se lhe não descobrimos tudo , he porque desejavamos sepultar no seio segredos , cuja lembrança só por si nos obrigava a lagrimas sem conto . . .

Vem agora meu Alexis ! vem lançar-te segunda vez nos meus braços ! Ah ! que felicidade seria a minha , se o respeitavel Candor te quizesse dar sua filha , e unir assim pela felicidade , pessoas que o destino tem atormentado por tanto tempo , e com tanta crueldade.

C A P I T U L O VIII.

*Alexis , e o Pequeno Casal no meio
dos Bosques mudão de nome.*

C O N C L U S ã O .

COrsange acabou a sua narração , e todos os ouvintes singularmente commovidos se puzerão a fallar por diverso modo de acontecimentos tão extraordinarios ; Pai infeliz , diz o bom Dumont vós fosteis he verdade , bem injusto ; mas por isso mesmo que a desgraça exporêa o character , tudo he suspeito a hum pobre infeliz ; huma vez enga-

nado, receia que o não enganem sempre: o habito da dôr irrita os seus nervos, e o torna rustico, desabrido, e até insensivel: obrigado a desconfiar de todos, julga que todos lhe querem fazer mal: este he o meu modo de vêr as cousas, são estes os meus principios, a minha philosophia.

Per lo caro Giesu disse então Carlos Sciocco, essa philosophia não presta: não ha desconfiança que nos livre dos dentes da malicia: a mesma prudencia nos attrahe ao laço que nos armão, e *certamente*, que he mais sabio fugir de todos, que ficar no meio delles n'humca cautêla perpetua — O Senhor tem razão, diz o Marquez de Corsange: se eu tivesse largado a casa do tyranno, e fugido com minha esposa seria mais racional: Sim Não o podiéis fazer Senhor *Corsangio* — Perdoai-me Senhor,

mas no principio era bem facil —
 não era tal *percebe* deveis passar
 por tudo isso ; estava escrito lá
 em cima : a predestinação.... —
 oh que tal he esta !ahi começas
 tu com as tuas loucuras Sciocco,
 lhe diz Alexis — Perdoai-me *mi-
 tenero padrone* mas vós tendes a
 prova desta verdade em vós mes-
 mo. — Como ? proseguio Cor-
 sange ; o Senhor assenta que tu-
 do quanto nos acontece está es-
 crito antes de acontecer — *Si ve-
 ramente Signor.* — Meu Pai,
 deixe-o fallar, diz Alexis ; ás ve-
 zes não sabe o que diz : a sua
 moral... — he muito insensara
 meu filho... se isso assim fos-
 se, não haverião malvados, por-
 que todos se desculparião com a
predestinação: Deos ! que erro !
 estás tu tambem, imbuído nes-
 ses prejuizos, meu Alexis ? — Meu
 Pai... não... mas eu tenho ou-
 tras... — Dize, conta-me o que
 passaste desde que sahistes do

Casal : supponho que te foste esconder no fim do mundo ; porque ninguem me dava noticias tuas — Não me escondi , meu Pai : escutai , meus queridos amigos , e tu Claretta , tambem ... verás a injustiça das tuas suspeitas a respeito da casereira de S. Marcelino , e Sofia de Marseilha.

Alexis satisfaz a curiosidade de todos , e quando acabou de fallar Mr. , e Madama de Corsange o abraçarão de novo : todos ficarão alegres. Só Durancé , e Duverly guardavão silencio : Duverly parecia desesperado : a narração que fizera o Pai de Alexis lhe tinha feito correr lagrimas : a fidelidade , e generosos sentimentos de Dulys erão outras tantas lições que o fazião lembrar do seu crime : tinha os olhos no chão , e queria fugir de si mesmo ... Dorancé teve dó delles : Infeliz ! (lhe diz elle) alli

tens tua filha : vê se lhe podes dar este nome — Sim , eu lhe chamarei minha filha , lhe responde Duverly , sim : eu lhe darei este precioso nome , mas depois de te vingar ... — Vingar ! ... sim , e bem depressa.

Dizendo isto : puxa pela espada , e se quer atravessar : todos acodem , todos se lanção a elle ... Durancé , o mesmo Durancé , que ainda ha pouco pedia a sua morte , he o primeiro que lhe tira a espada , e a lança para o lado — Que fazes , Durancé ? — O meu dever , amigo ingrato ! ... as penas de Corsange , as minhas , e a experiencia o maior de todos os Mestres me tem ensinado o que são as paixões ... ellas me obrigarão a imprudencias , e a ti a crimes ... que digo ? eu sou mais criminoso do que tu : esta mão , minha esposa , meu filho ... para ti ha perdão , para mim não o quero :

casa a tua Claretta com o meu Alexis ; que este seja o sello da nossa reconciliação.

Disse , e offerecendo a mão a Duverly elle o vê arrojado repentinamente aos seus pés , beijar-lhe a mão , banhalla de lagrimas , e lançar suspiros os mais penetrantes : todos se põem da parte do infeliz : Durancé não póde suspender as lagrimas , confunde-as com as do seu amigo arrependido ; e ambos aos abraços hum , e outro , de tal sorte se mostrão penetrados que já se não conhece nem qual delles he o criminoso , nem qual o offendido.

O divino spectaculo ! exclama o Italiano , o angustie delle vicende , humane ! ... Que mão nos governa ? ... que ser grande , sublime , magnanimo conduz por este modo os homens á felicidade por meio de hum mar tempestuoso ! ... Agora he que

eu gozo da minha existência !... lembra-me huma idéa *Signor Cavaliere* ; *per gratia* Vós hidedes certamente daqui todos juntos para Paris ? ah cedei-me este pequeno Casal estimável , cedei-mo ... aqui passarei o resto de meus dias feliz , e tranquillo , embrulhado n'hum habito pardo , com hum capúz bem pontudo na cabeça , e huma corda á roda da cintura ; e vós vireis de tempos a tempos visitar o bom homem Ermitão ;... os que passarem pela estrada , deixarão a jornada que seguião só para me vêr : eu os receberei , mostrar-lhe-hei esta casa , e lhes direi : aqui gemo o amor , é a natureza por muito tempo : Passageiros , aprendei a perdoar injurias , e o respeito que deveis ter ao grande Author , que só conhece a ordem das cousas , e a lei dos acontecimentos ...

Todos se pozerão a rir ou-
m ii

vindo os despropósitos do nosso Sciocco ; que esteve para se enfadar , mas lembrando-se que o riso he hum dos mais doces prazeres do homem , e que he natural , mudou de conceito , e se pôz a rir com os outros.

Todos os nossos heroes erão felizes ; passarão alguns dias no Casal , e sahirão todos juntos para Paris. O bom Candor , e o seu criado velho , apesar da sua idade os acompanhou tambem : fecharão os quartos do pequeno Casal , e a ponte levadiça , e partirão.

Que jornada tão divertida !... já não lembrava o passado : nada de queixas , nem de injurias ; os rostos estavam serenos como os corações ; e não se tratava senão da felicidade que hião ter em huma tão agradavel companhia.

Chegando a París : vão ficar a casa de Corsange na rua

de Vaugirard , e poucos dias depois Alexis , e Claretta forão enlaçados em casta união ao pé dos Altares : ... á vista dos trabalhos , que esta felicidade lhes tinha custado .. o' Ceos ! quem poderá dizer que a vida humana he hum tão grande bem , que se não deva offerecer voluntariamente para serviço da Patria , ou para abeder a natureza ?

Duverly sempre ferido pelo agudo remorso , cahio doente de cama , e morreo em pouco tempo nos braços de seus amigos , depois de pedir mil vezes perdão a Dorancé , que teve o maior sentimento pela sua morte. Duverly antes de expirar , fez o seu testamento , em que declarou Alexis , e sua esposa por seus unicos herdeiros : a herança era muito rica , porque tinha negociado fortemente quando esteve na America por 15 annos successivos : deixou tam-

bem hum legado ao bom João Picot em paga da suspeita injusta que tivera contra elle de o ter roubado na estalagem de Lião. O Senhor Carlos teve seu quinhão, que não deixou de o agradecer á Providencia, que tinha dirigido sabiamente hum tão feliz acaso.

Candor, enfraquecido pelos annos acabou a sua carreira em socego, e sem espanto: Alexis lhe fechou os olhos, e lhe prometteo dar á execução a sua ultima vontade. O velho expirando, pedio que queria ser enterrado no subterraneo do pequeno Casal, para descansar junto aos ossos de Adela, e de seu filho. Em consequencia disto, obtida a licença do Parocho de S. Sulpicio, o Doutor, e Mr. de Corsange, seus filhos, e seus amigos tomáráo a estrada de Grenoble na maior tristeza, levando consigo os preciosos restos

de seus amigos... chegando a Grenoble o corpo foi depositado n'hum Capella da Sé, em quanto se preparava no Casal o seu jazigo.

No seguinte dia com Officiaes forão trabalhar para o Casal: accrescentárão-se dois lados mais, e hum andar por cima: alargárão-se as ruas; levantou-se hum Capella, que logo depois foi sagrada pelo Bispo de Grenoble: O Jardim mudou de figura, á excepção do regato, da ponte, do bosque, e da grande rua de chôpos: esta rua erão as grandes delicias de Alexis, e de sua esposa: alli dizião elles passámos o calor do dia: aqui fallámos dos nossos amores, e dos nossos contratempos... naquelle lugar nos apanhou de repente o nosso amigo Candor vertendo lagrimas de ternura; aper-tou-me contra o peito, e nós fomos ditosos... não vês, Ale-

xis , não vês naquella arvore a tua cifra , e a minha ? a mão do tempo as tem respeitado : assim elle respeite os teus dias , e os de teu Pai !

Em fim os dois esposos tudo virão , tudo examinarão , e de tudo se enternecerão ... como he delectosa a lembrança do tempo , em que fomos felizes ! ... ao vêr os lugares , que nos forão queridos , o coração se alarga , a vista vagucia por huma parte , e outra com huma especie de gosto , sente-se hum alvoroço que nos alivia o peito ... lembra-nos a idade , que já passou , e remoçamos de alguma sorte ; parece que respiramos o mesmo ar : se os objectos mudárão , temos saudades do que não vimos ; a imaginação os pinta , e até julgamos que se nos offerecem as passadas que demos impressas no chão.

Só este lugar ficou da mes-

ma sorte que era : o resto passou a ser hum jardim de regallo , e o pequeno Casal se converteo em hum palacio magnifico : hum só quarto ficou o de Alexis em que pela primeira noite que dormio no Casal teve hum tão grande susto ouvindo fechar a sua porta com estrondo , e vendo depois pela janella aceremonia funebre de Candor ao pé de hum grande chôpo : este quarto era de consolação para o Esposo de Claretta , alli pôz a sua livraria ; alli tinha instrumentos de musica.

Logo que se acabáráo as obras do interior , enfeitou-se o exterior : a ponte levadiça foi feita de novo : os fossos se bordáráo de lindas arvores , e na entrada do palacio se fez hum largo pateo com huma rua que hia dar a S. Marcelino.

A floresta de Chamboran tambem participou destas obras :

cassarão-se por hum mez todos os ladrões que alli se escondião : igualarão-se muitas cavidades , e precipícios , pozerão-se ballisas para conhecimentos dos viajantes : em fim este lugar que antes disto era tão carregado , tão triste , e tão perigoso veio a ser em pouco tempo hum verdadei-ro passeio.

Estando tudo completo , de- pozerão o corpo no carneiro da Capella ao lado da sua triste fa- milia ; e dahi passarão os dois esposos a París , deixando no pa- lacio de Corsange , o Marquez , e a Marqueza , para assistirem a algumas obras , que ainda resta- vão.

Alexis era chamado á Ca- pital pelo seu Regimento ; e já tinha chegado haverião dois dias , quando hum sujeito mal vestido se veio apresentar á sua porta : o guarda-portão o põe fóra , el- le ateima , e quer fallar por for- ça a M. de Corsange , e logo

logo ; cansados de o aturar , os criados dão parte ao amo , que vem ter com elle : Alexis tinha experimentado o que he ser infeliz , era muito sensivel para espantar os pobres...

Não me conheceis , lhe diz o homem ? Não meu amigo ; tenho huns longes... — reparai bem.. — Não me recordo... — Não estivestes no Collegio de Navarra ? — estive — não vos lembraes de hum pobre a quem mostrastes hum relógio ? — Ah meu Deos ! és tu meu amigo ? — sou eu meu bom amigo não advinhei eu então o que vós tem succedido ; e não vós disse : se *algum dia foreis feliz , ver-me-heis á vossa porta.*

Alexis fica sobresaltado reconhece com effeito aquelle célebre advinhador , que lhe tinha explicado o relógio por hum modo tão singular , e que lhe dizia a verdade. — E como sou-

besteis da minha mudança de fortuna ? — pela voz pública Senhor as vossas infelícidades , e as de vosso Pai todo o mundo as conhece — vai-te embora , meu amigo , eu sou feliz , e tu o serás ; sim : tu o serás também.

Alexis o recebeu depois em sua casa ; este homem era militar , tinha servido ; huma imprudencia o tinha feito desertor , de que elle estava arrependido. Corsange o metteo no seu Regimento , e lhe procurou hum posto vantajoso.

Alexis não parou aqui ; o seu reconhecimento se estendeo a todos os que lhe tinham feito algum bem : mandou buscar Vicente , esse bom moço , que o tinha servido no Collegio , e até Ezevilhe entrou nos effeitos da sua bondade. O Leitor estará lembrado desse amigo do Collegio que trouxera Dumont , e o

seu discípulo a casa de seu Pai, cujo Secretario tinha atacado os nossos dois amigos na estrada de Os Meville: o Pai de Ezevilhe era morto: A Mãe tinha casado segunda vez com hum rapaz estouvado, que tinha dado cabo da casa, de sorte que elle, e sua Irmãa estavam em miseria: pelos cuidados de Alexis ambos fi-árão mui bem. Em huma palavra todos o amavão, e pelo seu merecimento subio aos primeiros empregos.

Claretta foi feliz, e teve filhos bem dignos de sua Mãe: Mr. e Madama de Corsange viverão com elles, e chegarão a huma longa, e bem aventurada velhice.

O bom Dumont sempre amigo de Alexis foi encarregado da educação de seus filhos: tinha perdido os prejuizos contra a humanidade pelo costume de não frequentar senão almas rectas, e

corações virtuosos. Este digno Mestre applicou todo o disvelo á huma tal educação , e elle era tão amigo dos filhos , como do Pai.

Quanto ao nosso Carlos Sciocco , tenho pena de o dizer ; mas como se esperava acabou nas casinhas a força de discorrer o querido Italiano perdeu o juizo. Sempre fiel , e com bons sentimentos , tresvaliou por esse mundo methafysico ; respeitando o equilibrio das causas segundas , queria achar a natureza de tudo , e as leis do equilibrio : de sorte que tinha momentos em que lhe parecia que passava revista a todos os Santos do Paraizo para saber o principio da *armonia perfeita*. Alexis , perdendo a esperança de o chamar á razão foi obrigado a mettê-lo nas mãos de enfermeiros seguros , e fíéis , a quem pagava não pequeno salario.

João Picot ficou guarda-portão de palacio de Corsange ; aonde Alexis , e a sua familia hia passar todos os verões ; mas apesar de toda a magnificencia do dito palacio , Alexis , e Claretta de nada gostavão tanto , como de passearem pelo bosque , ou ao longo do pequeno regato.

Estes affortunados esposos , que se lembravão sem cessar , de que n'outro tempo tinhão morado neste lugar campestre ; nunca jámais lhe perdêrão o amor ; chamando-lhe sempre o seu Pequeno Casal no meio dos Bosques.

Fim da 4. , e ultima parte.

T A B O A
D O S
C A P I T U L O S

Que se contém na IV. Parte.

Cap. I. Encontro do Ermitão : conta a sua vida.	3.
Cap. II. Tornão para o pe- queno Casal.	25.
Cap. III. Ponto de reunião no pequeno Casal.	46.
Cap. IV. As Tulherias , e a ponte.	66.
Cap. V. Prazeres do amor , des- gostos do amor.	94.
Cap. VI. Alexis , e Madama Dulys.	121.
Cap. VII. O Pai de Alexis acaba de contar a sua vida.	145.
Cap. VIII. , e ultimo. Alexis , e o Pequeno Casal mudão de nome.	173.

*Fim da Taboa da 4. , e ultima
Parte.*

2